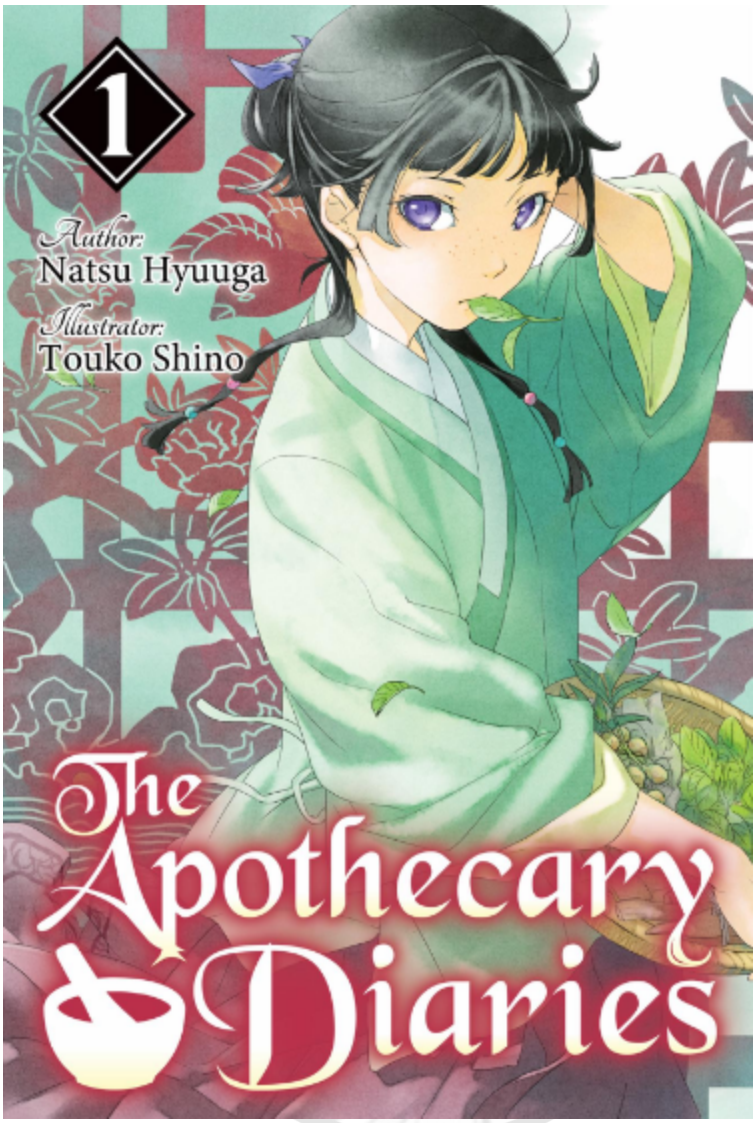
Olá, fás de Kusuriya no Hitorigoto! Aqui é a página JinMao Diaries (https://x.com/jinmaok?s=20). Estamos com um projeto de traduzir todas as 10 novels da obra disponíveis no J novel para o português! E aqui começamos o projeto oficialmente.

Algumas considerações extremamente importantes:

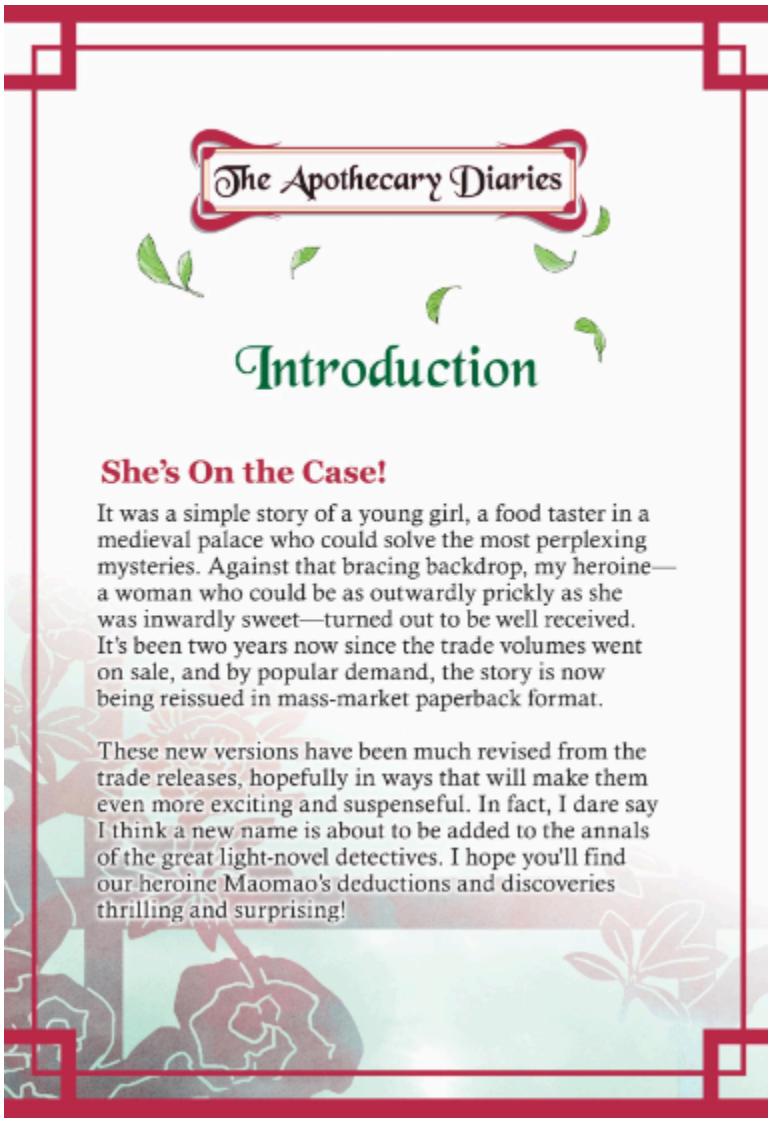
- A novel foi traduzida pelo próprio dispositivo do google docs, mas foi revisada do inglês para o português 3 VEZES. O docs traduziu o bruto, mas lemos a novel nos dois idiomas para ajustar a precisão da tradução;
- Foi a primeira vez que fizemos algo assim, então, caso tenha algum erro nos avisem na DM do twitter;
- Não considerem como tradução oficial, ela foi feita de fã para fã;
- Aproveitem!

Com carinho, JinMao Diaries!



No Oriente existe uma terra governada por um imperador, cujas consortes e mulheres que servem vivem num amplo complexo conhecido como *hougong*, o palácio interno. Maomao, uma garota despretensiosa criada em uma cidade modesta por seu pai, um farmacêutico, nunca imaginou que o palácio interno teria algo a haver com ela – até que foi sequestrada e vendida para trabalhar lá.
Embora pareça comum, Maomao tem um raciocínio rápido, uma mente perspicaz e um amplo conhecimento de medicina. Esse é o seu segredo, até que ela encontra um residente do palácio pelo menos tão perspicaz quanto ela: o eunuco-chefe, Jinshi. Ele vê através da fachada de Maomao e faz dela uma dama de companhia de ninguém menos que a consorte favorita do Imperador... para que ela possa provar o veneno da comida da senhora!

Ao lado de sua senhora, Maomao começa a aprender sobre tudo o que acontece no palácio interno - nem tudo é decente. Será que ela conseguirá levar uma vida tranquila ou será que seu poder de dedução e sua curiosidade insaciável lhe trarão cada vez mais aventuras e cada vez mais perigos?


The Apothecary Diaries

Introduction

She's On the Case!

It was a simple story of a young girl, a food taster in a medieval palace who could solve the most perplexing mysteries. Against that bracing backdrop, my heroine—a woman who could be as outwardly prickly as she was inwardly sweet—turned out to be well received. It's been two years now since the trade volumes went on sale, and by popular demand, the story is now being reissued in mass-market paperback format.

These new versions have been much revised from the trade releases, hopefully in ways that will make them even more exciting and suspenseful. In fact, I dare say I think a new name is about to be added to the annals of the great light-novel detectives. I hope you'll find our heroine Maomao's deductions and discoveries thrilling and surprising!

Capítulo 1: Distância

O que eu não daria por alguns bons espetos de carne de rua. Maomao olhou para o céu nublado e suspirou. Ela vivia em um mundo que era ao mesmo tempo um lugar de beleza cintilante e incomparável e uma jaula nociva, suja e sufocante. *Já faz três meses. Espero que meu velho esteja comendo direito.*

Parecia que ainda outro dia ela tinha ido à floresta colher ervas e lá encontrou três sequestradores; vamos chamá-los de Aldeões Um, Dois e Três. Eles estavam atrás de mulheres para o palácio real e, em uma palavra, ofereceram a proposta de casamento mais contundente e desagradável do mundo.

Agora, não era que ela não fosse remunerada e, com alguns anos de trabalho, havia aquele vislumbre de esperança de que ela pudesse voltar para sua cidade natal. Havia maneiras piores de ganhar a vida, se alguém fosse para a cidade real por vontade própria. Mas Maomao, que vinha se saindo muito bem como apotecária, *muito obrigada*, via isso apenas como um problema.

O que os sequestradores fizeram com as jovens núbeis que capturaram? Às vezes, vendiam as meninas aos eunucos, destinando o dinheiro arrecadado a uma noite de bebida para eles próprios. Às vezes, as jovens eram oferecidas no lugar da própria filha de alguém. Para Maomao, era uma questão discutível, pois agora ela se encontrava envolvida nos esquemas deles, independentemente do motivo. Caso contrário, ela nunca em sua vida teria desejado ter algo a ver com o *hougong*, o "palácio interno": a residência das mulheres imperiais.

O lugar estava tão impregnado de cheiros de maquiagem e perfume que dava reviravolta no estômago, e ainda mais repleto dos sorrisos finos e forçados das damas da corte em seus lindos vestidos. Em seu tempo como apotecária, Maomao passou a acreditar que não havia toxina tão assustadora quanto o sorriso de uma mulher. Essa regra era verdadeira tanto nos salões do palácio mais ornamentado quanto nos aposentos miseráveis da casa de prazer mais barata.

Maomao colocou o cesto de roupa suja aos pés e dirigiu-se para um prédio próximo. Ao contrário da deslumbrante fachada frontal, o sombrio pátio central abrigava áreas de lavagem pavimentadas com lajes, onde os criados da corte – pessoas que não eram nem exatamente homens nem exatamente mulheres – lavavam roupa aos montes.

Os homens, em princípio, não eram permitidos no palácio dos fundos. Os únicos homens que podiam entrar eram membros e parentes de sangue daquela família mais nobre do país, ou ex-homens que haviam perdido uma parte muito importante de si mesmos. Naturalmente, todos os homens para quem Maomao estava olhando agora eram os últimos. *Era distorcido*, ela pensou, mas reconhecidamente era uma coisa lógica a se fazer.

Ela largou a cesta e viu outra no prédio ao lado. Não roupas sujas, mas roupas limpas que secaram ao sol. Ela olhou para a etiqueta de madeira pendurada no cabo; trazia a ilustração de uma folha junto com um número.

Nem todas as mulheres do palácio eram alfabetizadas. Não foi tão surpreendente: afinal, alguns deles foram trazidos para cá à força. E embora os rudimentos de etiqueta tenham sido introduzidos nelas antes de chegarem, as cartas não o foram. *Provavelmente seria uma sorte*, refletiu Maomao, se metade das meninas raptadas no campo soubessem ler. Pode-se dizer que era um risco de o palácio dos fundos ficar muito populoso. A qualidade estava sendo sacrificada pela quantidade. Embora em nada se igualasse ao "jardim de flores" do antigo imperador, as consortes e damas de companhia somavam duas mil pessoas, enquanto com os eunucos chegavam a três mil. De fato, um lugar vasto.

Maomao era uma serva, um posto tão humilde que nem sequer tinha um posto oficial. O que mais ela poderia esperar, sendo uma garota que não tinha ninguém para apoiá-la na corte, que havia chegado por meio de sequestradores para preencher o quadro de funcionários do palácio? Se ela possuísse um corpo tão bem torneado quanto uma peônia, ou uma pele tão pálida quanto a lua cheia, ela poderia pelo menos ter aspirado ao status de uma das concubinas inferiores, mas Maomao possuía apenas pele rosada e sardenta e membros com todos os detalhes. a elegância dos ramos secos.

Eu preciso apenas fazer esse trabalho.

Maomao pegou a cesta com a etiqueta representando uma flor de ameixa e o número 17 e saiu o mais rápido que pôde. Ela queria voltar para seu quarto antes que o céu carrancudo começasse a chorar.

O dono da roupa suja no cesto era um dos consortes de baixa classificação. O quarto dela era bem mais luxuoso do que os concedidos às outras consortes inferiores – na verdade, era francamente ostentoso. A ocupante, supôs Maomao, devia ser filha de alguma família nobre abastada.

Quando uma mulher recebia um posto palaciano, ela também tinha permissão para ter suas próprias damas de companhia. Um consorte menor, no entanto, poderia ter no máximo duas damas, e era por isso que Maomao, uma criada sem amante própria para cuidar, carregava a roupa suja da mulher assim.

A uma consorte inferior eram permitidos quartos pessoais nos recintos dos fundos do palácio, mas eles ficavam inevitavelmente nas periferias do terreno, onde era improvável que o olhar imperial algum dia caísse sobre ela. Mesmo assim, se ela fosse agraciada com uma noite com Sua Majestade, receberia novos quartos, enquanto uma segunda noite desse tipo significaria que ela havia realmente encontrado um lugar no mundo.

Quanto àqueles que nunca despertaram o interesse do imperador, depois de uma certa idade uma consorte (assumindo que a sua família não exercesse influência particular) poderia esperar ver-se despromovida, ou mesmo concedida como esposa a algum membro da burocracia. Se isso era uma bênção ou uma maldição, dependia de a quem ela fosse concedida, mas o destino que as mulheres mais temiam era ser concedido a um dos eunucos.

Maomao bateu discretamente na porta. Uma dama de companhia abriu e disse: “Deixe aí”. Lá dentro, uma consorte que cheirava ao mais doce perfume bebia um pouco de álcool em uma xícara. Ela deve ter sido muito admirada por sua beleza naqueles dias tranquilos antes de chegar ao palácio, mas quando chegou aqui, descobriu que sabia tanto sobre o mundo exterior quanto um sapo que passou a vida em um poço. Excluída pela variedade de flores deslumbrantes neste jardim, ela havia perdido a vontade de continuar lutando por um lugar aqui e, ultimamente, havia parado de sair de seu quarto.

Você sabe que ninguém vai te visitar no seu próprio quarto, certo?

Maomao trocou a cesta nos braços pela que estava do lado de fora da porta e voltou para a lavanderia. Ainda havia muito trabalho a fazer. Ela pode não ter vindo ao palácio por vontade própria, mas pelo menos eles estavam pagando-lhe, e ela pretendia ganhar o seu sustento. Maomao, a apotecária, era diligente, pelo menos. Se ela mantivesse a cabeça baixa e fizesse seu trabalho, poderia esperar deixar este lugar algum dia, ou nunca, ela supôs, para ganhar a atenção da realeza.

Infelizmente, o pensamento de Maomao foi – digamos, ingénuo. Ela não sabia o que iria acontecer. Ninguém sabe; essa é a natureza da vida. Maomao era uma pensadora relativamente objetiva para uma garota de dezessete anos, mas tinha algumas qualidades que a perseguiam continuamente. Por um lado, curiosidade; e por outro, uma fome de conhecimento. E então havia seu crescente senso de justiça.

Daqui a alguns dias, Maomao descobriria uma verdade misteriosa e terrível sobre a morte de várias crianças no palácio interno Alguns disseram que era uma maldição lançada sobre qualquer concubina que ousasse produzir um herdeiro, mas Maomao recusou-se a considerar o assunto como algo sobrenatural.

Capítulo 2: As Duas Consortes

"Huh! Então é verdade?

"Isso é! Ela disse que viu o médico entrar no quarto deles com os próprios olhos!"

Maomao tomou um gole de sopa e ouviu. Centenas de serviçais tomavam café da manhã na vasta sala de jantar. A refeição consistia em sopa e mingau de grãos mistos. Ela estava ouvindo duas mulheres na diagonal à sua frente enquanto trocavam fofocas. As mulheres se esforçaram para parecer decepcionadas com a história, mas foi uma curiosidade indecorosa que iluminou seus olhos.

“Ele visitou Lady Gyokuyou e Lady Lihua.”

"Gracioso, *ambas*? Mas são apenas seis meses e três meses, não são?”

"Isso mesmo! Talvez seja realmente uma maldição.”
Os nomes eram os das duas consortes favoritas do imperador. Seis meses e três meses eram as idades dos filhos das senhoras.

Os rumores eram abundantes no palácio. Alguns deles surgiram do desprezo pelas companheiras de Sua Majestade e pelos herdeiros que elas lhe deram, mas outros tinham mais o sabor de simples histórias de fantasmas, o tipo de contos contados durante a crise do verão para vencer o calor esfriando o sangue.

"Deve ser. Caso contrário, por que três crianças separadas teriam morrido?"

Todos os descendentes em questão nasceram de consortes; isto é, eles poderiam, em princípio, ter sido herdeiros do trono. Uma das pobres vítimas nasceu de Sua Majestade antes da sua ascensão, enquanto ainda vivia no Palácio Oriental, e mais duas desde que assumiu o trono, mas todas as três faleceram na infância. A mortalidade era comum entre crianças, é claro, mas era estranho que três descendentes do próprio imperador morressem tão jovens. Apenas dois filhos, os das consortes Gyokuyou e Lihua, ainda sobreviveram.

Envenenamentos, talvez? Maomao refletiu, bebendo seu mingau, mas concluiu que não poderia ser. Afinal, duas das três crianças mortas eram meninas. E numa terra onde apenas os homens podiam herdar o trono, que razão havia para assassinar princesas?

As mulheres em frente a Maomao estavam tão ocupadas falando sobre maldições e azarações que pararam completamente de comer. *Mas não existem maldições!* Maomao pensou. Foi estúpido, essa era a única palavra para isso. Como você poderia destruir um clã inteiro com uma maldição? Tais questões beiravam o herético, mas a perícia de Maomao, ela sentia, constituía a prova deste pronunciamento.

Poderia ter sido algum tipo de doença? Algo transmitido pelo sangue, talvez? Como exatamente eles morreram?

E foi então que a empregada reservada e quieta começou a conversar com suas companheiras conversadoras de jantar. Não demoraria muito para que Maomao se arrependesse de ter sucumbido à sua curiosidade.

“Não sei a história toda, mas ouvi dizer que todos eles definharam!” Aparentemente inspirada pela demonstração de interesse de Maomao, Xiaolan, a empregada tagarela, passou a lhe trazer regularmente os últimos rumores. “O médico tem visto Lady Lihua com mais frequência do que Lady Gyokuyou, então acho que Lady Lihua deve estar pior.” Ela limpou a moldura da janela com um pano enquanto falava.

“A própria Lady Lihua?”

“Sim, são mãe e filho.”

Maomao supôs que o médico prestava mais atenção a Lady Lihua, não necessariamente porque ela estava mais doente, mas porque o seu filho era um pequeno príncipe. Consorte Gyokuyou deu à luz uma princesa. O afeto imperial recaiu mais sobre Gyokuyou, mas quando uma criança era menino e a outra menina, ficava claro qual deles deveria receber tratamento preferencial.

“Como eu disse, não sei tudo, mas ouvi dizer que ela tem dores de cabeça e de estômago, e até algumas náuseas.” Satisfeita por ter divulgado todas as suas mais recentes informações, Xiaolan ocupou-se com outra tarefa. Em agradecimento, Maomao deu-lhe um chá aromatizado com alcaçuz. Ela fez isso com algumas ervas que cresciam em um canto do jardim central. Tinha um cheiro fortemente medicinal, mas na verdade era bastante doce. Xiaolan ficou emocionada: as criadas tinham muito poucas oportunidades de desfrutar de coisas doces.

Dor de cabeça, dor de estômago e náusea. Maomao tinha algumas ideias sobre quais doenças isso poderia pressagiar, mas não tinha certeza. E seu pai nunca se cansou de adverti-la para não pensar com base em suposições.

Talvez eu apenas faça uma visitinha a ela.

Maomao estava determinada a terminar o seu trabalho o mais rápido possível. O palácio interno era na verdade um lugar vasto, abrigando mais de duas mil mulheres e quinhentos eunucos no local. Trabalhadores inferiores como Maomao dormiam dez por quarto, mas os consortes de classificação inferior tinham os seus próprios aposentos, os de classificação média tinham edifícios inteiros só para si, e os consortes de classificação mais elevada tinham virtualmente os seus próprios palácios, complexos extensos incluindo refeitórios e jardins, grandes o suficiente para tornar pequena uma cidade pequena. Assim, Maomao raramente saía da zona oriental onde vivia; não havia necessidade. Ela não tinha tempo nem meios para partir, a menos que fosse enviada para alguma missão.

Bem, se eu não tiver uma tarefa, terei que fazer uma.

Maomao falou com uma mulher segurando uma cesta. Essa cesta continha seda fina que teria que ser lavada na área de serviço do bairro oeste. Ninguém parecia saber se havia algo diferente na água de lá, ou talvez nas pessoas que lavavam a roupa, mas aparentemente a seda logo ficaria arruinada se fosse manuseada aqui, no bairro leste. Maomao entendia que

a seda se degradava mais ou menos dependendo de ser seca ao sol ou mantida à sombra, mas não sentia necessidade especial de contar isso a ninguém.

“Estou morrendo de vontade de dar uma olhada naquele lindo eunuco que dizem que mora na área central”, disse Maomao, invocando um dos outros rumores que Xiaolan havia mencionado de passagem, e a mulher lhe entregou a cesta com prazer. As chances de algo parecido com romance eram poucas e raras neste lugar, de modo que até mesmo os eunucos, homens que não eram realmente homens, logo se tornaram motivo de desmaio. De vez em quando, contavam-se até histórias de mulheres que se tornaram esposas de eunucos depois de deixarem o serviço no palácio. Presumivelmente, tudo isso era mais saudável do que as mulheres cobiçando umas às outras, mas ainda assim intrigava Maomao.

Me pergunto se um dia vou acabar como todo mundo, ela pensou consigo mesma. Ela cruzou os braços e grunhiu. Assuntos românticos tinham pouco interesse para ela.

Ela entregou o cesto de roupa suja o mais rápido que pôde e então um prédio laqueado de vermelho na área central apareceu. Esculturas estavam por toda parte, cada pilar parecia uma obra de arte em si. Cada detalhe foi atendido, de modo que o conjunto era muito mais refinado do que qualquer coisa nas periferias do bairro oriental. Atualmente, os maiores aposentos do palácio interno eram ocupados pela consorte Lihua, a mãe do príncipe. O imperador não tinha uma imperatriz propriamente dita, o que fazia de Lihua, a única de suas mulheres com um filho, a pessoa mais poderosa aqui.

A cena que Maomao descobriu parecia quase ter vindo da própria cidade. Uma mulher fulminou, uma abaixou a cabeça desanimada, enquanto outras se agitaram e se preocuparam, e um homem tentou fazer a paz entre todos eles.

Não é muito diferente de um bordel, pensou Maomao, uma observação fria tornada possível por sua condição de terceira pessoa, se não de curiosa.

A mulher chateada era a pessoa mais poderosa no palácio dos fundos, a que pendurava a cabeça era a segunda mais poderosa, e as mulheres exigentes eram atendentes. O homem (sem dúvida um homem que não é mais neste momento) que intercedeu foi o médico. Tanto, Maomao percebeu pelos sussurros que ouviu e pelo estado geral das coisas ao seu redor. Essa primeira mulher teria que ser a consorte Lihua, mãe do príncipe imperial, e a segunda mulher seria a consorte Gyokuyou, abençoada - embora não tão abençoada quanto Lihua - com uma filha. Quanto ao médico eunuco, Maomao nada sabia sobre ele, mas ouvira dizer que em todo este grande palácio havia apenas uma pessoa que poderia realmente ser chamada de praticante da medicina.

“Isso é obra sua. Só porque você teve uma menina, você colocou na cabeça amaldiçoar meu príncipe até a morte!” Um belo rosto distorcido pela raiva é algo assustador. Olhos tão furiosos quanto os de um demônio, em um rosto tão pálido quanto o de um fantasma, se voltaram para a bela Gyokuyou, que colocou a mão em seu rosto. Havia uma marca vermelha sob seus dedos; ela havia, Maomao supôs, levado um tapa com a mão aberta.

“Isso não é verdade, e você sabe disso. Minha Xiaoling está sofrendo tanto quanto seu filho.” A segunda mulher tinha cabelos ruivos e olhos cor de jade, e respondeu às acusações com calma, referindo-se à jovem princesa Lingli por um apelido carinhoso. A aparência da consorte Gyokuyou sugeria uma grande quantidade de sangue ocidental em suas veias. Agora ela levantou a cabeça e olhou para o médico. “E é por isso que peço que você não deixe de cuidar de minha filha também.”

Parecia que o próprio médico era a razão pela qual a intercessão entre as duas mulheres fora necessária. Ele passava todo o tempo olhando para o jovem príncipe aqui, e Gyokuyou estava apelando em nome de sua filha. Simpatizava com ela, mas este era o palácio interno, e as crianças do sexo masculino eram mais valorizadas do que as do sexo feminino. O médico, por sua vez, parecia preso entre tentar dar uma desculpa e ficar totalmente sem palavras.

Que patife, esse charlatão, Maomao pensou. Deixar de perceber com as duas consortes bem na sua frente. Como ele poderia ainda não ter percebido isso? Os bebês mortos, as dores de cabeça, as dores de estômago, as náuseas. Para não falar da palidez fantasmagórica e da aparência frágil da consorte Lihua.

Resmungando para si mesma, Maomao deixou a cena estridente para trás. *Eu preciso de algo para escrever*, ela pensou. Ela estava tão ocupada pensando nisso, na verdade, que nem percebeu a pessoa passando.

Capítulo 3: Jinshi

“Eles estão de volta”, Jinshi murmurou tristemente para si mesmo. Era impróprio o modo como às vezes floresciam no palácio. Coube a Jinshi — uma de suas muitas responsabilidades — acalmar as coisas.

Ao entrar no meio da multidão, Jinshi viu uma pessoa caminhando como se o alvoroço não a preocupasse. Ela era uma menina pequena com sardas salpicando o nariz e as bochechas. Não havia mais nada de distinto nela, exceto que ela não prestou atenção em Jinshi enquanto caminhava murmurando para si mesma.

E isso poderia muito bem ter sido o fim de tudo.

Não se passou nem um mês depois que se espalhou a notícia de que o jovem príncipe havia morrido. A consorte Lihua estava consumida pelo choro e estava mais magra do que nunca; ela já não se parecia em nada com a mulher que já fora considerada a rosa desabrochando da corte. Talvez ela sofresse da mesma doença que o filho, ou talvez fosse uma aflição de espírito que a atormentava. Independentemente disso, ela dificilmente poderia esperar ter outro filho nessas condições.

A princesa Lingli, meia-irmã do falecido príncipe, logo se recuperou de sua indisposição, e ela e sua mãe tornaram-se um grande conforto para o enlutado imperador. Na verdade, parecia provável que o xonsorte Gyokuyou pudesse em breve ter outro filho, dada a frequência com que Sua Majestade a visitava.

O príncipe e a princesa sofreram da mesma doença misteriosa, mas um se recuperou enquanto o outro sucumbiu. Poderia ser a diferença de idade entre eles? Eram apenas três meses, mas esse período poderia fazer uma diferença significativa na resiliência de uma criança. E quanto a Lihua? Se a princesa tivesse se recuperado, então havia todos os motivos para que o consorte também conseguisse. A menos que ela estivesse sofrendo principalmente do choque psicológico de perder o filho.

Jinshi revirou esses pensamentos em sua cabeça enquanto revisava alguns papéis e pressionava seu pincel neles. Se houvesse alguma diferença entre as duas crianças, talvez fosse da consorte Gyokuyou.

“Vou sair um pouco”, disse Jinshi enquanto carimbava a última página com seu pincel e imediatamente saía da sala.

A princesa, com as bochechas cheias e rosadas como pãezinhos cozidos no vapor, sorriu para ele com toda a inocência que uma criança poderia reunir. Sua mãozinha fechou em punho o dedo de Jinshi.

“Não, criança, deixe-o ir”, sua mãe, uma bela ruiva, repreendeu gentilmente. Ela envolveu a criança em panos e a colocou para dormir no berço. A princesa, aparentemente com muito calor, chutou as cobertas e ficou observando o visitante, gorgolejando feliz.

“Presumo que você queira me perguntar alguma coisa”, disse a consorte, sempre uma mulher perspicaz.

Jinshi foi direto ao ponto. “Por que a princesa recuperou a saúde?”

Consorte Gyokuyou se permitiu o menor dos sorrisos antes de tirar um pedaço de pano de uma bolsa. O pano havia sido arrancado de alguma coisa e estava adornado com caracteres desajeitados. Não só a caligrafia era irregular, mas a mensagem parecia ter sido escrita com manchas de grama, de modo que em alguns lugares estava desbotada e difícil de ler.

Seu pó facial é venenoso. Não deixe em contato com o bebê.

Talvez a qualidade vacilante da caligrafia fosse deliberada. Jinshi inclinou a cabeça. "Seu pó facial?"

“Sim”, disse Gyokuyou, confiando a criança no berço a uma ama de leite e abrindo uma gaveta. Ela tirou algo embrulhado em pano: um vaso de cerâmica. Ela abriu a tampa e viu uma nuvem de pó branco.

"Esse?"

“Exatamente o mesmo.”

Talvez, Jinshi conjecturou, houvesse algo no pó. Ele lembrou que Gyokuyou, já possuindo a pele clara tão valorizada na corte, não precisava usar o pó para tentar ficar mais bonita. A consorte Lihua, por outro lado, parecia tão pálida que usava mais a cada dia para esconder sua condição.

“Minha princesinha é uma menina com muita fome”, disse Gyokuyou. “Eu não faço leite suficiente para ela, então contratei uma enfermeira para ajudar.” Às vezes, as mães cujos

filhos morreram logo após o nascimento encontravam trabalho como amas de leite. “Este pó facial pertencia àquela mulher. Ela preferiu porque sentiu que era mais branco do que outros pós.”

“E onde está essa enfermeira agora?”

“Ela ficou doente, então eu a dispensei. Com amplos fundos para seu sustento, é claro.” Falou como uma mulher intelectual e talvez gentil demais para seu próprio bem.

Então digamos que havia algum tipo de veneno no pó facial. Se a mãe usasse, causaria impacto na criança; se o que quer que estivesse no pó passasse para o leite materno, poderia até acabar no corpo da criança. Nem Jinshi nem Gyokuyou sabiam o que tal veneno poderia ser. Mas para acreditar na mensagem misteriosa, foi assim que o jovem príncipe encontrou o seu fim. Por simples pó facial, maquiagem usada por qualquer número de pessoas no palácio dos fundos.

“A ignorância é um pecado”, disse Gyokuyou. “Eu deveria ter tomado mais cuidado com o que entrava na boca da minha filha.”

“Sou culpado do mesmo crime”, disse Jinshi. Em última análise, foi ele quem permitiu que o filho do imperador se perdesse. E pode ter havido outros que morreram no útero.

“Eu contei à consorte Lihua sobre o pó facial, mas qualquer coisa que eu diga só a faz se irritar”, disse Gyokuyou. Lihua ainda tinha bolsas escuras sob os olhos e usava bastante maquiagem branca para esconder a cor pobre do rosto, nunca acreditando que fosse venenoso.

Jinshi olhou para o simples pano de algodão. Ele achou que parecia estranhamente familiar. A qualidade hesitante dos personagens parecia um estratagema, mas a mão tinha uma qualidade inconfundivelmente feminina. “Quem deu isso a você e quando?”

“Chegou o dia em que exigi que o médico examinasse minha filha. Receio que só consegui lhe causar problemas, mas isso foi perto da janela depois. Estava amarrado a um galho de rododendro.”

Jinshi lembrou-se da comoção daquele dia. Será que alguém na multidão notou alguma coisa, percebeu alguma coisa, deixou uma palavra de advertência? Mas quem? “Nenhum médico do palácio recorreria a métodos tão tortuosos”, disse ele.

"Concordo. E os nossos nunca pareceram saber como tratar o príncipe.”

Toda aquela comoção. Pensando bem, Jinshi lembrou-se de uma criada que parecia distante dos outros curiosos. Ela estava falando sozinha. O que ela estava dizendo?

"*Preciso de algo para escrever.*"

Jinshi sentiu as peças se encaixarem. Ele começou a rir. "Consorte Gyokuyou, se eu encontrasse o autor desta mensagem, o que você faria com ela?"

"Eu agradeceria a ela profundamente. Devo a ela a vida da minha filha", disse a consorte, com os olhos brilhando. Ah, então ela estava ansiosa para descobrir seu benfeitor.

"Muito bem. Talvez você me permita ficar com isso por um tempo.

"Aguardo ansiosamente o que você descobrir." Gyokuyou olhou feliz para Jinshi. Ele retribuiu o sorriso dela, depois pegou o pote de pó facial e o pano com a mensagem. Ele procurou em sua memória por algum tecido que parecesse assim.

"Longe de mim decepcionar a dama favorita de Sua Majestade." O sorriso de Jinshi tinha toda a inocência de uma criança em uma caça ao tesouro.

Capítulo 4: O Sorriso da Ninfa

Maomao soube do falecimento do príncipe pela primeira vez quando faixas pretas de luto foram distribuídas no jantar. As mulheres os usariam durante sete dias para demonstrar sua tristeza. Mas o que causou mais desagrado do que qualquer outra coisa foi o anúncio de que a sua porção de carne, já miserável, seria totalmente eliminada durante esse período. As criadas faziam duas refeições por dia, principalmente milho e sopa, com vegetais ocasionais. Foi o suficiente para a pequena Maomao, mas muitas das mulheres achavam as refeições pouco satisfatórias.

Havia muitos tipos de mulheres entre esta classe mais baixa de servas. Alguns vieram de famílias de agricultores; outras eram garotas da cidade; e embora incomum, algumas eram filhas de funcionários. Os filhos da burocracia podiam esperar um pouco mais de respeito, mas mesmo assim, o trabalho que uma mulher era incumbida de fazer dependia das suas próprias realizações. Uma garota que não sabia ler nem escrever certamente não poderia esperar tornar-se consorte com seus próprios aposentos. Ser consorte era um trabalho. Você até recebe um salário.

Acho que talvez isso não importasse, no final.

Maomao sabia o que matara o jovem príncipe. Era a consorte Lihua e ela que servia o uso liberal de pó branco para cobrir o rosto pelas mulheres. Esse pó era tão caro que o cidadão comum não poderia esperar usá-lo um dia na vida. Algumas das senhoras mais estabelecidas no bordel, no entanto, estavam fartas. Alguns deles ganhavam mais dinheiro numa única noite do que um agricultor ganharia durante toda a sua vida, e podiam pagar a sua própria maquiagem. Outros o receberam como um presente caro.

As mulheres se cobriam com ele do rosto até o pescoço, e isso corroía seus corpos. Algumas delas morreram por causa disso. O pai de Maomao as avisou para pararem de usá-lo, mas elas o ignoraram. Maomao, atendendo ao lado do pai, testemunhou com seus próprios olhos várias cortesãs definhando e morrendo. Elas compararam suas vidas com sua beleza e, no final, perderam os dois.

Foi por isso que Maomao quebrou alguns ramos convenientes, rabiscou uma breve mensagem para cada uma das consortes e deixou-a para elas. Não que ela esperasse que eles atendessem ao aviso de uma criada que não conseguia colocar as mãos nem em papel ou pincel.

Depois que o período de luto acabou e as faixas pretas desapareceram, ela começou a ouvir rumores sobre a consorte Gyokuyou. As pessoas diziam que após a perda do príncipe, o imperador, de coração partido, começou a se consolar com Gyokuyou e sua filha sobrevivente. Mas a consorte Lihua, que havia perdido o filho assim como ele, ele não foi ver.

Que conveniente para ele. Maomao esvaziou sua tigela de sopa – hoje acompanhada da menor lasca de peixe –, depois limpou os utensílios e foi trabalhar.

"Uma convocação, senhor?" Maomao carregava um cesto de roupa suja quando foi parada por um eunuco, que lhe disse para se apresentar ao gabinete da Matrona das Mulheres Servidoras.

O Gabinete das Mulheres Servidoras era uma das três principais divisões de serviço no palácio interno e abrangia a responsabilidade pela posição mais baixa das servas. As outras duas divisões eram o Gabinete do Interior, que tratava das consortes, e o Departamento de Serviço Doméstico, ao qual estavam vinculados os eunucos.

O *que ela poderia querer comigo*? Maomao se perguntou. O eunuco também estava conversando com outras criadas próximas. O que quer que estivesse acontecendo, envolvia

mais do que apenas Maomao. Eles devem precisar de mais mãos para alguma tarefa ou outra, ela raciocinou. Ela colocou a cesta fora de seu devido lugar e foi atrás do eunuco.

O edifício da Matrona das Mulheres Servidoras estava situado logo ao lado do portão principal, um dos quatro portões que separavam o palácio interno do mundo exterior. Quando o imperador visitava as suas damas, esta era a entrada por onde passava.

Apesar de estar ali por convocação oficial, Maomao não se sentiu confortável no local. Embora fosse um tanto sem brilho em comparação com a sede do Gabinete do Interior, localizada ao lado, ainda era visivelmente mais ornamentado do que as residências dos consortes de nível médio. A grade era trabalhada com entalhes elaborados, e dragões de cores vivas subiam nos pilares vermelhos.

Instada a entrar, Maomao ficou um pouco menos impressionada do que esperava: a única mobília da sala era uma única escrivaninha grande. Dez ou mais outras criadas além dela estavam presentes e pareciam animadas de ansiedade, expectativa e um estranho tipo de excitação.

"Tudo bem, obrigado. O resto de vocês pode ir para casa", disse o eunuco.

Huh? Maomao não se sentiu natural ao ser escolhida dessa forma. Ela foi sozinha para a sala ao lado enquanto as mulheres restantes saíam com olhares desconfiados em sua direção.

Mesmo para a câmara de um funcionário nomeado, era um espaço amplo. Maomao olhou em volta, intrigada, e então percebeu que todas as criadas na sala estavam olhando em uma direção específica. Sentada discretamente num canto estava uma mulher, acompanhada por um eunuco, e não muito longe estava outra mulher, um pouco mais velha. Maomao lembrava-se de que a mulher de meia-idade era a Matrona das Mulheres Servidoras, mas ela não reconheceu a senhora de aparência altiva.

Hum? Agora ela percebeu que os ombros da pessoa eram bastante largos para uma mulher, e seu vestido era muito simples. A maior parte de seus cabelos estava presa por uma espécie de lenço, o resto caindo em cascata atrás deles. *Ele é um homem*?

Ele estava examinando as criadas com um sorriso tão suave e gentil quanto o de uma ninfa celestial. Até a Matrona estava corando como uma menina. De repente, Maomao entendeu o rubor nas bochechas de todos. Este devia ser o eunuco imensamente belo de quem ela tanto ouvira falar. Tinha cabelos finos como seda, presença quase líquida, olhos amendoados e sobrancelhas que evocavam ramos de salgueiro. Uma ninfa celestial num pergaminho ilustrado não poderia ter competido com ele em beleza.

Que desperdício, Maomao pensou, nem remotamente corando. Os homens no palácio interno eram todos eunucos, privados de capacidade de reprodução. Eles agora não tinham o equipamento necessário para ter filhos. Exatamente quão lindo seria o filho deste homem permaneceria uma questão para a imaginação.

No momento em que Maomao estava pensando (com não pouca impertinência) que tal beleza quase desumana poderia atrair até mesmo as atenções de Sua Majestade, o eunuco levantou-se com um movimento fluido. Foi até uma mesa, pegou um pincel e começou a escrever com movimentos elegantes da mão e do braço. Depois, com um sorriso doce como ambrosia, expôs seu trabalho às mulheres.

Maomao congelou.

Você aí, com sardas, dizia. *Você fica aqui.*

Essa, pelo menos, era a essência da questão. O belo homem deve ter notado a reação de Maomao, porque ele dirigiu seu maior sorriso para ela. Ele enrolou o papel novamente e bateu palmas duas vezes. "Terminamos aqui por hoje. Vocês todos podem voltar para seus quartos."

As mulheres, com muitos olhares desapontados por cima dos ombros, saíram da sala. Eles nunca saberiam o que estava escrito no papel da ninfa.

Maomao observou-as partir e, passado um momento, ocorreu-lhe que eram todas mulheres miúdas com sardas proeminentes. Mas eles não prestaram atenção ao sinal, o que devia significar que não sabiam ler.

A mensagem não era apenas para Maomao. Ela fez menção de sair da sala com os outros, apenas para sentir uma mão colocada firmemente em seu ombro. Com muito medo e tremor, ela se virou e se deparou com o sorriso quase ofuscante do homem-ninfa.

"Não, não, não deve fazer isso", disse ele. "Eu quero que você fique para trás."

Aquele sorriso – tão ousado, tão brilhante – não aceitaria um não como resposta.

Capítulo 5: Atendente

"Mais interessante. Fui informado de que você não sabia ler", disse o belo eunuco lentamente, deliberadamente. Maomao seguiu desconfortavelmente atrás dele enquanto caminhava.

"Não senhor. Eu sou de nascimento humilde. Deve haver algum engano."

Quem diabos iria me ensinar? ela pensou, mas dificilmente teria dito essas palavras se estivesse sob tortura. Maomao decidiu agir da maneira mais ignorante possível. Talvez a linguagem dela estivesse um pouco errada, mas o que ela poderia fazer a respeito? Não se poderia esperar que alguém com origens tão mesquinhas fizesse melhor.

As servas de posição inferior eram tratadas de maneira diferente, dependendo de saberem ler ou não. Aqueles que eram alfabetizados e aqueles que não o eram, cada um tinha sua utilidade, mas se alguém pudesse ler e fingisse ignorância - ah, essa era a maneira de caminhar na linha tênue do meio.

O belo eunuco se apresentou como Jinshi. Seu lindo sorriso sugeria que ele não machucaria uma pulga, mas Maomao sentiu algo estranho por trás dele. De que outra forma ele poderia provocá-la tão impiedosamente? Jinshi disse a Maomao para ficar em silêncio e segui-lo. E isso os trouxe até este momento. Maomao estava ciente de que, como serva sem importância, balançar a cabeça para Jinshi poderia ser a última coisa que ela faria, então ela obedientemente fez o que ele disse. Ela estava ocupada calculando o que poderia acontecer a seguir e como lidaria com isso.

Não era como se ela não conseguisse adivinhar o que poderia ter inspirado Jinshi a convocá-la; o que permaneceu misterioso foi como ele descobriu isso. A mensagem que ela entregou a consorte.

Um pedaço de pano pendia com indiferença afetada na mão de Jinshi. Estava enfeitado com personagens desleixados. Maomao não disse a ninguém que sabia escrever e também manteve silêncio sobre sua experiência como apotecária e seu conhecimento sobre venenos. Ele nunca poderia tê-la rastreado pela caligrafia. Ela pensou que tinha tomado cuidado para garantir que não havia ninguém por perto quando entregou a mensagem, mas talvez ela tivesse perdido alguma coisa, sido vista por alguém. A testemunha deve ter relatado uma pequena criada com sardas.

Sem dúvida, Jinshi começou pesquisando todas as garotas que sabiam escrever, coletando amostras de sua caligrafia. Alguém poderia tentar parecer um manejador do pincel menos competente do que realmente é, mas os sinais reveladores e as características de identificação permaneceriam. Quando essa busca se revelasse em vão, ele teria recorrido às meninas que não sabiam escrever.

Peido suspeito. Muito tempo nas mãos dele...*

Enquanto Maomao estava tendo esses pensamentos pouco caridosos, eles chegaram ao seu destino. Era, como ela esperava, o pavilhão da consorte Gyokuyou. Jinshi bateu na porta e uma voz plácida respondeu: “Entre”.

Então eles fizeram. Lá dentro, eles descobriram uma linda mulher de cabelos ruivos, embalando amorosamente uma criança com cabelos encaracolados. As bochechas da criança estavam rosadas, sua pele tinha o mesmo tom pálido da mãe. Ela era a imagem da saúde enquanto cochilava docemente nos braços da consorte.

“Eu trouxe aquela que você queria ver, milady.” Jinshi não falava mais da maneira jocosa de antes, mas se comportava com perfeita seriedade.

"Obrigada por se preocupar." Gyokuyou sorriu, um sorriso mais caloroso que o de Jinshi, e inclinou a cabeça para Maomao.

Maomao olhou para ela surpresa. “Não possuo nenhuma posição que justifique tal reconhecimento, milady.” Ela escolheu as palavras com cuidado, tentando não ofender. Embora, por não ter nascido em uma vida onde tais cuidados fossem necessários, ela não tinha certeza se estava fazendo a coisa certa.

“Ah, mas você sabe. Farei muito mais do que isso para mostrar minha gratidão a você, a salvadora da minha filha.”

“Tenho certeza de que houve algum mal-entendido. Talvez você tenha escolhido a pessoa errada”, disse Maomao. Ela se sentiu quebrar, suando frio: ela estava sendo educada, mas ainda contradizia uma consorte imperial. Ela desejava que sua cabeça permanecesse presa aos ombros, mas ela não queria fazer parte de nada que envolvesse pessoas como esta – ser pressionada a qualquer tipo de serviço para qualquer tipo de nobreza ou realeza.

Jinshi, atento à preocupação no rosto de Gyokuyou, mostrou o pano para Maomao com um floreio. “Você sabe que esse é o material usado nas roupas de trabalho das empregadas?”

“Agora que você mencionou isso, senhor, vejo a semelhança.” Ela iria bancar a estúpida até o fim. Mesmo sabendo que era inútil.

“É mais do que uma semelhança. Isso veio do uniforme de uma garota ligada à indústria da alfaiataria.”

Os servidores do palácio foram agrupados em seis *Shang*, ou sedes de emprego. O shang fu, ou Serviço de Guarda-Roupa, tratava da distribuição de roupas, e era a esse grupo que Maomao, que era em grande parte encarregado de lavar roupa, pertencia. A saia crua que ela usava combinava com a cor do tecido nas mãos de Jinshi. Se alguém inspecionasse sua saia, encontraria uma costura incomum, cuidadosamente escondida por dentro.

Em outras palavras, a prova estava ali diante deles. Maomao duvidava que Jinshi fizesse algo tão rude a ponto de verificar por si mesmo bem na frente da consorte Gyokuyou, mas ela não tinha certeza. Ela decidiu que era melhor confessar antes de ser humilhada publicamente.

“O que exatamente vocês dois querem de mim?” ela perguntou.

Os dois se entreolharam, aparentemente interpretando isso como confirmação. Ambos tinham o mais doce dos sorrisos em seus rostos. O único som na sala era o sussurro da criança adormecida e, quase tão suave, o suspiro de Maomao.

No dia seguinte, Maomao foi obrigada a empacotar os seus escassos pertences. Xiaolan e todas as outras mulheres que dividiam um quarto com ela estavam com ciúmes e a incomodavam interminavelmente sobre como essa reviravolta havia acontecido. Maomao só conseguiu dar o seu sorriso mais tenso e tentar fingir que não era grande coisa.

Maomao seria a dama de companhia da consorte favorita do imperador.

Ela tinha, em uma palavra, conseguido.

*Peido = fart; Esse termo pode ter dois significados: o primeiro sendo algo como um pedido que pensa que vai ser baixo e acaba saindo alto. O segundo no qual você pensa que algo vai ser normal mas vem com uma “surpresinha”.

Capítulo 6: Testadora de Veneno

Jinshi achou essa uma reviravolta muito agradável. A garota incomum que ele descobrira por acaso agora o ajudaria a resolver um de seus muitos problemas.

Lady Gyokuyou, a consorte favorita do Imperador, foi servida por quatro damas de companhia. Isso pode ser suficiente para alguma concubina de perfil mesquinho, mas para um consorte de alto escalão como Gyokuyou, parecia muito pouco. As damas de companhia, no entanto, insistiram que as quatro eram perfeitamente suficientes para cuidar de tudo o que precisava ser feito, e a própria Gyokuyou não parecia inclinada a pressionar por mais criadas.

Jinshi entendeu bem por que isso acontecia. A consorte Gyokuyou era uma pessoa alegre e geralmente tranquila, mas também era inteligente e cuidadosa. No jardim das mulheres que era o palácio interno, uma mulher que recebia o favor imperial e não suspeitava dos outros corria perigo mortal. Na verdade, houve vários atentados anteriores contra a vida de Gyokuyou. Notavelmente, quando ela engravidou da criança que viria a ser a princesa Lingli.

E assim, embora inicialmente tivesse dez damas de companhia, agora tinha menos da metade desse número. Normalmente, uma senhora só trazia seus próprios servos quando chegava ao palácio interno, mas Gyokuyou pediu privilégio especial para trazer aquela babá. Ela nunca aceitaria uma criada anônima de algum canto distante do palácio como uma de suas damas de companhia. Mas ela tinha que pensar em sua posição como alta consorte. Certamente ela poderia aceitar pelo menos mais uma mulher.

E foi aí que entrou a garota sardenta. Ela salvou a filha de Gyokuyou; certamente a consorte não teria avesso a ela. Além do mais, a garota sabia alguma coisa sobre venenos. Isso poderia ser útil. Sempre havia a possibilidade de que essa garota sardenta usasse seu conhecimento para fins malignos, mas se ela tentasse alguma coisa, eles simplesmente teriam que encurralá-la em algum lugar onde ela não pudesse fazer nada de prejudicial. Foi tudo tão simples.

Se tudo mais falhasse, Jinshi pensou com um sorriso, ele sempre poderia usar seus encantos. Sim, ele achava tão repugnante quanto qualquer outra pessoa que estivesse tão disposto a tirar vantagem de sua beleza etérea. Mas ele não tinha intenção de mudar seus hábitos. Na verdade, foi sua aparência que deu a Jinshi o valor de sua vida.

○●○

Quando alguém se tornava servo designado para uma amante específica e, ainda por cima, dama de companhia da consorte favorita do Imperador, descobria que o tratamento melhorava. Maomao, que até então estava na base da hierarquia do palácio, de repente se viu na categoria intermediária. Disseram-lhe que o seu salário sofreria um aumento significativo, embora vinte por cento do que ela ganhasse fosse para a sua "família", ou seja, os comerciantes que a venderam para esta vida. Um arranjo desagradável, na opinião dela. Um sistema criado para que funcionários gananciosos pudessem encher os bolsos.

Ela também recebeu seu próprio quarto – apertado, mas muito diferente das acomodações superlotadas que ela dividiu no passado, com um escasso tapete de junco e um único lençol como cama, ela agora se encontrava com uma cama de verdade. É verdade que ocupava metade do quarto dela, mas Maomao estava francamente feliz por poder acordar de manhã sem pisar nas colegas de trabalho.

Ela também tinha mais um motivo para comemorar, embora só soubesse disso mais tarde.

O Palácio de Jade, onde Gyokuyou morava, era o lar de outras quatro damas de companhia além de Maomao. Uma ama tinha sido despedida recentemente, alegadamente porque a princesa estava a começar a ser desmamada, mas Maomao pensava que ela tinha uma ideia da verdadeira razão. Era um número muito pequeno de mulheres, tendo em vista o fato de que a consorte Lihua tinha mais de dez damas de companhia cuidando dela. As damas de Gyokuyou ficaram bastante surpresas ao descobrir que uma das pessoas menos importantes do palácio havia subitamente sido elevada a colega, mas nunca incomodaram Maomao da maneira que ela esperava. Na verdade, elas pareciam solidárias com ela.

Mas por que? ela pensou.

Ela descobriria em breve.

Uma refeição palaciana, repleta de ingredientes tradicionalmente considerados benéficos para fins medicinais, estava diante dela. Uma por uma, Hongniang, chefe das damas de companhia de Gyokuyou, pegou amostras e colocou-as em pequenos pires, colocando-as na frente de Maomao. Gyokuyou observou a cena se desculpando, mas não deu nenhuma indicação de que iria parar o que estava acontecendo. As outras três damas de companhia também assistiram com olhares de pena.

O local era o quarto de Gyokuyou. Foi decorado no mais alto estilo e era onde a consorte fazia todas as suas refeições. Antes que a comida chegasse até ela, ela passaria pelas mãos

de muitas outras pessoas e, sendo a preferida do imperador, cabia-lhe considerar a possibilidade de uma ou mais dessas mãos tentarem envenenar o produto.

Portanto, era necessário uma provadora de comida. Todos estavam nervosos por causa do que havia acontecido com o jovem príncipe. Corriam rumores de que a princesa poderia ter ficado doente com o mesmo veneno que causou a morte do menino. As damas de companhia não foram informadas sobre qual era a substância tóxica que foi finalmente descoberta e, portanto, estavam compreensivelmente paranóicas com a possibilidade de que ela pudesse estar em tudo ou alguma coisa.

Não teria sido estranho se elas tivessem visto a humilde serva enviada a elas naquele momento, especificamente para ser uma provadora de comida, como nada além de um peão descartável. Maomao foi encarregado não apenas de provar as refeições da consorte Gyokuyou, mas também da comida para bebê servida à princesa. Nas ocasiões em que Sua Majestade estava presente, ela também era responsável por provar os luxuosos alimentos que lhe eram oferecidos.

Depois que foi descoberto que Gyokuyou estava grávida, Maomao foi informado de que houve dois casos distintos de tentativa de envenenamento. Em um deles, o provador escapou sem ferimentos reais, mas outro ficou sujeito a uma toxina nervosa que deixou seus braços e pernas paralisados. As restantes damas de companhia tiveram, com muito medo e tremor, de verificar elas próprias a comida, por isso, francamente, devem ter ficado gratas pela chegada de Maomao.

Maomao franziu a testa enquanto olhava para o prato à sua frente. Era de cerâmica.

Se eles têm tanto medo de veneno, deveriam usar prata. Ela pegou um pedacinho de vegetal em conserva em seus pauzinhos e olhou-o criticamente. Ela deu uma fungada. Então ela colocou-o na língua, verificando se causava uma sensação de formigamento antes de engoli-lo.

Eu não acho que estou realmente qualificada para provar venenos, ela refletiu. Agentes de ação rápida eram uma coisa, mas no que diz respeito às toxinas mais lentas ela esperava que fossem um tanto inúteis. Em nome da ciência, Maomao habituou o seu corpo a uma variedade de venenos através da exposição gradual, e suspeitava que restavam poucos que pudessem ter um efeito sério sobre ela. Isto não era, diga-se, uma parte do seu trabalho como apotecária, mas apenas uma forma de satisfazer a sua curiosidade intelectual. Ela ouviu dizer que no Ocidente havia um nome para pesquisadores que faziam coisas que não faziam sentido para as pessoas: cientistas malucos. Até seu pai, que lhe ensinou o ofício de apotecária, ficou exasperado com seus pequenos experimentos.

Quando ela estivesse convencida de que não havia efeitos físicos adversos e de que não detectou nenhum veneno que conhecesse, a refeição poderia finalmente chegar a consorte Gyokuyou.

Em seguida viria a comida para bebê sem sabor.

"Acho que seria melhor trocar as placas por outras feitas de prata", disse ela a Hongniang, da forma mais direta possível. Ela foi chamada ao quarto de Hongniang para fazer um relatório sobre seu primeiro dia de trabalho. Os aposentos da chefe dama eram de tamanho generoso, mas não tinham adornos com quaisquer objetos frívolos, evidenciando a inclinação prática de Hongniang.

Hongniang, uma mulher atraente de cabelos negros com menos de trinta anos de idade, soltou um suspiro. "Jinshi realmente tinha tudo planejado." Ela confessou com certo desgosto que eles deliberadamente não usaram talheres de prata por instrução do eunuco.

Maomao tinha uma clara suspeita de que também foi Jinshi quem pediu a provadora de comida que ela nomeou. Ela lutou para não permitir que sua expressão já fria se transformasse em total desgosto enquanto ouvia Hongniang falar. "Não sei por que você decidiu esconder seu conhecimento, mas é incrível que você saiba tanto sobre venenos e remédios. Se você tivesse dito a eles desde o início que sabia escrever, poderia ter conseguido muito mais dinheiro."

"Meu conhecimento vem da minha vocação – eu era apotecária. Até que fui sequestrada e vendida para este lugar. Meus sequestradores recebem uma parte do meu salário até agora." *O pensamento revira meu estômago.* Os arrepios de Maomao estavam arrepiados agora e suas palavras vieram com pressa, mas a chefe dama de companhia não a repreendeu.

"Você quer dizer que estava disposta a aceitar receber menos do que valia para garantir que eles tomassem uma taça de vinho a menos quando estivessem farreando." Hongniang, ao que parecia, era mais do que perspicaz o suficiente para compreender os motivos de Maomao. Maomao ficou simplesmente aliviada por Hongniang não a ter repreendido pelo que ela disse. "Sem mencionar que mulheres sem distinção especial cumprem pena por alguns anos e depois seguem seu caminho alegremente. Há muitos substitutos por aí."

Ela não precisava entender muito bem.

Hongniang pegou uma jarra da mesa e entregou a Maomao. "O que é isso?" Maomao perguntou, mas quase assim que as palavras saíram de sua boca, uma dor percorreu seu pulso. Ela deixou cair a jarra no chão em estado de choque. Uma grande rachadura atravessou o recipiente de cerâmica.

“Oh, meu Deus, é uma peça de cerâmica bastante cara. Certamente não era algo que uma simples dama de companhia pudesse pagar. Você não poderá mais fazer remessas para sua família com isso pairando sobre sua cabeça – na verdade, provavelmente deveríamos cobrá-los.”

Maomao entendeu imediatamente o que Hongniang estava dizendo, e um leve sorriso irônico surgiu em seu rosto inexpressivo. “Minhas profundas desculpas”, disse ela. “Por favor, deduza do valor do meu salário que é enviado para casa todos os meses. E se isso não for suficiente, por favor, tire também da minha parte.”

“Obrigado, vou garantir que a Matrona das Mulheres Servidoras saiba como fazer isso. E mais uma coisa." Hongniang colocou a jarra quebrada de volta na mesa antes de tirar um rolo de madeira de uma gaveta e escrever nele com traços rápidos e curtos. “Isso detalha seu salário adicional como provador de comida. Pagamento de periculosidade, você pode chamar assim.”

A quantia era quase a mesma que Maomao recebia atualmente. E na medida em que nada lhe seria tirado para pagar aos seus captores, Maomao saiu na frente.

*Esta mulher sabe como usar uma cenoura** ela pensou enquanto se curvava profundamente e saía da sala.

*Cenoura = carrot & stick; A motivação de cenoura e castigo é uma abordagem motivacional que envolve oferecer uma “cenoura” (uma recompensa pelo bom comportamento) e um “pau” (uma consequência negativa pelo mau comportamento). Motiva a equipe criando metas viáveis e recompensas desejáveis para os funcionários que podem alterar seu comportamento e desempenho. É uma forma simples e eficaz de feedback para os funcionários.

Capítulo 7: Filial

As quatro damas de companhia da consorte Gyokuyou eram excepcionalmente trabalhadoras. É verdade que o Palácio de Jade não era o maior lugar, mas elas o mantinham funcionando perfeitamente, apenas as quatro. Atendentes meninas do X*angai*— o Serviço de Limpeza, encarregado de manter os quartos limpos — vinha às vezes, mas em geral as quatro damas de companhia cuidavam sozinhas de toda a limpeza e arrumação. Isso não era, para que conste, algo que as damas de companhia normalmente faziam.

Tudo isso significava que a nova garota, Maomao, tinha pouco para fazer além de saborear a comida. Além de Hongniang, nenhuma das outras damas de companhia pediu a Maomao que fizesse alguma coisa. Talvez elas se sentissem mal por ela estar presa ao trabalho mais desagradável, ou talvez simplesmente não quisessem que ela se intrometesse em seu território. Qualquer que fosse o motivo, mesmo quando Maomao se oferecia para ajudar, elas a rejeitavam gentilmente com um "Ah, não se preocupe com isso" e insistiam para que ela voltasse para o quarto.

Como vou me instalar aqui?

Enfiada em seu quarto, ela era chamada duas vezes ao dia para as refeições, uma vez para o chá da tarde e, a cada poucos dias, para experimentar um dos suntuosos banquetes oferecidos quando o imperador a visitava. Isso foi tudo. Hongniang teve a gentileza de tentar encontrar pequenas tarefas para Maomao fazer, mas elas nunca foram nada difíceis e não a ocuparam por muito tempo.

Além de suas tarefas de degustação, ela descobriu que suas próprias refeições se tornaram mais elaboradas. Doces eram oferecidos no chá e, quando havia extras, eram enviados para Maomao. E porque ela não estava mais trabalhando como uma formiga como antes, todos aqueles nutrientes extras foram para a carne.

Eu me sinto como uma espécie de gado.

Sua nova nomeação como provadora de comida trouxe consigo outra coisa que Maomao não gostou. Ela sempre foi bastante magra, mas isso significava que se um veneno a fizesse definhar, seria difícil detectá-lo. Além do mais, a dosagem de qualquer toxina que pudesse ser mortal era proporcional ao tamanho do corpo. Um pouco de peso extra poderia melhorar suas chances de sobrevivência.

Na mente de Maomao, não havia como ela deixar passar um veneno tão poderoso que a faria definhar e, enquanto isso, ela estava confiante de que conseguiria sobreviver a uma dose normalmente fatal de muitas toxinas. Mas ninguém ao seu redor parecia compartilhar do seu otimismo. Eles só viram uma menina pequena e delicada sendo tratada como um peão descartável e tiveram pena dela por isso. E então eles a enchiam de mingau mesmo depois que ela estava saciada, e sempre lhe davam uma porção extra de vegetais.

Elas me lembram as garotas dos bordéis. Maomao podia ser fria, reticente e nada sentimental, mas por alguma razão as mulheres sempre a adoraram. Elas sempre tinham uma guloseima extra ou algo para ela comer.

Embora Maomao não percebesse, havia uma razão pela qual as pessoas estavam tão inclinadas a olhar para ela com bondade. Ao longo de seu braço esquerdo havia uma coleção de cicatrizes. Cortes, facadas, queimaduras e o que parecia ser furado com agulha. Ou seja, para os outros, Maomao parecia uma menina pequena e magra, com feridas no braço. Seus braços eram frequentemente enfaixados, seu rosto às vezes ficava pálido e de vez em quando ela desmaiava. As pessoas simplesmente presumiam, com lágrimas nos olhos, que sua frieza e reticência eram o resultado natural do tratamento que ela havia sofrido até aquele momento de sua vida. Ela havia sido abusada, eles tinham certeza — mas estavam errados.

Maomao fez tudo isso consigo mesma.

Ela estava mais interessada em descobrir em primeira mão os efeitos de vários medicamentos, analgésicos e outras misturas. Ela tomava pequenas doses de veneno para se habituar a eles, e era conhecida por se deixar morder por cobras venenosas. E quanto ao desmaio, bem, ela nem sempre acertava a dosagem. Foi também por isso que as feridas se concentraram no braço esquerdo: era preferível ao membro dominante, o direito.

Nada disso surgiu de qualquer tendência masoquista para a dor, mas foi alimentado inteiramente pelos interesses de uma garota cuja curiosidade intelectual se inclinava demais na direção de remédios e venenos. Foi o fardo de seu pai lidar com ela durante toda a sua vida. Sim, foi ele quem ensinou as letras a Maomao e primeiro a instruiu nos caminhos da medicina, na esperança de que ela visse um caminho a seguir na vida que não fosse a prostituição, embora ele tivesse sido obrigado a criá-la dentro e ao redor da zona de meretrício. Quando ele percebeu que tinha uma aluna muito apta nas mãos, já era tarde demais e as calúnias sobre ele já haviam começado a se espalhar. Houve alguns que entenderam, apenas alguns; mas a maioria voltou olhares frios e duros para o pai de Maomao. Eles nunca imaginaram, nem por um momento, que uma garota de sua idade pudesse cometer automutilação em nome da experimentação.

E assim a história parecia estar completa: depois de sofrer longos abusos nas mãos de seu pai, esta pobre criança foi vendida para o palácio interno, onde agora seria sacrificada para descobrir veneno na comida da consorte. Uma história triste, de fato.

E uma das quais a protagonista desconhecia totalmente.

Eu vou virar um porco nesse ritmo! Na altura em que Maomao começou a preocupar-se com esta possibilidade específica, os seus problemas foram agravados por uma visita muito indesejável.

"É um pouco tarde para você", disse consorte Gyokuyou quando um recém-chegado entrou na sala.

Quem chamou em questão foi o eunuco parecido com uma ninfa, desta vez com um de seus compatriotas a reboque. O lindo jovem evidentemente fazia rondas rotineiras nos aposentos das consortes superiores. Maomao provou os doces que o compatriota trouxera como veneno, depois retirou-se discretamente para trás da consorte Gyokuyou, onde ela se reclinou numa espreguiçadeira. Maomao estava substituindo Hongniang, que tinha ido trocar a fralda da princesa. Esses homens podem ter sido eunucos, mas ainda não lhes era permitida uma audiência com a consorte sem a presença de uma dama de companhia.

"Sim, houve rumores de que a tribo bárbara foi subjugada com sucesso."

"É? E o que vai acontecer?" Os olhos de Gyokuyou brilharam de curiosidade; este assunto foi mais que suficiente para despertar o interesse de um pássaro preso na gaiola que era o palácio interno. Embora fosse a favorita do imperador, Gyokuyou também ainda era jovem, não mais do que alguns ou três anos mais velha que a própria Maomao, como Maomao entendia.

"Não tenho certeza se é apropriado discutir na frente de uma senhora como você..."

"Eu não estaria aqui se não pudesse suportar tanto o belo quanto o terrível neste mundo", disse Gyokuyou corajosamente.

Jinshi olhou para Maomao, um olhar avaliador que desapareceu rapidamente. Ele insistiu que não havia nada de interessante no assunto, mas passou a falar do mundo fora da gaiola.

○●○

Alguns dias antes, um bando de guerreiros havia sido enviado, com a informação de que uma tribo estava mais uma vez tramando o mal. Este país era em grande parte pacífico, mas questões como esta por vezes prejudicavam a sua tranquilidade.

Os guerreiros repeliram com sucesso os batedores bárbaros que se aventuraram no território, quase sem nenhuma baixa digna de menção. O problema começou no caminho para casa. A comida do acampamento ficou comprometida e quase uma dúzia de homens contraiu intoxicação alimentar. Muitos ficaram profundamente desmoralizados. Eles obtiveram as provisões em uma aldeia próxima, pouco antes de entrarem em contato com os bárbaros. As aldeias nesta área faziam tecnicamente parte da nação de Maomao, mas historicamente não estavam isentas de ligações com as tribos bárbaras.

Um dos soldados, armado, prendeu o chefe da aldeia. Vários aldeões que tentaram resistir foram mortos no local por conspirarem com os bárbaros. O resto dos aldeões saberia seu destino depois que fosse determinado o que aconteceria com seu chefe.

○●○

Quando Jinshi entregou este resumo dos acontecimentos, ele tomou um gole de chá.

Isso é ultrajante. Maomao teve vontade de agarrar a cabeça dela com as mãos. Ela desejou nunca ter ouvido a história. Havia tantas coisas no mundo que seria mais feliz se não saber. O eunuco viu a ruga em sua testa e voltou seu belo rosto para ela.

Não olhe para mim.

Ah, se ao menos os desejos tornassem as coisas assim.

Os lábios de Jinshi formaram um arco suave enquanto ele observava a expressão de Maomao. Ele quase parecia estar testando-a com seu sorriso. “Algo em sua mente?”

Era tão bom quanto uma ordem para dizer alguma coisa, então ela precisava encontrar algo para dizer.

Será que isso importa? ela se perguntou. Mas uma coisa era certa: se ela não dissesse nada, pelo menos uma aldeia desapareceria do mapa da fronteira.

“Apresento-lhe apenas a minha opinião pessoal”, disse Maomao, e pegou um galho de um vaso próximo onde algumas flores haviam sido arranjadas. Este galho, que não tinha flores,

era de um rododendro. O mesmo tipo de ramo onde Maomao deixara a sua mensagem. Ela arrancou uma folha e colocou na boca.

“É saboroso?”, consorte Gyokuyou perguntou, mas Maomao balançou a cabeça.

"Não, senhora. Tocá-lo pode causar náusea e dificuldade para respirar.”

“E ainda assim você acabou de colocá-lo na boca”, disse Jinshi com um olhar sondador.

“Você não precisa se preocupar”, disse Maomao ao eunuco, colocando o galho sobre a mesa. “Mas veja, mesmo aqui no palácio interno, existem plantas venenosas. O veneno do rododendro está nas folhas, mas outros contêm suas toxinas nos galhos ou raízes. Alguns liberam veneno se você os queimar.” Essas dicas, suspeitava Maomao, seriam suficientes para levar os eunucos e a inteligente Gyokuyou a onde ela queria que eles fossem. Apesar de duvidar que fosse necessário continuar, ela o fez: “Quando acampados, os soldados fazem seus pauzinhos e fogueiras com materiais locais, não é?”

“Ah”, disse Jinshi.

“Mas isso—” Gyokuyou acrescentou.

Isso significaria que os aldeões foram punidos injustamente.

Maomao observou Jinshi esfregar o queixo, pensativo.

Não sei o quão importante esse Jinshi é...

Mas ela esperava que ele pudesse ajudar de alguma forma, por menor que fosse. Hongniang voltou com a princesa Lingli e Maomao saiu da sala.

Capítulo 8: Poção do Amor

Lá estava o jovem com sua beleza desumana e seu sorriso perpétuo e divino. Até a maneira como ele se sentava no sofá forrado de tecido da sala era elegante.

O *que ele quer hoje*? Maomao pensou. Seu frio distanciamento não foi compartilhado pelas três damas de companhia que coraram e saíram apressadas para preparar chá para o convidado. Maomao podia ouvi-las discutindo na sala ao lado sobre quem teria a honra de prepará-lo. Finalmente, Hongniang, exasperada, preparou ela mesma a bebida, mandando as outras três senhoras de volta para seus quartos. Elas foram com os ombros caídos, a própria imagem do desânimo.

Maomao, a provadora de comida, pegou a xícara de chá de prata e cheirou-a delicadamente antes de tomar um gole de chá. Jinshi a observou o tempo todo e isso a deixou inquieta. Ela apertou os olhos para não ter que encontrar os olhos dele. A maioria das jovens ficaria bastante satisfeita em receber a atenção de um homem tão bom, mesmo que ele fosse um eunuco. Mas não Maomao. Ela não compartilhava muito dos interesses das pessoas comuns, então mesmo que reconhecesse intelectualmente que Jinshi era intensamente bonito, ela ainda o observava à distância.

“Alguém me deu algumas guloseimas. Você poderia fazer a gentileza de prová-las também?”

Jinshi indicou uma cesta cheia de baozi (pão chinês). Maomao pegou um dos pães e abriu-o, descobrindo um recheio de carne picada e vegetais. Ela deu uma fungada; tinha um leve odor medicinal que ela reconheceu. Foi o mesmo que o reforço de resistência do outro dia.

“Um afrodisíaco”, disse ela.

“Você pode dizer sem provar?”

“Não é prejudicial falar sobre isso. Vá em frente e leve-os para casa com você. Aproveite-os."

“Acho que não conseguiria, sabendo de quem eles vieram.”

"De fato. Acho que você pode receber uma visita esta noite.” Maomao fez questão de parecer totalmente indiferente. Jinshi, que claramente não esperava essa reação, parecia perdido. Ele teve sorte de ela não ter lhe dado aquele olhar de quem estava olhando para

um verme. Dando a ela um pãozinho para provar quando ele sabia que tinha um afrodisíaco nele!

Restava a questão de quem lhe dera o baozi. Consorte Gyokuyou riu ao ouvir a conversa, sua voz como o tilintar de um sino. A princesa Lingli dormia pacificamente a seus pés.

Maomao fez uma reverência e saiu da sala.

“Só um momento, por favor.”

"Você precisa de mais alguma coisa, senhor?"

Jinshi e Gyokuyou trocaram um olhar e depois acenaram um para o outro. Parecia que eles já haviam discutido o que estava acontecendo – e isso envolvia Maomao.

“Talvez você pudesse fazer uma poção do amor.”

Por um instante, os olhos de Maomao brilharam com uma mistura de surpresa e curiosidade. *O que isso deveria significava?*

Ela não conseguia imaginar o que eles queriam com tal coisa, mas o assunto era um assunto que ela ficaria mais do que feliz em abordar. Obrigando-se a não sorrir, ela respondeu: “Preciso de três coisas: ferramentas, materiais e tempo”.

Ela poderia fazer uma poção do amor? Oh sim. Sim, ela poderia.

○●○

Jinshi se perguntou qual era o problema. Suas sobrancelhas franziram como galhos caídos de salgueiro e ele cruzou os braços. Jinshi era uma pessoa de tanta beleza que alguns diziam que se ele tivesse nascido mulher, poderia ter o país sob seu controle; na verdade, sustentou-se que, se quisesse, ele poderia ter convencido o próprio imperador a afirmar que o gênero não significava nada. Mas tal “elogio” não lhe trouxe prazer.

Hoje, enquanto caminhava pelo palácio dos fundos, ele mais uma vez se viu objeto de algo parecido com vaias, por parte de uma das consortes de posição intermediária e duas das de posição inferior, e até mesmo por dois funcionários masculinos separados no palácio. um militar e um burocrático. O oficial militar até lhe deu *dim sum** misturado com um tônico para resistência, então Jinshi decidiu abandonar suas rondas esta noite e retirar-se para seus quartos no palácio. Ele não estava relaxando; era para sua própria proteção.

Ele rapidamente notou alguns nomes no pergaminho aberto em sua mesa – os nomes das consortes que o chamaram hoje. Mesmo que ela recebesse poucas visitas do imperador, era terrivelmente audacioso da parte de uma mulher tentar convidar outro homem para seu quarto. A lista de Jinshi não era um relatório oficial, mas ele suspeitava que seria ainda menos provável que recebessem uma visita imperial depois disso.

Ele se perguntou quantos dos passarinhos presos naquela gaiola entendiam que sua própria beleza era uma pedra de teste para as mulheres do palácio interno. As mulheres foram escolhidas para serem consortes com base principalmente na origem familiar, mas a beleza e a inteligência também desempenharam o seu papel. Em comparação com as duas primeiras qualidades, a inteligência era mais difícil de medir. Eles também precisavam de uma educação digna de uma mãe para a nação e, claro, deveriam ter uma atitude casta.

O imperador, em um pequeno ajuste desagradável, fez de Jinshi o padrão para selecionar suas consortes. Na verdade, foi Jinshi quem recomendou Gyokuyou e Lihua. Gyokuyou foi atencioso e perspicaz. Lihua era mais emotiva, mas possuía maneiras incontestáveis. E ambos tinham lealdade inquestionável a Sua Majestade, sem sombra de sentimentos desagradáveis.

A consorte Lihua, porém, agora parecia não ter lugar na adoração de Sua Majestade.

O imperador pode ter sido o mestre de Jinshi, mas também era, na opinião de Jinshi, terrível. Ele criava concubinas puramente com base na utilidade delas para ele e para o país, engravidava-as e depois, quando as crianças não mostravam aptidões, ele as soltava.

No futuro, supôs Jinshi, a afeição imperial continuaria a inclinar-se cada vez mais para Gyokuyou. A morte do jovem príncipe marcou a última visita do imperador a Lihua, que agora parecia tão insubstancial quanto um fantasma. Lihua não era a única consorte de quem Sua Majestade parecia não ter mais necessidade. Essas mulheres seriam devolvidas silenciosamente às suas casas num momento oportuno, ou então dadas como esposas a vários funcionários.

Jinshi tirou um papel específico de sua pilha. Referia-se a uma consorte intermediária do Quarto Nível Superior, de nome Fuyou. Ela acabara de ser prometida em casamento ao líder do ataque à tribo bárbara, em reconhecimento ao seu valor militar. Verdade seja dita, eles apreciaram menos a destruição enérgica do inimigo por parte do homem do que a forma como ele restringiu certos elementos de temperamento explosivo entre suas próprias tropas. O fato de uma certa pequena aldeia ter sido culpada e punida por algo que não fez não foi um fato tornado público. Assim era a política.

“Agora, me pergunto se tudo correrá bem.”

Se tudo corresse como ele calculou mentalmente, não haveria problemas. Ele pode ter que contar com a apotecária fria para ajudá-lo com algumas coisas, no entanto. Ela acabou sendo ainda mais útil do que ele esperava.

Ela não foi a única que não demonstrou nenhum desejo especial por ele, mas foi a primeira a considerá-lo como se estivesse olhando para um verme. Ela parecia pensar que escondia bem o sentimento, mas o desdém estava claro em seu rosto.

Jinshi sorriu apesar de tudo. Aquele sorriso, como néctar do céu, diziam alguns, continha apenas uma sugestão de algo cruel. Ele não era masoquista propriamente dito, mas achou a reação da garota intrigante. Ele se sentia como uma criança com um brinquedo novo.

"Sim, *onde* tudo isso leva?”

Jinshi colocou os papéis sob um peso e decidiu dormir. Ele fez questão de trancar a porta caso recebesse visitantes indesejados durante a noite.

○●○

As pessoas falavam em “cura para tudo”, mas na verdade não havia remédio que curasse tudo. O pai dela sempre insistiu nisso, mas Maomao admitiu ter passado por uma fase em que ela rejeitou a sua reivindicação. Ela queria criar um medicamento que pudesse funcionar em qualquer pessoa, para qualquer condição. Foi isso que a levou a infligir aquelas feridas feias a si mesma e, de fato, resultou na criação de alguns novos medicamentos, mas uma verdadeira panaceia (medicamento que cura todos os males) não passava de um sonho.

Por mais que ela odiasse admitir, a história que Jinshi lhe contou foi suficiente para despertar o interesse de Maomao. Desde que chegou ao palácio interno, ela não conseguiu fazer muito mais do que chá doce de ameixa. Para sua surpresa, uma variedade de ervas medicinais cresciam nos terrenos do palácio dos fundos, mas ela não tinha os instrumentos necessários para fazer uso adequado delas, e tentar fazer qualquer coisa com elas teria atraído atenção indesejável em seus aposentos lotados. então ela se forçou a deixar as plantas em paz.

Era disso que ela mais gostava em ter seu próprio quarto. Agora ela só precisava de desculpas para ir buscar os ingredientes – lavar a roupa era conveniente. Ela suspeitava que

Hongniang logo providenciaria para que Maomao ficasse encarregado de toda a roupa lavada.

Agora ela chegou ao quarto que lhe disseram ser do médico, aparentemente para entregar roupa limpa. Ela entrou na sala e descobriu o lamentável charlatão junto com o eunuco que tantas vezes acompanhava Jinshi. O médico tinha um bigode que o fazia parecer um peixe botia, que ele acariciou enquanto lançava um olhar avaliador para Maomao. Ele parecia estar se perguntando o que aquela pequena jovem estava fazendo em seu território.

Agradeço-lhe por não olhar tão fixamente para uma jovem, pensamento louco.

O eunuco, em comparação, foi tão educado como se Maomao fosse seu próprio mestre, conduzindo-a graciosamente para dentro da sala. Quando Maomao viu o espaço, cercado por armários de remédios em três lados, foi dominada pelo maior sorriso que havia sorrido desde que chegara ao palácio interno. Suas bochechas coraram, seus olhos marejados e seus lábios passaram de uma linha fina e implacável para um arco suave.

O eunuco olhou para ela surpreso, mas por que ela se importava? Ela olhou para as etiquetas nas gavetas, fazendo uma espécie de dancinha quando avistou um produto farmacêutico especialmente incomum. A alegria era simplesmente demais para manter dentro de si.

"Ela está sob algum tipo de feitiço?" Maomao estava se entregando a esse êxtase há uma boa meia hora, sem saber que Jinshi havia aparecido na sala. Ele a observou com uma mistura de curiosidade e pura perplexidade.

Maomao foi fileira por fileira, coletando todos os ingredientes que pudesse usar. Cada um foi colocado em um saquinho separado, com o nome escrito cuidadosamente na embalagem. Numa época em que a maior parte da escrita ainda era feita em rolos de tiras de madeira, o uso extensivo de papel era um luxo. O médico bigodudo entrou espiando a sala, perguntando-se quem ou o que havia ali, mas o eunuco fechou a porta na cara dele. O nome do eunuco, Maomao descobriu, era Gaoshun. Ele tinha um semblante firme e um corpo bem constituído, e se não estivesse aqui no palácio interno, ela certamente o teria confundido com algum tipo de oficial militar. Ele parecia ser ajudante de Jinshi e era frequentemente visto em sua companhia.

Gaoshun educadamente foi buscar todos os remédios que estavam em gavetas altas demais para Maomao alcançar. Seu superior, entretanto, não fez nada. Maomao manteve uma expressão neutra, mas secretamente desejou que, se não fosse ser útil, iria embora.

Maomao viu um nome familiar em uma das gavetas de cima e esticou o pescoço para ver melhor. Gaoshun passou o material para ela e ela olhou maravilhada. Várias pequenas sementes repousavam na palma da sua mão. Eles eram exatamente o que ela precisava, mas não eram suficientes.

“Eu preciso de mais destes.”

“Então vamos simplesmente pegá-los”, disse o indolente eunuco com um sorriso indulgente. Como se fosse tão fácil.

“Eles vêm do oeste, depois do oeste e depois do sul.”

“O negócio é o comércio. Verificaremos as mercadorias que chegam e suspeito que encontraremos algumas.” Jinshi pegou uma das sementes entre os dedos. Assemelhava-se à semente de um damasco, mas tinha um aroma único. "Como isso é chamado?"

“Cacau”, respondeu Maomao.

*_Dim Sum_ é uma forma de culinária chinesa que consiste em uma variedade de pequenos pratos servidos em cestas de bambu ou pratos individuais. Esses pratos são tradicionalmente consumidos no café da manhã ou no almoço, e são uma parte essencial da cultura gastronômica chinesa.

Capítulo 9: Cacau

“Pelo menos agora compreendo sua eficácia”, disse Jinshi com um olhar irritado para Maomao.

“Eu também”, disse Maomao.

Jinshi parecia quase dominado pela cena catastrófica à sua frente. “Ugh,” ele disse, e não havia nenhum indício de seu habitual sorriso imparcial. Havia apenas cansaço em seu rosto. "Como isso aconteceu?"

Para responder a essa pergunta, teremos que voltar algumas horas no tempo.

O cacau que lhes foi enviado não estava mais em forma de semente, mas em pó. Todos os outros ingredientes solicitados por Maomao já haviam chegado à cozinha do Palácio de

Jade. Três das damas de companhia estavam ocupadas tentando observar, mas uma palavra de Hongniang as fez voltar correndo ao trabalho.

Leite, manteiga, açúcar, mel, aguardentes destiladas e frutos secos, e alguns óleos derivados de ervas aromáticas para dar um odor agradável a tudo. Todos ingredientes nutritivos – e caros – e todos úteis em uma mistura de resistência.

Maomao só provou cacau uma vez. Estava numa forma endurecida e adoçada chamada chocolate, e ela o recebeu de uma das prostitutas. Era um pedaço que mal tinha o tamanho da ponta do dedo, mas, ao comê-lo, ela sentiu que havia bebido um copo inteiro de uma bebida especialmente forte. Isso a deixou estranhamente tonta.

O chocolate era, explicou a mulher, um presente de um cliente especialmente desagradável que esperava comprar o afeto de uma garota que havia sido vendida para a prostituição, oferecendo-lhe um presente raro. Porém, quando a menina percebeu o estado alterado de Maomao, ficou profundamente zangada e a senhora do bordel proibiu o cliente de voltar. Mais tarde, descobriu-se que uma empresa comercial havia começado a vender a substância como afrodisíaco. Maomao conseguiu obter um punhado de sementes desde então, mas nunca as usou como remédio. Ninguém no bairro da luz vermelha ia até ela em busca de algo tão extravagante para um simples medicamento.

Mesmo agora, Maomao lembrava-se do chocolate pela forma como tinha sido endurecido com óleo e gordura. Sua ampla experiência com uma coleção eclética de remédios e venenos em todos os seus diversos sabores e aromas também lhe deu naturalmente uma excelente memória para ingredientes.

Ainda era a estação quente e ela suspeitava que a manteiga não endureceria bem, então decidiu cobrir algumas frutas. Um pouco de gelo seria perfeito, mas isso era obviamente impossível e não estava na lista de ingredientes. Em vez disso, ela pediu que fosse preparada uma grande jarra de água sem vidro. Estava cheio até a metade com água. À medida que a água evaporava, o interior do jarro ficava mais frio do que o ar externo, frio o suficiente para ajudar a endurecer as gorduras.

Maomao mergulhou uma colher na mistura e provou um pouco. Era amargo e doce ao mesmo tempo, e sua língua experiente também detectava elementos que melhorariam o humor. Ela era muito mais resistente a coisas como álcool e toxinas agora do que quando provou o primeiro chocolate, e isso não a afetou tanto. Mas ela ainda sabia que era uma coisa poderosa.

Talvez eu devesse diminuir um pouco as porções.

Ela cortou as frutas ao meio com um cutelo simples e depois mergulhou-as no líquido acastanhado. Ela os colocou em um prato e depois os colocou na jarra. Ela colocou uma tampa na jarra e cobriu-a com uma esteira de palha para escondê-la. Só faltou esperar o chocolate endurecer. Jinshi passaria para buscá-lo naquela noite; isso deve levar bastante tempo.

Acho que tenho um pouco mais...

Ela não tinha usado todo o líquido acastanhado. Os ingredientes eram extremamente caros e bastante nutritivos. Afrodisíaco ou não, teve um efeito mínimo em Maomao, então ela decidiu comê-lo mais tarde. Ela cortou um pouco de pão em cubos e molhou-os na mistura; dessa forma, ela também não teria que se preocupar com nenhum processo de resfriamento.

Ela colocou uma tampa no pote de líquido de cacau e colocou-o na prateleira. O resto dos ingredientes ela colocou em seu próprio quarto e depois se dirigiu à área de lavagem para limpar os utensílios. Ela deveria ter colocado o pão no quarto também, mas já estava pensando em outras coisas. Talvez o teste de sabor a tivesse deixado um pouco embriagada.

Bem, agora era tarde demais.

Aconteceu depois disso, enquanto Maomao estava fazendo tarefas para Hongniang, parando no caminho para colher algumas ervas medicinais para si mesma. O pão e o fato de que deveria ter ido para a prateleira foram eliminados da mente de Maomao. Ela voltou com um cesto de roupa suja cheio de ervas, muito satisfeita consigo mesma, apenas para ser saudada por Hongniang e consorte Gyokuyou, parecendo mortalmente pálidas e bastante perturbadas, respectivamente. Gaoshun também estava lá, o que implicava que Jinshi estava em algum lugar.

Hongniang só conseguiu colocar a mão na testa e apontar para a cozinha, então Maomao colocou o cesto de roupa suja nos braços de Gaoshun e se dirigiu até lá.

Ela descobriu Jinshi, parecendo irritado. A maneira delicada de colocar isso seria dizer que uma grande mistura de cores pêssego e vermelho claro se espalhava diante dela. O que quer dizer, mais claramente, que três damas de companhia estavam todas encostadas umas nas outras, dormindo profundamente. Suas roupas estavam desarrumadas, suas saias desgrenhadas revelando vislumbres lascivos de coxas.

"O *que* aconteceu aqui?" Hongniang exigiu de Maomao.

“Receio não estar na melhor posição para responder a essa pergunta”, respondeu ela. Ela foi até as três jovens e se agachou, baixando suas saias e examinando-as. “Está tudo bem, essa tentativa falhou—”

Hongniang, corando furiosamente, deu um tapa na nuca de Maomao.

Sobre a mesa estava o pão marrom. Faltavam três peças.

As meninas confundiram aquilo com um lanche da tarde.

O cansaço tomou conta dela depois que colocaram cada uma das meninas para dormir em seu próprio quarto. Na sala de estar, Gyokuyou e Jinshi olhavam para o pão de chocolate com certa admiração.

“Este é o seu afrodisíaco?” Gyokuyou perguntou.

"Não, senhora, é isso." Maomao deu-lhe a fruta com cobertura de chocolate. Aproximadamente trinta peças, cada uma do tamanho de uma unha do polegar.

"O que é *isso*, então?” Jinshi perguntou.

“Era para ser meu lanche antes de dormir.” Todos pareceram recuar um pouco com isso. Ela havia dito algo errado? Gaoshun e Hongniang pareciam mal acreditar no que viam. “Estou muito acostumada com bebidas espirituosas e estimulantes, por isso não os sinto muito.”

Certa vez, Maomao, em nome da ciência, preparou uma cobra venenosa em álcool e bebeu-a, para que pudesse ser chamada com segurança de uma bebedora experiente. Ela considerava o álcool uma espécie de remédio. Quanto mais suscetível alguém fosse a novas formas de estimulação, melhor o remédio funcionava. Veja este pão, por exemplo: aqui no Palácio de Jade ele passava por afrodisíaco, mas ela tinha que pensar que na terra de onde vieram os ingredientes seria substancialmente menos eficaz.

Jinshi pegou um dos pedaços de pão e olhou para ele em dúvida. “Eu me pergunto se posso experimentar um pedaço com segurança, então”, disse ele.

"*Não, senhor, não!*" Hongniang e Gaoshun choraram quase em uníssono. Maomao achou que esta era a primeira vez que ouvia Gaoshun falar.

Jinshi devolveu o pão, comentando que estava apenas brincando. Teria sido, é claro, impróprio para ele consumir um afrodisíaco conhecido na presença da consorte favorita do imperador, mas talvez ainda mais importante, dificilmente alguém poderia ter resistido a ele se ele tivesse vindo até ela com aquele jeito de ninfa. sorriso e um rubor nas bochechas. *Seu rosto, pelo menos*, refletiu Maomao, lhe dava crédito.

"Talvez eu devesse mandar fazer alguns para Sua Majestade", disse Gyokuyou divertida. "Isso pode afastá-lo de seus hábitos."

"Provavelmente funcionaria cerca de três vezes melhor do que um medicamento típico para resistência", informou Maomao.

Com isso, o rosto de Gyokuyou assumiu uma expressão difícil de ler. "Três vezes..." Ela murmurou algo sobre se poderia aguentar tanto tempo, mas os presentes fingiram não tê-la ouvido. Parecia que não era fácil ser concubina.

Maomao colocou os afrodisíacos em uma jarra tampada e entregou a Jinshi. "Eles são bastante potentes, então recomendo tomar apenas um de cada vez. Tomar muitos pode estimular demais o fluxo sanguíneo e produzir sangramento nasal. Além disso, o consumo deve ser limitado quando o paciente está sozinho com o parceiro."

Com essas instruções devidamente transmitidas, Jinshi levantou-se. Gaoshun e Hongniang saíram da sala para se prepararem para sua partida. A consorte Gyokuyou também acenou para ele e saiu com a princesa adormecida em uma transportadora.

Enquanto Maomao ia limpar o prato de pão, ela sentiu um aroma doce atrás dela.

"Obrigado. Eu coloquei você em muitos problemas." A voz também era doce, como mel. Maomao sentiu seu cabelo ser levantado e algo frio foi pressionado contra seu pescoço. Ela se virou a tempo de ver Jinshi acenando para ela ao sair da sala.

"Entendo." Quando ela olhou para o prato, descobriu que faltava um dos pedaços de pão. Ela tinha uma ideia de onde estava. "Só espero que ninguém se machuque", murmurou Maomao, mas ela não parecia pensar que isso tivesse muito a haver com ela.

A noite ainda era uma criança.

Capítulo 10: A Questão Inquietante do Espírito (Parte Um)

Yinghua, dama de companhia da consorte favorita do imperador, Gyokuyou, trabalhava fielmente, como fazia todos os dias. Tudo bem, ela havia adormecido no trabalho outro dia, mas sua graciosa patroa se absteve de puni-la. A única maneira de recompensá-la, então, era trabalhar até os ossos. Ela se certificaria de polir cada peitoral da janela, cada grade, até que brilhasse. Normalmente, isso não era algo que se esperasse que uma dama de companhia fizesse, mas Yinghua não hesitava em fazer o trabalho de uma criada. A consorte Gyokuyou disse o quanto ela gostava de trabalhadoras esforçadas.

Consorte Gyokuyou e Yinghua vieram de uma cidade no oeste. O clima ali era seco e a área não tinha recursos especiais dignos de nota e estava periodicamente sujeita a secas. Yinghua e as outras damas de companhia eram todas filhas de funcionários, mas ela não se lembrava de sua vida em sua cidade natal como especialmente luxuosa. Era o tipo de lugar empobrecido onde até uma filha da burocracia tinha de trabalhar se não quisesse morrer de fome.

E então Gyokuyou foi levada para o palácio, e o mundo começou a notar sua casa. Quando a consorte recebeu as atenções especiais do imperador, a burocracia central não conseguiu mais esconder de onde ela veio. Mas Gyokuyou era uma mulher inteligente. Ela não se contentava em ser simplesmente um enfeite mimado. E Yinghua estava decidida a seguir sua senhora aonde quer que ela fosse, inclusive até o palácio interno. Nem todas as damas de Gyokuyou demonstraram a mesma dedicação, mas aquelas que permaneceram simplesmente resolveram trabalhar ainda mais para compensar a diferença.

Quando Yinghua foi até a cozinha para organizar os utensílios, ela descobriu a nova garota ali, fazendo alguma coisa. Maomao era seu nome, lembrou Yinghua, mas ela se mostrou tão taciturna que ninguém tinha certeza de que tipo de pessoa ela realmente era. No entanto, a consorte Gyokuyou era uma juíza de caráter incomumente forte, então era improvável que Maomao fosse um ovo ruim.

Na verdade, Yinghua sentiu pena dela. As cicatrizes em seu braço obviamente indicavam um histórico de abuso, após o qual ela foi vendida para o serviço militar e agora era obrigada a provar comida como veneno. Foi o suficiente para trazer lágrimas aos olhos de uma dama de companhia. Elas continuaram aumentando suas porções no jantar, na esperança de engordar a garota magra, e se recusaram a deixá-la fazer a limpeza para que ela não tivesse que revelar seus ferimentos para o resto do mundo. Yinghua e suas duas

companheiras estavam de acordo em tudo isso e, como resultado, Maomao frequentemente se via com pouco o que fazer.

Yinghua ficou bastante feliz com isso. Ela e as outras meninas eram mais do que capazes de cuidar do trabalho sozinhas. Hongniang, a principal dama de companhia, não concordou exatamente e pelo menos deu a roupa para Maomao cuidar. Era apenas carregar a roupa suja em uma cesta, para que suas cicatrizes não ficassem óbvias. Ela também contratou Maomao para tarefas diversas quando necessário.

Carregar cestos de roupa suja também não era trabalho de uma dama de companhia, mas era feito adequadamente pelas criadas das grandes salas comunitárias. Mas desde que uma agulha venenosa foi descoberta nas roupas da consorte Gyokuyou, Yinghua e as outras começaram a cuidar da lavagem sozinhas. Foram incidentes como esse que as inspiraram a se rebaixarem como se fossem simples serventes. Aqui no palácio interno, elas estavam cercadas por inimigos.

"O que você está fazendo?"

Maomao estava fervendo algo que parecia grama em uma panela. “É um remédio para resfriado.” Ela sempre respondia com o mínimo absoluto de palavras. Foi compreensível – comovente, na verdade – perceber o quão difícil ela deve achar para se aproximar das pessoas como resultado de seu abuso.

Maomao tinha profundo conhecimento de medicina e ocasionalmente fazia algo assim. Ela sempre se limpava bem, e a pomada anti-rachaduras que ela deu a Yinghua recentemente era uma coisa preciosa, então Yinghua não se opôs. Às vezes, Maomao até produzia as misturas a pedido de Hongniang.

Yinghua pegou alguns pratos de prata e começou a poli-los diligentemente com um pano seco. Maomao raramente falava muito, mas sabia ser uma ouvinte educada numa conversa, por isso nunca fazia mal falar com ela. E foi isso que Yinghua fez, contando a ela alguns rumores que ouvira recentemente. Histórias de uma mulher pálida que dançava no ar.

○●○

Maomao dirigiu-se ao consultório médico com seu remédio para resfriado completo e um cesto de roupa suja. Era direito do médico dar o seu aval a qualquer medicamento, mesmo que fosse apenas por uma questão de formalidade.

Esse espírito apareceu de repente no último mês? Maomao balançou a cabeça diante da história de fantasmas comum. Ela não tinha ouvido nada parecido antes de chegar ao Palácio de Jade e, como confiava em Xiaolan para lhe contar qualquer coisa que valesse a pena ouvir, ela tinha que pensar que o boato era recente.

O palácio interno era cercado pelo que equivalia a muralhas de castelos. Os portões em cada parede eram as únicas entradas ou saídas; um fosso profundo do outro lado da barreira impedia a intrusão e a fuga. Alguns diziam que havia ex-concubinas, pretensas fugitivas do palácio interno, afundadas no fundo daquele fosso até agora.

Então o fantasma deveria aparecer perto do portão, hein?

Não havia edifícios nas imediações, apenas uma extensa floresta de pinheiros.

Começou no final do verão.

Era a hora de colher alguma coisa.

Assim que ela teve esse pensamento perverso, Maomao ouviu uma voz, uma voz que a desagradou, mas que sempre parecia estar atrás dela especificamente.

"Trabalhando duro de novo, pelo que vejo."

Maomao recebeu o sorriso do homem, lindo como uma flor de peônia, com indiferença estudiosa. "Trabalhando mal, senhor, eu lhe garanto."

O consultório médico ficava ao lado do portão central, ao sul, perto da sede dos três escritórios principais que supervisionavam o funcionamento do palácio interno. Jinshi podia ser visto lá com frequência. Como eunuco, seu lugar adequado era no Departamento de Serviço Doméstico, mas esse homem parecia não ter um emprego específico; na verdade, ele quase parecia supervisionar todo o palácio.

É quase como se ele estivesse acima da cabeça da Matrona das Mulheres Servidoras.

Sempre foi possível que ele fosse o guardião do atual imperador, mas considerando que Jinshi parecia ter cerca de vinte anos, era difícil imaginar. Talvez ele fosse filho do imperador ou algo assim, mas então por que se tornar um eunuco? Ele parecia próximo da consorte Gyokuyou; talvez ele fosse seu guardião, ou talvez...

O *amante do imperador...?*

As relações entre o imperador e Gyokuyou sempre pareciam perfeitamente normais quando Sua Majestade vinha visitá-lo, mas as coisas nem sempre eram o que pareciam. Maomao se cansou de tentar avaliar as possibilidades e então decidiu por esta última. Isso foi mais fácil.

"Seu rosto diz que você está tendo o pensamento mais impertinente do mundo", disse Jinshi, semicerrando os olhos para ela.

"Tem certeza de que não está imaginando isso?" Ela fez uma reverência para ele e entrou no consultório médico, onde o médico charlatão e bigodudo estava pulverizando diligentemente algo em um pilão. Maomao percebeu que, no caso dele, não se tratava de um passo para preparar uma mistura médica, mas simplesmente uma forma de passar o tempo. Caso contrário, por que ele precisaria que ela lhe desse qualquer remédio que ela fizesse? O médico parecia não conhecer senão as receitas ou técnicas medicinais mais rudimentares.

A equipe médica estava sempre com falta de pessoal, como se poderia supor no palácio interno. As mulheres não tinham permissão para se tornarem médicas e, embora muitos homens desejassem ser, poucos desejavam também se tornar eunucos. O velho charlatão a princípio tratou Maomao como uma garotinha perturbadora, mas sua atitude suavizou-se quando viu os remédios que ela preparava. Agora ele servia chá e lanches e compartilhava com prazer com ela quaisquer ingredientes que ela precisasse, mas embora ela estivesse grata por isso, ela questionava o que isso dizia sobre ele como médico. A confidencialidade parecia pouco preocupante para ele.

Eu me pergunto se isso está realmente certo. Maomao cogitaria a ideia, mas não diria nada. O arranjo atual era conveniente demais para ela.

"Você poderia fazer a gentileza de verificar este remédio que eu fiz?"

"Ah, olá, mocinha. Claro, espere só um momento." Ele trouxe lanches e algum tipo de chá. Chega de pães doces; havia biscoitos de arroz hoje. Para Maomao, tudo bem, que preferia um sabor mais picante. Parecia que o médico tinha sido tão gentil ao lembrar-se de suas preferências. Ela tinha a sensação contínua de que ele estava tentando cair nas boas graças dela, mas isso não a incomodava. Ele poderia ter sido um charlatão, mas era uma pessoa decente.

“Certamente há o suficiente para mim também?” uma voz melosa disse atrás dela. Ela não precisou se virar; ela praticamente podia sentir sua refulgência no ar. Você já deve saber quem era: Jinshi, em carne e osso.

O médico, com um misto de surpresa e entusiasmo, prontamente trocou os biscoitos e o zacha – chá velho com aromatizantes – pelo mais desejável chá branco e bolos de lua.

Meus biscoitos de arroz...

O sorriso radiante sentou-se ao lado de Maomao. Devido à diferença social, eles nunca deveriam ter ficado sentados lado a lado, mas aqui estavam eles. Pode ter parecido um gesto de extrema magnanimidade, mas Maomao sentiu algo muito diferente nele, algo contundente.

“Sinto muito pelo incômodo, doutor, mas você poderia ir lá atrás e buscar isso para mim?” Jinshi entregou ao charlatão um pedaço de papel. Mesmo sem ter uma visão clara, Maomao pôde ver uma lista abundante de medicamentos. Isso manteria o médico ocupado por um tempo. O charlatão semicerrou os olhos para ver a lista e depois recuou tristemente para a sala dos fundos.

Então esse foi o plano o tempo todo.

"O que exatamente você quer?" Maomao perguntou sem rodeios, tomando um gole de chá.

“Você já ouviu falar da comoção em relação ao fantasma?”

“Não mais do que rumores.”

“Então você já ouviu falar em sonambulismo?”

O brilho nos olhos de Maomao com aquela palavra não passou despercebido por Jinshi. Um pouco de satisfação perversa apareceu em seu lindo sorriso. Ele acariciou a bochecha de Maomao com a palma larga. “E você saberia como curar isso?” Sua voz era doce como um licor de frutas.

“Não tenho a menor ideia.” Maomao recusou-se a ser autodepreciativa, mas também não queria exagerar suas habilidades. Ela já havia encontrado praticamente todos os tipos de doenças e visto muitas delas em pacientes. Assim, ela poderia dizer com confiança o que disse a seguir: “Não pode ser ajudado com remédios”.

Foi uma doença do espírito. Quando uma prostituta foi afetada por esta doença, o pai de Maomao não fez nada para a tratar, porque não havia tratamento para dar.

“Mas com algo diferente de remédio...?” Jinshi queria saber qualquer cura potencial.

“Minha especialidade é farmacêutica.” Ela pensou que isso era o mais enfático que poderia ser, mas então percebeu que ainda podia ver o lindo rosto, agora envolto em angústia, flutuando em sua visão periférica.

Não olhe nos olhos dele...

Maomao evitou seu olhar, como se fosse um animal selvagem. Ou pelo menos ela tentou, mas simplesmente não foi possível. Ele deslizou para ficar de frente para ela. Fale sobre ser persistente. Fale sobre ser irritante. Maomao não teve escolha senão admitir a derrota.

"Tudo bem. Eu ajudo você", disse ela, mas teve o cuidado de parecer muito infeliz com isso.

Gaoshun chegou para buscá-la por volta da meia-noite. Eles estavam saindo para testemunhar a doença em questão. A natureza taciturna de Gaoshun e o rosto muitas vezes inexpressivo poderiam tê-lo feito parecer inacessível, mas Maomao na verdade gostou bastante. Doces combinavam melhor com alimentos em conserva. Gaoshun foi o complemento perfeito para a atitude melosa de Jinshi.

Ele não parece um eunuco.

Muitos eunucos tornaram-se afeminados porque o seu yang biológico foi removido à força. Eles deixavam crescer poucos pêlos no corpo, tinham personalidades gentis e uma tendência à obesidade à medida que seus apetites sexuais eram substituídos pelos culinários.

O médico charlatão foi o exemplo mais óbvio. Ele se parecia com qualquer outro homem de meia-idade, mas sua fala o fazia parecer o dono de alguma casa mercantil abastada. Gaoshun, por sua vez, não tinha muitos pelos no corpo, mas o que havia era grosso e preto, e se ele não morasse no palácio interno teria sido fácil considerá-lo um oficial militar.

Eu me pergunto o que o levou a escolher esse caminho. Até Maomao entendeu que perguntar seria algo além dos limites. Ela simplesmente assentiu em silêncio e foi com ele.

Gaoshun liderou o caminho, segurando uma lanterna em uma das mãos. A lua estava apenas meio cheia, mas era uma noite sem nuvens e toda a sua luz chegava até eles.

Maomao nunca tinha saído tão tarde da noite no palácio interno: era como se fosse um mundo diferente. De vez em quando ela pensava ter ouvido um farfalhar, e talvez alguns gemidos, vindos dos arbustos aqui ou ali, mas decidiu ignorá-los. O imperador era o único homem de verdade permitido no palácio interno, então não era culpa das mulheres se os encontros românticos aqui começassem a assumir formas menos típicas.

"Senhora Maomao", começou Gaoshun, mas Maomao sentiu algum escrúpulo com o modo educado de se dirigir.

"Por favor, você não precisa me chamar assim", disse ela. "Sua posição está muito acima da minha, Mestre Gaoshun."

Gaoshun passou a mão pelo queixo enquanto considerava isso. Por fim, ele disse: "Xiao Mao, então", uma forma diminuta do nome dela que era exatamente o oposto de "Senhorita Maomao".

Isso talvez seja um pouco familiar demais, Maomao pensou, percebendo que talvez Gaoshun tivesse um coração mais leve do que parecia à primeira vista, mas mesmo assim ela assentiu.

"Talvez", aventurou-se Gaoshun agora, "eu possa pedir que você pare de considerar o Mestre Jinshi da mesma maneira que faria com um verme."

Droga. Eles notaram.

Suas reações estavam se tornando muito automáticas recentemente; sua expressão impassível não conseguia mais escondê-las. Ela não esperava ser decapitada na hora ou algo assim, mas teria que se controlar. Do ponto de vista desses notáveis, Maomao era o verme.

"Ora, hoje ele me contou que você olhou para ele como se ele fosse uma lesma."

Bem, ele certamente parecia especialmente viscoso.

O fato de ele ter informado Gaoshun sobre todos os olhares depreciativos de Maomao, pensou ela, demonstrava tanto sua tenacidade quanto sua aspereza. Isso não dizia muito sobre ele como homem... ou ex-homem, talvez.

“Ele sorriu amplamente enquanto me contava, com os olhos marejados e todo o corpo tremendo. Na verdade, nunca vi uma alegria expressa de forma tão singular.”

Maomao absorveu a descrição de Gaoshun (certamente ele sabia que isso só poderia causar mal-entendidos?) Com total seriedade. Na verdade, ela estava rebaixando Jinshi de verme para sujeira enquanto respondia: “Estarei mais atenta no futuro”.

"Obrigado. Aqueles sem imunidade tendem a desmaiar à primeira vista. É um grande esforço manter o controle disso.” O suspiro com que Gaoshun acompanhou esta observação carregava uma nota inconfundível de frustração. Maomao presumiu que esta não era a primeira vez que ele teve que limpar a sujeira de Jinshi. Ter um superior puro demais era seu próprio tipo de dificuldade.

O curso dessa cansativa conversa os levou ao portão do lado leste. As paredes eram cerca de quatro vezes mais altas que Maomao. O grande fosso profundo do outro lado exigia que uma ponte fosse baixada quando provisões ou suprimentos eram trazidos, ou nas trocas ocasionais de criadas. Em suma, fugir do palácio interno era enfrentar o castigo final.

A entrada era pelo portão duplo com guarita em ambos os lados, e o portão estava sempre vigiado. Dois eunucos por dentro, dois soldados por fora. A ponte levadiça era pesada demais para ser levantada ou baixada apenas com mão de obra, então duas cabeças de bois estavam disponíveis para fazer o trabalho. Maomao foi tomada pelo desejo de ir até a floresta de pinheiros próxima em busca de ingredientes, mas com Gaoshun ali ela teve que se conter. Em vez disso, sentou-se no pavilhão ao ar livre do jardim.

E então, ali, à luz da meia-lua, ela apareceu.

“Lá está ela”, disse Gaoshun, apontando. Maomao olhou e viu algo inacreditável: a figura de uma mulher pálida quase flutuando no ar. Seu vestido longo se arrastava atrás dela, seus pés movendo-se graciosamente sobre a parede como se estivesse dançando. Ela estremeceu e suas roupas ondularam como se estivessem vivas. Seus longos cabelos negros brilhavam no escuro, emprestando-lhe uma espécie de halo (Auréola de luz) fraco. Ela era tão linda que parecia quase irreal. Parecia algo saído de uma fantasia, como se eles tivessem entrado na lendária vila dos pêssegos.

“Como um hibisco sob as estrelas”, disse Maomao de repente. Gaoshun pareceu surpreso, mas depois murmurou: “Você aprende rápido”.

O nome da mulher era Fuyou, “hibisco”, e ela era uma consorte de classe média. E no mês seguinte ela seria dada em casamento a um certo funcionário, como recompensa pelo seu excelente trabalho.

Capítulo 11: A Questão Inquietante do Espírito (Parte Dois)

O sonambulismo era uma condição muito misteriosa. Fazia com que alguém se movesse como se estivesse acordado, mesmo quando estava dormindo. A causa pode ser algum tipo de distúrbio cardíaco, algo que nenhuma quantidade ou tipo de medicamento poderia curar. Pois não havia remédio para acalmar um espírito perturbado.

Maomao conhecia uma cortesã que sofria dessa doença. Ela tinha uma disposição alegre, uma boa cantora, e um homem até falava em comprá-la para sair da prostituição. Mas as negociações fracassaram, pois todas as noites ela vagava pelo bordel como uma mulher possuída. Rumores feios começaram a persegui-la. Certa noite, quando a senhora tentou contê-la para impedi-la de andar, a mulher a arranhou tanto que ela sangrou.

No dia seguinte, as outras mulheres confrontaram-na sobre o seu comportamento, mas a cortesã disse alegremente: “Meu Deus, senhoras, sobre o que vocês estão falando?"

A mulher não se lembrava de nada, mas seus pés descalços estavam cobertos de lama e arranhões.

○●○

“E o que aconteceu com ela?” Jinshi perguntou. Ele, Maomao e Gaoshun estavam juntos na sala de estar, junto com a consorte Gyokuyou. Hongniang estava cuidando da princesinha.

“Nada”, disse Maomao secamente. “Quando as discussões sobre sua emancipação terminaram, o mesmo aconteceu com ela vagando por aí.”

“Será que as discussões a incomodaram, então?” Gyokuyou perguntou com um olhar confuso.

Maomao assentiu. "Parece provável. O pretendente era o chefe de um grande negócio, mas era um homem que já não só tinha esposa e filhos, mas também netos. De qualquer forma, o contrato da mulher terminaria com mais um ano de trabalho. Talvez ela achasse a ideia de trabalhar mais um ano melhor do que se casar com um homem em quem ela não tinha interesse. No final, a mulher havia cumprido o restante do seu contrato sem mais ofertas para comprá-la.”

“A agitação emocional excepcional geralmente resulta em perambulações assim, por isso tentamos dar-lhe perfumes e remédios que pudessem ajudar a acalmá-la. Eles a relaxaram um pouco, mas não fizeram muito mais.” Maomao sempre foi quem preparou as misturas, não seu pai.

“Hmm,” Jinshi disse com mais do que um toque de tédio. “E isso é realmente tudo que existe nessa história?”

"Isso é tudo." Maomao lutou para não zombar do olhar lânguido de Jinshi. Gaoshun sentou-se ao lado dele, encorajando-a silenciosamente nesse esforço. “Se isso é tudo que você precisa, preciso voltar ao trabalho”, disse Maomao. Então ela se curvou e saiu da sala.

Vamos voltar um pouco no tempo. No dia seguinte ao testemunho do espírito, Maomao foi ver sua tagarela favorita, Xiaolan. Xiaolan estava sempre tentando arrancar informações sobre Gyokuyou de Maomao, então desta vez Maomao lhe deu algumas informações inócuas em troca do que ela sabia sobre o fantasma.

O problema havia começado cerca de duas semanas antes. O espírito foi avistado pela primeira vez no bairro norte. Pouco depois, começou a ser visto no bairro leste e começou a aparecer todas as noites. Os guardas, assustados com toda a situação, nada fizeram a respeito. Mas como a situação não parecia causar nenhum dano, ninguém os puniu pela sua inação.

Parecia que o fosso profundo, os muros altos e a impenetrabilidade geral do palácio interno tinham deixado os guardas suscetíveis a tais medos. Inútil para segurança.

Em seguida, Maomao foi ver o charlatão. Seus lábios soltos lhe contaram algo novo sobre a princesa Fuyou, como ela não estava bem ultimamente. Ela era a terceira princesa de um estado vassalo tão pequeno que poderia ter sido arrancado com um dedo; embora ela tenha recebido o título de “Princesa”, ela era na verdade pouco mais do que uma concubina de alto nível. Ela tinha um prédio no bairro norte. Ela gostava de dançar, mas estava nervosa e tensa, e uma vez cometeu um erro ao dançar para Sua Majestade. As outras consortes presentes riram dela e, desde então, ela se recusou a sair do quarto. Uma alma sensível, pode-se dizer.

A princesa Fuyou não tinha outras qualidades notáveis além de dançar, e foi dito que nos dois anos desde que ela chegou ao palácio interno, Sua Majestade não passou a noite com ela nenhuma vez. Agora ela seria dada em casamento a um oficial militar, um velho amigo dela, e esperava-se que pudesse ser feliz.

Meu pai sempre disse para não dizer nada baseado em suposições, Maomao pensou.

E então ela decidiu não fazê-lo.

A princesa, pálida e recatada, corava ao passar pelo portão central. Ela não era incomumente bonita, mas sua felicidade palpável provocava gritos de admiração dos espectadores. Um olhar coletivo de expectativa voltou-se para o portão.

Se alguém fosse dar em casamento, esse era o ideal. Era assim que deveria ser.

"Certamente você pode pelo menos me dizer?", consorte Gyokuyou disse com um sorriso brilhante. Embora ela já fosse mãe de uma menina, na verdade ela ainda não tinha vinte anos e o sorriso tinha um toque infantil.

O que devo fazer? Maomao pensou. A consorte Gyokuyou fixou-a com seu melhor olhar e não desistiu, e por fim Maomao cedeu. “Se você entende que o que vou dizer é, em última análise, apenas especulação”, disse ela com um suspiro. "E se você prometer não ficar com raiva."

“Claro que não vou ficar com raiva. Fui eu quem perguntou.”

Hmm. Parecia que ela não tinha escolha a não ser conversar. Maomao se preparou. “E você não vai contar a mais ninguém.”

"Os meus lábios estão selados." Gyokuyou parecia quase irreverente, mas Maomao decidiu confiar nela. Então ela contou a consorte a história da cortesã sonâmbula. Não aquele que ela contou a Jinshi e ao resto deles no dia anterior. Uma história diferente.

Assim como a outra cortesã, a condição se manifestou pela primeira vez quando um pretendente propôs resgatá-la do contrato. As negociações fracassaram – isso era igual à outra história. Mas esta mulher não parou de ter sonambulismo, e os perfumes e remédios que deram algum alívio à primeira cortesã não ajudaram em nada.

Então, outra pessoa se ofereceu para rescindir o contrato da mulher. A senhora disse que não poderia expulsar uma pessoa doente daquela maneira, mas o pretendente insistiu que eles ainda estavam interessados. E assim o acordo foi selado, pela metade do preço em prata da oferta do primeiro homem.

“Soubemos mais tarde que sempre foi uma trapaça.”

"Para quem?"

“O primeiro homem que veio com uma oferta era amigo do segundo. Sabendo que a mulher iria fingir estar doente, ele interrompeu as negociações. Então seu amigo apareceu e a comprou pela metade do preço.”

“Esta cortesã ainda tinha uma quantidade substancial de tempo restante em seu contrato, e a prata que o homem pagou por ela não foi suficiente para cobrir.”

“E você está sugerindo que essas mulheres e a princesa Fuyou têm algo em comum?”

O oficial militar, o velho amigo, podia pertencer ao mesmo estado vassalo, mas mesmo assim não tinha uma posição social suficientemente elevada para tentar casar com uma princesa. Ele esperava realizar atos valorosos o suficiente para que um dia pudesse pedir a mão dela. A política interveio e Fuyou se viu no palácio interno. Ainda ansiando por seu oficial, a princesa estragou deliberadamente sua dança, que de outra forma seria bem-sucedida, para garantir que não chamaria a atenção do imperador. Então ela se trancou em seu quarto até não parecer mais do que uma sombra no palácio.

Assim como ela pretendia, ela ainda estava pura ao final de dois anos, o imperador nunca a visitou nenhuma vez. O oficial militar havia realizado seus feitos valorosos e agora, quando iria receber a princesa Fuyou em casamento, ela começou a manifestar essas misteriosas andanças. Ela estava tentando garantir que Sua Majestade não teria motivos para ter dúvidas sobre mandá-la embora, nenhum motivo para torná-la repentinamente sua companheira de cama.

Afinal, existem alguns homens inescrupulosos e poderosos que não suportam ver uma mulher ir para outra pessoa, mesmo uma mulher que eles nunca valorizaram. Se Sua Majestade levasse a princesa Fuyou para seu quarto, ela não poderia se casar até mais tarde. E a própria Fuyou, meticulosa com sua castidade, seria incapaz de enfrentar seu amigo de infância depois de passar a noite com o imperador.

Além disso, talvez a sua dança junto ao portão oriental fosse, em parte, uma prece pela segurança do amigo nas suas expedições.

“Mais uma vez, devo salientar que isto é apenas especulação”, disse Maomao calmamente.

“Bem... não posso dizer que você esteja errado no que diz respeito a Sua Majestade.”

O vigoroso imperador poderia encontrar seu interesse despertado em alguém que um de seus subordinados obviamente valorizava tanto. Ele visitava Gyokuyou uma vez a cada poucos dias, e algumas das noites em que não visitava podiam ser explicadas pela necessidade de atender a negócios oficiais. Mas nem todos eles. Um dos deveres de Sua Majestade era produzir o maior número possível de filhos.

“Suponho que seria uma pessoa horrível dizer que senti ciúmes da princesa Fuyou.”

Maomao balançou a cabeça. "Eu não acho." Ela estava mais ou menos convencida de que havia resolvido as coisas corretamente, mas não sentiu nenhum impulso especial de contar a Jinshi. Todas as mulheres envolvidas ficariam mais felizes assim. Sua ignorância era a felicidade deles. Ela queria que seu sorriso permanecesse tão suave e inocente quanto era.

Parecia que tudo estava resolvido...

Mas, na verdade, um mistério ainda permanecia.

“Como ela chegou até lá?” Maomao perguntou, olhando para uma parede quatro vezes mais alta que ela. Talvez ela tivesse que investigar isso algum dia.

Enquanto dançava naquela noite, a princesa Fuyou parecia realmente linda, como a heroína de um dos pergaminhos ilustrados de histórias que as mulheres tanto gostavam. Era quase difícil acreditar que ela era a mesma mulher estóica e reticente princesa.

Maomao voltou ao Palácio de Jade, mas seus pensamentos eram menos elevados do que isso: se ao menos ela pudesse engarrafar o amor. Que remédio seria aquele que tornaria uma mulher tão bonita!

Capítulo 12: A Ameaça

Houve um acidente. O mingau de batata cozida e grãos saiu voando, junto com o chá e as frutas amassadas. Maomao, com as roupas encharcadas de mingau, olhou para a pessoa à sua frente.

"Você se atreveria a servir esta tripa para Lady Lihua? Faça de novo e faça certo desta vez!" Uma jovem muito maquiada estava olhando para Maomao. Uma das damas de companhia da consorte Lihua.

Ugh, *que dor*. Maomao suspirou e começou a recolher a louça e limpar a comida derramada.

Ela estava no Palácio de Cristal, residência de Lady Lihua. Olhares hostis a cercaram. Olhares zombeteiros, olhos desdenhosos e expressões francamente hostis. Para uma serva da consorte Gyokuyou como Maomao, este era verdadeiramente território inimigo, uma cama de pregos.

Sua Majestade foi aos aposentos de Gyokuyou na noite anterior. Maomao sentiu o gosto da comida por veneno, como sempre fazia, e estava prestes a sair da sala quando o próprio imperador lhe falou: "Tenho um pedido para a apotecária de quem tanto ouvi falar".

Me pergunto o que exatamente ele ouviu.

O imperador era um homem robusto e bonito, com apenas trinta e poucos anos. E ele era o governante absoluto desta nação – não é de admirar que ele deslumbrasse as mulheres do palácio interno. Maomao foi uma das poucas exceções. Aproximadamente a única coisa que ela pensou do imperador foi: "*Essa é uma barba muito longa. Eu me pergunto como é tocar*."

Agora ela perguntou: "O que poderia ser isso, Majestade?" com uma reverência respeitosa de cabeça. Ela sabia que era insignificante diante do imperador, que um sopro de Sua Majestade poderia acabar com sua vida, e ela queria sair da sala antes que acidentalmente violasse a etiqueta de alguma forma.

"Consorte Lihua não está se sentindo bem. Talvez você pudesse cuidar dela por um tempo."

Bem, aí estava. E como Maomao queria que sua cabeça e seus ombros mantivessem relações estreitas por muito tempo, a única resposta possível era: "Claro, senhor".

Ao *cuidar dela*, Maomao entendeu que Sua Majestade significava deixá-la melhor. O imperador não favorecia mais a consorte Lihua com suas visitas, mas talvez algum vestígio de sua afeição permanecesse — ou talvez ele simplesmente soubesse que não poderia negligenciar a filha de um homem poderoso. Não fez diferença. Se Maomao não a ajudasse, ela não poderia esperar segurar a cabeça por muito tempo. Por assim dizer, ela e Lihua compartilhariam o mesmo destino.

O fato de o imperador ter perguntado isto a uma jovem como Maomao significava que ou ele sabia perfeitamente que não se podia confiar no médico do palácio interno, ou que não se importava se um deles ou ambos morressem. Em ambos os casos, foi um pedido imprudente de se fazer. Quanto mais tempo Maomao passava com essas pessoas que governavam no Palácio Imperial – que viviam "acima das nuvens", como dizia a expressão tradicional – mais ela se pegava pensando em quantos problemas todos os seus comandos e desejos causavam.

Ainda assim, ele realmente tinha que me perguntar bem na frente de sua outra consorte?

Ela quase ficou maravilhada com um homem que poderia fazer um pedido como o dela, depois comer uma refeição luxuosa e ter intimidade com a consorte Gyokuyou imediatamente depois. Talvez isso tenha sido apenas um imperador para você.

Quando Maomao começou a "cuidar" da consorte Lihua, a primeira coisa que ela olhou foi para melhorar a dieta da mulher. O pó facial venenoso foi proibido de ser usado no palácio interno por ordem de Jinshi, e uma punição completa foi imposta aos mercadores que o trouxeram em primeiro lugar. Não seria possível conseguir mais coisas daqui em diante.

Nesse caso, a prioridade deveria ser eliminar as toxinas restantes do corpo de Lihua. Suas refeições atuais eram baseadas em mingau sem graça, mas frequentemente era coberto com coisas como peixe frito, carne de porco grelhada, pãezinhos de feijão vermelho e branco e outros alimentos ricos como barbatana de tubarão ou caranguejo. Nutritivo, é verdade, mas pesado demais para o estômago de um convalescente.

Obrigando-se a não salivar, Maomao disse à cozinheira para mudar o cardápio. O peso de uma missão imperial dava até mesmo a uma dama de companhia sem importância como Maomao uma certa autoridade, e as refeições de Lihua eram feitas para consistir em mingau (rico em fibras), chá (um excelente diurético) e frutas (facilmente digeridas).

Infelizmente, todos estes estavam agora espalhados pelo chão. Maomao, criada no bairro da prostituição, ficou chocada com o desperdício de comida.

As mulheres do Palácio de Cristal ficaram menos impressionadas com qualquer comissão imperial que Maomao pudesse ter recebido do que descontentes com o fato de ela servir sua rival, a consorte Gyokuyou. Maomao teria alegremente dado a todos elas o que pensavam, mas em vez disso ela mordeu a língua e limpou a bagunça.

As damas de companhia de Lihua trouxeram refeições suntuosas a consorte, mas com o tempo elas voltaram cada vez mais intocadas. Presumivelmente, as senhoras aproveitaram as sobras.

Maomao teria gostado de realizar um exame físico adequado da paciente, mas a cama de dossel de Lihua estava cercada por uma falange de damas de companhia, desempenhando coletivamente um dever de enfermagem um tanto deselegante e ineficaz. Quando provocavam tosse ao colocar pó clareador no rosto de Lihua enquanto ela dormia, elas exclamavam: "O ar está ruim aqui. É esse verme nocivo!" e expulsam Maomao da sala. Ela não conseguiu ir a Lihua para fazer um exame.

Nenhuma dúvida em minha mente. Nesse ritmo, ela continuará definhando até morrer.

Talvez ela tivesse ingerido muito veneno e fosse tarde demais para tirá-lo de seu sistema. Ou talvez ela simplesmente não fosse forte o suficiente. Se uma pessoa não comesse, ela morreria. Lihua parecia estar perdendo a vontade de viver.

Maomao estava encostada na parede, contando o número de dias que sua cabeça provavelmente permaneceria presa ao corpo, quando ouviu um grito estridente de vozes coquetes.

Ela tinha um péssimo pressentimento sobre isso. Ela levantou a cabeça muito lentamente e se viu diante de um rosto lindo, sorrindo como o sol. Era o lindo eunuco.

"Você parece perturbada", disse ele.

"Eu?" Maomao respondeu sem emoção, com os olhos semicerrados.

"Eu não teria dito isso se você não tivesse." Ele olhou diretamente para ela, então ela tentou desviar o olhar. Ele se inclinou, com os cílios visivelmente longos, para contrariá-la, e quando seus olhos se encontraram novamente, Maomao quebrou sua promessa a Gaoshun ao adotar a expressão de alguém olhando para um pedaço de lixo.

“O que há com aquela garota?” As palavras eram suaves, mas venenosas. Maomao referia-se à mulher que derramou a comida. Ela era insuportável e realmente exalava ameaça.

A ira de uma mulher era uma coisa terrível, mas mesmo assim Jinshi disse suavemente em seu ouvido com sua voz melosa: “Vamos entrar?” Maomao foi empurrada para dentro da sala antes que pudesse protestar.

As auto nomeadas guardiãs da câmara pareciam ainda mais perigosas do que antes. Mas quando viram a ninfa ao lado de Maomao, imediatamente deram sorrisos indiferentes, embora todos fossem obviamente forçados. Na verdade, as mulheres podiam ser criaturas terríveis.

“Certamente vocês concordam que é impróprio para jovens encantadoras e talentosas fazerem confusão com os bons ofícios do imperador.”

As mulheres fizeram uma pausa, morderam os lábios e, uma por uma, afastaram-se da cama.

“Pronto, vá”, disse Jinshi, dando um pequeno empurrão nas costas de Maomao que quase a derrubou. Ela fez uma reverência e se aproximou da cama, depois pegou a mão de Lihua. Estava pálido; as veias se destacavam com destaque.

Maomao tinha alguma experiência em medicina – a prática da cura – se não tanta quanto ela tinha em medicina – as misturas que faziam a cura. Os olhos de Lihua estavam fechados e ela não lutou com Maomao. Era difícil dizer se ela estava acordada ou dormindo. Ela já parecia estar com um pé na cova.

Maomao colocou um dedo no rosto de Lihua, na esperança de ver melhor seus olhos. Ela foi saudada por uma textura lisa e escorregadia. A pele de Lihua estava mais pálida do que nunca.

Não mudaram? Maomao franziu a testa e foi até as damas de companhia. Ela ficou na frente de uma delas, aquela que estava arrumando a consorte antes. Com uma voz deliberadamente suave e contida, Maomao perguntou: “Você. É você quem faz a maquiagem da senhora?”

“Eu certamente faço. É dever de uma dama de companhia, você sabe.” A mulher parecia um pouco intimidada pelo olhar abrasador de Maomao. Obviamente, ela precisou de tudo para permanecer desafiadora. “Queremos que a consorte Lihua seja tão bonita quanto possível, sempre.” A garota fungou; ela parecia tão segura de si mesma.

"Isso está certo?"

Um *tapa* ecoou pela sala. A garota cambaleou para o lado, na direção da força, sem saber o que havia acontecido. Ela sentiu um calor desconhecido na bochecha e na orelha. A mão direita de Maomao doeu; queimou quase tanto quanto a bochecha esquerda da garota. Maomao bateu nela com toda a força que pôde.

"O que você tem?!" Uma das outras damas de companhia exigiu. Várias delas ficaram abertamente surpresas.

"Eu? Estou apenas dando a uma idiota o que lhe é devido." Maomao agarrou a garota pelos cabelos, levantando-a.

"Ai! Isso dói, pare!" a dama de companhia lamentou, mas Maomao não lhe deu atenção. Ela arrastou a garota até o suporte de maquiagem e pegou um pote esculpido com a mão livre. Ela abriu a tampa e espalhou o conteúdo no rosto da dama de companhia. O pó branco se espalhou por toda parte, causando ataques de tosse. Lágrimas brotaram dos olhos da jovem.

"Pronto! Agora você pode ser tão bonita quanto sua dama. Sortuda!" Maomao puxou o cabelo da garota, forçando-a a olhá-la nos olhos, e olhou de soslaio como uma fera com a presa nas garras. "Você pode ter veneno nos poros, na boca, no nariz, em todas as partes do corpo. Você pode murchar como sua amada Lady Lihua, até que seus olhos fiquem fundos e sua pele fique sem sangue."

"Não... eu não acredito em você..." a dama de companhia recém-empoada sorriu.

"Você não entende por que essas coisas foram proibidas, não é?! É veneno!" Maomao estava realmente zangado agora. Não por causa dos escárnios e olhares, não por causa do mingau derramado, mas por causa daquela tola dama de companhia que não pensava em nada, mas simplesmente presumia que estava certa sobre tudo.

"Mas é o mais bonito! A mais linda... pensei que Lady Lihua ficaria feliz..."

Maomao mergulhou a mão no pó espalhado pelo chão, depois agarrou a bochecha da menina, puxando, distorcendo seus lábios. "Quem ficaria feliz em estar continuamente coberto de veneno que suga sua vida?" Foi como ouvir uma criança tentando explicar por que fez algo errado. Maomao estalou a língua e soltou a mulher. Alguns longos fios de

cabelo escuro permaneciam enrolados em seus dedos. “Tudo bem, vá enxaguar a boca. E lave o rosto.”

Ela observou a garota quase fugir da sala, chorando, e então se virou para as outras damas de companhia, que agora estavam completamente assustadas. "Prossigam. Vocês querem que essa coisa chegue a paciente? Limpem!" Ela apontou para o chão empoeirado, decidindo ignorar o fato de que foi ela quem o derramou. As outras damas de companhia estremeceram, mas depois foram buscar o material de limpeza. Maomao cruzou os braços e bufou. Um pouco do pó estava em suas roupas, mas ela não se importou.

Uma pessoa permaneceu calma e controlada durante tudo isso. “As mulheres são realmente assustadoras”, disse Jinshi agora, enfiando as mãos nas mangas largas.

Maomao havia esquecido completamente que ele estava ali. “Argh!” ela disse enquanto o fluxo de sangue em sua cabeça diminuía. Ela se agachou exatamente onde estava.

Agora ela que tinha feito isso.

Capítulo 13: Enfermagem

A condição da consorte Lihua era pior do que Maomao pensava. Ela trocou o mingau de milho por um mingau fino, mas Lihua mal conseguia sugar na colher. Maomao teve que abrir a boca de Lihua, despejar o mingau e ajudá-la a engolir com cuidado. Não era a rotina mais decorosa, mas esse não era o momento para se preocupar com o decoro.

Este era o maior problema: Lihua não comia. Um antigo provérbio afirmava que uma dieta saudável era tão restauradora como um bom remédio, e Maomao sabia que a sua paciente não melhoraria se não comesse alguma coisa. E então ela persistiu obstinadamente em tentar alimentar Lihua.

Ela mudou o ar do quarto e o cheiro enjoativo do incenso diminuiu, sendo substituído por aquele odor característico de pessoa doente. Eles deviam estar queimando incenso na esperança de encobrir o cheiro do corpo de Lihua. Quanto tempo fazia que ela não tomava banho? Maomao sentiu-se cada vez mais furiosa com as tolas damas de companhia.

Pelo menos a jovem que Maomao repreendeu parecia ter aprendido alguma coisa com isso. O pó clareador que ela estava usando em Lihua era de seu esconderijo secreto. É triste dizer que o eunuco que não conseguiu encontrar e confiscar a pólvora foi condenado a ser espancado. O nascimento poderia afetar até mesmo as punições recebidas.

Maomao ridicularizou o eunuco encarregado de tudo isso como um idiota inútil, mas isso não parecia significar muito. Ele acabou por ser uma daquelas pessoas bem-nascidas com tendências "especiais".

Maomao preparou um pano e um balde de água quente e depois convocou as outras damas de companhia para ajudá-la a lavar a consorte Lihua. As senhoras pareciam desconfortáveis, mas, ao olhar de Maomao, elas seguiram humildemente.

A pele de Lihua estava tão seca que a água mal caía sobre ela, e seus lábios estavam dolorosamente rachados. Eles aplicaram mel em vez de maquiagem vermelha em seus lábios, e seu cabelo estava preso com um nó simples. Agora eles só precisavam fazer com que ela tomasse chá sempre que pudessem. De vez em quando, ela recebia sopa aguada. Isso a ajudaria a conseguir um pouco de sal. Isso faria com que ela usasse mais o banheiro, expulsando as toxinas do corpo.

Maomao tinha pensado que a consorte poderia rejeitar esta nova cuidadora incomum, até mesmo pensar nela como uma inimiga, mas Lihua era tão flexível quanto uma boneca. Olhar para seus olhos vazios a fez duvidar se ela diferenciava uma pessoa da outra. Mas então elas conseguiram aumentar a porção de mingau de meia tigela para uma tigela inteira e depois adicionar um pouco de arroz e grãos. Quando Lihua conseguiu mastigar e engolir sem ajuda, foi adicionado caldo de carne, fazendo uma sopa saborosa, junto com purê de frutas.

Um dia, quando ela conseguiu usar o banheiro sozinha, Lihua falou de repente: "Por que...?"

Maomao chegou mais perto para ouvir as palavras sussurradas.

"Por que você simplesmente não me deixou morrer?" A voz era extremamente baixa.

Maomao franziu a testa. "Se é isso que você quer, então pare de comer. O fato de você continuar tomando seu mingau me diz que você não quer morrer." E então ela ofereceu um chá quente a Lihua.

A mulher deu uma tosse suave. "Entendo..." Ela sorriu, embora fracamente.

As damas de companhia de Lihua tendiam a ter uma de duas reações a Maomao: ou tinham medo dela ou tinham medo dela, mas ainda assim reagiam.

Acho que fui longe demais.

Quando as emoções de Maomao atingiam o ponto de ebulição, ela costumava ferver. Ela sabia que era um mau hábito. Ela até abandonou a linguagem delicada da corte por expressões mais rudes. Maomao pode não demonstrar muita emoção, mas ela tinha um coração caloroso e, honestamente, magoava-a ver as pessoas olhando para ela de longe, como se estivesse olhando para um demônio ou um monstro. Ela racionalizou esta última explosão: foi a serviço de cuidar de Lady Lihua. Foi necessário.

O próprio Jinshi fazia aparições frequentes. Seja por ordem do imperador ou a mando da consorte Gyokuyou, Maomao não sabia. Decidida a aproveitar tudo o que lhe foi fornecido, porém, ela pediu-lhe que adicionasse uma casa de banho ao Palácio de Cristal. As instalações balneares existentes foram ampliadas para incluir um banho de vapor.

Maomao tentou, indiretamente, é claro, comunicar a Jinshi que ele não poderia ajudar e não era querido aqui, mas ele ainda parava para sorrir para ela em todas as oportunidades com a tenacidade de um fantasma que a assombrava. Ele claramente, concluiu Maomao, era um eunuco com muito tempo disponível. Ela desejou que ele seguisse a deixa de Gaoshun, que pelo menos teve a decência de trazer guloseimas sempre que aparecia. Uma pessoa tão atenciosa como essa poderia ser um bom marido para alguém, mesmo que fosse um eunuco.

Enquanto isso, Lihua foi incentivada a consumir fibras, beber água e suar – qualquer coisa que ajudasse a eliminar o veneno de seu organismo. Dois meses focados nisso se passaram e somente nisso, e finalmente a consorte Lihua conseguiu andar sozinha.

Ela já estava em estado grave por causa de seu mal-estar emocional. Maomao julgou que, desde que ela não ingerisse mais toxinas, ela ficaria bem. Ainda levaria algum tempo para que ela recuperasse a figura saudável e o rubor nas bochechas, mas ela não parecia mais estar às margens do rio que separava este mundo do outro.

Na noite anterior ao retorno de Maomao ao Palácio de Jade, ela foi prestar suas homenagens formais à consorte Lihua. Ela meio que esperava ser rejeitada como alguém muito humilde para merecer a atenção da consorte, mas não foi o caso. Lihua, ela aprendeu, tinha orgulho, mas não era orgulhosa. Com tudo o que aconteceu em torno do príncipe, Maomao passou a pensar em Lihua como uma mulher bastante desagradável, mas na verdade ela tinha o comportamento e a personalidade de uma verdadeira consorte imperial.

“Vou-me despedir amanhã de manhã, senhora”, disse-lhe Maomao. Ela acrescentou algumas instruções sobre o que a senhora deveria comer e alguns outros conselhos de advertência, e então saiu da sala.

Mas Lihua disse atrás dela: “Mocinha, você acha que algum dia serei capaz de ter outro filho?” Sua voz era monótona e sem emoção.

"Não sei. A única maneira de descobrir é tentar.”

“Mas como, quando Sua Majestade não tem mais interesse em mim?”

Seu significado era bastante claro. Ela só concebeu o príncipe porque o imperador a visitou depois de seu tempo com sua favorita, consorte Gyokuyou. O fato de haver três meses de diferença de idade entre a princesinha e o pequeno príncipe revelou a verdade sobre o assunto.

“Foi Sua Majestade quem me ordenou que viesse aqui em primeiro lugar. Agora que estou indo embora, devo pensar que você o verá novamente. Não foi um problema político ou emocional. O problema era o mesmo para ambos. Sendo o palácio interno o que era, amor e romance não tinham lugar aqui.”

“Você acha que ainda posso vencer a consorte Gyokuyou? Eu, que ignorei o conselho dela e matei meu próprio filho fazendo isso?”

“Não creio que seja uma questão de vencer. E quanto aos nossos erros, podemos aprender com eles.” Maomao pegou um vaso que decorava a parede, uma coisa fina projetada para conter uma única flor. No momento, era ocupada por uma campânula em forma de estrela. “Existem centenas, até milhares de tipos de flores no mundo, mas quem ousaria dizer se a peônia ou a íris é a mais bonita?”

“Eu não tenho os olhos cor de jade nem os cabelos cor de fogo.”

“Se você tiver outra coisa, então não há problema.” O olhar de Maomao desceu do rosto da consorte Lihua. Eles sempre disseram que essas eram as primeiras coisas a serem eliminadas quando você perdia peso, mas Lihua ainda tinha seus amplos dotes. “Acho que um tamanho como esse é um grande tesouro.”

Maomao tinha visto muita coisa nos bordéis, então ela deveria saber. Ela guardaria para si o fato de que ficava impressionada com um certo espanto cada vez que davam banho na consorte.

Dado que Lihua era rival de sua própria chefe, Maomao não pôde ajudá-la muito, mas decidiu dar um último presente à mulher antes de partir. “Posso sussurrar no ouvido da senhora?” E então, silenciosamente para que ninguém mais a ouvisse, ela deu alguns conselhos a consorte Lihua. Uma técnica secreta que uma das senhoras mais velhas da noite lhe dissera que “não faria mal nenhum saber”. Infelizmente, Maomao não tinha equipamento do tamanho necessário. Mas essa técnica em particular parecia perfeita para a consorte Lihua.

O rosto de Lihua ficou vermelho como uma maçã quando ela ouviu isso. O que Maomao lhe poderia ter contado foi tema de debates acalorados entre as damas de companhia de Lihua durante algum tempo, mas para Maomao não importava.

Houve um período depois disso em que as visitas de Sua Majestade ao Palácio de Jade tornaram-se visivelmente menos frequentes. Com uma mistura de ironia e verdadeiro alívio, a consorte Gyokuyou apenas disse: “Ufa! Finalmente posso dormir um pouco!”

Maomao ficou boquiaberta de surpresa. Mas isso é uma história para outra hora.

Capítulo 14: O Fogo

Lá. Eu sabia. Equilibrando um cesto de roupa suja em um braço, Maomao sorriu. Eram pinheiros vermelhos que cresciam num bosque perto do portão leste.

Os jardins do palácio interno eram habilmente cuidados. Uma vez por ano, as folhas mortas e os galhos secos também eram retirados da floresta de pinheiros. E Maomao sabia que uma floresta de pinheiros bem cuidada estimulava o crescimento de um certo tipo de cogumelo.

Agora, ela segurava um cogumelo *matsutake* de tampa pequena na mão. Algumas pessoas não gostavam do cheiro deles, mas Maomao os amava. Cogumelos *matsutake* cortados em pedaços, grelhados na grelha com uma pitada de sal e algumas frutas cítricas por cima, eram sua ideia de paraíso.

Era um bosque modesto, mas como ela encontrou um cacho conveniente de cogumelos, colocou cinco deles na cesta.

Devo comê-los na casa do velho charlatão ou na cozinha?

Ela não poderia fazer isso no Palácio de Jade; haveria muitas perguntas sobre onde ela conseguiu os ingredientes. Eles poderiam não sorrir para uma criada que admitisse que ela mesma havia colhido os cogumelos no bosque. Então Maomao foi consultar o médico, o homem que era tão bom com as pessoas e tão ruim no seu trabalho. Se ele também gostasse de cogumelos *matsutake*, então estava tudo bem; e se não, ela imaginou que ele ainda seria gentil o suficiente para olhar para o outro lado. Maomao já havia se agradado completamente do homem de bigode.

Ela não podia esquecer de passar pela casa de Xiaolan no caminho. Xiaolan era uma importante fonte de informação para Maomao, que de outra forma tinha poucos amigos.

Quando Maomao voltou da residência de Lihua, parecendo mais magra do que nunca devido ao esforço de ajudar a consorte, as outras damas de companhia se comprometeram a empolgá-la. Por um lado, Maomao estava feliz com isso – isso mostrava que ela não tinha caído em desgraça com as damas, apesar de ter estado com um consorte rival por quase dois meses – mas por outro lado, era quase tão frustrante quanto gratificante. Ela tinha uma pequena cesta que começava a encher com as guloseimas extras que recebia toda vez que o chá era servido.

Xiaolan, porém, nunca recusaria algo doce; seus olhos se iluminariam ao ver o que quer que Maomao tivesse trazido para ela, e ela ficaria mais do que feliz em fazer uma pequena pausa, mastigando doces e conversando na orelha de Maomao na mesma medida.

Agora elas estavam sentados atrás da área de serviço, em cima de alguns barris, conversando sobre isso e aquilo. Histórias de acontecimentos estranhos constituíam a maior parte, como sempre, mas entre outras coisas, Xiaolan disse a Maomao: “Ouvi dizer que uma das mulheres do palácio usou uma poção para fazer com que algum tipo de soldado de coração duro se apaixonasse por ela, e funcionou!"

Maomao começou a suar frio com isso. *Provavelmente nada a haver comigo, certo? Provavelmente.*

Olhando para trás, ela percebeu que nunca havia pensado em perguntar para quem era aquela poção do amor. Mas isso realmente importava? “O palácio” significava o palácio real, não o palácio interno, o que significava que tudo aconteceu em segurança do lado de fora. O palácio propriamente dito tinha homens reais e funcionais, de modo que a nomeação para lá era uma perspectiva popular pela qual a competição era acirrada. Ao contrário das

mulheres que serviam no palácio interno, estas eram elites que passaram por sérios testes para ganhar suas posições.

Digamos que, na medida em que homens reais e funcionais estivessem ausentes, o palácio interno poderia parecer uma tarefa um pouco mais solitária. Não que isso importasse para Maomao.

Quando Maomao chegou ao consultório médico, encontrou o velho de bigode na companhia de um eunuco de rosto pálido que ela não reconheceu. Ele esfregava continuamente a mão. “Ah, exatamente a jovem que eu queria ver”, disse o médico com seu sorriso mais acolhedor.

"Sim, o que é isso?"

“Este homem desenvolveu uma erupção na mão. Você acha que poderia preparar uma pomada para ele?”

Palavras não muito apropriadas para o homem que era ostensivamente o médico do palácio, pensou Maomao. Seria de se esperar que ele mesmo fizesse isso. Mas isso não era novidade, e Maomao contentou-se em entrar na sala cheia de armários de remédios e pegar seus ingredientes.

Porém, primeiro ela largou a cesta e pegou o *matsutake*. “Você tem carvão?” ela perguntou.

“Oh, que belos espécimes você encontrou!” o charlatão disse jovialmente. “Vamos querer um pouco de pasta de soja e sal também.”

Ela parecia ter encontrado um vencedor. Isso tornaria as coisas mais fáceis. O médico quase saiu dançando da sala a caminho do refeitório em busca de temperos adequados. Talvez se ele colocasse tanta paixão em seu trabalho...

Infelizmente para o paciente, ele ficou sozinho.

Talvez eu dê a ele um cogumelo de consolação, se ele gostar, pensou Maomao, observando o desconsolado eunuco enquanto misturava os ingredientes. Quando o charlatão voltou com temperos, um pequeno grelhador a carvão e uma grelha, ela já tinha uma pomada boa e espessa. Ela pegou a mão direita do eunuco, espalhando suavemente a substância sobre a erupção cutânea vermelha e irritada. A pomada não era a coisa mais cheirosa do mundo, mas ele simplesmente teria que aguentar.

Quando ela terminou, seu rosto anteriormente pálido parecia ter recuperado um pouco do brilho. “Meu Deus, mas ela é uma jovem muito gentil.” Havia algumas entre as criadas que desprezavam os eunucos. Eles os viam como coisas estranhas, nem mulheres nem realmente homens, e não escondiam isso em seus rostos.

“Mas ela não é? Ela está sempre me ajudando com pequenas coisas como essa”, disse o médico com uma pitada de orgulho.

Houve épocas na história em que os eunucos foram tratados como vilões que desejavam o poder, mas na verdade apenas alguns deles foram assim. A maioria era calma e simpática, como esses dois.

Talvez nem todos eles, no entanto... Um rosto indesejado passou pela mente de Maomao e ela deliberadamente o afugentou. Acenderam o carvão, colocaram a grelha no lugar, depois rasgaram os cogumelos em pedaços à mão e deixaram-nos cozinhar. Maomao se serviu de um pequeno *sudachi* (fruta cítrica) cítrico do pomar e agora eles o cortavam em fatias. Quando começaram a sentir aquela fragrância única de cogumelos *matsutake* cozinhados, o fungo escureceu delicadamente, colocaram-no em pratos e temperaram-no com sal e sumo de citrinos.

Maomao esperou para dar a primeira mordida até ter certeza de que os outros dois já haviam começado a comer: no momento em que os homens mais velhos deram uma mordida na comida, eles se tornaram cúmplices de Maomao. Ela mastigou enquanto o médico charlatão conversava contente. “Esta jovem tem me ajudado muito. Ela pode fazer praticamente qualquer coisa, você sabe. Ela mistura todo tipo de remédio que existe, não apenas pomadas.”

"Huh! Muito impressionante."

O velho parecia estar se gabando da própria filha. Maomao não tinha certeza se achava isso o ideal. De repente, ela se pegou pensando no pai, que ela não via há mais de seis meses. Ela se perguntou se ele estava comendo direito. Ela esperava que o custo de manter seus remédios estocados não o estivesse atrapalhando.

Foi justamente quando Maomao estava sentindo esse tom emocional que o charlatão teve que dizer algo especialmente surdo. “Ora, eu acredito que ela pode fazer *qualquer* tipo de remédio.”

O *que*?

Mas antes que Maomao pudesse dizer ao velho para guardar a sua hipérbole para si, o eunuco sentado à frente deles disse: "*Qualquer* tipo?"

"Sim, tudo que você precisar." O médico deu um pequeno suspiro triunfante, o que na mente de Maomao apenas confirmou o seu charlatanismo. O outro eunuco olhou para Maomao com novo interesse. Ele tinha algo em mente, ela tinha certeza.

"Nesse caso, você poderia fazer algo para curar uma maldição?"

Ele estava esfregando a mão inflamada pateticamente. Seu rosto estava mais uma vez pálido.

○●○

Aconteceu na noite anterior.

A última coisa que ele fazia era sempre recolher o lixo. Ele reunia todo o lixo ao redor do palácio interno em uma carroça e depois o levava para o bairro oeste, onde havia uma grande cova onde seria queimado. Normalmente, os incêndios não eram permitidos após o pôr do sol, mas como o ar estava úmido e não havia vento, foi considerado seguro e ele recebeu permissão.

Seus subordinados jogaram o lixo na cova. Ele próprio ajudou, ansioso como estava para terminar a tarefa. Aos poucos, eles jogaram as coisas do carrinho no buraco.

Então algo na pilha do carrinho chamou sua atenção. Era uma roupa de mulher. Não é seda, mas certamente é de alta qualidade. Um desperdício do qual se livrar. Quando ele o ergueu para inspecioná-lo, uma coleção de tiras de escrita de madeira caiu. Havia uma marca de queimadura perceptível na manga da roupa que os embalava.

O que isso poderia significar?

Mas ele sabia que seu trabalho não terminaria mais cedo por ficar intrigado com isso. Ele pegou as tiras de madeira uma por uma e as jogou na cova.

○●○

"E então você diz que o fogo ardeu em cores não naturais?"

"Isso mesmo!" Os ombros do velho tremeram como se ele achasse aquela lembrança horrível.

“E você diz que as cores eram vermelho, roxo e azul?” Maomao perguntou.

“Sim, era isso que eles eram!”

Maomao assentiu. Portanto, essa era a fonte dos rumores que Xiaolan lhe contara naquela manhã.

Quem diria que algo do bairro oeste chegaria até aqui? Aparentemente era verdade o que diziam, que os rumores entre as mulheres viajavam mais rápido do que um *skandha* (termo budista) de pés velozes.

“Deve ser a maldição da concubina que morreu num incêndio aqui há muitos, muitos anos. Foi errado da minha parte atear fogo à noite, agora sei disso! É por isso que minha mão ficou assim!” A erupção na mão do eunuco apareceu após o incidente com o incêndio. Ele estava pálido e trêmulo quando disse: “Por favor, senhorita. Faça-me um remédio que possa curar uma maldição.” O homem olhou para ela suplicante. Ela pensou que ele poderia se jogar de cara no tapete de junco.

“Não existe esse medicamento. Como poderia haver?” Maomao disse friamente. Ela se levantou e começou a vasculhar as gavetas dos armários de remédios, ignorando completamente o velho e o médico, que pareciam completamente indispostos. Finalmente ela colocou algo sobre a mesa. Diversas variedades de pó e pedaços de madeira.

“Essa é a cor que você viu naquele seu fogo?” Maomao perguntou. Ela colocou os pedaços de madeira entre as brasas de carvão e, quando estavam queimando, pegou uma colher de chá e espalhou um pouco do pó branco nas chamas. O fogo adquiriu uma tonalidade vermelha.

"Ou talvez isso?" Ela adicionou um pó diferente e o resultado foi uma cor azul esverdeada. “Eu posso até fazer isso.” Ela pegou uma pitada do sal que colocaram nos cogumelos e jogou nas chamas, que ficaram amarelas.

Os dois eunucos a observaram, surpresos. "Senhorita, o que é isso?" perguntou o médico espantado.

“É o mesmo princípio dos fogos de artifício coloridos. As cores mudam dependendo do que você queima.”

Um dos visitantes do bordel era fabricante de fogos de artifício. Ele supostamente jurou nunca compartilhar os segredos de seu ofício, mas no quarto, os segredos comerciais tornaram-se uma simples conversa de travesseiro. E se por acaso uma criança inquieta estivesse ouvindo na sala ao lado, bem, ninguém saberia.

“E a minha mão, então? Você está dizendo que não é amaldiçoado?”, perguntou o velho eunuco, ainda esfregando o apêndice afetado.

Maomao estendeu um pouco do pó branco. “Se esse material entrar em contato com a pele nua, pode ocorrer erupção na pele. Ou talvez houvesse laca nas tiras de madeira. Quem sabe? Para começar, você tem tendência a erupções cutâneas?”

“Agora que você mencionou...” O eunuco ficou tão mole como se os ossos tivessem deixado seu corpo. O alívio estava escrito em seu rosto. Devia haver alguma substância como essa nas tiras de madeira que ele manuseara no dia anterior. Foi isso que causou o fogo colorido. Isso foi tudo – não alguma maldição ou maldição.

De onde vêm todas essas substâncias misteriosas?

As ruminações de Maomao foram interrompidas pelo som de palmas. Ela se virou para descobrir uma figura esbelta descansando na porta.

“Excelente.”

Quando esse convidado tão indesejável chegou? Era Jinshi, parado ali com o mesmo sorriso de ninfa de sempre.

Capítulo 15: Operações Secretas

Quando Maomao e Jinshi chegaram ao seu destino, ela descobriu que ele os havia levado ao escritório da Matrona das Mulheres Servidoras. A mulher de meia-idade estava lá dentro, mas a uma palavra de Jinshi, ela saiu rapidamente da sala. Sejamos honestos sobre como Maomao se sentia: a última coisa no mundo que ela queria era ficar sozinha com aquela criatura.

Não que Maomao odiasse coisas bonitas. Mas quando algo era bonito demais, começava-se a sentir que a mais remota mancha era como um crime, imperdoável. Era como se um único arranhão em uma pérola polida e perfeita pudesse reduzir o preço da coisa pela metade. E

embora o exterior pudesse ser lindo, havia a questão do que havia dentro. E então Maomao acabou olhando para Jinshi como uma espécie de inseto rastejando pelo chão.

Ela sinceramente não pôde evitar.

Prefiro apenas admirá-lo de longe. Foi assim que Maomao, simples plebeia que era, realmente se sentiu. Foi então com certo alívio que ela cumprimentou Gaoshun, que substituiu a mulher na sala. Apesar de toda a sua disposição taciturna, esse servo eunuco havia se tornado uma espécie de refúgio para ela ultimamente.

“Quantas cores como esta existem?” Jinshi perguntou, alinhando os pós que trouxera dos aposentos do médico.

Para Maomao, eram apenas remédios, então poderia haver mais coisas que ela não sabia. Mas ela disse: “Vermelho, amarelo, azul, roxo e verde. E se você os subdividir, provavelmente haverá mais. Eu não poderia lhe dar um número exato.”

“E como seria feita uma tira de madeira para escrever para adquirir uma dessas cores?” O pó não poderia simplesmente ser esfregado; simplesmente passaria novamente. Foi tudo muito estranho.

“O sal pode ser dissolvido em água para colorir um objeto. Suspeito que um método semelhante funcionaria aqui.” Maomao puxou o pó branco em sua direção. “Quanto ao resto, alguns podem dissolver-se em algo que não seja água. Novamente, isso está fora da minha área de especialização, então não posso ter certeza.”

Havia inúmeros pós brancos por aí: alguns que se dissolviam em água e outros que não; outros que podem se dissolver em óleo, por exemplo. Se alguma coisa fosse impregnada em uma tira de escrita, uma substância que se dissolvesse em água parecia uma suposição razoável.

“Tudo bem, chega.” O jovem cruzou os braços e se perdeu em pensamentos. Ele era tão adorável que poderia ter sido uma pintura. Quase parecia errado que o céu tivesse dado a um homem uma beleza tão sobrenatural. E então fazer com que aquele homem vivesse e trabalhasse como eunuco no palácio interno foi profundamente irônico.

Maomao sabia que Jinshi tinha em mãos um grande número de potes de biscoitos proverbiais no palácio interno. Talvez algo que ela disse tenha feito com que as peças de algum quebra-cabeça se encaixassem para ele. Ele parecia estar tentando entendê-los.

Poderia ser um código...?

Provavelmente cada um deles chegou à mesma conclusão. Mas Maomao sabia que era melhor, muito melhor, não dizer isso em voz alta. O faisão quieto não leva um tiro, diz o provérbio. (De qual país essas palavras supostamente vieram, de novo?)

Sentindo que ela não era mais necessária, Maomao fez menção de ir embora.

“Espere aí”, disse Jinshi.

"Sim, senhor, o que é?"

“Pessoalmente, gosto mais deles cozidos no vapor em uma panela de barro.”

Ela não precisou perguntar o que “deles” eram. *Me descobriu, né?* Talvez tenha sido um pouco demais comer cogumelos *matsutake* ali mesmo no consultório do médico. Os ombros de Maomao caíram. “Vou tentar encontrar mais amanhã.”

Parecia que sua agenda para o dia seguinte estava definida: ela voltaria para o bosque.

○●○

Quando ele ouviu o 'craque' isso lhe garantiu que a porta estava fechada rapidamente, Jinshi deu um sorriso meloso. Seus olhos, porém, eram duros o suficiente para lapidar diamantes. “Encontre alguém que recentemente sofreu queimaduras nos braços”, ordenou ao seu assessor. “Comece com qualquer um com seus próprios aposentos e suas criadas.”

Gaoshun, que estava sentado em silêncio como se esperasse apenas por isso, assentiu. “Como desejar, senhor.”

Ele saiu da sala e a Matrona voltou em seu lugar. Jinshi se sentia mal por expulsá-la toda vez que aparecia. “Devo me desculpar por constantemente roubar seu escritório de você.”

“O-Oh, céus, de jeito nenhum”, disse a mulher, corando como se fosse muitos anos mais nova do que realmente era. Jinshi certificou-se de que o sorriso ambrosíaco ainda estivesse em seu rosto.

Era assim que as mulheres deveriam reagir a ele. Mas nela, a aparência dele era completamente ineficaz. Isso era tudo que seu rosto poderia pegar? Jinshi se permitiu um breve franzir dos lábios antes de seu sorriso retornar e ele sair da sala.

○●○

Uma pilha de cestos trançados, entregues por um eunuco, aguardava Maomao quando ela voltou ao Palácio de Jade. Elas se sentaram na sala de estar, as damas de companhia investigando ativamente o conteúdo. A princípio ela pensou que poderiam ser um presente de Sua Majestade, ou talvez um pacote de cuidados vindo de casa, mas não se pareciam com nenhuma dessas coisas. As roupas que continham eram muito simples para serem algo que a consorte Gyokuyou pudesse usar, e havia várias roupas duplicadas. Pela maneira como as outras meninas seguravam os vestidos para verificar o comprimento, Maomao supôs que deviam ser uniformes novos.

“Aqui, experimente isso”, disse uma das outras damas de companhia, Yinghua, empurrando uma das roupas em Maomao. Consistia em uma roupa simples acima de uma saia vermelho-clara, enquanto as mangas eram amarelo-claras e um pouco mais largas do que o normal. Não era seda, mas era um brocado excepcionalmente fino.

“O que está acontecendo aqui?” Maomao perguntou. As cores eram suaves, como convinha a uma criada, mas o desenho parecia eminentemente impraticável. Maomao também franziu a testa instintivamente ao ver o peito excessivamente aberto, algo que nunca havia aparecido em nenhuma de suas outras roupas.

“O que você quer dizer com o quê? Estas são as nossas roupas para a festa no jardim.”

"Desculpe. A festa no jardim?

Completamente isolada pelas indulgências das damas de companhia mais experientes, as únicas excursões de Maomao fora do seu regime regular de degustação de alimentos e preparação de medicamentos eram sair para recolher ingredientes, conversar com Xiaolan, tomar chá com o médico, e assim por diante. Como resultado, ela não ouviu muito sobre o que estava acontecendo entre aqueles que estavam a cima dela. Francamente, ela começou a se perguntar se era realmente aceitável que uma pessoa ganhasse a vida num trabalho que parecia tão fácil.

Yinghua, um tanto surpresa por ter que explicar isso, explicou a Maomao o que estava acontecendo. Duas vezes por ano, acontecia uma festa nos jardins imperiais. Sua Majestade, sem uma rainha adequada como estava, seria acompanhado por suas concubinas do Primeiro Grau Superior. E elas seriam acompanhados por suas damas de companhia.

Na hierarquia do palácio dos fundos, Gyokuyou ocupava o posto de *guifei*, ou "Consorte Preciosa", enquanto Lihua tinha o título de *xianfei*, "Consorte Sábia". Além destas mulheres havia outras duas, a*defei*, ou "Consorte Virtuosa", e *Shu Fei*, ou "Consorte Pura". Esses quatro compunham o Primeiro Grau Superior.

Normalmente, apenas as consortes Virtuosa e Pura compareceriam à festa no jardim de inverno. Mas devido ao nascimento de seus filhos, Gyokuyou e Lihua estiveram ausentes da reunião mais recente, então desta vez todos os quatro estariam presentes.

"Então todas elas estarão lá?"

"Isso mesmo. Temos que estar prontos para fazer um bom show!" Yinghua estava praticamente vibrando. Além de ser uma oportunidade muito rara de sair do palácio interno, esta reunião de todas as consortes mais importantes também seria a estreia da Princesa Lingli.

Maomao sabia muito bem que não poderia recusar a festa sob o pretexto de inexperiência. A consorte Gyokuyou já tinha poucas damas de companhia para ela fazer isso. Além disso, os serviços de um provador de alimentos seriam considerados particularmente importantes numa tal reunião pública.

A intuição de Maomao a incomodava. *Poderia ser um banho de sangue se não tomarmos cuidado.* E sua intuição tinha o hábito irritante de estar certa.

"Hmm, acho melhor você encher esse vazio. Vou ajudá-la a adicionar um pouco ao redor da bunda também. Parece bom?"

"Deixo o assunto em suas mãos competentes."

Uma certa voluptuosidade era o padrão de beleza aqui, o que infelizmente significava que a forma natural de Maomao era um tanto deficiente – um ponto que Yinghua deixou inevitavelmente claro. Ela estava ocupada apertando os cintos e verificando os ajustes. "Você também terá que se recompor. Você poderia pelo menos se preocupar em esconder suas sardas de vez em quando." Yinghua deu a Maomao um sorrisinho travesso, e nem precisamos dizer que Maomao respondeu com uma carranca.

Maomao ficou um tanto desanimada quando Hongniang lhe contou como seriam as coisas na festa. A dama de companhia, que esteve no evento de primavera do ano anterior, soltou um suspiro e disse: "Eu estava tão ansiosa para não ter que lidar com isso este ano". Quando

Maomao perguntou se havia algo particularmente ruim nisso, Hongniang explicou que simplesmente não havia nada para fazer. As damas de companhia ficaram paradas o tempo todo.

Haveria apresentação de dança após apresentação de dança, depois canto acompanhado por um *erhu* (instrumento musical originário da China) de duas cordas, depois a comida seria apresentada e comida, e então as meninas trocariam sorrisos forçados e gentilezas com os vários funcionários presentes. E tudo isso ao ar livre, onde ficariam expostos ao vento forte e seco.

Os jardins eram amplos, uma prova do poder de Sua Majestade. Mesmo uma visita "rápida" ao banheiro pode levar mais de trinta minutos. E se Sua Majestade, o verdadeiro convidado de honra, permanecesse resolutamente sentado, suas consortes não teriam escolha senão permanecer sentadas também.

Parece que vou precisar de uma bexiga de ferro, Maomao pensou. Se a festa da primavera tivesse sido tão problemática assim, quão pior seria no inverno?

Para combater uma possível fonte de desconforto, porém, Maomao costurou vários bolsos em sua roupa íntima, nos quais poderiam ser colocados aquecedores. Ela também picou cascas de gengibre e tangerina, fervendo-as com açúcar e suco de frutas para fazer doces. Quando ela mostrou esses produtos a Hongniang, a dama de companhia implorou que ela fizesse alguns para todas as outros.

Enquanto ela estava ocupada trabalhando neles, um certo eunuco com muito tempo disponível apareceu e exigiu que ela fizesse alguns para ele também. Sua assistente parecia se sentir mal com isso e pelo menos a ajudou no trabalho.

Além disso, parecia que a consorte Gyokuyou deixou escapar a notícia das ideias de Maomao durante uma das visitas noturnas do imperador, e no dia seguinte ela foi abordada pela costureira e chef pessoal de Sua Majestade. Ela gentilmente ensinou-lhes seus métodos.

Acho que não somos os únicos que enfrentam dificuldades nesses eventos, ela pensou. Ainda assim, o rebuliço em torno de ideias tão simples sugeria o quão rotineiramente todos os outros estavam abordando a festa. Quando nos deixamos apegar demais aos costumes, deixamos de ser capazes de descobrir até as mais pequenas inovações.

Então Maomao passou o tempo até a festa no jardim em atividades domésticas. Hongniang, entretanto, ocupou-se em tentar corrigir os lapsos ocasionais de Maomao num discurso

nada deferente. Por mais que Maomao apreciasse o gesto, ela achou as lições penosas. Ao contrário das outras três servas, sua líder, Hongniang, estava um pouco sintonizada com o que Maomao realmente era.

Quando finalmente ficou livre, na noite anterior à festa no jardim, Maomao começou a fazer alguns remédios com ervas que tinha em mãos. Uma coisinha, só para garantir.

"Você está absolutamente linda, Lady Gyokuyou." Yinghua falou por todas elas e suas palavras foram mais do que mera lisonja.

Acho que essa é a consorte favorita do imperador para você.

Gyokuyou exalava uma beleza exótica, vestida com uma saia carmesim e um manto vermelho mais claro. A jaqueta de mangas largas que ela usava era do mesmo vermelho da saia e bordada com fios dourados. Seu cabelo estava preso em dois grandes anéis presos com prendedores de cabelo ornamentados com flores, e entre os anéis de cabelo ela usava uma tiara. Varetas de cabelo prateadas cercavam a decoração elaborada, adornadas com borlas vermelhas e pedras de jade.

Era uma marca da força da personalidade de Gyokuyou que, apesar dos designs elaborados, ela não era de forma alguma ofuscada por suas próprias roupas. Dizia-se que a consorte de cabelo ruivo ficava melhor vestida de escarlate do que qualquer outra pessoa no país. A maneira como seus olhos, verdes como o jade, brilhavam por dentro de todo aquele vermelho só aumentava sua áurea mística. Talvez este fosse o produto do abundante sangue estranho que corria nas veias de Gyokuyou.

As saias que Maomao e as outras usariam também usavam vermelho claro para indicar que serviam a consorte Gyokuyou. Além disso, usar a mesma cor da amante, mas em um tom mais claro, a faria se destacar ainda mais.

Todas as damas de companhia vestiram as saias e arrumaram os cabelos. A consorte Gyokuyou, comentando que esta era afinal uma ocasião especial, tirou uma caixa de jóias de sua penteadeira. Dentro havia colares, brincos e prendedores de cabelo decorados com jade.

“Vocês são minhas próprias damas de companhia. Tenho que marcá-las, para garantir que nenhum passarinho tente voar com vocês.” E então ela concedeu um acessório a cada uma delas, no cabelo ou nas orelhas ou no pescoço. Maomao recebeu um colar para usar.

“Obrigado, milad—”

Muito bem!

Antes que ela pudesse terminar adequadamente sua expressão de gratidão, ela se viu sufocada. Yinghua passou os braços em volta de Maomao. "Tudo bem! Hora da maquiagem”

Hongniang estava ali com uma pinça de sobrancelha e um sorriso no rosto. Foi apenas imaginação de Maomao ou ela parecia um pouco mais jovial do que o normal? As outras duas damas de companhia tinham seus próprios itens: um pote de batom e um pincel.

Maomao tinha esquecido que ultimamente as outras mulheres estavam profundamente interessadas em fazê-la usar maquiagem.

“Ei, ei. Tenho certeza de que você ficará adorável.”

Parecia que elas tinham uma co-conspiradora! A risada da consorte Gyokuyou foi como o toque de um sino. Maomao não conseguiu esconder sua angústia, mas as quatro servas foram impiedosas.

“Primeiro, precisamos limpar seu rosto e colocar um pouco de óleo perfumado nele.”

Um pano úmido foi aplicado assiduamente no rosto de Maomao.

Mas então Yinghua e os outros exclamaram em uníssono: “Huh?”

Eca... Maomao olhou para o teto, abatida. As meninas olhavam do pano para o rosto e para trás dela, com a boca aberta. *Acho que o jogo acabou**. Maomao fechou os olhos, não muito satisfeita.

Deveríamos dizer algo aqui. A razão pela qual Maomao odiava ser maquiada não era porque ela não gostava fundamentalmente de maquiagem. Não discordava dela de nenhuma maneira particular. Na verdade, longe de ter problemas com isso, pode-se dizer que ela era bastante habilidosa no seu uso. Por que sua aversão, então? Foi porque o rosto dela já estava maquiado.

Várias manchas leves podiam ser vistas no pano úmido. O rosto que todos consideravam muito sardento era na verdade produto de cosméticos.

* Jig is up = O jogo acabou; é traduzido como “o jogo acabou”. Poderia ser também, a depender do contexto, “você foi descoberto”, “acabou a farsa/palhaçada”.

Capítulo 16: A Festa no Jardim (Parte Um)

Faltando cerca de uma hora para o início da festa, a consorte Gyokuyou e suas damas de companhia estavam passando o tempo em um pavilhão ao ar livre nos jardins. Havia um lago repleto de todos os tipos de carpas, e as árvores deixavam cair as últimas folhas vermelho-fogo.

“Você realmente nos salvou.”

A luz do sol ainda era abundante, mas o vento estava frio e seco. Normalmente as meninas estariam ali tremendo, mas com as pedras quentes sob as roupas elas descobriram que não era tão ruim assim. Até a princesa Lingli, com quem elas estavam preocupadas, estava enrolada, aconchegante em seu berço, que estava equipado com uma pedra de aquecimento própria.

“Certifique-se de tirar periodicamente a pedra debaixo da princesa e trocar o embrulho. Caso contrário, ela poderá se queimar. E vá com calma com os doces; muitos deles farão com que o interior da sua boca fique dormente.” Maomao tinha várias pedras de reposição esperando em uma cesta, junto com as fraldas da princesa e uma muda de roupa. A pedido dos eunucos, o grelhador a carvão para aquecer as pedras já tinha sido deslocado para uma posição discreta atrás do local da festa.

"Tudo bem. Mas ainda assim...” Gyokuyou riu provocativamente, e as outras damas de companhia também exibiram sorrisos irônicos. "Você é minha dama de companhia, lembre-se." Gyokuyou apontou para o colar de jade.

“Eu sou mesmo, senhora.” Maomao decidiu levar suas palavras ao pé da letra.

○●○

Gaoshun observou seu mestre perguntando solicitamente sobre a saúde da Virtuosa consorte. Com seu sorriso sublime e voz adorável, Jinshi era praticamente mais bonito que a própria consorte, que era amplamente considerada excepcionalmente linda, embora ainda muito jovem. A roupa atual de Jinshi era diferente de suas roupas habituais de oficial apenas em virtude de alguns bordados e alguns grampos de prata em seu cabelo, mas ele ameaçou ofuscar a consorte em todos os seus trajes elegantes. Isso poderia muito bem ter

feito dele um objeto de ressentimento, mas a própria consorte ofuscada estava olhando para ele fascinada, então talvez não houvesse nenhum problema real, afinal.

Seu mestre era totalmente criminoso, concluiu Gaoshun.

Depois de visitar as outras três consortes, finalmente Jinshi veio para Gyokuyou. Ele a encontrou no pavilhão ao ar livre do outro lado do lago. Aparentemente era seu dever dividir seu tempo igualmente entre as quatro mulheres, mas ultimamente parecia que ele estava saindo bastante com Gyokuyou. Talvez não fosse certo olhar de soslaio para ele por causa disso; ela era a favorita do imperador, afinal. Mas havia claramente outras razões para as suas visitas também.

Parecia que seu antigo hábito de brincar sem parar com seus brinquedos nunca havia sido curado. *Problemático*, Gaoshun pensou balançando a cabeça.

Jinshi curvou-se para a consorte. Ele elogiou a beleza de sua roupa escarlate. Ela certamente estava linda nele, concordou Gaoshun em particular. A mística estrangeira e seu fascínio natural combinaram-se para serem praticamente palpáveis. A consorte Gyokuyou era talvez a única pessoa no palácio interno que poderia realmente competir com Jinshi pela pureza pura e elegância.

Isso dificilmente significava que as outras mulheres ao redor não fossem bonitas e, na verdade, cada uma tentava enfatizar seus próprios encantos. Um dos talentos singulares de Jinshi era sua habilidade de falar diretamente com esses encantos. Todo mundo gosta de ouvir elogios à suas melhores qualidades. E Jinshi era muito, muito bom nisso.

Ele também nunca mentiu. Embora às vezes ele se abstivesse de contar toda a verdade. Ele fingiu total indiferença, mas o canto esquerdo de sua boca se contraiu levemente para cima. Após longos anos de serviço prestado a ele, Gaoshun reconheceu isso. Era o olhar de uma criança com seus brinquedos. *Problemático.*

Com o pretexto de bajular a jovem princesa, Jinshi aproximou-se de uma pequena dama de companhia. A garota que Gaoshun viu era uma estranha. Uma dama de companhia desconhecida, inexpressiva, mas aparentemente desdenhosa de Jinshi.

○●○

“Boa noite, Mestre Jinshi.” Maomao estava atenta para não deixar seus pensamentos (*Ele não tem nada melhor para fazer*?) aparecer em seu rosto. Gaoshun estava observando, então ela queria manter a calma, se pudesse.

“Coloque um pouco de maquiagem, não é?” Jinshi perguntou indiferente.

"Não, senhor, não coloquei." Ela havia colocado um leve toque de vermelho nos lábios e nos cantos dos olhos, quase o suficiente para considerar a maquiagem; caso contrário, ela era totalmente natural. Algumas manchas permaneciam levemente ao lado de seu nariz, mas nem valiam a pena notá-las.

“Mas suas sardas sumiram.”

"Sim. Eu me livrei deles.”

As que restaram eram tatuagens que ela mesma havia aplicado com uma agulha há muito tempo. Ela não espetou muito fundo; os pigmentos diluídos desapareceriam dentro de um ano. Mesmo sabendo que eles não durariam para sempre, seu pai não ficou nada entusiasmado por ela estar fazendo essencialmente a mesma coisa que eles faziam com os criminosos.

“Você quer dizer com maquiagem, sim?” Jinshi disse interrogativamente. Ele franziu a testa e semicerrou os olhos para Maomao.

"Não. Foi a remoção da maquiagem que me livrou delas.”

Hmm, talvez eu devesse apenas ter acenado com a cabeça, ela pensou. Mas agora era tarde demais para Maomao mudar as respostas. E seria chato ter que explicar.

“Eu não entendo o que você está dizendo. Não faz nenhum sentido.”

“Muito pelo contrário, senhor. Faz todo o sentido.”

Ninguém disse que a maquiagem só poderia ser usada para deixar as coisas mais bonitas. Às vezes, sabia-se que as mulheres casadas usavam essas coisas para se tornarem menos atraentes. Maomao espalhava argila seca e pigmentos em volta do nariz todos os dias. Combinadas artisticamente com as sardas tatuadas, elas pareciam descolorações, ou talvez marcas de nascença. E ninguém imaginaria que ela faria tal coisa, então ninguém percebeu. Ela era apenas mais uma garota com sardas e manchas no rosto. Caseira, eles a chamavam.

Mas essa era outra maneira de dizer que não havia nada de especial nela, que ela não se destacava na multidão; ela parecia mediana.

Apenas um toque de pigmento vermelho poderia mudar completamente essa impressão, fazendo Maomao parecer uma pessoa completamente diferente. Jinshi estava com as mãos na cabeça como se não conseguisse entender o que estava ouvindo. “Mas por que usar maquiagem dessa maneira? Com que propósito?”

“Senhor, para evitar ser arrastada para algum beco escuro.”

Mesmo no distrito da luz vermelha, havia alguns que tinham fome de mulheres. A maioria deles não tinha dinheiro, podiam ser violentos e muitos deles tinham doenças sexualmente transmissíveis. A loja do apotecário ficava em frente à rua, em uma parte de um dos bordéis, por isso às vezes era confundida com uma vitrine que por acaso tinha um tema incomum. Havia muitos por aí que gostavam de satisfazer seus desejos. E Maomao, naturalmente, queria evitá-los. Uma garota desamparada e com sardas ainda por cima parecia menos propensa a ser o alvo.

Jinshi ouviu isso com espanto e com o que parecia ser um horror crescente. “E você já esteve...?”

“Alguns tentaram.” Maomao, entendendo o que ele queria dizer, fez uma careta para ele. “Mas no final foram os sequestradores que me pegaram”, acrescentou ela com maldade.

Essas pessoas viam as mulheres bonitas como os maiores prêmios que poderiam enviar para o palácio interno. Acontece que Maomao havia esquecido a maquiagem naquele dia em que foi à floresta colher ervas. Na verdade, ela estava procurando tinturas para retrocar suas tatuagens desbotadas. Parece que ela esteve muito perto de não ser vendida.

Jinshi colocou a cabeça entre as mãos. "Desculpe. Este é o meu fracasso como superintendente.” Não parecia agradar a ele, como o responsável por tantas coisas no palácio interno, obter mulheres dessa maneira. Jinshi de repente perdeu seu brilho normal, uma nuvem parecendo pairar sobre ele.

“Há pouca diferença entre ser vendido por sequestradores e ser vendido para dar a uma família menos uma boca para alimentar, então não me importo.”

O primeiro era um crime e o segundo era legal. Porém, se a pessoa que a comprou dos sequestradores alegasse não saber como ela foi obtida, eles provavelmente ficariam impunes. Muitas mulheres chegaram ao palácio interno precisamente por essa brecha. Os

seus captores sabiam que se enviassem mulheres suficientes, de tipos diferentes, alguém poderia chamar a atenção imperial de Sua Majestade – e uma parte do aumento salarial resultante iria diretamente para a bolsa dos raptores.

Quanto ao motivo pelo qual Maomao continuou a usar maquiagem aqui no palácio interno, foi o mesmo motivo pelo qual ela fingiu não conseguir escrever. Neste ponto, isso não importava mais, mas ela não tinha certeza de quando seria o momento certo para aparecer de repente com um rosto sem sardas, e o impulso simplesmente a levou adiante.

"Você não está com raiva?" Jinshi parecia confuso.

"Claro que estou. Mas não é culpa sua, Mestre Jinshi." Maomao compreendeu que era tolice esperar perfeição dos administradores de um país. Poderíamos tentar proteger-nos contra inundações, por assim dizer, mas alguma tempestade sempre atrapalharia os preparativos.

"Eu entedo. Você deve me perdoar." Sua voz era monótona, quase sem emoção.

Quão incomumente direto da parte dele. Maomao estava prestes a erguer os olhos quando algo a atingiu na cabeça. "Isso dói, senhor." Desta vez ela não escondeu seu descontentamento ao olhar para Jinshi. Ela queria saber o que ele tinha feito.

"Será? Eu dou isso para você." Ele não estava com seu sorriso meloso de sempre, mas parecia preso entre a melancolia e o constrangimento. Maomao tocou o cabelo dela, que deveria estar sem adornos, para sentir algo frio e metálico repousando ali.

"Tudo bem. Vejo você no banquete", disse Jinshi, saindo do pavilhão ao ar livre com um aceno por cima do ombro.

Era um bastão prateado de homem que ele colocou no cabelo dela. Um daqueles que ele próprio usava, ela presumiu. Parecia simples à primeira vista, mas foi trabalhado de perto com designs delicados. Provavelmente renderia uma boa quantia se ela o vendesse.

"Uau, que sorte sua", disse Yinghua, olhando melancolicamente para o acessório. Maomao pensou em dar a ela, mas como as outras duas senhoras tinham a mesma expressão, ela não sabia o que fazer. Ela estava estendendo-o para eles quando Hongniang sorriu e afastou a mão dela, balançando a cabeça. A mensagem parecia ser: não se precipite em doar um presente recebido.

“Já chega dessa promessa. Isso não demorou muito”, disse consorte Gyokuyou, quase fazendo beicinho. A consorte pegou o bastão de Maomao e colocou-o com cuidado no cabelo da jovem. “Acho que você não é mais apenas *minha* dama de companhia.”

Para o bem ou para o mal, Maomao não conhecia bem os costumes e tradições do palácio, especialmente os dos seus residentes mais antigos. Ela não tinha ideia do que o palito de cabelo significava.

Capítulo 17: A Festa no Jardim (Parte Dois)

A festa aconteceu em uma área de banquetes montada nos jardins centrais. Tapetes vermelhos foram estendidos em grandes pavilhões ao ar livre, e duas longas mesas foram colocadas lado a lado com assentos de honra em cada extremidade. O próprio imperador ocupava o assento central de honra, com a imperatriz viúva e o irmão mais novo imperial sentados de cada lado dele. No lado leste da mesa estavam sentadas a consorte Preciosa e a consorte Virtuosa, enquanto no lado oeste estavam a consorte Sábia e a consorte Pura. Para Maomao, a disposição dos assentos parecia deliberadamente concebida para provocar disputas. Só poderia atiçar as chamas da hostilidade entre as “quatro damas” de Sua Majestade.

Com a morte do jovem príncipe, o irmão mais novo do imperador era agora o primeiro na linha de sucessão. Embora o irmão mais novo imperial fosse, tal como o próprio governante, filho da imperatriz viúva, parecia que raramente via a luz do dia. Um assento de honra foi providenciado para o príncipe, mas na verdade estava vazio. Ele estava frequentemente doente, raramente saindo do quarto e não desempenhando nenhuma função oficial.

Cada um tinha uma explicação diferente para isso: que o imperador gostava muito de seu irmão mais novo e queria mantê-lo calmo para o bem de sua saúde; que queria manter o príncipe isolado e fora de vista; ou que a imperatriz mãe era superprotetora e se recusava a permitir que o jovem saísse.

De qualquer forma, nada disso tinha a ver com Maomao.

A comida só seria servida depois do meio-dia; no momento, os convidados desfrutavam de apresentações musicais e danças. A consorte Gyokuyou contou com a presença apenas de

Hongniang; a menos que tivessem algum assunto específico, suas outras damas mantinham posição atrás de uma cortina e aguardavam quaisquer instruções.

A imperatriz viúva estava atualmente balançando a princesa em seus braços. A mulher exalava uma beleza elegante e imorredoura que não podia ser ignorada mesmo com as quatro estimadas consortes ao seu redor. Ela parecia tão jovem que, sentada ao lado do imperador, poderia facilmente ser considerada a rainha de Sua Majestade.

E a imperatriz viúva era, na verdade, relativamente jovem. Quando Yinghua disse a Maomao exatamente quão jovem era - e quando Maomao calculou um pouco a idade do atual imperador para determinar quantos anos sua mãe devia ter quando o deu à luz - foi o suficiente para deixá-la profundamente desconfiada em relação ao soberano anterior. Havia aqueles que possuíam um desvio especial pelo qual favoreciam meninas muito jovens – mas como alguém deveria reagir quando o próprio governante possuía tal tendência? De qualquer forma, a imperatriz mãe manteve-se firme e deu à luz a criança e, pelo menos por isso, Maomao a respeitava.

Enquanto Maomao estava tendo esses pensamentos, uma rajada de vento surgiu. Ela sentiu um arrepio. *Eles nem se preocuparam em montar uma barraca para nós?* ela pensou. A cortina atrás da qual ela estava era apenas o suficiente para manter os atendentes fora de vista; fez pouco para bloquear o vento. E se Maomao e as outras damas de companhia com suas pedras quentes estavam sentindo frio, quão pior deveria ser para as damas das outras consortes? Ela podia vê-las tremendo furiosamente, e alguns estavam ficando com os pés em forma de pombo. Ela não achava que haveria nenhum problema em particular em ir ao banheiro naquele momento, mas talvez houvesse certas pretensões que simplesmente precisavam ser mantidas com as outras mulheres assistindo.

Era um problema a maneira como essas damas de companhia se sentiam compelidas a travar batalhas por procuração em nome de suas amantes. E as damas de companhia chefes, que poderiam ter sido capazes de colocá-los na linha, estavam ocupadas atendendo as consortes. Não havia ninguém para impedir as mulheres subordinadas.

No momento, eram quase como duas pinturas, uma das quais poderia se chamar *As forças da consorte Gyokuyou confrontam as da consorte Lihua*, e o outro poderia ser chamado *As forças da consorte Pura confrontam as da consorte Virtuosa.* E note-se que as "forças de Gyokuyou" consistiam em apenas quatro mulheres, menos da metade daquelas contra as quais elas estavam armadas. Os números estavam contra elas, mas Yinghua estava se esforçando para compensar a diferença.

"O que é isso? *Simples*? O que você é, idiota? As damas de companhia existem por uma razão: servir a sua amante. De que adiantaria isso para elas, enfeitando-se e posando?"

Aparentemente houve uma discussão sobre suas roupas. As senhoras em frente a Maomao e Yinghua serviam a consorte Lihua e, como tal, seus conjuntos eram baseados na cor azul. As roupas eram cheias de babados e muitos acessórios, tornando-as bem mais visíveis do que a comitiva de Gyokuyou.

"Você é quem é burra. Se uma senhora não parece bem, isso reflete mal para sua amante. Mas o que mais você esperaria de alguém que contrataria uma idiota tão desajeitada?" Todas as garotas do Palácio de Cristal deram uma risadinha.

Ops, acho que estou sendo ridicularizada. Maomao pensou quase como se fosse outra pessoa. Sem dúvida ela era a idiota em questão. Ela estava tão consciente quanto qualquer um de que não estava de forma alguma acima da média para os padrões do palácio interno.

A senhora orgulhosa que fez estas declarações foi uma das que já tinha desafiado Maomao antes. Ela tinha força de personalidade, mas sem nada que a fundamentasse; ela dizia constantemente: "Vou contar ao meu pai!" Para calá-la, Maomao a encontrou uma vez quando ela estava sozinha e a prendeu contra a parede, deslizando um joelho entre as coxas da garota e fazendo cócegas em sua nuca com um dedo. "Tudo bem", ela disse. "Vamos deixar você com vergonha de contar qualquer coisa a ele." Depois disso, a garota manteve distância.

Acho que o bairro da luz vermelha me deu um senso de humor único.

Pelo menos um que não funcionasse com crianças protegidas da nobreza. Agora, a jovem sempre mantinha Maomao à distância, recuando como se tivesse medo do que poderia acontecer com ela em seguida. Muito inexperiente com os costumes do mundo para aceitar uma piada pelo que realmente era.

"Posso ver que ela não está aqui. Acho que você a deixou para trás. Boa escolha. Seria humilhante para a consorte ter uma criatura tão horrível por perto. Tenho certeza de que ela não ganharia nem um único palito decorativo de cabelo."

A criada evidentemente sentia muita falta de Maomao.

Isso não é muito legal. Depois de trabalharmos juntas por dois meses também.

Foram necessários os melhores esforços de duas outras mulheres para impedir que Yinghua abordasse a desagradável atendente, e Maomao pensou que talvez fosse hora de encerrar essa pequena discussão. Ela deu a volta por trás de Yinghua, erguendo a mão para esconder o nariz, e olhou para as jovens de azul. Uma delas olhou para ela com desconfiança, percebeu para quem ela estava olhando, empalideceu e começou a sussurrar para a outra mulher. Com a mão na frente do nariz, eles perceberam que era Maomao mesmo sem as sardas.

A palavra percorreu a cadeia de serviçais como um jogo de sussurros até chegar à senhora arrogante na frente. O dedo que ela apontava imperiosamente começou a tremer e sua boca ficou aberta. Seus olhos encontraram os de Maomao.

Finalmente me notou, hein? Maomao deu seu maior sorriso, olhando para as damas de companhia de Lihua como um lobo que encurralou sua presa.

“Ah... ah, ah, aham!” Aparentemente a mulher ficou tão pasma que mal conseguia pensar em algo para dizer.

"Sim? O que?" Yinghua disse, sem saber que Maomao estava atrás dela sorrindo. A dama de companhia de aparência subitamente mansa a intrigou.

“E-eu... acho que você já teve o suficiente por hoje. Fi-Fique feliz por estarmos deixando você ir.” Com aquele disparo de despedida pouco coerente, a senhora disparou para o outro lado da área coberta por cortinas. Havia muitos espaços abertos, mas ela escolheu o mais distante das outras mulheres de Maomao e Gyokuyou. Maomao olhou para Yinghua e os outros, que estavam boquiabertos. *Engraçado. Ainda dói.*

Yinghua se recompôs e então viu Maomao. “Bah, eu sempre soube que ela era uma bruxa. Lamento que você tenha ouvido isso. Que coisa a dizer sobre alguém tão doce.” Yinghua parecia francamente arrependida.

“Isso não me incomoda”, disse Maomao. “De qualquer forma, você não quer trocar seus aquecedores de mãos?”

Isso realmente não incomodou Maomao, então não foi problema. Mas Yinghua não parava de franzir a testa e oferecer olhares de simpatia.

“Não, está tudo bem. Eles ainda estão quentes. Mesmo assim, não consigo deixar de me perguntar por que aquela garota começou a tremer tão de repente.” As outras duas damas de companhia pareciam estar fazendo a mesma pergunta.

As três do Palácio de Jade eram todas trabalhadoras dedicadas, mas compartilhavam uma certa tendência a sonhar acordadas, o que as deixava alheias a algumas coisas. Mas Maomao de alguma forma gostava disso nelas, mesmo que isso pudesse torná-las um pouco complicadas de trabalhar.

"Quem sabe? Talvez ela tivesse que ir colher algumas flores, se é que você me entende", disse Maomao descaradamente.

Para quem acompanhava, a lenda de Maomao estava crescendo: ela era agora uma menina que havia sido abusada pelo pai, depois vendida para o palácio interno, transformada em provadora de comida como um peão descartável e, depois de tudo isso, foi obrigada a gastar dois meses suportando as fundas flechas das moradoras do Palácio de Cristal. Ela era, assim se dizia, tão profundamente desconfiada dos homens que até sentiu a necessidade de manchar o próprio rosto.

Em outras palavras, inconvenientemente para Maomao, Yinghua e os outros eram tão imaginativos quanto qualquer garota da sua idade. Até os sorrisos intermináveis de Jinshi se transformaram, em suas mentes, em olhares de pena para a pobre jovem. Maomao não conseguia entender de onde eles tiraram essa ideia.

Mas como teria sido muito trabalhoso tentar endireitá-los, ela deixou a história permanecer.

Enquanto isso, outra batalha por procuração ainda estava acontecendo. Sete contra sete. Um grupo de damas de companhia vestidas de branco e outro de preto. O primeiro grupo eram as mulheres de Lishu, a consorte Virtuosa, e o segundo servia Ah-Duo, a consorte Pura.

“Elas também não se dão bem”, disse Yinghua. Ela estava esquentando as mãos no braseiro. Ela também estava assando e comendo silenciosamente algumas castanhas que Maomao havia pegado, mas as mulheres do Palácio de Cristal mantinham distância, e não havia ninguém com moral suficiente para castigar as duas por isso. “Lady Lishu tem quatorze anos e Lady Ah-Duo tem trinta e cinco. Ambos consortes, mas com idade suficiente para serem mãe e filha. Não é à toa que elas não concordam.”

“Sim, não é de admirar”, disse uma dama de companhia reservada, Guiyuan. “Com a consorte Virtuosa tão jovem e a consorte Pura tão velha, deve ser um relacionamento bastante complicado de administrar.”

“E a consorte Virtuosa é praticamente a sogra da consorte Pura”, acrescentou a esbelta dama de companhia Ailan com um aceno de cabeça. Tanto ela quanto Guiyuan pareciam menos entusiasmados do que Yinghua, mas as três ficavam perfeitamente felizes em fofocar, como acontece com as meninas de sua idade.

"Sogra?" Maomao perguntou surpresa. Não parecia uma expressão muito ouvida no palácio interno.

"Oh sim. A situação é um pouco complicada..."

Lishu e Ah-Duo, Maomao foi informado, tinham sido consortes do ex-imperador e do jovem príncipe, respectivamente. Quando o ex-imperador faleceu, a Virtuosa consorte deixou o palácio para o período de luto. No entanto, isso foi principalmente para exibição, e ao abandonar o mundo - isto é, tornar-se freira - por um breve período, foi considerado como se ela nunca tivesse servido ao imperador anterior, e então ela se casou com o filho do falecido governante. Não foi exatamente honesto, mas foi o tipo de coisa que os poderosos poderiam fazer.

O último imperador morreu há cinco anos, Maomao refletiu. Naquela época, a Virtuosa consorte teria nove anos. Mesmo que o casamento fosse puramente político, era um pensamento perturbador. Quando ela pensou em como a imperatriz viúva havia entrado no palácio interno ainda mais jovem, foi além de perturbador; ela sentiu a bile subir em sua garganta. Isso fez o atual imperador parecer totalmente benigno. Tudo bem, então ele tinha uma queda por frutas especialmente carnudas, mas não compartilhava dos desvios do pai.

Ele pode ser insaciável, mas pelo menos ele não gosta de... Ela imaginou o governante barbudo. Ouviam-se as coisas mais chocantes em conversas passageiras.

“Isso não pode ser verdade, pode? Uma noiva aos nove?” Ailan disse incrédulo. *Obrigada Senhor.*

Capítulo 18: A Festa no Jardim (Parte Três)

A primeira impressão que se tinha de Lishu, a consorte Virtuosa, era que ela não era muito sensível ao clima ao seu redor. A primeira parte do banquete terminou e houve uma pausa antes do início da próxima parte. Maomao e Guiyuan foram ver a princesa Lingli. Enquanto Guiyuan trocava o aquecedor de mão, que havia esfriado, por um novo, Maomao deu uma rápida olhada na criança.

Parece que ela está com uma saúde decente.

Lingli, com o rosto vermelho como uma maçã, tinha uma gordura saudável que estava muito longe de quando Maomao a vira pela primeira vez, e tanto seu pai, o imperador, quanto sua avó, a imperatriz viúva, adoravam-na.

Não tenho certeza se ela deveria estar lá fora assim, no entanto. Foi especialmente injusto considerando todas as cabeças que rolariam se a princesa pegasse um resfriado por causa dos elementos. Só por segurança, contrataram um artesão para criar um berço com uma espécie de cobertura, semelhante a um ninho de pássaro.

Ei, ela é fofa. Acho que esse é um motivo bom o suficiente.

Ah, que coisa assustadora, bebês: esse aqui conseguia tocar até as cordas do coração de Maomao, e ela não tinha nenhum carinho especial por crianças. Quando Lingli começou a se contorcer para sair, Maomao colocou-a assiduamente em seu carrinho e estava entregando-a a Hongniang quando ouviu um bufo pronunciado atrás dela.

Uma jovem com elaboradas mangas rosa-pêssego estava olhando para ela. Várias damas de companhia estavam alinhadas atrás dela. Ela também tinha um rosto encantadoramente infantil, mas naquele momento seus lábios estavam franzidos em óbvio desgosto. Talvez ela tenha ficado chateada por Maomao ter ido direto até a criança sem prestar-lhe homenagem.

Seria essa a jovem noiva, então? Maomao se perguntou. Hongniang e Guiyuan estavam se curvando respeitosamente para ela, então Maomao fez o mesmo. A consorte Lishu, ainda parecendo completamente desconcertada, marchou com suas damas de companhia em seu rastro.

“Aquela era a consorte Virtuosa?”

“Era ela, tudo bem. Ela se destaca na multidão.”

“Mas parece que ela não consegue ler.”

Cada uma das “quatro damas” do imperador recebeu uma paleta de cores distinta. A consorte Gyokuyou era rubi e jade, o ultramarino e cristal de Lihua. A julgar pela cor das vestes de seus atendentes, Ah-Duo, a consorte Pura, deve ter recebido a cor preta. Ela morava no Palácio de Granada, sugerindo que a granada era a pedra preciosa à qual ela estava associada.

Se elas seguirem os cinco elementos, você esperaria que a última cor fosse branca. A cor rosa claro usada pela consorte Lishu parecia perigosamente perto de duplicar o vermelho da consorte Gyokuyou. As duas senhoras estavam sentadas lado a lado no banquete, criando a impressão de que suas cores contrastavam.

Na verdade... Ela percebeu que a discussão entre as criadas que ela havia escutado inadvertidamente tinha sido aproximadamente sobre o mesmo assunto. Um grupo repreendia o outro por usar cores que não eram suficientemente distintas das da amante que acompanhavam.

“Isso faz você desejar que ela crescesse, não é?” A maneira como Hongniang suspirou disse tudo.

Maomao pegou o aquecedor de mãos resfriado e colocou-o no braseiro que eles esperavam exatamente para esse fim. Ela podia ver várias damas de companhia observando à distância, então, com a bênção de Gyokuyou, ela distribuiu algumas pedras quentes. Ela ficou um pouco perplexa: essas mulheres estavam acostumadas a uma vida de seda e pedras preciosas, mas algumas pedras suavemente aquecidas poderiam lhes trazer alegria genuína.

Infelizmente, as mulheres do Palácio de Cristal mantiveram distância de Maomao como se fossem repelidas magneticamente. Ela podia vê-las tremendo – elas deveriam apenas ter pegado os aquecedores de mãos.

“Você não é um pouco mole?” Yinghua perguntou, exasperada.

“Agora que você mencionou isso, talvez.” Ela apenas expressou seus sentimentos abertamente. *Pensando bem...*

Estava bastante lotado atrás da cortina desde o início do intervalo. Não eram apenas damas de companhia; oficiais militares e civis também estavam lá. Todos carregavam acessórios em pelo menos uma das mãos. Alguns conversavam com as criadas individualmente, enquanto outros estavam cercados por uma pequena multidão de mulheres. Guiyuan e Ailan estavam conversando com um militar que Maomao não reconheceu.

“É assim que eles encontram as melhores garotas escondidas em nosso pequeno jardim de flores”, explicou Yinghua a ela. Ela bufou como se de alguma forma estivesse a cima de tudo. O que a deixou tão nervosa?

“Ah.”

“Eles lhes dão esses acessórios, como um símbolo.”

"Oh."

“Claro, às vezes pode significar outra coisa...”

“Uh-huh.”

Yinghua cruzou os braços e fez beicinho diante das respostas estranhamente desinteressadas de Maomao. "Eu *disse*, às vezes pode significar outra coisa!”

"Sim, eu ouvi você." Ela nem parecia disposta a perguntar o que isso significava.

“Tudo bem, dê-me o palito de cabelo”, disse Yinghua, apontando para o enfeite que Maomao recebeu de Jinshi.

“Tudo bem, mas você tem que fazer pedra-papel-tesoura com as outras duas garotas”, disse Maomao enquanto virava as pedras do braseiro. Ela não queria que isso se transformasse em uma briga. Além disso, se Hongniang descobrisse que ela acabara de dar o bastão para a primeira pessoa que perguntasse, provavelmente levaria outro tapa na nuca. A chefe dama de companhia tinha uma mão rápida.

Para Maomao, que tinha toda a intenção de voltar para casa após o término de seus dois anos de serviço, “fazer sucesso no mundo” não tinha nenhum atrativo.

Além disso, se ele vai pensar que isso lhe dá o direito de me intimidar, prefiro voltar a servir no Palácio de Cristal. Maomao pensou com uma expressão como se estivesse observando uma cigarra morta.

Foi então que ela ouviu uma voz gentil: “Tome isso, mocinha”. Um bastão de cabelo ornamental foi apresentado a ela. Uma pequena decoração de coral rosa claro balançava nele.

Maomao ergueu os olhos e descobriu um homem de aparência viril dando-lhe um sorriso insinuante. Ele ainda era jovem e não tinha barba. Ele parecia bastante viril, mas seu sorriso diligente não despertava nenhum sentimento em Maomao, que tinha uma resistência incomumente forte a tais coisas.

O homem, um militar, percebeu que ela não estava reagindo como ele esperava, mas não retirou o presente oferecido. Ele estava meio agachado, então seus tornozelos começaram a tremer.

Por fim, Maomao percebeu que estava deixando aquele homem numa espécie de dilema. "Obrigada." Ela pegou o prendedor de cabelo e o homem pareceu tão satisfeito quanto um cachorrinho que satisfez seu dono. *Um cachorrinho vira-lata*, pensou Maomao.

“Bem, ta-ta, então. Prazer em conhecê-la. A propósito, meu nome é Lihaku.”

Se algum dia eu pensasse que veria você novamente, tentaria me lembrar disso.

Ainda havia uma dúzia de palitos de cabelo enfiados no cinto do cachorro grande que agora acenava para Maomao. Presumivelmente, ele os estava distribuindo a todos para não envergonhar nenhuma dama de companhia por omissão. Bastante educado da parte dele.

Acho que talvez eu tenha sido injusto com ele, Maomao pensou, olhando para o ornamento de coral.

"Você conseguiu um?" Guiyuan perguntou, aproximando-se dela com as outras garotas. Cada um estava segurando seu saque.

“Sim... Um prêmio de participação”, respondeu Maomao sem emoção. Talvez ele os estivesse dando para as garotas que pareciam estar sem ninguém com quem conversar.

“Que maneira solitária de ver as coisas”, disse uma voz familiar e refinada atrás dela. Maomao virou-se e foi confrontada pela aquela consorte bem dotada, Lihua.

Ela está parecendo um pouco mais gordinha. Ainda assim, porém, não tão robusta como antes. A última sombra em seu rosto, porém, apenas realçava ainda mais sua beleza. Ela usava uma saia azul-marinho escuro e uma roupa azul-celeste com um xale azul sobre os ombros.

Pode ser um pouco frio para ela. Enquanto Maomao fosse serva da consorte Gyokuyou, ela não poderia ajudar Lihua diretamente. Depois que ela deixou o Palácio de Cristal, até mesmo atualizações sobre a saúde da consorte só chegavam a ela por meio dos comentários periódicos de Jinshi. Mesmo que ela tivesse ousado tentar visitar o Palácio de Cristal, as damas de companhia de Lihua a teriam expulsado na porta.

Maomao fez uma reverência como Hongniang lhe ensinara. “Já faz muito tempo, senhora.”

“Sim, muito tempo”, disse Lihua, tocando o cabelo de Maomao enquanto Maomao olhava para ela. Ela perfurou algo, assim como Jinshi havia feito. Não doeu desta vez. Parecia que havia algo preso em uma mecha de cabelo. “Bem, tome cuidado”, disse Lihua, e afastou-se elegantemente, repreendendo suas damas de companhia por sua incapacidade de esconder seu espanto.

Mas as mulheres do Palácio de Jade ficaram igualmente irritadas. “Huh, não consigo adivinhar o que Lady Gyokuyou vai fazer.” Yinghua sacudiu o palito de cabelo saliente com uma expressão de aborrecimento.

Na cabeça de Maomao, uma cauda de três ornamentos de quartzo tremia.

Depois do meio-dia, Maomao ocupou o lugar de Hongniang atrás da consorte Gyokuyou, pois agora era hora de comer. Por insistência de Yinghua, Maomao enfiou no cinto os três palitos de cabelo que recebeu. O acessório que Gyokuyou lhe deu era um colar, então teria sido melhor ela usar pelo menos um deles no cabelo, mas qualquer que ela escolhesse, teria sido percebido como um desprezo por seus outros dois benfeitores. Foi essa necessidade constante de estar ciente de como as ações de alguém impactariam os outros que tornou tão trabalhoso ser dama de companhia.

Agora que teve a oportunidade de observar o banquete do ponto de vista de um dos assentos de honra, Maomao percebeu que era realmente uma produção impressionante. Oficiais militares alinharam-se no lado oeste e funcionários civis no lado leste. Apenas cerca de dois em cada dez deles conseguiram sentar-se à longa mesa; os outros estavam em uma fila organizada. Em um aspecto, a situação era pior do que as criadas que trabalhavam nos bastidores: tinham que ficar assim por horas a fio.

Gaoshun estava entre os que estavam sentados com os oficiais militares. Maomao percebeu que ele talvez fosse um homem mais importante do que ela pensava, mas também ficou surpresa ao ver um eunuco ocupar seu lugar entre as autoridades com tanta indiferença. O grande homem de antes também estava lá. Ele estava sentado mais abaixo do que Gaoshun, mas considerando sua idade, talvez isso significasse apenas que ele estava apenas começando a abrir caminho no mundo.

Jinshi, entretanto, não estava em lugar nenhum. Alguém poderia pensar que alguém tão deslumbrante se destacaria na multidão. Como não havia, porém, necessidade real de procurá-lo, Maomao concentrou-se no trabalho que tinha em mãos.

Um pouco de vinho veio primeiro como aperitivo. Foi derramado delicadamente de recipientes de vidro em copos de prata. Maomao agitou o vinho na taça, sem pressa, certificando-se de que não havia turvação. Haveria manchas escuras se o arsênico estivesse presente.

Enquanto deixava o vinho girar suavemente, ela deu uma boa cheirada e depois tomou um gole. Ela já sabia que não havia veneno, mas se não experimentasse, ninguém acreditaria que ela estava fazendo seu trabalho corretamente. Ela engoliu em seco e depois enxaguou a boca com água limpa.

Hum? Maomao de repente parecia ser o centro das atenções. Os outros provadores ainda não tinham colocado as xícaras na boca. Quando viram que Maomao havia confirmado que não havia nada perigoso, hesitantes começaram a tomar goles.

Ei, compreensível. Ninguém queria morrer. E se uma provadora estivesse disposta a ir primeiro, seria mais seguro esperar por ela e ver o que acontecia. *E se você fosse usar veneno em um banquete, um de ação rápida seria a única opção.*

Maomao era provavelmente a única aqui que às vezes experimentava venenos para se divertir. Ela era, digamos, uma personalidade excepcional.

Se eu tivesse que ir, acho que gostaria que fosse por causa da toxina do baiacu. Os órgãos misturados numa bela sopa...

O formigamento na língua que isso causava – ela não conseguia o suficiente. Quantas vezes ela vomitou e purgou o estômago só para poder sentir isso? Maomao havia se exposto a uma grande variedade de venenos diferentes para se imunizar contra eles, mas o baiacu era mais uma preferência pessoal. Ela sabia, aliás, que a toxina do baiacu não era uma toxina à qual o corpo pudesse ser curado, não importa quantas vezes fosse exposto.

Enquanto esses pensamentos passavam por sua cabeça, os olhos de Maomao encontraram os da dama de companhia que lhe trouxe o aperitivo. Os cantos dos lábios de Maomao estavam voltados para cima; provavelmente parecia que ela estava sorrindo de forma desagradável para a mulher. Como se ela fosse um pouco demente, talvez. Maomao deu um tapa nas bochechas, forçando-se a adotar sua habitual expressão neutra.

O aperitivo servido era um dos preferidos do imperador; era um prato que aparecia às vezes quando ele passava a noite. Aparentemente, o palácio interno estava cuidando da culinária deste banquete. Este prato era bastante familiar. Enquanto todos os outros provadores observavam Maomao atentamente, ela rapidamente usou seus pauzinhos.

O prato era peixe cru e legumes temperados com vinagre. Sua Majestade podia ser um pouco exagerada, mas suas preferências alimentares tendiam a ser surpreendentemente saudáveis — pensou a provadora impressionada.

Eles confundiram um pouco, Maomao pensou ao perceber que os ingredientes eram diferentes dos habituais. O prato costumava ser servido com carpa preta, mas hoje trazia águas-vivas.

Era inconcebível que os chefs cometessem um erro na receita preferida do imperador. Se houve uma confusão, deve ser que a refeição preparada para uma das outras consortes tenha vindo para a consorte Gyokuyou. O serviço culinário do palácio interno era altamente competente, e até preparava o mesmo prato de maneiras distintas para agradar Sua Majestade e suas diversas mulheres. Quando Gyokuyou estava amamentando, por exemplo, eles lhe serviram uma infinidade de pratos que promoviam um bom leite materno.

Quando a degustação de comida terminou e todos estavam comendo seus aperitivos, Maomao viu algo que, em sua mente, fortaleceu sua especulação de que havia um erro em quem recebeu o quê. Lishu, a consorte alheia, estava olhando para seu aperitivo e parecendo um pouco pálida.

Eu acho que ela não gosta do que está nele. Mas como este era o prato preferido do imperador, seria injusto não terminar o que lhe foi servido. Ela estava abrindo caminho corajosamente pela comida, com uma fatia de carpa crua tremendo em seus pauzinhos. Atrás dela, a dama de companhia que servia como provadora de comida estava com os olhos fechados. Seus lábios tremiam e pareciam se curvar levemente.

Ela estava rindo.

Eu meio que gostaria de não ter visto isso, Maomao pensou, depois passou para o próximo prato.

○●○

Se ao menos tivesse sido apenas um banquete, pensou Lihaku. Ele não se dava bem com esses tipos de elite que desprezavam a todos desde as alturas da corte imperial. Qual foi a graça de fazer uma festa ao ar livre, no frio congelante, com o vento soprando em você a cada momento?

Uma boa refeição, teria sido bom. Todos deveriam imitar seus ancestrais, tomando uma bebida e um pouco de carne em uma horta de pêssegos com alguns amigos próximos.

Mas onde quer que houvesse nobres, poderia haver veneno. Quaisquer ingredientes, por mais finos que fossem, por mais requintadamente preparados, já teriam esfriado quando os provadores terminassem de comê-los, e com o calor desapareceria pelo menos metade do sabor.

Ele não culpou as pessoas que verificaram a comida em busca de veneno, mas apenas observar a maneira como eles tiveram que se forçar a levar um bocado aos lábios, com os

rostos pálidos o tempo todo, quase lhe custou o apetite. Hoje, como sempre, ele não conseguia deixar de sentir que estava demorando demais.

Mas, na realidade, parecia que não era isso que estava acontecendo. Normalmente, os provadores de comida olhavam uns para os outros com desconforto enquanto levavam os utensílios à boca. Mas hoje, havia uma provadora presente que parecia absolutamente ansiosa. A pequena dama de companhia que atendeu a Preciosa consorte tomou um gole do aperitivo de sua taça de prata sem sequer olhar para as outras mulheres. Ela engoliu lentamente e depois lavou a boca como se a coisa toda não fosse grande coisa.

Lihaku achou que ela parecia familiar – e então ele se lembrou que ela era uma das mulheres para quem ele havia dado um palito de cabelo antes. Ela não era de nenhuma beleza notável, limpa e arrumada, mas sem distinções especiais. Ela provavelmente estava perdida no mar de mulheres que serviam no palácio interno, muitas das quais eram inconfundivelmente lindas. E ainda assim, a expressão fixa em seu rosto sugeria uma mulher que poderia dominar os outros com um olhar.

Sua primeira impressão foi que ela parecia um tanto distante, mas assim que a julgou inexpressiva, ela provou que ele estava errado com um sorriso espontâneo e inexplicável – que desapareceu tão repentinamente quanto apareceu. Agora ela parecia bastante descontente. Apesar de tudo isso, ela continuou a sentir o gosto do veneno com total indiferença. Foi muito estranho. Foi também a maneira perfeita de passar o tempo, tentando adivinhar que tipo de cara ela faria a seguir.

A jovem recebeu a sopa e pegou uma colherada. Ela examinou-o criticamente e depois colocou lentamente algumas gotas na língua. Seus olhos se arregalaram um pouco e, de repente, um sorriso arrebatador se espalhou por seu rosto. Houve um rubor em suas bochechas e seus olhos começaram a lacrimejar. Seus lábios se curvaram para cima, revelando dentes brancos e uma língua vermelha carnuda, quase sedutora.

Era isso que tornava as mulheres tão assustadoras. Enquanto lambia as últimas gotas dos lábios, seu sorriso era como uma fruta madura, como o da cortesã mais talentosa. A comida devia estar realmente deliciosa. O que poderia haver nele para transformar uma garota completamente normal em uma criatura tão encantadora? Ou talvez tenha sido a preparação dos chefs inestimavelmente talentosos do palácio?

Lihaku engoliu em seco e só então a jovem fez algo inacreditável. Ela tirou um lenço da bolsa, levou-o aos lábios e cuspiu o que acabara de comer.

“Isto está envenenado”, disse a dama de companhia, com a expressão neutra mais uma vez no rosto. Sua voz tinha toda a urgência de um burocrata informando sobre algum assunto mundano, e então ela desapareceu atrás da cortina feminina.

O banquete terminou em caos total.

Capítulo 19: Depois das Festividades

“Você é uma provadora de comida muito enérgica.”

Maomao tinha acabado de lavar a boca e olhava vagamente para o horizonte quando um eunuco inesperado e totalmente subempregado apareceu. Ela não podia acreditar que ele a encontrou tão longe do banquete.

Não muito tempo antes, Maomao detectou veneno no prato servido logo após o peixe cru. Ela cuspiu e se retirou da celebração.

Acho que a maioria das damas de companhia seriam castigadas por fazer algo assim.

Ela gostaria de ter sido mais discreta, mas simplesmente não era possível. Este veneno foi o primeiro que ela tomou em muito tempo e era convidativo e delicioso. Ela poderia praticamente ter engolido. Mas se uma provadora de comida engolisse avidamente qualquer veneno que encontrasse, ela não seria capaz de fazer seu trabalho. Maomao precisava sair da situação antes que as coisas saíssem do controle.

“Bom dia para você, Mestre Jinshi.” Ela o cumprimentou com sua habitual aparência inexpressiva, mas sentiu que suas bochechas não estavam tão rígidas como de costume; talvez um pouco do veneno ainda estivesse em seu organismo. Ela se ressentiu porque isso poderia fazer parecer que ela estava sorrindo para ele.

“Acredito que é você quem está tendo um bom dia.” Ele agarrou-a pelo braço. Ele parecia, na verdade, bastante chateado.

“Posso perguntar o que você está fazendo?”

“Levando você para ver o médico, obviamente. Seria um absurdo você consumir veneno e simplesmente ir embora.”

Na verdade, Maomao era a imagem da saúde. Quanto à toxina naquele prato, desde que ela não a engolisse, dificilmente poderia machucá-la. Mas o que teria acontecido se ela tivesse engolido em vez de cuspi-lo? A curiosidade a percorreu.

Havia uma boa chance de ela estar começando a sentir um formigamento agora.

Eu não deveria ter cuspido. Talvez não fosse tarde demais para pegar um pouco da sopa que sobrou. Ela perguntou a Jinshi se isso seria viável.

"O que você é, estúpida?" ele disse, escandalizado.

“Prefiro dizer que estou sempre ansiosa para melhorar.” Embora ela reconhecesse que nem todos apoiariam esse tipo de autoaperfeiçoamento.

De qualquer forma, Jinshi agora tinha pouco do seu brilho característico, mesmo tendo substituído o bastão no cabelo e usando as mesmas roupas elegantes de antes. Espere, o colarinho dele estava ligeiramente torto? Estava! Então foi isso, que canalha! Ele sem dúvida alegou que estava com frio como pretexto para fazer algo bajulador.

No momento, não havia mel em sua voz e nenhum sorriso alegre em seu rosto.

Esse brilho é algo que ele pode ligar e desligar? Ou ele estava simplesmente cansado depois de tudo o que aconteceu? Talvez a razão de sua ausência no banquete tenha sido porque ele passou o tempo todo abordando — ou sendo abordado por — damas de companhia, funcionários civis, militares e eunucos. Sim, é com isso que Maomao aceitaria. Fale sobre um homem que se manteve ocupado.

Eu não gostaria de estar na posição dele.

Ele pode ter sido lindo, mas de onde ela estava, ele parecia muito mais com a tenra idade que ela suspeitava que ele tivesse. Mais jovem, talvez. Ela teria que pedir a Gaoshun para ter certeza de que de agora em diante, quando Jinshi a visitasse, seria somente depois de ele ter feito algo indecente.

"Deixe-me te contar algo. Você saiu de lá parecendo tão ágil que uma pessoa realmente comeu a maldita sopa se perguntando se realmente havia veneno ali!”

“Quem seria tão estúpido?” Havia muitos tipos diferentes de veneno. Alguns não manifestaram seus efeitos por um bom tempo depois de serem consumidos.

“Um ministro está sentindo dormência. O lugar está um alvoroço.”

Ah, então o futuro da nação estava potencialmente em jogo.

“Eu gostaria de saber... poderíamos ter usado isso.” Ela tirou uma bolsa de pano em volta do pescoço, algo que ela escondeu logo abaixo do acolchoamento do peito. Continha um emético que ela preparou discretamente na noite anterior. “Eu fiz isso tão forte que faria você tossir no estômago.”

“Isso soa como um veneno”, disse Jinshi com ceticismo. “Temos nosso próprio médico aqui. Você pode deixar tudo nas mãos dele.”

De repente, Maomao pensou em algo e parou no meio do caminho.

"O que é?" Jinshi perguntou.

"Eu tenho um pedido. Há alguém que eu gostaria de trazer conosco, se possível.” Havia um assunto que Maomao estava desesperado para esclarecer. E só havia uma pessoa que poderia ajudá-la a fazer isso.

"Quem? Dê-me um nome”, Jinshi franziu a testa.

“A consorte Virtuosa, Lady Lishu. Você chamaria ela?” Maomao respondeu calma e confiante.

Quando Lishu atendeu ao chamado, ela deu a Jinshi um sorriso tão agradável quanto a primavera, enquanto para Maomao ela lançou apenas um olhar de total desprezo. O *que é isto*? ela parecia querer saber. Ela esfregou inquieta a mão esquerda com a direita. Ela era bem jovem, mas ainda era aquela criatura chamada de mulher.

Eles tentaram ir ao consultório médico, mas como todos os tipos importantes e estúpidos achavam que tinham que estar lá, havia uma multidão impossível, e Jinshi, Maomao e Lishu foram forçados a ir para um escritório administrativo não utilizado. Isso deu a Maomao a oportunidade de apreciar como a arquitetura diferia entre o palácio interno e o exterior. A sala não tinha adornos, mas era vasta.

Consorte Lishu fez uma espécie de beicinho. Maomao pediu a Gaoshun que afastasse a maioria dos assistentes de Lishu, que a haviam seguido em bando, de modo que apenas uma ficou com a consorte.

Maomao tomou uma antitoxina para ajudar a esfriar a cabeça. Ela estaria perfeitamente segura sem ele, mas tinha vontade de ter certeza e, de qualquer forma, ficou intrigada ao ver como outra pessoa havia feito a droga. Nesse caso, fez com que ela vomitasse com força suficiente para trazer à tona todo o conteúdo do estômago, um emético delicioso. Ao contrário do charlatão do palácio interno, o médico do tribunal principal era eminentemente competente. Jinshi observou Maomao sorrir o tempo todo em que ela vomitava, como se não conseguisse acreditar no que estava vendo. Ela achou que era um tanto rude da parte dele olhar para uma jovem enquanto ela vomitava.

Agora parecendo bastante revigorado, Maomao curvou-se para Lishu. A consorte olhou para ela com os olhos semicerrados.

“Perdoe-me”, disse Maomao, aproximando-se de Lishu. A consorte reagiu com espanto quando Maomao pegou-lhe na mão esquerda, enrolando a manga comprida para revelar um braço pálido. “Eu sabia”, disse Maomao. Ela viu exatamente o que esperava: uma erupção vermelha pontilhada na pele normalmente lisa e imaculada. “Havia algo no prato de peixe que você não deveria estar comendo.”

Lishu recusou-se a olhar para Maomao.

“O que exatamente você quer dizer com isso?” Jinshi disse, com os braços cruzados. O comportamento celestial retornou silenciosamente, mas ele ainda não sorria.

“Algumas pessoas simplesmente não conseguem comer certas coisas. Não apenas peixes. Alguns não têm estômago para ovos, trigo ou laticínios. Eu mesma tenho que evitar o trigo sarraceno.” Jinshi e Gaoshun pareciam surpresos. Isso vindo da garota que ingeriu veneno casualmente!

Me deixem em paz, Maomao implorou-lhes silenciosamente. Ela tentou se acostumar com o trigo sarraceno, mas isso fez com que seus brônquios se contraíssem e ameaçasse sua respiração. Também causou erupção na pele, mas apenas depois de absorvido pelo estômago, por isso era difícil avaliar uma porção apropriada e os efeitos demoravam muito para diminuir. Eventualmente, ela desistiu de tentar se acostumar com a coisa. Ela ainda nutria esperanças de fazer outra tentativa algum dia, mas não faria isso aqui no palácio interno, onde sua única esperança, caso algo desse errado, estaria no médico charlatão.

"Como você sabia?" Lishu perguntou trêmula.

“Primeiro, deixe-me fazer uma pergunta. Como está seu estômago? Você não parece ter náuseas ou cólicas.” Maomao então se ofereceu para preparar um purgante, mas consorte Lishu balançou a cabeça vigorosamente. Era humilhante demais para contemplar, ali mesmo, diante do único aristocrata por quem todos pareciam obcecados. Foi a pequena maneira de Maomao se vingar de Lishu por seu desprezo.

“Nesse caso, por favor, sente-se.” Gaoshun, mais solícito do que parecia, puxou uma cadeira. Lishu sentou-se.

“O problema é que sua refeição foi trocada pela de Lady Gyokuyou. A senhora não é exigente com a comida, por isso come basicamente as mesmas coisas que Sua Majestade”, disse Maomao. Mas, neste caso, um ou dois ingredientes diferiram entre as refeições. “Cavala e abalone, é isso que você não pode comer, não é?”

A consorte assentiu. A expressão de espanto no rosto da senhora que atendeu Lishu não passou despercebida por Maomao.

“Aqueles que não trabalham sob tais restrições alimentares nem sempre compreendem que isto vai além da preferência”, disse Maomao. “Nesse caso, as consequências parecem não ter sido piores do que uma erupção na pele, mas às vezes esses alimentos podem causar dificuldade para respirar ou até problemas cardíacos. Eu chegaria ao ponto de dizer que se alguém *conscientemente* dar-lhe comida que você não pode comer, seria o mesmo que lhe servir veneno.” Essa palavra provocou uma reação imediata do resto da sala. “Eu entendo que dadas as circunstâncias você pode ter achado difícil se opor, consorte, mas você se

colocou em um perigo tremendo." O olhar de Maomao vagou entre a senhora e sua acompanhante. "Peço que você não esqueça essa lição no futuro." Ela estava conversando com as duas. Depois de um instante, ela acrescentou a Jinshi: "Por favor, certifique-se de que seu chef habitual também esteja ciente".

Lishu e sua acompanhante, entretanto, ainda pareciam incompreensíveis. Maomao explicou detalhadamente o perigo à dama de companhia e escreveu o que fazer caso Lishu tivesse outra reação. A mulher estava pálida, balançando a cabeça convulsivamente.

Então é assim que é ameaçar alguém.

A senhora que ficou com Lishu era sua provadora de comida. Aquela que estava rindo.

Depois que a consorte Lishu se retirou, Maomao sentiu uma atmosfera quase viscosa atrás dela e finalmente sentiu uma mão em seu ombro. Ela lançou um olhar frio para o dono da mão; teria sido melhor se ela olhasse para ele como olharia para uma minhoca.

"Eu sou apenas vil e gostaria que você não me tocasse." Em palavras menos elegantes: *Desgruda.*

"Você é a única que diz essas coisas para mim."

"Suponho que todo mundo é muito atencioso." Maomao se afastou de Jinshi. Ela suspirou como se estivesse com azia e procurou por Gaoshun na esperança de que ele pudesse servir como seu tônico, mas sempre leal ao seu mestre, ele olhou para trás com uma expressão que dizia: *Por favor, apenas ature-o.*

"Bem, devo retornar e reportar-me a Lady Gyokuyou", disse Maomao.

"Diga-me por que você pediu que a provadora de comida da consorte viesse aqui conosco", disse Jinshi, de repente chegando ao cerne da questão. Foi por isso que foi tão difícil lidar com ele.

"Tenho certeza de que não sei o que você quer dizer", disse Maomao sem expressão.

"Você acha que quem preparou as refeições cometeu o erro, então?"

"Eu não saberia." Ela iria se fazer de boba até o fim.

“Então me responda isso, pelo menos. A consorte Virtuosa estava sendo deliberadamente alvejada?”

“Se não houver veneno em nenhuma das outras tigelas...”

Então teria que ser deliberado.

Maomao saiu da sala enquanto Jinshi começava a pensar. Uma vez que ela estava em segurança do lado de fora, ela caiu contra a parede e soltou um longo suspiro.

Capítulo 20: Dedos

Ao retornar ao Palácio de Jade, Maomao viu-se submetida a cuidados escrupulosos. Ela foi vestida com roupas limpas e jogada na cama, não no quarto apertado que normalmente ocupava, mas em um quarto extra muito maior, com uma cama adequada. Depois de descansar um pouco nesta nova roupa de cama de seda, Maomao pensou na esteira de palha onde costumava dormir e sentiu como se tivesse subido de um pântano para as nuvens.

“Tomei remédios e não há nada de errado comigo fisicamente”, protestou ela. Por remédio ela se referia ao emético, mas não havia necessidade de dizer isso.

“Não seja ridícula. Você deveria ter visto o ministro que comeu aquela comida. Não me importo se você tirou essa coisa do seu sistema, não há como você estar bem e elegante”, disse Yinghua, pressionando um pano úmido na testa de Maomao com preocupação.

Ministro estúpido, estúpido, Maomao pensou. Ela se perguntou se ele realmente tinha conseguido tirar tudo com o primeiro medicamento que recebeu, mas sua curiosidade não iria conquistar sua liberdade aqui. Ela se resignou a esse fato e fechou os olhos.

Foi um dia agonizantemente longo.

Maomao devia estar mais cansado do que pensava, porque era quase meio-dia quando ela acordou. Isso não era bom para uma dama de companhia. Ela pulou da cama, trocou de roupa e foi procurar Hongniang.

Não, espere. Primeiro...

Maomao voltou para seu quarto para encontrar o pó facial que sempre usava. Não o pó clareador com o qual todo mundo estava tão preocupado, mas a coisa que criava as sardas em seu rosto. Usando uma folha de bronze polido como espelho, ela bateu nos pontos ao redor das tatuagens com a ponta do dedo, prestando atenção especial aos que estavam acima do nariz.

Eu absolutamente não vou sair sem maquiagem novamente. Foi muito difícil explicar. Passou pela cabeça de Maomao que ela poderia simplesmente fingir que havia usado maquiagem para esconder as "sardas", mas a ideia só a envergonhou. Provavelmente seria esperado que ela reagisse como uma virgem corada toda vez que alguém mencionasse isso.

O estômago de Maomao estava roncando, então ela comeu um dos bolos lunares que sobraram para um lanche. Ela teria gostado de limpar o corpo, mas não teve tempo. Ela foi direto para onde os outros estavam trabalhando.

Hongniang estava com a consorte Gyokuyou, cuidando da princesa Lingli. Ela mal desviou o olhar da jovem bastante móvel, movendo-a para que ela permanecesse no tapete, ou apoiando cadeiras para que não caíssem enquanto a princesa as usava para tentar se levantar. Ela parecia bastante precoce.

"Minhas sinceras desculpas por dormir demais", disse Maomao com uma reverência.

"Dormir demais? Você deveria ter tirado o dia de folga." Gyokuyou colocou a mão na bochecha de Maomao, parecendo preocupada.

"Dificilmente, senhora. Se precisar de mim, por favor, chame", disse Maomao — mas ela sabia muito bem que raramente recebia algum trabalho sério para fazer e provavelmente seria deixada sozinha.

"Suas sardas..." Gyokuyou disse, fixando-se imediatamente na única coisa que Maomao menos queria que ela notasse.

"Me sinto muito melhor com eles. Se milady não se importa."

"Sim, claro", disse Gyokuyou, deixando o assunto de lado muito mais prontamente do que Maomao esperava. Maomao lançou-lhe um olhar sondador, mas Gyokuyou disse: "Absolutamente todo mundo queria saber quem era aquela minha dama de companhia. Achei que as perguntas nunca iriam acabar!"

"Me desculpe."

Maomao suspeitava que as pessoas não viam com bons olhos uma criada que declarava a presença de veneno e depois simplesmente deixava um banquete por sua própria vontade. Em particular, ela até se preocupou com a possibilidade de ser punida por isso, e ficou aliviada ao descobrir que nenhuma reprimenda estava por vir.

“Pelo menos com essas sardas, as pessoas não vão te reconhecer imediatamente. Isso pode ser o melhor.”

Maomao pensou que ela tinha sido mais sutil do que isso, mas talvez ela estivesse errada. Onde estava o erro dela?

“Ah, e outra coisa. Gaoshun veio esta manhã procurando por você. Você vai vê-lo? Parecia que ele tinha tempo disponível, então eu o mandei arrancar ervas daninhas do lado de fora.”

Capinar?

É verdade que era a consorte favorita do imperador quem dispensava a tarefa, mas Gaoshun não era um criado. Ou talvez ele tenha assumido o cargo voluntariamente. Maomao teve a impressão de que Gaoshun ocupava uma posição razoavelmente alta na hierarquia, mas também parecia um tanto suave. Ela podia ver inúmeras damas de companhia se apaixonando por ele. Ela teve a sensação especial de que os olhos de Hongniang brilhavam quando Gaoshun estava por perto. A principal dama de companhia tinha cerca de trinta anos e, apesar de sua boa aparência, sua considerável competência tinha o efeito colateral de assustar potenciais pretendentes.

“Podemos pegar emprestada a sala de estar?” Maomao perguntou.

"Você pode. Vou chamá-lo imediatamente”, disse Gyokuyou, pegando a princesa de Hongniang, que saiu para chamar para Gaoshun. Maomao estava prestes a segui-la, mas Gyokuyou a deteve com a mão e a encaminhou para a sala de estar.

“Mestre Jinshi envia isto, com seus cumprimentos”, disse Gaoshun prontamente quando entrou na sala. Ele colocou um pacote embrulhado em pano sobre a mesa. Maomao abriu e descobriu uma tigela de prata cheia de sopa. Não a coisa que Maomao provou, mas o prato que a consorte Gyokuyou estava prestes a comer. Ele a recusou ontem, mas no final teve a gentileza de fornecê-la.

Ele estava sendo educado, mas isso também era, supôs Maomao, uma ordem para investigar.

“Por favor, não coma”, disse Gaoshun com uma expressão distinta de preocupação.

“Não pensei nisso”, respondeu Maomao. *Mas só porque a prata promove o apodrecimento*. Alimentos oxidados nunca eram saborosos.

Gaoshun não parecia perceber que tinha seus próprios motivos para não tomar a sopa. Ele a observou em dúvida. Maomao olhou para a tigela, tomando cuidado para não tocá-la diretamente. E ela estava olhando para a tigela, não para o conteúdo.

“Descobriu alguma coisa?” Gaoshun perguntou a ela.

“Você tocou nisso com as próprias mãos?”

"Não. Só tirei parte do conteúdo com uma colher para verificar se era de fato venenoso.”

Depois embrulhou-o num pano para levar a Maomao, aparentemente receoso de tocar numa tigela cheia de veneno.

Isso fez com que Maomao lambesse os lábios em antecipação. "Tudo bem. Espere aqui um momento.” Ela saiu da sala e foi até a cozinha, vasculhando as prateleiras em busca de alguma coisa. Então ela voltou para o quarto onde estava dormindo mais cedo. Ela abaixou a cabeça em direção à cama chique, rasgando o pano nas costuras e tirando um pouco do que havia dentro antes de voltar para onde Gaoshun estava esperando. Aos seus olhos, ela estava simplesmente carregando um pouco de pó branco em uma mão e um acolchoamento de aparência macia na outra.

Maomao amassou o forro e polvilhou-o com pó – farinha. Então ela bateu suavemente contra a tigela de prata. Gaoshun olhou para ela com curiosidade. "O que é isso?" ele perguntou, observando as marcas que apareciam na tigela.

“Traços de toque humano.”

Os dedos humanos deixavam facilmente marcas no metal. Principalmente prata. Quando ela era jovem, o pai de Maomao tingia recipientes que ela não deveria tocar, para impedi-la de fazer travessuras. Seu pequeno truque com a farinha agora mesmo foi um golpe de inspiração nascido daquela velha memória, e até ela ficou surpresa com o quão bem

funcionou. Se a farinha fosse um pouco mais fina, as impressões poderiam até ser mais fáceis de distinguir.

“Os recipientes de prata são sempre limpos antes do uso. Afinal, eles seriam inúteis se estivessem sujos.”

Vários conjuntos diferentes de estampas eram evidentes na tigela. Pela posição e tamanho, era possível adivinhar como a tigela havia sido segurada.

Mesmo que os padrões exatos das estampas não sejam bem visíveis.

“Esta tigela foi tocada...” Maomao disse, mas então ela parou.

Gaoshun era muito perspicaz para não perceber a forma como ela falhou. "Sim? O que está errado?"

"Nada." Não fazia sentido tentar desajeitadamente esconder segredos de Gaoshun. Mesmo que isso tornasse sem sentido a pequena charada do dia anterior. Maomao soltou um pequeno suspiro. “Esta tigela foi tocada por quatro pessoas ao todo, eu acho.” Ela apontou para os diferentes padrões na poeira branca, tomando cuidado para não tocar ela mesma na superfície. “Não se toca na tigela ao limpá-la, então podemos presumir que as impressões pertencem à pessoa que distribuiu a sopa, a quem a serviu, a provadora de comida da Virtuosa consorte e a mais uma pessoa não identificada.”

Gaoshun lançou um olhar intenso para ela. “Por que a provadora de comida?”

Maomao queria que isso terminasse silenciosamente, mas tudo dependeria de como esse homem taciturno reagisse. "É simples. Porque suspeito que a provadora trocou deliberadamente as tigelas. Ela sabia perfeitamente o que sua patroa podia ou não comer e havia trocado as tigelas de propósito. Com malícia premeditada.” Maomao largou a tigela, com uma expressão desagradável passando por seu rosto. “É uma forma de intimidação.”

“Bullying”, repetiu Gaoshun como se não conseguisse acreditar. E quem poderia culpá-lo? Para uma dama de companhia fazer tal coisa com uma consorte de alto escalão era impensável. Impossível.

“Vejo que você não tem certeza”, disse Maomao. Se Gaoshun não parecia querer saber, Maomao não tinha vontade de contar a ele. Afinal, ela não gostava de falar com base em suposições. Mas talvez fosse necessário fazê-lo, se quisesse explicar por que as impressões

digitais da dama de companhia estavam naquela tigela. Maomao decidiu que seria melhor dar sua opinião honesta do que fazer qualquer tentativa incompleta de despistar Gaoshun.

"Você poderia me contar o que está pensando?" Gaoshun perguntou, com os braços cruzados enquanto a estudava.

“Muito bem, senhor. Por favor, entenda que isso é apenas especulação da minha parte.”

"Isso é bom."

Para começar, considere a situação incomum da consorte Lishu. Ela se tornou concubina do imperador anterior ainda muito jovem e logo se tornou freira quando ele morreu. Muitas mulheres, especialmente as ricas, foram ensinadas que era seu dever de esposa comprometer-se totalmente, de corpo e espírito, com os maridos. Embora ela possa ter entendido o raciocínio político, Lishu deve ter achado terrivelmente pouco virtuoso casar-se com o filho de seu ex-cônjuge.

“Você viu o que a consorte Lishu estava vestindo na festa no jardim?” Maomao perguntou. A Virtuosa consorte estava vestida com um berrante vestido rosa que parecia bem acima de sua posição.

Gaoshun não disse nada, sugerindo que sua reputação era ruim nos círculos em que ele frequentava.

“Foi... um tanto desajeitado, digamos?” Maomao ofereceu. Mas as atendentes da consorte Lishu, por sua vez, usavam roupas em sua maioria brancas. “Em qualquer situação normal, as damas de companhia teriam coletivamente convencido a sua amante a usar algo mais prudente, ou então teriam coordenado os seus trajes com os dela. Em vez disso, o que elas fizeram fez a consorte Lishu parecer uma palhaça.”

Uma dama de companhia estava lá para apoiar sua amante. Isso foi algo que Hongniang havia ensinado às outras mulheres da consorte Gyokuyou. Yinghua disse algo semelhante durante o banquete. Algo sobre usar roupas discretas para fazer sua amante se destacar ainda mais. Com isso em mente, a discussão com as damas de companhia da consorte Lishu sobre roupas assumiu um novo aspecto.

As damas de companhia da consorte Pura as repreendiam por seu comportamento injusto.

A inexperiente Lishu estava à mercê de suas servas, que devem tê-la lisonjeado e insistido que o vestido rosa ficaria bem nela. Não havia dúvidas na mente de Maomao. No palácio

interno, todos ao redor eram inimigos; as únicas pessoas em quem se podia confiar eram as damas de companhia. E estes traíram essa confiança para humilhar a sua amante.

“E você acredita que eles trocaram ainda mais a comida apenas para tornar a vida da consorte Lishu mais difícil?” Gaoshun disse hesitantemente.

"Sim. Embora, curiosamente, isso a salvou.”

O veneno veio em muitas variedades. Alguns eram bastante fortes, mas não mostraram efeitos imediatos. Em outras palavras, se as tigelas não tivessem sido trocadas, a provadora de comida de Lishu ainda não teria apresentado efeitos nocivos, e a consorte provavelmente teria bebido a sopa, presumindo que tudo estava bem.

Acho que isso é especulação suficiente por hoje. Maomao pegou a tigela novamente e apontou para a borda. “Suspeito que estas sejam as impressões digitais de quem colocou o veneno aqui. Talvez eles tenham beliscado a borda da tigela enquanto faziam isso.”

Nunca se deve tocar na borda de uma vasilha de comida — outra coisa que Hongniang lhes ensinara. Os dedos não devem sujar nada que possa ser tocado pelos lábios de alguma pessoa nobre.

“Essa é a minha opinião sobre o que aconteceu”, disse Maomao.

Gaoshun esfregou o queixo e olhou para a tigela. “Posso perguntar uma coisa?”

"Sim senhor?" Maomao passou pela tigela, ainda embalada em seu pano, de volta a Gaoshun.

"Por que você tentou encobrir aquela mulher?" Em contraste com a expressão tensa de Maomao, Gaoshun parecia completamente curioso.

“Comparada a uma consorte”, disse Maomao, “a vida de uma dama de companhia é muito barata”. Principalmente a de uma provadora de comida.

Gaoshun assentiu com facilidade, como se entendesse o que ela estava dizendo. “Vou garantir que Mestre Jinshi entenda a situação.”

"Meus agradecimentos." Maomao observou educadamente Gaoshun sair - e então ela caiu em uma cadeira. "Certo. Certo. Vou ter que agradecer a ela.”

Já que ela teve a gentileza de trocá-los, afinal.

Maomao realmente deveria ter bebido, pensou ela.

○●○

"... É assim que as coisas estão, senhor", disse Gaoshun, concluindo seu relatório sobre o que aprendeu no Palácio de Jade. Jinshi, que estava ocupado demais para ir sozinho, passou a mão pelo cabelo, pensativo. Papéis estavam empilhados em sua mesa e seu chop* estava na mão. Em todo o escritório administrativo, grande mas árido, apenas ele e Gaoshun estavam presentes.

"Nunca deixo de ficar impressionado com o quão bem você fala", disse Jinshi.

"Se você diz, senhor," seu sempre intenso assessor disse secamente.

"Seja qual for o caso, foi claramente um trabalho interno."

"As circunstâncias parecem sugerir que sim", disse Gaoshun, franzindo as sobrancelhas. Ele sempre foi direto ao ponto.

A cabeça de Jinshi doeu. Ele queria parar de pensar. Entre outros agravantes, não teve tempo de dormir desde o dia anterior, nem mesmo de trocar de roupa. Foi o suficiente para fazê-lo querer ter um ataque de raiva.

"Sua, aham, cara de pôquer está escorregando, senhor."

O sorriso doce de sempre de Jinshi desapareceu. Ele usava uma aparência taciturna que honestamente parecia mais apropriada para um homem de sua juventude. E Gaoshun parecia lê-lo como um livro.

"Ninguém mais está aqui. Isso realmente importa?" Seu mentor sempre foi tão rígido.

"Eu estou aqui."

"Você não conta."

"Sim, eu conto."

Jinshi esperava que a piada o tirasse dessa situação, mas Gaoshun, sério e diligente, nunca tinha senso de humor nos momentos certos. Que fardo foi ter alguém cuidando de cada movimento seu desde o dia em que você nasceu.

“Você ainda está usando seu prendedor de cabelo”, disse Gaoshun, apontando para sua cabeça.

"Oh. Besteira." Jinshi geralmente não falava assim. “Estava bastante escondido. Duvido que alguém tenha notado.” Jinshi puxou o bastão para revelar um acessório de considerável artesanato. Foi esculpido na forma do mítico, fazendo uma espécie de cruzamento entre um cervo e um cavalo. Dizia-se que era o chefe dos animais sagrados, e o direito de usar sua imagem era conferido apenas àqueles de posição considerável.

"Aqui. Mantenha-o em algum lugar seguro.” Jinshi jogou o bastão com indiferença para Gaoshun.

“Tenha cuidado com isso. É imensamente importante.”

"Eu entendi."

"Você certamente não entendeu."

E então, tendo dado a última palavra, o homem que foi responsável por Jinshi por quase dezesseis anos deixou o escritório. Jinshi, ainda comportando-se como uma criança, deitou-se sobre a mesa. Ele ainda tinha muito trabalho a fazer. Ele precisava se apressar e reservar algum tempo livre para si mesmo.

“Tudo bem, vamos lá.” Ele se espreguiçou bastante e pegou o pincel. Para ter muito tempo disponível, primeiro ele teve que terminar seu trabalho.

* Chop (ou spin) é uma mistura de tabaco e maconha, fumada através de um cachimbo ou bongo.

Capítulo 21: Lihaku

A tentativa de envenenamento, ao que parecia, era um problema muito maior do que Maomao imaginava. Xiaolan a perseguiu incansavelmente por causa disso. Um lugar atrás do galpão de lavanderia havia se tornado o local favorito das garçonetes para fofocar; agora Maomao e Xiaolan estavam sentadas em caixas de madeira, comendo espetos de frutas cristalizadas de espinheiro, uma guloseima que Xiaolan parecia adorar especialmente.

Ela nunca acreditaria que eu estava bem no meio de tudo isso.

Xiaolan parecia mais jovem do que realmente era enquanto devorava os doces, chutando as pernas penduradas. Ela era outra que havia sido vendida para o palácio interno, mas a filha deste pobre fazendeiro parecia estar aproveitando sua nova vida. Alegre e falante, ela parecia menos desanimada por seus pais a terem vendido como escrava do que feliz por ter o suficiente para comer.

“Aquela que comeu o veneno foi uma das damas de companhia de onde você trabalha, não foi, Maomao?”

“Sim, foi”, disse ela. Ela não estava mentindo. Ela simplesmente não estava dizendo a verdade.

“Eu não sei muito sobre isso. Você acha que ela está bem?”

"Acho que ela está bem." Maomao não tinha certeza exatamente que tipo de “bem” Xiaolan tinha em mente, mas uma resposta afirmativa parecia adequada. Extremamente desconfortável com a conversa, Maomao evitou mais algumas perguntas antes de Xiaolan franzir os lábios e desistir. Ela ficou ali sentada segurando um espeto com apenas uma fruta sobrando. Para Maomao, parecia um bastão de cabelo ornamental com decoração de coral vermelho-sangue.

"Então, você conseguiu algum palito de cabelo?” Xiaolan aventurou-se.

"Eu acho." Quatro, na verdade, incluindo o dado por obrigação. E contando com o colar da consorte Gyokuyou. (Por que não?)

"Huh! Então você pode sair daqui.” Xiaolan deu um sorriso despreocupado.

Hum? Isto despertou o interesse de Maomao. "O que você disse?"

“O que você quer dizer com o que eu disse? Você não vai embora?”

Yinghua foi enfática sobre a mesma coisa. Maomao praticamente a ignorou. Agora ela percebeu que havia cometido um erro. Ela segurou a cabeça entre as mãos e caiu na auto-recriminação.

“O que aconteceu?” Xiaolan perguntou, olhando para Maomao com preocupação.

"Conte-me mais sobre isso."

Percebendo que Maomao de repente e finalmente parecia interessada em algo que ela estava dizendo, Xiaolan estufou o peito. "Você entendeu!" E então a jovem volúvel contou a Maomao tudo o que sabia sobre como os prendedores de cabelo eram usados.

○●○

A convocação veio para Lihaku assim que ele terminou o treinamento. Enxugando o suor, ele jogou a espada, a lâmina rachada, para um subordinado próximo. O campo de treino cheirava a suor e carregava no ar o calor do esforço.

Um oficial militar magro entregou a Lihaku uma tira de madeira para escrever e um bastão de cabelo ornamental de mulher. O acessório, decorado com coral rosa, foi apenas um dos vários que ele distribuiu recentemente. Ele presumiu que as mulheres entenderiam que ele estava lhes dando os enfeites por obrigação, não por seriedade, mas aparentemente pelo menos uma delas não o fez. Ele não iria querer envergonhá-la, mas poderia ser problemático para ele se ela estivesse realmente falando sério. Mas, novamente, se ela fosse linda, seria uma pena não pelo menos conhecê-la. Refletindo preguiçosamente sobre como ele a decepcionaria gentilmente, Lihaku olhou para a tira escrita. Dizia: *Palácio de Jade – Maomao.*

Ele deu um enfeite de cabelo apenas para uma das mulheres do Palácio de Jade, aquela dama de companhia de olhos frios. Lihaku coçou o queixo pensativamente e foi trocar de roupa.

Os homens eram normalmente proibidos de entrar no palácio interno. É claro que isso se aplicava a Lihaku, que ainda tinha todas as suas diversas partes. Ele não esperava servir no palácio interno; na verdade, ele estava bastante preocupado com o que significaria se o fizesse.

Por mais aterrorizante que o lugar pudesse ser, com permissão especial, as mulheres poderiam ser retiradas de seu recinto. O motivo — um dos vários possíveis — era um palito como este. Lihaku esperou na guarita, perto do portão central, até que a jovem fosse levada até ele. No espaço um tanto apertado havia cadeiras e mesas para duas pessoas, e eunucos de pé, um de cada lado da porta.

Pela porta dos fundos do palácio apareceu uma jovem pequena. Sardas cercavam seu nariz. O rosto dela era raro e simples em um lugar povoado por belezas requintadas.

"E quem é você?" Lihaku rosnou.

“Muitas vezes me perguntam isso”, respondeu a garota com indiferença, escondendo o nariz atrás da palma da mão. De repente ele a reconheceu. Foi a mesma mulher que o chamou aqui.

“Alguém já lhe disse que você fica muito diferente com maquiagem?”

"Muitas vezes." A jovem não pareceu desanimada com esta observação, mas reconheceu o fato com franqueza.

Lihaku entendeu, intelectualmente, que aquela era ela, a dama de companhia, a provadora de comida. Mas, em sua mente, ele simplesmente não conseguia conciliar o rosto sardento com o sorriso sedutor da cortesã. Foi a coisa mais estranha.

“Escute, você entende o que significa me chamar assim, não é?” Lihaku cruzou os braços e depois cruzou as pernas para garantir. Contudo, nem um pouco intimidada por essa exibição do corpulento oficial do exército, a pequena jovem disse: “Desejo voltar para minha família”. Ela parecia completamente sem emoção ao dizer isso.

Lihaku coçou a cabeça. “E você acha que vou ajudar?”

"Sim. Ouvi dizer que se você atestar por mim, talvez eu consiga uma licença temporária.”

Essa garota disse as coisas mais terríveis. Ele se perguntou se ela realmente entendia para que serviam os prendedores de cabelo. Mas, por acaso, a menina, Maomao, evidentemente queria usá-lo para voltar para casa. Ela não estava apenas procurando um bom oficial para si mesma. Ela foi ousada ou imprudente?

Lihaku apoiou o queixo nas mãos e bufou. Ele não se importava se ela achasse isso rude. Era assim que ele seria. "E daí? Eu deveria apenas brincar com você?” Lihaku era conhecido por

sua decência e bondade de coração, mas quando olhava furioso ainda conseguia parecer adequadamente intimidador. Quando ele repreendeu subordinados preguiçosos, mesmo aqueles que não tiveram nada a ver com isso se sentiram compelidos a pedir desculpas. E, no entanto, essa Maomao nem sequer franziu a sobrancelha. Ela simplesmente olhou para ele sem emoção.

"Não exatamente. Acredito que tenho uma maneira de demonstrar minha gratidão." Ela colocou um monte de tiras de escrita sobre a mesa. Parecia ser uma carta de apresentação.

"*Meimei*, *Pairin*, *Joka*." Eram nomes de mulheres. Na verdade, Lihaku já tinha ouvido falar deles. Muitos homens haviam.

"Talvez uma excursão para ver flores na Casa Verdigris."

Eram nomes de cortesãs da classe mais alta, mulheres com quem se podia gastar o salário de um ano em prata numa única noite. As mulheres citadas na carta eram conhecidas coletivamente como as Três Princesas e eram as damas mais populares de todas.

"Se você tiver alguma preocupação, basta mostrar isso a eles", disse Maomao, e um leve sorriso apareceu em seus lábios.

"Isso tem que ser uma piada."

"Garanto a você, é muito sério."

Lihaku mal conseguia acreditar. Para uma mera dama de companhia ter conexões com cortesãs, mesmo os oficiais mais graduados tinham dificuldade em obter uma audiência, era quase impensável. O que estava acontecendo aqui? Lihaku puxou o próprio cabelo, completamente perdido, e a jovem suspirou e se levantou.

"O que?" Lihaku perguntou.

"Posso ver que você não acredita em mim. Minhas desculpas por desperdiçar seu tempo." Maomao retirou silenciosamente algo da gola de seu uniforme. Duas coisas, na verdade. Palitos de cabelo: um em quartzo e outro em prata. A implicação era clara: ela tinha outras opções. "Mais uma vez, sinto muito. Vou perguntar a outra pessoa."

"A-agora espere só um segundo." Lihaku bateu com a mão no feixe de tiras de madeira antes que Maomao pudesse tirá-lo da mesa.

Ela olhou para ele, sem expressão. “Há algum problema?” Ela o olhou diretamente nos olhos, encontrando o olhar que poderia dominar homens de guerra experientes. E Lihaku teve que admitir que o venceu.

○●○

“Você tem certeza disso, Lady Gyokuyou?” Hongniang observou Maomao por uma fresta da porta. Sua cor parecia mais saudável que o normal; ela parecia quase alegre enquanto arrumava suas coisas. O estranho é que a própria Maomao parecia pensar que parecia perfeitamente normal.

“São apenas três dias”, respondeu a consorte.

“Sim, senhora, mas...” Hongniang pegou a princesinha, que segurava suas saias para ser abraçada. “Tenho certeza de que ela realmente não entende.”

“Sim, tenho certeza que você está certa.”

As outras damas de companhia deram parabéns a Maomao, mas ela não parecia entender exatamente por quê. Ela acabara de prometer alegremente trazer lembranças para elas.

Gyokuyou ficou na janela, olhando para fora. “Realmente, quem mais sinto pena de todos é... bem.” Ela soltou um longo suspiro, mas então um sorriso travesso apareceu em seu rosto. “Mas é muito divertido.” Ela falou em um sussurro, mas as palavras não escaparam de Hongniang.

A dama de companhia ficou preocupada: parecia-lhe que haveria outra discussão.

Tendo finalmente terminado seu trabalho e se tornado um homem de lazer novamente, Jinshi finalmente visitou o Palácio de Jade, apenas para descobrir que havia perdido Maomao por um único dia.

Capítulo 22: Regresso a Casa

O bairro da prostituição para onde Maomao estava tão ansiosa por regressar não era, de fato, assim tão longe. O palácio interno era do tamanho de uma pequena cidade, mas estava situado dentro da capital do país. O distrito da luz vermelha ficava no lado oposto da metrópole ao complexo do palácio, mas se alguém conseguisse passar pelos altos muros e fossos profundos da residência imperial, estaria a uma curta distância.

Quase não precisávamos nos dar ao trabalho de conseguir uma carruagem, Maomao pensou. Ao lado dela, o homem corpulento chamado Lihaku estava sentado assobiando uma música, segurando as rédeas do cavalo nas mãos. Seu bom humor poderia ser atribuído ao fato de ele agora perceber que a história de Maomao era verdadeira. A perspectiva de conhecer as cortesãs mais famosas do país deixaria qualquer homem de bom humor.

As cortesãs, deve-se dizer, não deveriam ser simplesmente agrupadas com o conjunto das prostitutas comuns. Alguns delas venderam seus corpos, sim, mas outros venderam apenas suas realizações. Elas não aceitavam clientes suficientes para serem “populares” no sentido grosseiro. Na verdade, isso ajudou a aumentar seu valor percebido. Compartilhar até

mesmo uma xícara de chá com uma delas poderia custar uma quantia substancial de prata — quanto mais uma noite! Essas mulheres reverenciadas tornaram-se uma espécie de ídolos, objetos de admiração do povo comum. Algumas garotas da cidade, levadas pela ideia de se tornarem elas mesmas uma dessas feiticeiras, bateram no portão do distrito da luz vermelha, embora apenas um pequeno grupo conseguisse realmente alcançar esse status exaltado.

A Casa Verdigris estava entre os estabelecimentos mais veneráveis do bairro de lazer da capital; mesmo as menos notáveis de suas damas eram cortesãs de classe média. As mais notáveis estavam entre as mulheres mais famosas do bairro. E algumas delas eram mulheres que Maomao considerava quase como irmãs.

Cenários familiares surgiram enquanto a carruagem avançava ruidosamente. Havia uma barraca de rua vendendo os espetinhos de carne que ela tanto desejava comer, o aroma flutuando até ela enquanto passavam. Os galhos dos salgueiros caíam sobre um canal e ela ouviu a voz de alguém vendendo lenha. As crianças passavam correndo, cada uma carregando um cata-vento.

Eles passaram por um portão ornamentado e então um mundo pintado em uma profusão de cores se estendeu diante deles. Ainda era meio-dia e não havia muita gente por perto; algumas damas desocupadas da noite acenavam do segundo andar de seus estabelecimentos.

Finalmente a carruagem parou em frente a um edifício cuja entrada era visivelmente maior que a de muitos outros. Maomao saltou e correu até uma velha magra que fumava cachimbo na entrada. “Ei, vovó. Faz um tempo que não vejo você.”

Há muito tempo atrás ela era uma senhora que dizia possuir lágrimas de pérola, mas agora suas lágrimas secaram como folhas murchas. Ela recusou ofertas para libertá-la da escravidão, em vez disso permaneceu com o passar dos anos, até agora ela era uma veterana temida por todos. O tempo foi realmente cruel.

“Um tempo, na verdade, sua pirralha ignorante.” Um choque percorreu o plexo solar de Maomao. Ela sentiu a bile subir em sua garganta, um gosto amargo brotando em sua boca. E, estranhamente, mesmo isso ela registrou apenas como familiar, nostálgico. Quantas vezes no passado ela foi induzida dessa maneira a vomitar venenos que havia ingerido em demasia?

Lihaku não sabia exatamente o que estava acontecendo, mas, sendo uma pessoa fundamentalmente decente, esfregou suavemente as costas de Maomao. *Quem diabos é*

essa mulher? sua expressão parecia perguntar. Maomao espalhou um pouco de poeira no chão encharcado com o pé. Lihaku olhou para ela com preocupação.

"Huh. Então este é o seu suposto cliente, hein?" A senhora lançou a Lihaku um olhar avaliador. A carruagem, entretanto, foi confiada aos criados do estabelecimento. "Bom corpo, forte. Características viris. Um novato, pelo que ouvi."

"Vovó, não acho que você costuma dizer isso na frente da pessoa de quem está falando."

A senhora fingiu não ouvir, mas chamou a aprendiz, uma prostituta em formação, que varria a frente do portão. "Vá chamar Pairin. Acho que ela está descansando em algum lugar hoje."

"Pairin..." Lihaku engoliu em seco. Pairin era uma dessas cortesãs famosas; dizia-se que sua especialidade era a dança requintada. Para o bem da reputação de Lihaku, devemos acrescentar que o que ele sentia não era simples desejo por uma companheira, mas sincero apreço por uma mulher de talentos genuínos. Conhecer esse ídolo que parecia viver acima das nuvens, mesmo que fosse simplesmente para tomar chá com ela, foi uma grande honra.

Parin? Quero dizer... Sim, talvez... Pairin poderia fazer um trabalho extremamente bom para aqueles que eram do seu agrado.

"Mestre Lihaku", disse Maomao, dando um soco no homem grande, mas atualmente de olhos vagos, ao lado dela. "Quão confiante você está com seu bíceps?"

"Não tenho certeza do que você quer dizer, mas gosto de pensar que aperfeiçoei meu corpo tão bem quanto qualquer homem."

"É assim mesmo? Boa sorte, então."

Lihaku deu-lhe uma última e intrigada inclinação de cabeça enquanto a jovem aprendiz o levava embora. Quanto a Maomao, ela estava grata a Lihaku por trazê-la aqui e queria fornecer-lhe algo que expressasse adequadamente sua gratidão. E o sonho de uma noite pode proporcionar uma lembrança para toda a vida.

"Agora, Maomao." A dona da voz rouca exibia um sorriso terrível. "Nenhuma palavra durante dez malditos meses?"

"O que eu deveria fazer? Eu estava servindo no palácio interno." Pelo menos ela enviou uma tira de madeira explicando a situação geral.

“Você me deve muito. Você sabe que nunca aceito clientes de primeira viagem.”

"Acredite em mim, eu sei." Maomao tirou uma bolsa da bolsa. Continha metade de seus ganhos até o momento no palácio interno – ela havia pedido especialmente um adiantamento sobre seu salário.

“Huh,” a mulher fungou, espiando dentro da bolsa. “Não é o suficiente.”

“Admito que não esperava que você realmente produzisse Pairin.” Ela pensou que o dinheiro cobriria uma noite de namoro com uma cortesã de alto nível. Além disso, gente como Lihaku provavelmente ficaria satisfeita em ter um vislumbre das Três Princesas. “Pelo menos finja que cobriria uma xícara de chá juntos. Por favor, por mim?”

"Idiota. Um idiota com cérebro musculoso como esse? Pairin vai morder, e você sabe disso.”

Sim, eu devo ter adivinhado. As cortesãs mais estimadas não vendiam seus corpos, mas isso não significava que não pudessem se apaixonar. Esse era o jeito das coisas. “Digamos apenas que está fora do meu controle...”

"Nunca! Vai para sua conta.”

“Não tenho como pagar tanto!” *Não pense que nem o resto do meu salário compensaria a diferença. Sem chance...*

Maomao estava imerso em pensamentos. A mulher estava claramente brincando com ela. Não que isso fosse novidade.

“Bah, o pior acontece, você pode pagar sua dívida com seu corpo. Eu sei que Sua Majestade é seu único cliente naquele seu grande e chique palácio, mas é a mesma ideia. E não se preocupe com todas essas cicatrizes. Temos certos tipos que gostam desse tipo de coisa.”

Durante muitos anos, a senhora persistiu em tentar fazer com que Maomao se tornasse cortesã. Tendo passado a vida inteira no distrito da prostituição, a mulher não considerava a sorte de uma cortesã algo infeliz.

“Ainda tenho mais um ano de contrato.”

“Então gaste-o assustando mais clientes. Não velhos gordos. Jovens como o seu amigo hoje, de quem podemos extrair algo.”

Ah, ah. Então ela acha que há lucro a ser obtido.

A única coisa em que a velha pensava era onde estava o dinheiro. Maomao não tinha intenção de se vender, então teria que começar a fornecer um fluxo constante de "sacrifícios" à senhora. Qualquer um que parecesse viável.

Me pergunto se eu conseguiria enviar eunucos... O rosto de Jinshi passou por sua mente, mas Maomao descartou a ideia. As cortesãs poderiam levá-lo tão a sério que colocariam todo o sistema de joelhos. Não gostaria disso. Mas, novamente, ela se sentiria mal por enviar Gaoshun ou o médico charlatão. Ela não queria ser a razão pela qual eles acabaram sendo explorados pela velha senhora. Agora Maomao estava realmente lamentando que houvesse tão poucas maneiras boas de encontrar homens no palácio interno.

"Maomao, seu velho deveria estar em casa. Corra e veja-o."

"Sim, obrigada."

Por mais que pensasse, ela não poderia resolver o problema aqui e agora. Maomao seguiu por um caminho lateral ao lado da Casa Verdigris.

Apenas uma rua adiante, o distrito da luz vermelha tornou-se um lugar muito mais solitário. Barracos em ruínas que passavam por lojas ou casas, mendigos esperando que alguém jogasse alguns trocados nas xícaras quebradas que seguravam e caminhantes noturnos com cicatrizes visíveis de sífilis.

Um desses edifícios em ruínas era a casa de Maomao. Era uma casa apertada com chão de terra. Lá dentro, uma figura estava ajoelhada sobre uma esteira de junco, curvada sobre um almofariz e um pilão, trabalhando diligentemente no dispositivo. Era um homem com rugas profundas no rosto e uma aparência gentil; havia um aspecto quase de avó nele.

"Ei, papai. Voltei."

"Ah, demorou um pouco", disse o pai, cumprimentando-a do mesmo jeito de sempre, como se nada tivesse acontecido. Depois foi preparar o chá com um andar instável. Ele despejou tudo numa xícara de chá surrada, que Maomao recebeu com gratidão. Mesmo sendo feito com folhas cansadas, o chá estava quente e a relaxou.

Maomao começou a falar sobre tudo o que havia acontecido com ela, uma coisa após a outra, e seu pai ouvia apenas com ocasional zumbido *hum* ou *huh*. No jantar, comeram mingau engrossado com ervas e batatas, e depois Maomao foi direto para a cama. Um banho poderia esperar até o dia seguinte, ela decidiu, quando poderia pegar emprestada um pouco de água quente e boa na Casa Verdigris.

Ela se enrolou em sua cama simples, um tapete estendido no chão de terra. Seu pai vestiu-a com um quimono e acendeu o fogo no forno para garantir que não se apagasse.

"O palácio interno... Isso é carma, suponho", sussurrou o pai, mas as palavras não chegaram a Maomao; ela já estava dormindo.

Capítulo 23: Talos de Trigo

Oh sim...

O canto do galo acordou Maomao e ela saiu de sua casa em ruínas. Nos fundos havia um pequeno galinheiro e um galpão para alfaias agrícolas, além de um caixote de madeira. Pelo fato de faltar a enxada, ela deduziu que seu pai estava no campo. Ele mantinha um em um bosque próximo ao distrito da luz vermelha.

Ele sabe que isso não é bom para as pernas. Seu pai estava envelhecendo e ela desejava que ele parasse com o difícil trabalho físico, mas ele não deu sinais de que iria fazê-lo. Ele gostava de fazer seus remédios com ervas que ele mesmo cultivava. Consequentemente, uma coleção heterogênea de plantas estranhas brotou ao redor de sua casa.

Maomao arrancou uma folha aqui e ali, verificando como estavam as plantas. Ela olhou para a discreta caixa de madeira. Tinha uma placa com caracteres em pinceladas que diziam: MÃOS FORA. Maomao engoliu em seco. Ela empurrou a tampa para trás e espiou, embora isso não tenha ajudado em nada seu ritmo cardíaco. Se ela se lembrava corretamente, a caixa continha vários ingredientes deixados para cozinhar no vinho. Ela parecia se lembrar de que os ingredientes eram muito vivos e difíceis de pegar.

Depois de um momento, Maomao colocou a tampa de volta no lugar onde estava. Parecia que as pessoas estavam prestando atenção ao sinal. Sempre pensador cuidadoso, seu pai sabiamente colocou apenas uma coisa dentro da caixa. Essa foi uma escolha sábia. Vários juntos podem comer uns aos outros e tornar-se tóxicos.

Tudo bem, de qualquer maneira... Seus pensamentos foram interrompidos por batidas barulhentas na porta. Coçando a cabeça preguiçosamente, Maomao deu a volta na frente da casa. “Você vai quebrá-la”, disse ela para a garota com aparência de pânico que batia com o punho na porta instável. Ela não era da Casa Verdigris. Ela era serva-aprendiz em outro bordéis próximos e ocasionalmente ia à farmácia de Maomao.

"E aí? Se você está procurando meu pai, ele está fora.” Maomao estava bocejando quando a garota agarrou sua mão e realmente a arrastou para longe.

A aprendiz levou Maomao a um bordel mediano não muito longe da Casa Verdigris. Não era um lugar grande, mas ostentava uma qualidade decente. Maomao lembrou que havia aqui várias cortesãs, com alguns excelentes clientes. Mas o que a criada queria ao trazê-la para cá?

Maomao tentou alisar o cabelo desgrenhado e tirar as rugas das roupas. Ela não havia colocado a roupa de dormir na noite anterior, o que estava começando a parecer que poderia ser uma coisa boa. Mas aqui estava ela planejando conseguir água quente na Casa Verdigris...

“Mana, eu trouxe a apotecária!” a garota chamou enquanto elas passavam pela porta dos fundos do bordel e se dirigiam para um dos quartos. Lá, Maomao descobriu um grupo de mulheres, sem maquiagem e parecendo cansadas, reunidas em torno de algo que ela não conseguia ver. Quando ela se aproximou, encontrou um homem e uma mulher deitados em uma cama, compartilhando um travesseiro, com saliva escorrendo de suas bocas. Parecia haver vestígios de vômito na roupa de cama.

Um cachimbo estava no chão próximo e folhas de tabaco estavam espalhadas. Ela também viu alguns pedaços de palha no chão e próximo um recipiente de vidro quebrado. O conteúdo havia derramado, manchando o travesseiro. O ar estava repleto de um aroma muito característico. Duas garrafas de vinho também fizeram parte do caos, também tombadas e derramadas. As duas manchas de cores diferentes no travesseiro pareciam quase um tipo estranho de arte.

Confrontada com esta cena, os olhos de Maomao se abriram e o sono a abandonou. Ela abriu os olhos do homem e da mulher, olhando dentro deles; ela verificou seus pulsos e enfiou um dedo em suas bocas. Ela não foi a primeira, ao que parecia, já que os dedos de uma das cortesãs estavam imundos de vômito.

O homem não estava respirando; Maomao pressionou o plexo solar em um esforço para expelir o conteúdo do estômago. Houve um *hrrk*, e cuspe escorreu de sua boca. Ela agarrou os lençóis para limpar o interior da boca dele. Finalmente ela o deslizou e respirou em sua boca.

Ao ver isto, uma das cortesãs tentou imitar o que Maomao tinha feito pela mulher. Ao contrário do homem, ela ainda respirava, então foi facilmente induzida a vomitar. A cortesã tentou lhe oferecer um pouco de água, mas Maomao gritou: "Não deixe ela beber isso! Carvão – precisamos de carvão!" A assustada cortesã derramou a água de surpresa, mas depois saiu correndo pelo corredor.

Maomao repetiu o processo com o homem várias vezes, pressionando seu peito para induzir o vômito e depois respirando por ele. Quando apenas o ácido estomacal começou a subir, ele finalmente começou a respirar sozinho.

Maomao, já exausta, pegou a água que lhe foi oferecida e enxaguou a boca antes de cuspi-la pela janela próxima.

A *primeira maldita coisa da manhã.* Ela nem tinha tomado café da manhã e agora sentia vontade de voltar para a cama. Mas ela balançou a cabeça para afastar a sensação e chamou a criada. "Traga meu pai aqui. Ele provavelmente está no campo perto da parede sul. Dê isso a ele; ele saberá o que isso significa." Ela trouxe um pedaço de papel de madeira e rabiscou alguns caracteres nele, depois o entregou à garota. A criança parecia em conflito, mas ela pegou e foi embora. Maomao tomou outro gole de água, desta vez bebendo, e então começou a polvilhar o carvão que havia sido trazido.

Coisa estúpida, irritante e problemática de se fazer, pensou ela, franzindo a testa para as folhas de tabaco e depois soltando um suspiro.

Cerca de meia hora depois, chegou um homem idoso com problemas nas pernas, liderado pela criada. *Demorou bastante*, Maomao pensou, mas mostrou ao pai o carvão cuidadosamente pulverizado. Ele acrescentou folhas secas de algumas variedades diferentes de ervas e depois deu a mistura para o homem e a mulher beberem.

"Acho que você fez um trabalho razoável lidando com isso", disse ele, depois pegou um dos pedaços de palha do chão e estudou atentamente uma das pontas.

"Apenas razoável?" Maomao observava o pai — velho, mas nada mole — trabalhar. Ele pegou um caco de vidro no chão e algumas folhas de tabaco. Por fim, examinou um pouco do vômito, a primeira coisa que saiu antes da chegada de Maomao.

Ela o estudou enquanto ele avançava. Se ela tinha o hábito de observar o que estava ao seu redor de perto, certamente herdou isso dele. Esse homem — seu pai adotivo, um mestre apotecário — conseguia discernir duas ou três coisas novas a partir de apenas um fato novo.

“Que veneno você achou que era isso?” seu pai disse. Seu tom implicava que ele estava lhe dando algum tipo de lição. Maomao pegou ela mesma uma das folhas de tabaco e mostrou-lha. Um largo sorriso cruzou seu rosto enrugado, como se dissesse: Sim, está certo. “Parece que você não os deixou beber água?”

“Isso seria contraproducente, não seria?”

O pai respondeu com um gesto ambíguo que parecia ser um aceno de cabeça “Depende. O ácido estomacal pode ajudar a prevenir a absorção do veneno. Nesses casos, dar água ao paciente é contraproducente. Mas se o agente foi dissolvido em água para começar, então diluí-lo às vezes é a melhor escolha.” Ele explicou tudo devagar e com cuidado, como se estivesse instruindo uma criança. Na verdade, pode ter sido a própria presença do pai que impediu Maomao de se considerar mais uma apotecária por mérito próprio. E talvez ele tenha feito com que ela considerasse o médico do palácio interno mais charlatão do que merecia.

Quando Maomao observou que o vômito não continha vestígios de folhas de tabaco, ela percebeu que o método que seu pai estava prescrevendo era provavelmente o correto. Não que ela nunca tivesse notado a ausência das folhas, mas o fato é que ela não percebeu isso. Talvez ela estivesse com mais sono do que imaginava.

Enquanto ela tentava se lembrar desse curso de tratamento, a aprendiz puxou sua manga, dizendo: “Por aqui”. Foi apenas imaginação de Maomao ou a garota parecia taciturna de alguma forma? De qualquer forma, Maomao deixou-se levar até uma sala onde fora preparado o chá.

“Você deve perdoar todo o problema”, disse uma mulher servindo uma guloseima de feijão vermelho doce. Parecia que ela não exercia mais a profissão; Maomao adivinhou que ela era a senhora desta casa em particular. Claramente ela não compartilhava exatamente o mesmo traço mesquinho da senhora da Casa Verdigris; ela nunca daria chá e doces a um mero apotecário (“Só clientes!”).

“Nós apenas fizemos o nosso trabalho, senhora.” Maomao ficaria feliz se eles pudessem receber o pagamento. Seu pai, sentado ao lado dela com um humor jovial, costumava esquecer essa parte, então Maomao precisava garantir que ela recebesse o dinheiro.

A mulher semicerrou os olhos, olhando para a sala ao lado. A cortesã que estava doente agora dormia e o cliente dormia em outro quarto. O rosto da mulher escureceu visivelmente.

Uma tentativa de suicídio de amantes, talvez? Não era tão incomum no distrito da luz vermelha. Quando um homem sem recursos encontrava uma mulher com muito tempo restante de contrato, era sempre a primeira coisa em que pensavam. Eles sussurravam palavras doces sobre se encontrarem na próxima vida, quando não havia provas de que tal coisa existisse.

Maomao pegou um pedaço do feijão vermelho e mastigou pensativo. O chá estava morno, com um talo de trigo pendurado de um lado.

Você sabe, eu vi alguns deles naquela sala, Maomao refletiu. Os caules do trigo eram ocos por dentro; este pretendia servir de canudo. Os bordéis daqui odiavam que o batom entrasse nas bebidas, e era costume usar talos de trigo para beber.

Deus, mas um pouco de amizade entre homens e mulheres poderia ser complicado. O homem naquela sala parecia muito abastado. Como um playboy, certamente, mas ele usava um roupão forrado de seda fina. Ele também tinha um rosto encantador: o tipo de pessoa por quem uma jovem inexperiente poderia facilmente se deixar atrair. Maomao sabia que seu pai iria repreendê-la por permitir preconceitos como esse em seu pensamento, mas isso simplesmente não lhe parecia uma dama da noite que tomou veneno em desespero por sua falta de futuro. *Ela não parecia alguém que se sentia encurralado o suficiente para querer morrer.*

Depois que Maomao colocava uma ideia na cabeça, ela não conseguia deixá-la passar até que a tivesse levado adiante. Era assim que ela era. Assim que teve certeza de que seu pai havia recebido o dinheiro da senhora, ela disse: “Vou verificar o paciente” e saiu da sala.

O homem estava em pior estado que a cortesã. Quando Maomao se dirigiu para seu quarto no outro lado do prédio, ela percebeu que a porta estava entreaberta. E através da pequena fenda ela viu algo muito estranho.

Foi a criada, a criança desconsolada que a trouxe até aqui — e ela estava erguendo uma faca sobre a cabeça.

"Ei! O que você está fazendo?!" Maomao disse enquanto corria para a sala e pegava a faca da criança.

“Não me pare! Ele merece morrer!” A garota se lançou sobre Maomao, tentando recuperar a faca. Maomao era pequena o suficiente para que até uma criança pudesse dominá-la se estivesse suficientemente desesperada. Sem outra opção, Maomao deu um tapa na cabeça da garota e, enquanto ela se recuperava do golpe, deu-lhe um tapa forte na bochecha. A garota caiu para trás com o impacto. Ela começou a chorar, soluços enormes e devastadores, seu nariz vazando grandes quantidades de ranho.

Maomao acabava de registar a sua própria descrença quando outra cortesã, alertada pelo barulho, entrou na sala. “O que... o que diabos está acontecendo aqui?!” No entanto, ela rapidamente pareceu compreender a resposta à sua própria pergunta, e Maomao foi levado às pressas para outra sala, em detrimento de sua investigação.

O homem no centro desta tentativa de suicídio de amantes, descobriu-se, já era um cliente notoriamente problemático. Ele era o terceiro filho de uma rica família de comerciantes e tinha um histórico de usar sua bela aparência e língua prateada para cair nas boas graças de uma cortesã, amarrando-a com vagas promessas de comprar seu contrato, antes de deixá-la de lado quando ele cansado dela. Pelo menos uma mulher posteriormente perdeu a esperança de sua vida e se matou. Este também não foi seu primeiro encontro com um ressentimento quase fatal; outras mulheres, enfurecidas com sua traição, tentaram esfaqueá-lo ou até mesmo envenená-lo. Porém, como filho da concubina favorita de seu pai, papai sempre conseguia comprar para o menino sair dos problemas, e isso o deixava como uma criança podre e mimada. Recentemente, ele até convenceu seu pai a fazer com que guarda-costas o levassem em segurança até os bordéis.

“A irmã mais velha desta menina trabalhava em outra loja”, explicou uma cortesã enquanto acariciava a criança, que continuava a chorar. A irmã da criada era uma das pessoas que o homem amou e abandonou. A última palavra que a menina recebeu da irmã foi uma carta comunicando com alegria que ela seria rescindida do contrato. E a próxima coisa que a criança ouviu sobre ela foi que ela havia se matado. Como ela deve ter se sentido?

“Ela se tornou próxima de uma das garotas aqui... Aquela que você salvou do envenenamento hoje.” A mulher olhou para Maomao se desculpando.

Olhe para o outro lado – é isso que ela está me pedindo para fazer? A esperança da mulher, ao que parecia, era partilhar esta triste história para ganhar a simpatia de Maomao e manter a boca fechada. Felizmente, a comoção não chegou ao quarto onde estavam o pai e a senhora. Se Maomao optasse por não dizer nada, a criança provavelmente ficaria impune. Que dor.

Pessoalmente, ela achava que se um cliente fosse conhecido por causar tantos problemas, eles deveriam simplesmente tê-lo banido, mas aparentemente foi a própria infeliz cortesã quem o convidou para entrar. Este estabelecimento teria uma grande dor de cabeça para lidar. Parte do motivo pelo qual todos pareciam tão gratos a Maomao e ao pai dela era que, por mais repugnante que fosse, o homem em questão ainda era filho de uma família importante e ela o salvou da morte.

O que, para a pequena criada, deve ter parecido uma injustiça insuportável.

Não posso dizer que a culpo, Maomao pensou. Acontece que ela estava em casa hoje, mas nos últimos meses Maomao não esteve no distrito da luz vermelha. Era plausível suspeitar que esta menina, que fazia as compras e outras tarefas para a sua casa, soubesse quando o pai de Maomao estava ou não em casa. Além disso, para uma emergência como essa, normalmente se iria ao médico, não ao apotecário.

A criança escolheu deliberadamente um momento em que o farmacêutico estaria fora? Implicava uma intimidante rapidez mental para alguém tão jovem. Isso também poderia explicar por que ela demorou tanto para trazer o pai de Maomao. Era uma prova do quanto ela odiava esse homem.

Finalmente Maomao disse simplesmente: “Entendo” e voltou para o pai.

“Este é um lar muito bem-vindo”, disse seu pai levemente. Ele e Maomao estavam voltando para sua pequena cabana, tendo passado a maior parte da manhã pensando no incidente. Maomao retirou o porta-moedas do pai, verificou novamente o conteúdo e depois devolveu-o para ele. A quantia sugeria que havia um pouco de dinheiro secreto incluído. O notório cliente estava em condições estáveis, mas esta era provavelmente a última vez que ele teria permissão para estar aqui. Não apenas este bordel, mas todo o distrito da luz vermelha. As notícias viajavam rápido num lugar como este.

Quando chegaram em casa, Maomao se acomodou em uma cadeira que rangia e esticou as pernas. Ela não tinha conseguido aquela água quente. Ela teve sorte de não ser a estação da

transpiração, mas, graças a toda aquela correria, ela estava suando de qualquer maneira, e isso era nojento.

Quase tão desconfortável era essa história do duplo suicídio. Algo sobre isso a incomodava. O homem em questão era tão canalha que até a aprendiz o odiava, e pelo que os outros disseram, parecia que a pessoa que ele mais cuidava era ele mesmo. Será que um homem assim seria sugado por alguma demonstração de amor superaquecida, como um suicídio duplo?

A cortesã o envenenou então?

Talvez ele não tivesse escolhido cometer suicídio. Mas Maomao rapidamente desistiu da ideia. Já houve pelo menos uma tentativa de envenenar o homem; ele não comeria muito rapidamente qualquer coisa que uma cortesã lhe oferecesse. Maomao cruzou os braços e grunhiu para si mesma. Seu pai a observou enquanto esmagava algumas ervas em um pilão. Depois de um momento, ele disse: “Não diga nada baseada em suposições”.

Para ele, dizer isso sugeria que ele já tinha uma ideia da verdade do incidente. Maomao olhou para ele com tristeza e depois caiu contra a mesa. Ela tentou lembrar tudo o que havia acontecido no local do incidente. Ela havia perdido alguma coisa?

Havia um homem e uma mulher, desmaiados. As folhas de tabaco espalhadas, o recipiente de vidro com...

Agora Maomao registrou que, a menos que estivesse se lembrando errado, havia apenas um recipiente de vidro no local. E os talos de trigo. Duas cores diferentes de álcool.

Sem dizer uma palavra, Maomao levantou-se e ficou diante do jarro de água. Ela pegou parte do conteúdo e depois colocou-o de volta.

Seu pai a observou fazer isso várias vezes, antes de suspirar e colocar os ingredientes em pó em um recipiente. Então ele se levantou e se arrastou para ficar na frente dela. “Acabou agora”, disse ele. "Está feito." Ele bagunçou o cabelo dela com carinho.

“Estou ciente disso”, disse Maomao, recolocando a concha na jarra mais uma vez e saindo de casa.

Não é suicídio. Assassinato, Maomao pensou. E foi a cortesã, ela acreditava, quem tentou matar o homem. O filho playboy, o falador manso, o amante e abandonador de tantas

mulheres. A própria cortesã que o homem estava cortejando, o objeto mais recente de suas investidas amorosas, poderia ser aquela que tentara matá-lo.

Maomao sentiu que podia supor com segurança que o namorador tinha, como sempre, feito a esta mulher promessas de resgatá-la do seu contrato. Ao contrário de Maomao, muitas pessoas pareciam acreditar que o amor poderia mudar uma pessoa. E quando um número suficiente de pessoas repetiu uma ideia várias vezes, em algum momento ela se tornou verdade.

Muito bem. Como, então, a cortesã conseguiu envenenar o vigilante? Foi simples: basta mostrar a ele que não havia veneno presente. A cortesã teria tomado primeiro um gole de vinho, exatamente o tipo de coisa que Maomao fazia no seu trabalho. Quando o homem via que a mulher estava perfeitamente bem, ele bebia a mesma coisa. Foi por isso que houve apenas um recipiente.

Isso, no entanto, levantou a possibilidade de a mulher sucumbir primeiro ao veneno e o homem não beber o vinho contaminado. Alguns venenos, como o que Maomao descobrira no banquete, tinham ação lenta e provavelmente também havia um dos presentes: neste caso, o agente provavelmente era o tabaco. Tinha efeito estimulante quando mastigado e era cuspido rapidamente.

Se a cortesã fosse uma atriz talentosa e pudesse consumir o veneno sem ser descoberta, tudo bem, mas Maomao suspeitava que ela tivesse tido ajuda. Ela bebeu o vinho com um canudo feito de talo de trigo. Era uma coisa perfeitamente normal de se fazer e não teria despertado suspeitas no homem.

Como isso lhe permitiu evitar o veneno? Maomao achou que tinha algo a ver com o vinho. Houve dois tipos diferentes. Duas cores de vinho em um único recipiente de vidro transparente. Embora possam não ser tão imiscíveis como o óleo e a água, dois tipos de vinho teriam densidades ligeiramente diferentes. Se você derramasse um vinho mais leve sobre um mais pesado com bastante cuidado, duas camadas se formariam. E que lindo seria um vinho bicolor em um recipiente de vidro. Um pequeno truque adorável para encantar um convidado favorito. E enquanto isso, a cortesã usava seu canudo para beber apenas da camada inferior, enquanto o homem, sem canudo, bebia da parte superior.

Assim que a mulher tivesse certeza de que o homem havia desmaiado, ela mesma beberia um pouco do vinho envenenado. Não o suficiente para morrer, apenas o suficiente para apresentar uma ilusão convincente. As folhas de tabaco espalhadas ajudariam a disfarçar o cheiro e fariam as pessoas pensar que foi isso que usaram para fazer o crime. Se a cortesã morresse, tudo teria sido em vão. Ela havia trabalhado muito duro para garantir que o

homem sucumbisse e ela sobrevivesse. O que presumivelmente também explicava por que ela havia escolhido fazer isso logo pela manhã.

Havia até alguém para descobrir convenientemente a situação para ela.

Maomao chegou ao bordel naquela manhã. Ela deu a volta pelos fundos, até o quarto onde a cortesã envenenada fora colocada para descansar um pouco. Ela encontrou a mulher de aparência exausta encostada em uma grade e olhando para o céu. Aparentemente ela estava acordada e ativa. Ela estava cantarolando uma canção infantil e um sorriso efêmero flutuava em seu rosto. Efêmero e ainda assim, pensou Maomao, de alguma forma destemido.

"Irmã, o que você está fazendo?" uma criada — e não a criança daquela manhã — chamou quando viu a cortesã encostada na grade. Ela arrastou a mulher de volta para seu quarto e fechou a janela.

O comportamento da primeira criada, aquela que tentou esfaquear o homem, pareceu a Maomao estranho para alguém cuja querida "irmã" corria o risco de morrer envenenada. Ela foi deliberadamente ao apotecário e não ao médico, na esperança de ser tarde demais para salvar o homem. E ela também demorou a convocar o pai de Maomao. Ela não estava nem um pouco preocupada com a cortesã? Ou ela não acreditava que uma segunda pessoa tão próxima dela poderia morrer também? Estaria Maomao pensando demais nas coisas ou parecia que a garota sabia o tempo todo que a cortesã sobreviveria?

Depois, houve a outra cortesã, que descreveu com tanta emoção a situação da mulher a Maomao. E a senhora extraordinariamente generosa. Quanto mais ela pensava sobre isso, mais estranho tudo parecia.

Sem suposições, hein?

Maomao olhou lentamente para o céu pela janela recém-fechada. Ela finalmente estava de volta ao distrito da luz vermelha pelo qual ansiara durante todos aqueles meses no palácio interno, mas no fundo eles eram o mesmo lugar. Ambos eram jardins e gaiolas. Todos neles ficaram presos, sendo envenenados pela atmosfera. As cortesãs absorveram as toxinas ao seu redor, até que elas próprias se tornaram um doce veneno. Com o filho playboy vivo, era difícil dizer o que aconteceria com seu suposto assassino. Ele pode suspeitar de uma tentativa de envenenamento. Mas, novamente, poderia acontecer o contrário: o bordel poderia acusá-lo de ter arruinado um produto importante deles e, dessa forma, arrancar-lhe algo.

Eu acho que não importa qual, Maomao pensou. Não teve nada a ver com ela. Se você se sentisse pessoalmente envolvido em tudo o que aconteceu neste lugar, você nunca sobreviveria.

Maomao coçou a nuca, cansada, e decidiu ir até a Casa Verdigris. Ela ia pegar aquela água quente. Ela partiu em um trote lento.

Capítulo 24: Um mal-entendido

Os três dias de Maomao em casa passaram num piscar de olhos. Doeu ter que sair depois de reencontrar tantos rostos familiares, mas ela não podia simplesmente abandonar seu trabalho no palácio interno. Até por causa dos problemas que isso causaria para Lihaku, que havia atestado ela. O empurrão final veio da senhora da Casa Verdigris, que naquele momento tentava escolher o sádico perfeito para ser o primeiro cliente de Maomao.

Vou apenas fingir que tive um sonho muito agradável. Quando ela viu os astutos Pairin e Lihaku, que pareciam uma pilha de mel derretido, Maomao refletiu que talvez ela tivesse pago uma recompensa muito alta. O próximo lugar que Lihaku visitaria por prazer estava gravado em pedra. Tendo provado o néctar do céu, ele nunca mais poderia ficar satisfeito com as mornas oferendas da terra. Maomao se sentiu um pouco mal por ele. Ela tinha certeza de que a senhora o aceitaria com todo o seu valor.

Mas isso não era problema de Maomao.

E então ela voltou ao Palácio de Jade, trazendo presentes, apenas para descobrir um jovem parecido com uma ninfa que parecia bastante nervoso. Ela podia detectar algo tóxico apenas no lado oposto de seu sorriso delicado. Por que ele parecia estar olhando para ela?

Deixando de lado sua personalidade, ele certamente era lindo. O olhar que ele fixou nela foi um pouco intimidador. Maomao abaixou a cabeça, na esperança de evitar o trabalho de lidar com ele, e tentou ir direto para o quarto dela, mas ele agarrou seu ombro com força. Ela sentiu as unhas dele cravarem-se em sua carne.

“Estarei esperando na sala de estar”, disse ele, sua voz como mel em seu ouvido. Querido Wolfsbane*, isto é. Venenoso. Atrás dele, Gaoshun insistia com Maomao com os olhos para não lutar contra isso. Ela viu Gyokuyou também, cujos olhos brilhavam, embora ela parecesse um pouco perturbada. Finalmente, lá estava Hongniang, olhando para Maomao com o que considerou ser uma censura, e as outras três damas de companhia, olhando mais

com curiosidade do que com preocupação. Ela esperava ser bem e verdadeiramente interrogada depois que isso terminasse.

Seja lá o que for.

Maomao largou a bagagem, vestiu o uniforme e foi para a sala de estar.

"Você perguntou por mim, senhor?"

Jinshi estava sozinho na sala. Ele estava vestido com um uniforme simples de oficial, mas usava-o bem. Ele estava sentado em uma cadeira com as pernas cruzadas, apoiando os cotovelos na mesa à sua frente. E aos olhos de Maomao, ele parecia estar com um humor pior do que o normal. Talvez fosse apenas sua imaginação. Ela esperava que fosse apenas sua imaginação. Sim, era com isso que ela seguir: era a imaginação dela.

O sedativo habitual de Jinshi, Gaoshun, não estava em lugar nenhum. Nem a consorte Gyokuyou.

E isso tornou a situação insuportável para Maomao.

“Vejo que você fez uma visitinha em casa”, começou Jinshi.

"Sim, senhor."

"E como foi?"

“Todos pareciam estar com boa saúde e bom humor. É isso que importa."

“Ah, é mesmo?”

"Sim, senhor."

Jinshi não disse mais nada, assim como Maomao. Estava claro que eles não teriam muita conversa nesse ritmo.

Finalmente Jinshi cutucou: “Este Lihaku. Que tipo de homem ele é?”

"Senhor. Ele garantiu que eu deixasse o palácio.”

Como Jinshi sabe o nome dele? Maomao se perguntou.

Lihaku ainda se tornaria um cliente regular. Uma importante fonte de receita. Realmente uma pessoa muito importante.

"Você sabe o que isso significa? Você *entende*?" Jinshi disse, a irritação evidente em sua voz. Não havia nada de sua doçura habitual.

"Claro. É preciso ser um alto funcionário de formação impecável para poder atestar o outro."

Jinshi parecia absolutamente sobrecarregado com essa resposta, como se estivesse enervado pela afirmação do óbvio.

"Ele te deu um palito de cabelo?"

"Eu e algumas outras. Ele os estava distribuindo para todas as garotas à vista – aparentemente ele se sentiu obrigado a fazê-lo." Apesar de todo o seu olhar intimidador, Lihaku conseguia ser bastante generoso. O design de seu acessório era limpo e simples, mas o acabamento era sólido e, no geral, era uma peça adorável. Se algum dia faltasse dinheiro a Maomao, ela provavelmente poderia vendê-lo por um preço decente.

"Você está me dizendo que perdi para *que*? Que fui derrotado por uma bugiganga que alguém se sentiu *obrigado* a dar a você?"

Uau, nunca o ouvi falar assim, Maomao pensou, intrigada com o tom desconhecido de Jinshi. Claramente, algo estava errado.

"Eu também te dei um palito de cabelo, pelo que me lembro", continuou Jinshi, "mas não vi nenhum pedaço de cabelo seu quando você precisou de alguém para atestar você!" Ele parecia positivamente mal-humorado. Seu sorriso sedutor foi substituído pelo beicinho de um menino petulante e, de repente, ele parecia um pouco mais velho que Maomao. Talvez mais jovem, até. Maomao ficou maravilhado com o fato de uma única mudança na expressão facial poder alterar tão drasticamente a aparência de uma pessoa.

Ela entendeu isso: Jinshi estava descontente por ela ter contado com a ajuda de Lihaku em vez de ir até ele. Maomao não poderia dizer que isso fazia sentido para ela. Por que ele deveria querer mais uma coisa em sua lista de tarefas? A vida dele não seria mais fácil sem? Ou foi precisamente ter tanto tempo disponível que deixou Jinshi tão ansioso para se envolver até mesmo em coisas que pudessem significar inconveniência para ele?

“Minhas sinceras desculpas”, disse Maomao. “Não consegui pensar em uma compensação que fosse digna de você, Mestre Jinshi.”

Teria sido rude convidar um eunuco para um bordel, certo?

Talvez se fosse um daqueles lugares inócuos onde as senhoras só serviam chá e tocavam música para entreter os convidados. Mas Maomao sabia muito bem que não foi só isso que aconteceu na Casa Verdigris. Ela recusou a ideia de convidar um homem que não era mais homem para ir até lá.

Além do mais, ela tinha que considerar quem era Jinshi. Maomao podia facilmente imaginar a cortesã comum caindo completamente sob seu feitiço. Ela tinha certeza de que teria sido criticada pela senhora por apresentá-lo às suas damas.

"Compensação? O que isso deveria significar? Você pagou esse Lihaku?" Ele parecia profundamente perturbado; um toque de insegurança foi adicionado ao seu mau humor geral.

"Sim. Ofereci-lhe o prazer de uma noite de sonhos.”

E não acho que ele voltará à realidade por um tempo, ela acrescentou em particular. Um homem como Lihaku poderia ser um leão com suas tropas, mas provavelmente era um gatinho nas mãos de Pairin. E a crença popular afirmava que um gato bem cuidado poderia trazer sorte ao seu dono... ou dinheiro.

Maomao olhou para Jinshi e percebeu que o sangue havia sumido de seu rosto. Sua mão, segurando uma xícara de chá, tremia.

Talvez ele esteja sentindo frio. Maomao virou-se para amontoar mais alguns pedaços de carvão no braseiro e abanou suavemente as chamas. “Ele parecia totalmente satisfeito”, relatou ela. “Isso me faz sentir que todo o trabalho duro que fiz por ele valeu a pena.”

E agora terei que trabalhar muito para encontrar novos clientes. Maomao cerrou o punho para demonstrar sua determinação particular. Atrás dela, ela ouviu o som de uma xícara de chá quebrando.

“O que você está fazendo?” ela perguntou. Pedaços de cerâmica estavam espalhados pelo chão. Jinshi estava parado ali, com o rosto absolutamente pálido. O chá manchou seu uniforme elegante. “Oh, vou pegar algo para limpar”, disse Maomao, mas quando abriu a

porta, descobriu a consorte Gyokuyou, apertando a barriga de tanto rir. Gaoshun também estava lá, parecendo exausto. Finalmente chegou Hongniang, que olhou para Maomao com uma expressão de pura exasperação: não precisava dizer mais nada. Maomao olhou para eles, perplexa. Sem dizer uma palavra, Hongniang foi até ela e deu um tapa na nuca dela. A chefe dama de companhia foi rápida no sorteio. Maomao esfregou a cabeça, ainda sem entender bem o que estava acontecendo, mas mesmo assim foi até a cozinha pegar um pano.

○●○

“E por quanto tempo podemos esperar que você fique de mau humor?” Gaoshun perguntou, pensando em como isso seria um grande problema. Mesmo depois de voltarem ao escritório, Jinshi se recusou a fazer qualquer coisa além de ficar caído sobre a mesa. Gaoshun soltou um suspiro. “Devo lembrá-lo de que você deveria estar no trabalho?” A mesa, tão recentemente limpa e com tanto esforço, já estava cheia de novos papéis para tratar.

"Eu sei que devo."

Eu odeio trabalho. Essa pessoa, Jinshi, nunca teria dado voz a uma resposta tão infantil. Ele não ficaria muito apegado aos seus brinquedos.

Após a conversa de Jinshi com Maomao, Gaoshun extraiu meticulosamente um esclarecimento da consorte Gyokuyou. O “pagamento” ao fiador de Maomao consistiu num encontro com uma cortesã “estrela”, disse ela. Nunca ocorreu a Gaoshun que uma garota como Maomao pudesse ter tais conexões.

Então, o que exatamente seu mestre estava imaginando? *Ah, os terrores da juventude*, pensou o murcho de trinta e poucos anos.

Jinshi se acalmou consideravelmente desde então, mas seu mau humor permaneceu. Ele havia concluído seu trabalho e saiu correndo para encontrar Maomao, apenas para descobrir que ela havia voltado para sua casa com um homem que ele não conhecia. Deve tê-lo atingido como um raio vindo do nada.

Isso era uma pena, pensou Gaoshun, mas ele não poderia passar todo o seu tempo acalmando os acessos de raiva de uma criança crescida.

Por fim, Jinshi começou a investir nos papéis acumulados. Se, à primeira vista, ele julgasse que um trabalho não poderia ser aprovado, ele o colocava de lado na mesa. Assim que ele revisou a pilha, um suboficial chegou com uma nova braçada.

Jinshi aguentaria refletir sobre alguns dos papéis um pouco mais, pensou Gaoshun, observando seu mestre trabalhar. Muitas delas eram propostas de funcionários cujas ideias não beneficiariam ninguém além deles próprios. Gaoshun lamentou que a carga de trabalho do jovem mestre aumentasse por um motivo tão sórdido.

Antes que ele percebesse, o sol estava se pondo e Gaoshun acendeu a lâmpada.

"Perdoe-me, senhores."

Gaoshun viu um subordinado chegando e moveu-se para interceptá-lo. “Terminamos o trabalho do dia”, disse ele. “Talvez você pudesse fazer a gentileza de passar aqui amanhã.”

“Oh, não é uma questão de negócios, senhor”, disse o homem com um aceno apressado de mão. "Na verdade..."

E então, franzindo a testa, o mensageiro relatou uma situação muito urgente.

*Wolfsbane = acônito; é um gênero de mais de 250 espécies de plantas com flores. Uma planta com flores altamente venenosa , intimamente relacionada aos botões de ouro , as toxinas podem facilmente penetrar na pele. O Acônito mata rapidamente, em seis horas após o consumo.

Capítulo 25: Vinho

“Que notícias terríveis”, disse consorte Gyokuyou, com o rosto sombrio. Diante dela, o semblante celestial de Jinshi estava igualmente perturbado.

Acho que algum figurão está morto. Maomao também estava lá, mas simplesmente presente, sem sentir nenhuma emoção do momento. Pode ter parecido frio, mas ela não era sentimental o suficiente para sentir qualquer simpatia por alguém cujo nome nunca tinha ouvido e cujo rosto nunca tinha visto. De qualquer forma, o falecido tinha mais de cinquenta anos de idade e a causa da morte foi beber demais. Você colhe o que semeia; isso era tudo que havia para isso.

Ou deveria ter sido.

Mesmo depois de completar suas tarefas de degustação de comida, Maomao não conseguia sair da sala. Aparentemente, Jinshi havia enviado Hongniang para algum tipo de missão e, como consequência, Maomao teve que ficar. Mesmo um eunuco não poderia ficar sozinho com uma consorte real; uma dama de companhia deveria estar presente. O ponto mais importante foi que Jinshi encarregou Hongniang, e não sua serva Maomao, da tarefa.

E isso significa que ele está tramando algo, Maomao pensou. E ela estava certa.

“Você acha que a causa da morte foi realmente muito vinho?” Jinshi perguntou, e seu adorável olhar não estava focado na consorte, mas apenas por cima do ombro dela - em outras palavras, em Maomao.

Havia várias maneiras de morrer de bebida.

Até Maomao, que gostava do álcool, entendia que se bebia demais se tornava um veneno. Qualquer medicamento funcionava se a dosagem fosse muito grande. O consumo crônico de álcool pode induzir disfunção hepática. Muito de uma vez pode causar a morte no local. Neste caso, foi o último: uma superabundância de bebida numa festa entre compatriotas. Supostamente, a vítima bebeu generosamente de uma jarra grande.

“Isso certamente mataria você”, comentou Maomao levianamente quando chegaram à guarita perto do portão principal. Foi o mesmo lugar onde ela conheceu Lihaku. Ainda era um quarto simples, com poucos móveis, mas hoje foram servidos chá e lanches e um braseiro foi aceso para afastar o frio.

“Mas foi a metade do normal”, disse Jinshi. (Presumo que metade do vinho de sempre.) Gaoshun pegou algo de uma criada que apareceu do lado de fora do palácio interno. A garota não disse nada, apenas abaixou a cabeça e retirou-se.

“Francamente, não consigo acreditar que ele morreu de bebida”, disse Jinshi. “Não Kounen.”

Kounen era o nome do homem morto. Ele tinha sido um guerreiro esplêndido que bebia vinho em jarras e, pelo que Jinshi e Gyokuyou disseram, ele também não era uma pessoa tão má.

Gaoshun colocou o objeto que recebeu da garçonete sobre a mesa. Era um frasco de cabaça. Gaoshun despejou em um pequeno copo.

"O que é isso?" Maomao perguntou.

“O mesmo vinho que foi servido na festa”, informou Jinshi. “Pegamos de um dos outros jarros que estava presente. Aquele de onde Kounen estava bebendo foi derrubado e todo o conteúdo foi derramado.”

“Portanto, nunca saberemos se aquele jarro continha veneno.” Afinal, o veneno seria o próximo culpado óbvio, se não fosse o vinho propriamente dito que o matou.

“Muito bem.” Jinshi obviamente sabia o quão irrealistas eram suas esperanças, trazendo esse álcool para Maomao para examinar. O fato de ele ter feito isso de qualquer maneira – que ele claramente queria encerrar o assunto – a deixou curiosa. Ele devia um favor ao morto? *Ele só precisa reativar aquele charme estúpido*, Maomao pensou. Ultimamente Jinshi parecia muito mais infantil para ela; ela não pôde evitar.

Honestamente, era mais fácil para ela quando ele bufava e bufava e mandava nela.

Agora ela levou o vinho aos lábios e lambeu-o suavemente com a língua.

Olá, o que é isso? O vinho tinha sabor doce e azedo ao mesmo tempo. Era como se tivesse começado doce e depois alguém tivesse acrescentado uma pitada de sal. *É como cozinhar vinho.*

“Um sabor muito incomum”, ela comentou, olhando atentamente para Jinshi.

"Sim. Foi a preferência pessoal de Kounen. Ele gostava muito de doces. Ele gostava de um vinho doce e só levava doces com ele.” Jinshi quase parecia em êxtase ao descrever o falecido. Kounen poderia receber as melhores carnes defumadas ou o luxuoso sal-gema, mas ele não tocava neles, de acordo com Jinshi. “Há muito tempo ele gostava de comidas mais saborosas, mas depois... Um dia, do nada, ele se inverteu completamente. Tanto que quase todas as suas refeições passaram a ser exclusivamente doces.” A sugestão de um sorriso, genuinamente espontâneo, ao que parecia, passou pelo rosto de Jinshi.

“Parece que ele estava flertando com a diabetes”, disse Maomao, apresentando implacavelmente sua opinião.

“Não manche minhas memórias com a realidade sombria, por favor”, disse Jinshi com tristeza.

Então, um homem que gosta de alimentos salgados de repente prefere os doces, Maomao pensou enquanto esvaziava a xícara e despejava mais álcool da cabaça. Ela bebeu e repetiu o processo. Jinshi e Gaoshun a observavam de perto, mas ela os ignorou. Quando a cabaça estava meio vazia, ela finalmente falou: “Os salgadinhos servidos com o álcool nesta festa. Havia sal envolvido?”

"Sim. Sal-gema, bolos lunares e carne curada foram servidos. Devemos preparar um pouco do mesmo para você?”

“Não, obrigado. Vou terminar de beber essa coisa quando estiver pronto.”

Se eles fossem me oferecer lanches, gostaria que tivessem feito isso antes. Uma carne boa e salgada complementaria perfeitamente o vinho.

“Não era exatamente isso que eu estava pensando”, disse Jinshi, irritado. Maomao serviu-se de mais vinho. Ela não prestou atenção à descrença transparente de Jinshi de que voltaria a beber. A chance de beber era tão rara, fora o gole ocasional que ela sentia como se fosse veneno, e ela iria tirar vantagem disso.

Maomao bebeu a cabaça até secar, até a última gota. Ela ficou tentada a soltar um grande grito de satisfação, mas considerando a presença da nobreza, decidiu se conter.

“Você tem a jarra onde o Mestre Kounen estava bebendo?”

“Sim, embora esteja em pedaços.”

"Isso é bom. Deixe-me ver. Ah, também... há algo que eu gostaria que você verificasse para mim”, informou Maomao.

No dia seguinte, Jinshi convocou Maomao mais uma vez. Eles vieram para a mesma sala de antes. O local habitual de trabalho de Jinshi parecia ser o escritório da Matrona das Mulheres Servidoras, mas seus aposentos estavam bastante ocupados recentemente com mulheres indo e vindo. Os escritórios das outras duas divisões de serviço eram praticamente os mesmos. Talvez tenha algo a ver com a aproximação do final do ano.

Eu sabia, Maomao pensou enquanto revisava o documento que resumia os resultados da investigação que ela havia solicitado. Ela olhou para o caco de cerâmica que também havia sido trazido para ela, onde estava sob o pano de embrulho usado para transportá-lo. Havia grãos esbranquiçados grudados nele. Ela pegou o caco e o lambeu.

“Tem certeza de que é seguro fazer isso?” Jinshi estendeu a mão como se pudesse impedi-la, mas Maomao balançou a cabeça. “Não é venenoso. Não há o suficiente para isso.”

Suas palavras soaram portentosas, mas claramente confundiram Jinshi e Gaoshun. Maomao foi até o braseiro com a embalagem de papel que continha o relatório e acendeu-o. Então ela segurou o caco da jarra perto da chama. A cor do fogo mudou.

"Sal?" Jinshi perguntou, olhando para as chamas. Ele evidentemente aprendeu a lição desde a última vez que ela lhe mostrou esse truque.

"Isso mesmo. Aparentemente havia tanto líquido neste jarro que mesmo depois que o líquido evaporou, restaram grãos." Também havia sal no vinho que Maomao provou. Não é algo adicionado durante o processo de produção, mas sim o tipo de coisa que pode ser servida como lanche – simplesmente foi jogado no vinho. Se os participantes da festa geralmente preferissem sabores mais salgados, então o vinho muito doce não seria do seu agrado. Todo mundo sabia como colocar sal na borda de uma xícara, mas para colocar o sal diretamente no vinho, alguém devia estar muito bêbado ou ser um completo ignorante culinário. Uma pitada de sal era uma coisa e estaria bem, mas a jarra onde Kounen havia bebido continha grandes quantidades.

"O sal é essencial para a sobrevivência humana, mas muito dele é tóxico", disse Maomao. Nesse aspecto, era como o vinho: beber demais de uma só vez poderia ser fatal. Quando ela considerou a quantidade de vinho que Kounen havia bebido e a quantidade de sal dissolvido nele, parecia uma possível causa de morte.

"Mas isso não faz sentido", disse Jinshi. "Ninguém poderia deixar de notar que estavam bebendo algo tão salgado."

"Acredito que pelo menos uma pessoa poderia." Maomao entregou o relatório a eles. Continha detalhes dos hábitos pessoais de Kounen. "Você me disse, Mestre Jinshi, que um dia Mestre Kounen espontaneamente passou de preferir alimentos salgados a preferir alimentos doces, certo?"

"Sim, está certo", disse Jinshi. "Espere, você não pode querer dizer—"

"Sim. Acho que talvez ele tenha parado de sentir o gosto salgado."

Este homem, Kounen, era um burocrata competente, diligente e dedicado ao seu trabalho. Seu autocontrole, beirando o estoicismo, ficou evidente até mesmo no relato um tanto superficial. Depois da morte da esposa e do filho numa praga há alguns anos, dizia-se, ele vivia para o trabalho. Vinho e doces eram seus únicos prazeres.

"Existem algumas doenças que podem roubar o paladar de uma pessoa. Dizem que são causadas por desequilíbrios na dieta ou, às vezes, por estresse."

Quanto mais direta uma pessoa fosse, mais reprimido seu espírito poderia se tornar. E o fardo criado por essa condição pode levar à doença.

"Tudo bem. Quem colocou o sal no vinho, então?"

Maomao inclinou a cabeça. “Não é meu trabalho descobrir isso.”

Armada com o fato de que os outros jarros também haviam sido salgados e que Kounen era uma pessoa muito séria, ela suspeitava que Jinshi poderia resolver o resto. Nem todo mundo gostava de um trabalhador diligente. Eles podem decidir pregar uma peça nele enquanto ele estava bêbado. E quando vissem que ele nem havia notado a piada, poderiam decidir se envolver nela até que ele percebesse. Às vezes o álcool assume o controle, por assim dizer – mas será que os perpetradores algum dia teriam esperado esse resultado?

Covardes, fugindo como fizeram.

Maomao não conseguiu explicar tudo, embora pudesse. Ela não estava mais ansiosa do que qualquer outra pessoa para ser a causa imediata da punição brutal de alguém. Mesmo com todas as pistas que ela deu a Jinshi, foi tão bom como se ela mesma tivesse contado a ele.

Jinshi disse algo para Gaoshun, que posteriormente saiu da sala. Jinshi olhou para ele por um momento. A observação cuidadosa revelou um pequeno ornamento com borlas preso a uma obsidiana em seu cinto.

Isso é um emblema de luto? E foi deliberado que ele tenha tornado isso tão discreto?

"Me desculpe. Agradeço sua ajuda”, disse Jinshi, voltando aquele sorriso transcendente para ela.

"De jeito nenhum." Maomao estava muito curiosa sobre qual era a conexão entre Jinshi e Kounen, mas se conteve para não bisbilhotar. *Se fosse algo indecente, eu poderia me arrepender perguntando*. Afinal, nunca se poderia ter certeza de quem estava relacionado com quem e de que forma. Em vez disso, ela tentou uma pergunta menos carregada. “Ele era realmente uma pessoa tão notável?”

"De fato. Ele foi muito bom comigo uma vez, quando eu era pequeno.”

Jinshi não deu mais detalhes, mas fechou os olhos. Ele parecia estar pensando no passado distante e isso o fazia parecer um jovem comum. Era um efeito que Maomao raramente via em seu rosto sobrenaturalmente belo.

Huh. Acho que ele é humano, afinal. Era muito fácil, com a beleza sobrenatural de Jinshi, esquecer que ele nasceu de uma mulher como qualquer outra pessoa; às vezes teria sido mais fácil acreditar que ele era o espírito milenar de um pêssego. Ultimamente, Maomao

estava cada vez mais estranhamente insegura sobre como se sentir em relação a esse homem, Jinshi.

Depois de ficar em silêncio por alguns momentos, Jinshi pareceu se lembrar de algo; ele enfiou a mão embaixo da mesa e tirou um objeto.

“Uma cabaça?” Maomao perguntou.

Ele havia inventado uma cabaça de tamanho substancial. Ela podia ouvir um som estridente vindo do que quer que estivesse dentro dele.

"Uhum. Mas não é o de ontem”, disse ele. Então ele entregou a cabaça para Maomao. “É seu, com meus agradecimentos.”

Ela puxou a rolha e sentiu o rico aroma de bebidas espirituosas. *Ahh!*

“Apenas tente beber discretamente.”

“Muito obrigada”, disse Maomao com uma seriedade incomum.

Então ele sabe ser atencioso, quando quer.

Pouco depois, ela foi confrontada com o rosto açucarado. Ela olhou para ele reflexivamente. Sim, ainda era o mesmo eunuco.

“Não posso dizer que você parece muito grata neste momento”, disse Jinshi.

“É mesmo, senhor? Bem, talvez você devesse se preocupar menos com minha expressão e mais com o trabalho que tem que fazer agora.” Por alguma razão, ela pensou ter visto um tremor percorrer Jinshi. Então ela estava certa: ele havia se esquivado de seus negócios para vir falar com ela.

Uma coisa é ter muito tempo disponível. Mas ignorar ativamente o seu trabalho?

“Talvez você deva cuidar disso antes que as tarefas se acumulem demais.” Maomao ignorou convenientemente o fato de que ela mesma quase não trabalhava.

Jinshi piscou e por um segundo pareceu angustiado, mas então um pensamento pareceu lhe ocorrer. Um sorriso desagradável e travesso apareceu em seu rosto. “Oh, estou trabalhando com bastante diligência”, disse ele.

“De que forma, senhor?”

Jinshi coçou o queixo pensativamente. “Uma das propostas legais que chegou à minha mesa sugeria que, para evitar que os jovens se afogassem na bebida, deveria haver um limite de idade para beber vinho.”

Maomao olhou para ele boquiaberta.

“Recomendava que beber fosse proibido antes dos 21 anos de idade.” Seu sorriso ficou ainda mais desagradável.

“Mestre Jinshi, imploro que não aprove tal lei.”

“Receio que não dependa apenas de mim”, disse ele, com o sorriso como uma flor desabrochando enquanto observava a tristeza no rosto de Maomao.

Seu lábio se curvou. Ela fez a única coisa que podia fazer e olhou para ele como um besouro tombado.

Capítulo 26: Duas Cidas* para Cada História

*Cide = Cida; Sufixo que indica matar ou assassino, como em bactericida (solução capaz de matar bactérias).

Gaoshun colocou uma caixa laqueada sobre a mesa e tirou um pergaminho de dentro. “O relatório que você solicitou finalmente chegou.” Quase dois meses se passaram desde a instrução de Jinshi para encontrar qualquer serva que tivesse sofrido queimaduras.

“Isso demorou muito”, disse Jinshi, erguendo os olhos bruscamente.

"Me desculpe." Gaoshun não fez nenhum esforço para acrescentar qualquer desculpa. Era uma questão de princípio para ele não fazê-lo.

"Então, quem é ela?"

"Senhor. Surpreendentemente bem colocado.” Ele desenrolou o pergaminho na mesa de Jinshi. “Fengming, do Palácio de Granada. Dama de companhia chefe da consorte Pura.”

Jinshi apoiou o queixo nas mãos, os olhos frios enquanto examinava o papel.

○●○

“Oh, jovem senhorita! Venha comigo, por favor, por favor?” Quando Maomao chegou para ajudar com questões médicas, esta foi a primeira coisa que saiu da boca do vagabundo – aham, o médico. Um eunuco estava por perto, aparentemente com uma mensagem; ele evidentemente veio chamar o médico.

"Por que diabos você está tão descontrolado?" Maomao perguntou, farejando problemas. O charlatão estava praticamente tremendo enquanto implorava por sua ajuda, então ela obedeceu e foi com ele. Eles logo se encontraram no posto de guarda perto do portão norte. Vários eunucos estavam parados olhando para alguma coisa, cercados por um bando de criadas.

“Temos sorte de ser inverno”, disse Maomao, totalmente calma diante do que encontrou.

Um tapete de junco escondia uma mulher, com o rosto azulado e pálido. Seu cabelo estava grudado nas bochechas e no rosto, os lábios preto-azulados. Seu espírito não residia mais neste mundo.

O corpo estava incomumente limpo para uma vítima de afogamento, mas ainda não era exatamente agradável de se olhar. Foi realmente bom que fosse uma época fria do ano. Normalmente, caberia ao médico inspecionar o cadáver, mas no momento ele estava encolhido atrás de Maomao como uma garotinha. Um charlatão, de fato.

A mulher morta aparentemente foi encontrada naquela manhã, flutuando no fosso externo. Pela sua aparência, ficou claro que ela era uma serva do palácio interno. Daí a razão pela qual o médico charlatão foi convocado; os negócios do palácio interno seriam cuidados pelos habitantes do palácio interno.

“Mocinha, talvez você pudesse... olhar para ela para mim?” — implorou o médico, com o bigode tremendo, mas Maomao não se comoveu. Quem ele pensava que ela era?

“Não, eu não poderia. Fui instruída a nunca tocar em um cadáver.”

“Que instrução estranhamente específica.” O comentário irritante veio de uma voz celestial muito familiar. As meninas deram os gritos já habituais. Era quase como se estivessem assistindo a um espetáculo no palco.

“Bom dia para você, Mestre Jinshi.” *Como se pudesse ser bom com um cadáver aqui mesmo...* Maomao, como sempre, olhou para o belo jovem, totalmente impressionada. Havia Gaoshun atrás dele, como sempre. Conduzindo seu trabalho padrão de implorar a Maomao com os olhos para ser cortês.

“Bem, doutor? Podemos incomodá-lo para dar uma olhada adequada?”

“Muito bem...” O charlatão corou e se moveu para examinar o cadáver sem muita convicção. Primeiro, visivelmente trêmulo, puxou a esteira de junco, provocando alguns gritos das mulheres reunidas.

A falecida era uma mulher alta, que usava tamancos duros de madeira. Um deles havia caído, expondo um pé enfaixado. Seus dedos estavam vermelhos e as unhas cruelmente danificadas. Seu uniforme era o do Serviço de Alimentação.

“Você não parece muito incomodada com isso”, comentou Jinshi com Maomao.

"Estou acostumada com isso."

Por mais bonito que possa parecer o bairro do prazer, um passo em seus becos e cantos escondidos pode revelar um mundo de ilegalidade. Não era tão incomum descobrir o corpo de uma jovem estuprada, espancada e deixada para morrer. Era fácil ver as mulheres do distrito do prazer presas numa jaula, mas da mesma forma poder-se-ia dizer que estavam protegidas dos seus perigos. Os bordéis tratavam suas cortesãs como mercadoria, sim. E queria-se que a mercadoria durasse muito tempo e não fosse danificada.

“Estarei muito interessado em sua perspectiva... mais tarde.”

"Certamente, senhor."

Ela duvidava que pudesse ser de muita ajuda, mas não negou. Teria sido indelicado.

Devia estar tão frio. Quando o médico terminou o exame, Maomao cobriu delicadamente o corpo com o tapete mais uma vez. Como se isso fizesse alguma diferença agora.

Maomao viu-se escoltada até ao posto de guarda junto ao portão central. O escritório da matrona devia estar ocupado novamente. Ela presumiu que Jinshi não queria ter essa conversa no Palácio de Jade. Não era apropriado para os ouvidos de uma criança.

Acho que já é hora de ele ter seu próprio maldito lugar. Maomao acenou educadamente para os eunucos parados diante da porta.

“Os guardas são de opinião que foi suicídio”, informou Jinshi. A mulher aparentemente subiu na parede e depois se jogou no fosso. Ela era, como seu traje sugeria, uma das mulheres de posição inferior do Serviço de Alimentação; ela estava contabilizada no trabalho até ontem. Em outras palavras, ela havia morrido na noite anterior.

“Não sei se foi suicídio”, disse Maomao. “Eu sei que ela não fez isso sozinha.”

“E como foi isso?” Jinshi perguntou, parecendo majestoso enquanto se sentava em sua cadeira. Ele era uma pessoa diferente da juventude infantil que às vezes mostrava a ela.

“Porque não havia escada perto da parede.”

“Isso é verdade.”

“Você acha que seria possível escalar aquela parede com um gancho?”

“Duvido muito. Não?" ele perguntou interrogativamente. Foi realmente frustrante lidar com ele. Ela queria repreendê-lo por fazer perguntas para as quais ele já sabia as respostas, mas Gaoshun estava observando, então ela se conteve.

“Existe uma maneira de chegar ao topo sem quaisquer ferramentas, mas não acredito que aquela mulher pudesse ter conseguido.”

"Existe? De que maneira seria isso?”

Após a comoção em torno do “fantasma” da Princesa Fuyou, Maomao quebrou a cabeça tentando entender como a mulher havia subido na parede externa. Não era um lugar para onde simplesmente escalar.

Quando Maomao colocava uma pergunta na cabeça, ela a remoia até encontrar a resposta, então passou muito tempo contemplando as paredes. O que ela descobriu foi uma série de projeções num canto onde as paredes se encontravam. Um tijolo projetando-se ligeiramente aqui e ali. Eles poderiam servir como pontos de apoio - se alguém fosse, digamos, uma dançarina talentosa como a princesa Fuyou. Maomao especulou que os tijolos salientes tinham sido usados pelos construtores quando construíram o muro.

“Seria difícil para a maioria das mulheres. Especialmente uma que teve os pés amarrados.”

Às vezes, os pés de uma menina eram envoltos em bandagens e enfiados em minúsculos sapatos de madeira. Os ossos foram esmagados, seus pés amarrados com tiras de pano e presos em tamancos de madeira. Tudo isso foi feito seguindo um padrão segundo o qual quanto menor o pé, mais bonito. Nem todas as mulheres estavam sujeitas à prática, mas às vezes a viam no interior do palácio.

“Você está sugerindo que foi homicídio?”

“Não estou sugerindo nada. Mas acredito que ela estava viva quando caiu no fosso.” As pontas dos dedos vermelhos indicavam que a mulher havia arranhado desesperadamente as paredes ao redor do fosso. Lá embaixo na água fria. Maomao não queria pensar nisso.

“Você não poderia dar uma olhada mais de perto?” Lá estava o sorriso meloso, impossível de recusar. No entanto, infelizmente, ela deve recusar: ela não poderia fazer o que não podia.

“Um mestre farmacêutico me instruiu a nunca tocar em um cadáver.”

"Por que razão? Algum medo simplório da impureza?” Jinshi parecia estar insinuando que os apotecários interagiam com os doentes e feridos o tempo todo, e o contato com cadáveres dificilmente poderia ser incomum para eles.

A resposta de Maomao foi explicar claramente a razão: “Porque os seres humanos também podem tornar-se ingredientes medicinais”.

Não se sabe até onde vai a sua curiosidade, dissera o pai. Se você precisa fazer isso, bem... deixe para o final. Ele alegou que se ela manuseasse um cadáver, ela poderia muito bem se transformar em uma ladra de túmulos. Não foi a coisa mais legal que ele já disse. Maomao, em particular, sentia que ela tinha mais bom senso do que isso, mas mesmo assim, de alguma forma, conseguira respeitar a sua rigidez até agora.

Jinshi e Gaoshun, queixos ligeiramente abertos, se entreolharam e acenaram com a cabeça em compreensão. Gaoshun lançou um olhar de pena para Maomao. Ela achou isso terrivelmente rude, mas forçou o punho a não tremer.

Em qualquer caso.

Ela se matou ou foi outra pessoa? Maomao nunca pensou em acabar com a própria vida e também não tinha interesse em ser assassinada. Se ela morresse, isso significaria que ela não poderia mais testar medicamentos ou experimentar venenos. Então, se ela tivesse que ir, ela queria que fosse enquanto experimentava alguma toxina até então inexplorada.

Eu me pergunto qual seria o melhor...

Jinshi estava olhando para ela. "O que você está pensando?"

"Senhor. Eu estava meditando sobre qual veneno seria melhor para morrer."

Ela estava apenas sendo honesta, mas Jinshi franziu a testa. "Você está pensando em morrer?"

"Nenhum pouco."

Jinshi balançou a cabeça como se dissesse que ela não estava fazendo sentido. Bem, ela não precisava fazer sentido para ele. "Ninguém sabe o dia ou a hora de sua morte", disse ela.

"É verdade." Uma pitada de tristeza passou pelo rosto de Jinshi. Talvez ele estivesse pensando em Kounen.

"Mestre Jinshi."

"Sim, o que?" Ele olhou para ela com ceticismo.

"Se, por acaso, algum dia eu tiver que ser morta, posso humildemente pedir que isso seja feito por veneno?"

Jinshi colocou a mão na testa e suspirou. “E por que você pediria isso?"

“Se eu cometesse uma ofensa que justificasse tal punição, seria você quem proferiria o julgamento, não seria?”

Jinshi a estudou por um momento. Ele parecia de mau humor, embora ela não soubesse por quê. Na verdade, ele quase parecia estar olhando para ela. Gaoshun parecia cada vez mais ansioso atrás dele.

Hmm, talvez eu tenha cometido a ofensa.

“Perdoe-me, senhor, eu me excedi. Estrangulamento ou decapitação seriam igualmente aceitáveis.”

“Não estou entendendo”, disse Jinshi, passando visivelmente da raiva à exasperação.

“Porque sou uma plebeia, senhor”, disse Maomao. Os plebeus não podiam contradizer os nobres. Não era uma questão de certo ou errado; era simplesmente assim que o mundo funcionava. É verdade que a forma como o mundo funcionava às vezes mudava de cabeça para baixo, mas ela não achava que haveria muitos que ficariam satisfeitos com uma revolução neste momento específico. O governo nos dias de hoje simplesmente não era tão ruim assim. “Minha cabeça pode ser decepada pelo menor erro.”

“Eu não faria isso.” Jinshi a observou, inquieto.

Maomao balançou a cabeça. “Não é uma questão de saber se você faria isso. Mas se você conseguiria.” Jinshi tinha o direito e a autoridade de dispor da vida de Maomao, mas Maomao não tinha o mesmo direito. Isso era tudo que havia para fazer.

O rosto de Jinshi estava impassível. Ele estava chateado? Foi difícil dizer. Ele poderia estar pensando em alguma coisa. Maomao não tinha nenhuma necessidade especial de saber. Simplesmente parecia para ela como se muitos pensamentos diferentes estivessem passando por sua cabeça.

Acho que o que eu disse o incomodou.

Nem Jinshi, nem Gaoshun disseram mais nada, e Maomao, sem mais nada para fazer, curvou-se e saiu.

Algum tempo depois, chegou-lhe o boato de que a mulher morta estivera presente no local da tentativa de envenenamento não muito antes. Ela disse isso em uma nota que foi descoberta. O caso foi encerrado, considerado suicídio.

Capítulo 27: Mel (Parte Um)

Realizar festas de chá era um negócio legítimo para as consortes. Gyokuyou as tinha aparentemente todos os dias. Algumas foram detidas no Palácio de Jade, outras vezes ela foi chamada à residência de outra consorte.

Excelente oportunidade de sondar uns aos outros e fazer política, Maomao pensou. Ela mesma não era uma grande fã de festas de chá. Os assuntos das conversas se limitaram principalmente a maquiagem e tendências da moda. Conversa chata intercalada com perguntas investigativas: um verdadeiro microcosmo do palácio interno. *Elas parecem bastante confortáveis com tudo isso... Acho que é isso que as torna consortes.*

Gyokuyou estava conversando com uma consorte de nível intermediário que também veio do oeste. A pátria compartilhada parecia estar estimulando uma conversa real entre elas. Maomao não sabia dos detalhes, mas parecia que o assunto principal tinha a ver com as futuras relações com a família de Gyokuyou.

Gyokuyou era uma conversadora alegre e envolvente, e muitas consortes lhe contavam pequenos segredos antes de saberem o que estavam fazendo. Uma das tarefas de Gyokuyou era anotar essas coisas. A casa da consorte Gyokuyou era uma terra árida – mas também ficava em um centro comercial, e a capacidade de ler as pessoas e a mudança dos tempos era fundamental. Além do que ganhava como consorte, ela ajudava a família comunicando-lhes informações.

Ela ficou acordada até tarde ontem à noite, mas não parece nem um pouco cansada. O imperador visitava sua amada Gyokuyou uma vez a cada três dias, ou até com mais frequência. Ostensivamente, foi para ver sua filha, que começava a se agarrar às coisas e a se levantar, mas nem é preciso dizer que admirar a princesa não era a única coisa que ele fazia em suas visitas. Maomao estava ciente de que o imperador não negligenciava os seus afazeres diários, tal como os seus afazeres noturnos, sugerindo um homem de tremenda energia. Do ponto de vista de ajudar o país a prosperar, foi algo louvável.

No final da festa do chá, Maomao recebeu um bando de doces para chá de Yinghua. Ela estava disposta a comer alguns deles, mas era demais para ela aguentar sozinha, então ela

fez sua habitual visita a Xiaolan. As histórias de Xiaolan nem sempre eram articuladas, ou mesmo completamente coerentes, mas ela gentilmente compartilhou sua última safra de rumores com Maomao. Hoje ela conversou sobre a criada que se matou, a tentativa de envenenamento e, por algum motivo, algo sobre a consorte Pura.

“Elas podem falar sobre as ‘quatro damas favoritas’ do imperador o quanto quiserem, mas não há como evitar o fato de que ela está envelhecendo.”

A consorte Gyokuyou tinha dezenove anos, Lihua tinha vinte e três e Lishu apenas quatorze. Mas a consorte Pura, Ah-Duo, tinha trinta e cinco anos, um ano mais velho que Sua Majestade. Talvez ainda fosse possível que ela tivesse um filho, mas sob o sistema que operava no palácio interno, ela poderia em breve ser afastada, num processo que às vezes chamavam de “ser deslizada de um travesseiro para outro”. Em outras palavras, Ah-Duo não poderia esperar se tornar a mãe da nação.

Já se falava sobre seu possível rebaixamento e quem poderia ser elevado ao posto de alta consorte em seu lugar. Essa conversa não era novidade, mas como Ah-Duo era consorte do imperador desde antes de sua ascensão, e porque ela de fato lhe deu um filho em algum momento, a conversa raramente ganhava muita força.

Mãe de um pequeno príncipe morto, Maomao pensou. Foi o mesmo destino que Lihua teve que esperar se não engravidasse de outro filho para Sua Majestade. E ela não estava realmente sozinha: a consorte Gyokuyou não poderia presumir que ela ocuparia um lugar de destaque nas afeições imperiais para sempre.

Pois cada bela flor desapareceu com o tempo. As flores do palácio interno tinham que dar frutos, ou seriam inúteis. Por mais familiar que esta lógica fosse para Maomao, nunca deixava de lembrá-la de que o palácio também era uma prisão.

Ela tirou algumas migalhas de bolo lunar da saia e olhou para o céu nublado.

A parceira de Gyokuyou na festa do chá de hoje foi um tanto incomum. Era consorte Lishu, outra das quatro damas favorecidas. Era incomum que consortes da mesma categoria organizassem festas entre si; ainda mais quando se tratava das mulheres mais bem classificadas.

O nervosismo estava claro no rosto infantil de Lishu. Ela foi atendida por quatro damas de companhia, incluindo a notória provadora de comida. Aparentemente, a mulher não tinha sido punida tão severamente como Maomao temia.

Estava frio lá fora, então a festa do chá foi realizada dentro de casa. Alguns eunucos foram colocados para trabalhar na montagem de espreguiçadeiras para as damas de companhia na sala de estar. A mesa tinha incrustações de madrepérola e a cortina foi trocada por uma nova com bordados elaborados. Para ser totalmente franco, elas dificilmente se preocupavam tanto em receber o próprio imperador - mas era a maneira das mulheres quererem dar o melhor de si para seus pares.

A maquiagem também foi aplicada com gosto, e Maomao foi sumariamente privada de suas sardas. As meninas acentuaram os cantos dos olhos com linhas vermelhas. Era um nível de maquiagem que os homens poderiam considerar ostensivo, mas isso não importava; aqui, o mais espalhafatoso dos dois partidos seria o vencedor.

Na conversa, a consorte Gyokuyou parecia ser quem falava, enquanto Lishu balançava a cabeça humildemente. Talvez tenha sido exatamente isso que resultou da diferença de idade entre eles. Atrás de Lishu, suas atendentes pareciam menos interessadas em sua senhora do que nos apetrechos do Palácio de Jade, olhando de um lado para outro para os ornamentos e móveis. Apenas a provadora de comida ficou obedientemente atrás da consorte Lishu, em frente a Maomao, olhando atentamente para seu antigo algoz.

Qual é a história aqui? Primeiro as mulheres do Palácio de Cristal, agora essa garota. Maomao gostaria que as pessoas parassem de tratá-la como uma espécie de monstro. Ela não era um cachorro vadio e não mordia.

De imediato, elas parecem damas de companhia perfeitamente comuns, Maomao pensou. Certa vez, ela disse a Gaoshun que elas intimidaram sua consorte. Poderia ser um pouco estranho se a alegação não fosse verdadeira, mas ela também ficaria feliz em estar errada.

Comparadas com as poucas, as orgulhosas damas de companhia do Palácio de Jade, as mulheres de Lishu pareciam um pouco lentas para agir, mas fizeram seu trabalho. Pelo menos, como eram: como Gyokuyou era a anfitriã da festa do chá de hoje, elas não tinham muito o que fazer.

Ailan apareceu com uma jarra de cerâmica e água quente.

“Você gosta de coisas doces? Está tão frio hoje que pensei que isso poderia ser reconfortante”, disse Gyokuyou.

“Eu gosto de doces”, respondeu Lishu. Isso pareceu fazê-la se sentir um pouco mais à vontade.

Dentro da jarra havia cascas de frutas cítricas fervidas em mel. Aqueceria o corpo e acalmaria a garganta, podendo até ajudar a prevenir resfriados. Maomao fez isso sozinha. Gyokuyou parecia gostar e ultimamente o servia com frequência em suas festas de chá.

Hum? Apesar de ter declarado que gostava de doces, consorte Lishu de repente pareceu claramente desconfortável. A provadora também parecia querer se opor ao que estava sendo servido no copo de sua senhora. *Também não pode levar mel*? Maomao pensou.

Nenhuma das outras damas de companhia parecia preparada para dizer alguma coisa. Elas apenas olharam para Lishu aborrecidos. *Deixe isso para lá*, elas pareciam estar dizendo. Elas ainda pensavam que era apenas uma seletividade infantil.

Maomao deu um pequeno suspiro e sussurrou no ouvido da consorte Gyokuyou. Os seus olhos arregalaram-se ligeiramente e ela chamou Ailan. “Sinto muito, mas parece que isso precisa de um pouco mais de tempo. Vou servir outra coisa. Você toma chá de gengibre?”

"Sim. Obrigada, senhora”, disse Lishu, parecendo um pouco mais otimista. Mudar os chás evidentemente foi a decisão certa.

Quando Maomao olhou para cima, ela viu as damas de companhia de Lishu. Ela quase pensou que elas pareciam desapontadas. A impressão durou apenas um segundo e depois desapareceu.

Ao anoitecer, aquele mais adorável dos eunucos apareceu, como sempre. Sorriso de ninfa na frente, Gaoshun atrás. Maomao teve recentemente a sensação de que havia mais rugas na testa de Gaoshun do que antes. Talvez ele tivesse novos problemas para enfrentar.

“Ouvi dizer que você tomou um chá com a consorte Lishu”, disse Jinshi.

“Sim, e foi adorável.”

Jinshi fazia rondas regulares pelas consortes mais proeminentes do imperador, quase como se fosse sua função manter as coisas sob controle no palácio interno. Ele pareceu sentir algo incomum na reunião do dia e por isso sentiu-se compelido a se envolver. Maomao tentou sair antes que ela fosse sugada por alguma coisa, mas naturalmente ele a impediu.

“Você poderia fazer a gentileza de me deixar ir?”

“Eu não terminei de falar.” Quando o sublime jovem voltou seu olhar para ela, Maomao só conseguiu baixar os olhos para o chão. Ela tinha certeza de que estava olhando para ele como se ele fosse um peixe morto. Também não é um peixe bonito. Provavelmente um daqueles que se alimentam do fundo.

“Ah, vocês são tão amigos”, disse Gyokuyou, rindo alegremente. Um pouco alegre demais; e Maomao respondeu: “Lady Gyokuyou, um pouco de acupressão ao redor dos olhos pode ajudar a prevenir rugas”.

Ops. Não posso estar falando assim. Ela tinha que ter cuidado para não ser rude com ninguém além de Jinshi. *Er... Acho que também não é uma boa ideia.* Ela já o havia chateado outro dia. Muitos pequenos erros como esse e ela poderia ficar fora das boas graças do eunuco, e talvez encontrar um fim imediato por estrangulamento logo depois disso.

“Você já ouviu falar que a criada que se matou é supostamente a autora do envenenamento outro dia?”

Maomao assentiu, pois parecia pelo tom de Jinshi que ele estava perguntando a ela e não a Gyokuyou. Quanto a consorte, ela pareceu sentir que seria melhor manter essa conversa em particular e saiu da sala. Maomao, Jinshi e Gaoshun foram deixados sozinhos.

“Você realmente acredita que o culpado cometeu suicídio?”

“Isso não cabe a mim determinar.” Transformar uma mentira em fato era responsabilidade dos poderosos. Ela não sabia quem havia tomado a decisão, mas suspeitava que Jinshi estivesse conectado de alguma forma.

“Será que uma mera serva teria motivos para envenenar a comida da Virtuosa consorte?”

“Temo que não saberia.”

Jinshi sorriu, um olhar sedutor que ele poderia usar habilmente para manipular as pessoas. Infelizmente para ele, não funcionou em Maomao. Ela tinha certeza de que ele sabia que não precisava olhar para ela para conseguir o que queria; ele simplesmente precisava dar-lhe uma ordem. Ela não recusaria.

“Talvez eu possa despachá-la para ajudar no Palácio de Granada, a partir de amanhã?”

Para que serviu o ponto de interrogação? Maomao deu a única resposta possível: “Como quiser”.

Uma casa, dizem eles, passa a refletir seu dono. Da mesma forma, o Palácio de Jade da consorte Gyokuyou era acolhedor, enquanto o Palácio de Cristal de Lihua era elegante e refinado. E o Palácio de Granada, no qual Ah-Duo morava, era eminentemente prático. Em nenhum lugar da decoração havia algo desnecessário; havia uma evidente falta de interesse pela ornamentação estranha, que por si só alcançava uma espécie de refinamento sublime.

Falava diretamente com quem era a dona da casa. Todos os resíduos haviam sido arrancados de seu corpo, que não ostentava nem excesso florido, nem fartura, nem beleza encantadora. O que restou, porém, foi uma beleza austera e neutra.

Ela tem realmente trinta e cinco anos? Se Ah-Duo tivesse vestido um uniforme oficial, alguém poderia tê-la confundido com algum funcionário público em ascensão. Aqui, no palácio interno, onde não havia nada além de mulheres e eunucos, ela deve ter sido a menina dos olhos de muitos. Ela era atraente de uma forma muito semelhante a Jinshi – e, novamente, diferente. Maomao não tinha visto exatamente o que Ah-Duo estava vestindo no banquete, mas agora ela havia tirado qualquer saia ou mangas largas em favor do que quase pareciam roupas de montaria.

Maomao estava sendo conduzido pela residência junto com outras duas criadas. A principal dama de companhia de Ah-Duo, Fengming, era uma beleza rechonchuda e tagarela que fazia uma exposição fluente enquanto trotavam pela casa.

"Sinto muito por ter trazido você aqui em tão pouco tempo", disse ela. A principal dama de companhia de uma das quatro damas favoritas do imperador provavelmente seria ela própria uma mulher de posição nada desprezível, e a disposição de Fengming em envolver as mulheres inferiores era cativante.

Me pergunto se ela é filha de uma família de comerciantes ou algo assim, Maomao pensou. Ela e as outras foram convocadas para ajudar na grande onda de limpeza que marcava a virada de cada ano. Não havia mãos suficientes no Palácio de Granada para fazer isso sozinho. E *ela está ferida*? Maomao se perguntou, vislumbrando uma bandagem em volta do braço esquerdo de Fengming. O braço esquerdo de Maomao também estava enfaixado. Ela estava cansada de ver as pessoas olhando para ela alarmadas toda vez que viam suas cicatrizes.

As mulheres deixavam que os eunucos cuidassem do trabalho físico, enquanto passavam o dia arejando os móveis e os pergaminhos para protegê-los dos insetos. E havia tantos de cada no Palácio de Granada, muito mais do que na residência da consorte Gyokuyou. Essa

era a quantidade que Ah-Duo acumulou durante sua residência no palácio interno, a mais longa de qualquer uma das consortes.

Maomao não voltou ao Palácio de Jade naquela noite, mas dormiu ao lado das outras duas criadas em uma grande sala do Palácio de Granada. Ela recebeu um cobertor de pele de animal para se proteger do frio, que era realmente muito quente.

Não me disseram o que fazer exatamente. Maomao concentrou-se na limpeza, tal como disse Fengming. A rechonchuda dama de companhia foi generosa com seus elogios, tornando muito mais difícil relaxar. Maomao começou a suspeitar que Fengming era na verdade uma usuária hábil de pessoas.

Fengming parecia o tipo de mulher que as pessoas tinham em mente quando falavam sobre uma boa esposa que fazia suas tarefas com o coração feliz. Ela esteve com Ah-Duo durante todo o tempo da consorte no palácio interno, o que significa que ela já havia passado da idade normal para se casar, e até Maomao se viu pensando que isso era uma pena. Ela sabia que, como dama de companhia, Fengming poderia ganhar mais do que muitos homens não qualificados, mas se perguntava se realmente nunca lhe ocorreu encontrar um marido. Não era isso que a maioria das pessoas pensava? Maomao sabia que as outras três senhoras do Palácio de Jade falavam sobre isso com frequência. Elas não tinham intenção de deixar o lado da consorte Gyokuyou por algum tempo ainda, mas ainda assim sonhavam com um príncipe arrojado aparecendo para elas. "Os sonhos são de graça, então aproveite", dizia Hongniang com um sorriso. Maomao achou o comentário estranhamente assustador.

Pela primeira vez em um bom tempo que sinto que realmente trabalhei, ela pensou. Então ela se enrolou, assim como seu xará, o gato, e logo adormeceu.

O cérebro por trás dessa tentativa de envenenamento está realmente aqui? Maomao se perguntou. As damas de companhia do Palácio de Jade eram extremamente trabalhadoras, mas mesmo por esse padrão, Maomao tinha que admitir que as mulheres do Palácio de Granada também não eram desleixadas. Todos eles adoravam a consorte Ah-Duo e queriam fazer o melhor trabalho para ela.

Isso era verdade tanto para sua líder, Fengming, quanto para qualquer pessoa. Ela nunca se deixou restringir por sua posição; se ela visse uma partícula de poeira, ela pegaria um pano e limparia ela mesma. Ela dificilmente parecia ser a principal dama de companhia de uma consorte de alto escalão. Até mesmo a diligente Hongniang deixaria tais tarefas para as outras mulheres.

Eu gostaria que aqueles pavões orgulhosos do Palácio de Cristal pudessem ver isso.

Parecia que a consorte Lihua simplesmente não teve sorte em servir mulheres. Talvez a razão pela qual ela tivesse tantos delas fosse porque cada uma trabalhava tão pouco. Elas eram excelentes conversadores, mas nada mais, e aí estava o problema. Por outro lado, lidar com esses problemas era um dos desafios de manter uma posição elevada.

A lealdade poderosa, porém, poderia trazer os seus próprios problemas. Poderia motivar alguém a tentar envenenamento, por exemplo. Algum alto funcionário estava tentando levar sua própria filha para o palácio interno, levando à possível privação de direitos de uma das quatro principais consortes. Se alguém pudesse ser rebaixado, esse alguém seria Ah-Duo – mas e se o lugar de uma das outras consortes ficasse vago de repente?

Gyokuyou e Lihua estavam mais ou menos seguras, mas presumivelmente o imperador não visitou a consorte Lishu. Maomao suspeitava que essa era uma das razões pelas quais suas damas de companhia a tratavam tão levianamente.. *Sua Majestade não gosta dela, tão... magrela.* Talvez tenha sido uma reação contra a preferência do seu pai por meninas extremamente jovens: o atual governante só ficava excitado se uma mulher tivesse carne suficiente nos ossos. Cada consorte que ele visitou, inclusive Gyokuyou e Lihua, possuía uma certa voluptuosidade.

Como tal, Lishu ainda não tinha cumprido o seu dever como consorte. Talvez isso fosse bom para alguém tão jovem. Ela estava tecnicamente em idade de casar, sim, mas uma gravidez aos quatorze anos poderia colocar uma pressão considerável em seu corpo durante o parto. Mesmo na Casa Verdigris, as meninas só concluíam o aprendizado com quinze anos. E até então não aceitavam clientes. Em última análise, isso as tornou melhores cortesãs, que duraram mais.

Maomao preferiu não pensar muito nas predileções do ex-imperador. Se alguém fizesse um pouco de matemática envolvendo as respectivas idades do atual imperador e de sua mãe, chegaria a um número muito perturbador.

De qualquer forma, se alguém quisesse tirar uma das quatro damas de cena, consorte Lishu seria uma escolha lógica.

Maomao deixou seus pensamentos vagarem enquanto organizava uma prateleira da cozinha, sobre a qual havia uma fileira de pequenos potes. Um aroma doce fez cócegas em seu nariz. “O que devemos fazer com isso?” Maomao, pegando um dos potes, disse a uma dama de companhia que limpava a cozinha com ela. As duas criadas que acompanharam Maomao no dia anterior estavam limpando o banheiro e a área de estar, respectivamente.

“Ah, esses. Limpe a prateleira e coloque-as de volta como estavam.”

"Isso é tudo mel?"

“Hummm. A família de Lady Fengming é de apicultores.”

“Ah.”

O mel era um item de luxo. Uma pessoa teria sorte se tivesse pelo menos uma variedade, quanto mais uma prateleira inteira cheia – mas isso explicava tudo. Maomao espiou vários potes e viu méis de cores diferentes: âmbar, vermelho escuro e até marrom. Eles vieram de flores diferentes e tinham sabores diferentes. Pensando bem, ela pensou que as velas que usaram para iluminação na noite anterior tinham um aroma doce. Deviam ser cera de abelha.

Hum... Algo a incomodava, algo relacionado ao mel. O assunto havia surgido recentemente, ela tinha certeza.

“Quando terminar, você tiraria o pó da grade do segundo andar? Sempre passa despercebido quando estamos limpando.”

"Claro." Maomao colocou o mel de volta no lugar e subiu ao segundo andar com seu pano. *Mel. Mel...* Enquanto espanava cuidadosamente cada poste da grade, ela revirava a palavra em sua mente, tentando lembrar o que representava.

Bem agora. Do segundo andar, ela podia ver claramente o lado de fora. Incluindo algumas figuras entre as sombras das árvores. Elas evidentemente pensaram que estavam escondidas, mas obviamente estavam observando o Palácio de Granada.

Aquela é a consorte Lishu? A jovem consorte estava lá, com apenas uma atendente, sua provadora de comida. Nada disso fazia sentido para Maomao. Sua memória voltou à festa do chá e à inexplicável aversão de Lishu ao mel.

Mel...

Ela simplesmente não conseguia deixar o pensamento passar.

Maomao se apropriou da área de recepção do Palácio de Jade para relatar a Jinshi o que havia acontecido no Palácio de Granada.

“Tudo isso quer dizer que não tenho ideia.” O que ela não sabia, ela não sabia. Maomao se recusou a se subestimar, mas, da mesma forma, ela também não exageraria em suas habilidades. Ela foi perfeitamente franca com o lindo eunuco. Ela contou a ele tudo o que descobriu depois de três dias no Palácio de Granada.

Jinshi reclinou-se em uma espreguiçadeira, parecendo elegante enquanto tomava um chá perfumado de alguma outra terra. Tinha um aroma doce; a mistura envolvia limões e mel.

"Eu entendo. Sim, claro."

"De fato, senhor."

Maomao estava igualmente feliz porque, ultimamente, o lindo eunuco parecia um pouco menos brilhante do que antes, mas pareceu-lhe que o tom dele havia se tornado um tanto simplista. Talvez tenha sido porque a doçura de sua voz desapareceu e ele deu a impressão de ser um jovem, quase um menino. Maomao não sabia o que queria dela, mas ela sempre e sempre nada mais foi do que uma apotecária comum. Ela não tinha interesse em brincar de espiã.

“Vamos tentar uma pergunta diferente, então. Hipoteticamente, se, por algum meio especial, houvesse alguém que estivesse se comunicando com terceiros, quem você acha que seria?”

Novamente com o interrogatório indireto. Eu gostaria que ele apenas dissesse o que ele quer dizer. Maomao não gostava de falar sem provas. Ela sempre foi ensinada a não trabalhar com base em suposições. Agora ela fechou os olhos e soltou um suspiro profundo. Se ela não conseguisse se acalmar um pouco, poderia simplesmente olhar para o jovem fascinante como se ele fosse um sapo achatado. Gaoshun estava, como sempre, silenciosamente pedindo moderação com os olhos.

“Isso é puramente uma possibilidade, mas se existisse tal pessoa, acho que talvez fosse Lady Fengming, a principal dama de companhia.”

“Você tem alguma prova?”

“Ela tinha um curativo enrolado no braço esquerdo. Entrei enquanto ela estava trocando uma vez e vi algumas queimaduras.”

Maomao já havia lidado com um incidente envolvendo tiras de escrita impregnadas com vários produtos químicos. Ela pensou na época que se os produtos químicos significassem alguma coisa, eles poderiam representar algum tipo de código, mas ela guardou isso para si mesma. Com base no fato de que a roupa que segurava as tiras de escrita estava chamuscada, foi um pequeno salto imaginar que a pessoa que uma vez usou a roupa tinha uma queimadura no braço. Ela estava confiante de que Jinshi havia investigado a possibilidade. Provavelmente foi isso que o levou a tentar fazer de Maomao seus olhos e ouvidos.

Maomao pensou, honestamente, que a serena dama de companhia não parecia o tipo de pessoa que tentaria tal coisa, mas ela tinha que admitir que esta era apenas sua opinião subjetiva. E era preciso olhar as coisas objetivamente, ou nunca chegaríamos à verdade.

"Mm. Passando metas para você.' Jinshi de repente deixou seus olhos pousarem em um pequeno pote sobre a mesa. Então ele olhou para Maomao e aquele sorriso néctar apareceu. Ela tinha certeza de que podia ver algo sinistro logo atrás disso. Maomao sentiu todos os seus cabelos se arrepiarem. Ela não gostou do rumo que isso parecia levar, nem um pouco.

Jinshi pegou o pote e veio em sua direção. “Uma garota tão inteligente merece uma recompensa.”

“Eu não poderia.”

"Você poderia. E você deveria!”

“Estou muito feliz sem recompensa. Dê para outra pessoa.” Maomao lançou a Jinshi seu olhar mais fulminante na tentativa de dissuadi-lo, mas ele nem sequer recuou. Isso foi um pequeno castigo por ferir seus sentimentos outro dia? Infelizmente para os dois, Maomao ainda não tinha ideia do motivo pelo qual Jinshi estava tão chateado.

O eunuco se aproximou. Maomao recuou meio passo e se viu encostada na parede. Ela olhou para Gaoshun em busca de ajuda, mas o reticente assessor estava sentado perto da janela, observando preguiçosamente os pássaros voando pelo céu. A natureza obviamente artificial da pose fez com que ele parecesse extremamente desagradável.

Vou ter que roubar um laxante para ele mais tarde.

Jinshi, ainda com um sorriso que teria derretido qualquer outra pessoa, enfiou os dedos no pote. Eles surgiram pingando mel. Essa pequena brincadeira, Maomao sentiu, estava indo longe demais.

“Você não gosta de coisas doces?”

“Eu prefiro sabores picantes.”

"Mas você *pode* aguentá-los, não é?

Jinshi não mostrou nenhum sinal de ceder; seus dedos foram até a boca de Maomao. *Deve ser assim que ele sempre se comportou*, pensou ela. Mas a beleza não lhe dava licença para fazer o que quisesse.

O eunuco estava estudando o olhar penetrante de Maomao com uma expressão de êxtase.

Isso mesmo... esqueci que ele é um desses tipos. Ela tentou lançar-lhe um olhar esmagador, como se ele fosse um pequeno rato marrom, mas estava tendo o efeito oposto ao que ela queria.

Ela deveria aceitar isso como uma ordem e simplesmente deixá-lo enfiar o mel em sua boca? Ou deveria tentar salvar o que restava do seu orgulho, encontrando uma maneira de escapar?

Eu poderia viver com isso se fosse pelo menos acônito, ela pensou. O mel de uma flor venenosa teria pelo menos a virtude de ser, bem, venenoso.

De repente, algo surgiu na mente de Maomao. Ela queria parar um momento, desvendar os fios do pensamento, mas com o pervertido prestes a enfiar a mão em sua boca, ela não conseguia pensar em nada. Assim que os dedos estavam prestes a tocar seus lábios, ela ouviu uma voz.

"O que você está fazendo com minha dama de companhia?" Era a consorte Gyokuyou, parada ali e parecendo muito descontente. Com ela estava Hongniang, com a cabeça entre as mãos.

Capítulo 28: Mel (Parte Dois)

“Admito que a piada do Mestre Jinshi foi longe demais, mas na verdade foi apenas uma brincadeira. Talvez você consiga perdoá-lo em seu coração?” Gaoshun estava mostrando a Maomao o Palácio de Diamante, onde a consorte Lishu morava. Seu mestre já havia sido criticado no Palácio de Jade pelo incidente em questão.

"Muito bem. Se você lamber no futuro, Mestre Gaoshun, não prevejo nenhum problema.”

“Lam-Lamber...” Gaoshun parecia em conflito. Suas tendências pareciam ser, por assim dizer, bastante modestas, e ele não tinha nenhuma inclinação para lamber nada das mãos de outro homem, nem mesmo de Jinshi.

“Se você entende meu ponto, então isso é o suficiente.” Maomao, com os lábios franzidos, seguiu em frente num trote rápido.

O homem era um pervertido impenitente. Um rosto tão bonito para uma personalidade tão repugnante. Maomao tinha certeza de que havia apanhado inúmeras outras pessoas com o mesmo truque. Desavergonhado, essa era a única palavra para isso. Se ele não fosse tão importante, ela teria considerado seriamente chutá-lo entre as pernas. Ela ficou um tanto apaziguada com a ideia de que não se podia chutar o que não estava lá.

Por fim, chegaram ao Palácio de Diamante, um edifício totalmente novo, repleto de árvores auspiciosas. Bambu.

A consorte Lishu os cumprimentou vestindo uma roupa rosa cereja, o cabelo preso para trás por um prendedor de cabelo decorado com enfeites de flores. Maomao achou que o conjunto feminino combinava melhor com ela do que o traje elaborado da festa no jardim.

Depois que a consorte Gyokuyou se envolveu, Maomao solicitou uma audiência com a consorte Lishu, na esperança de encerrar algo que a incomodava.

Lishu não se preocupou em esconder sua decepção quando viu que Jinshi não estava com eles. Era um tanto difícil culpá-la – ele pelo menos tinha aquele rosto bonito, afinal.

“Posso saber o que você queria me perguntar?” Lishu reclinou-se em uma espreguiçadeira, escondendo a boca atrás de um leque feito de penas de pavão. Ela não tinha a autoridade e a presença das outras consortes; na verdade, ela quase parecia nervosa. Ela ainda era tão

jovem. Sim, ela era linda – eles não a chamavam de “adorável princesa” por nada – mas ela ainda não havia adquirido sua feminilidade. Na verdade, ela era ainda mais lisonjeira do que Maomao, que era magra como uma galinha.

Duas damas de companhia ficaram apáticas atrás da consorte. Lishu a princípio olhou para a desconhecida mulher sardenta com aborrecimento, mas depois olhou mais de perto e pareceu perceber que Maomao era uma das damas de companhia que estivera na festa no jardim. Seus olhos se arregalaram e sua disposição pareceu melhorar um pouco.

"Você não gosta de mel, senhora?" Teria sido bom que Maomao começasse com algumas gentilezas ou conversa fiada, mas teria sido cansativo, então ela as dispensou.

Os olhos de Lishu se arregalaram ainda mais. "Como você sabia?"

“Estava claro em seu rosto.” *Qualquer um com olhos poderia ter visto*, Maomao pensou. Consorte Lishu parecia cada vez mais surpresa. Maomao raramente conheceu alguém tão fácil de ler. Ela continuou: “Você já sentiu enjôo por causa do mel?” Consorte Lishu pareceu ainda mais surpresa. Maomao interpretou isso como um sim. “Não é incomum que uma pessoa que sofreu uma intoxicação alimentar se torne avessa ao alimento que causou isso a ela.”

Desta vez, Lishu balançou a cabeça. "Não é isso. Eu não me lembro disso. Eu era apenas um bebê na época.” Quando criança, Lishu quase morreu por causa de um pouco de mel. Ela achava difícil comer agora porque, durante toda a sua vida, suas babás e damas de companhia lhe disseram para evitá-lo.

“Escute, sua vadia”, disse uma mulher maldosamente. “Como você ousa entrar aqui e começar a interrogar Lady Lishu?”

Você é quem fala, Maomao pensou. A mulher estava na festa do chá; ela era uma daquelas que não fez a menor tentativa de ajudar sua amante que odiava o mel. *Não aja como se você fosse amiga dela agora.*

As damas de companhia pareciam ter uma trapaça simples: tratavam os visitantes como vilões, fingindo defender a consorte Lishu. A jovem inocente passou a acreditar que havia inimigos ao seu redor. Suas assistentes garantiram-lhe que elas - e somente elas - eram suas aliadas e, portanto, a isolaram. Então a consorte não teve escolha senão confiar em suas damas. Era um ciclo vicioso. E enquanto a consorte não percebesse que tudo veio da malícia de suas damas, ninguém jamais descobriria. As mulheres simplesmente cometeram o erro de ficarem confiantes demais na festa no jardim.

“Estou aqui por ordem do Mestre Jinshi. Se você tiver algum tipo de problema comigo, aconselho que resolva isso pessoalmente com ele.” Maomao pegaria emprestada a ameaça do tigre, por assim dizer, e ao mesmo tempo daria às mulheres algo em que pensar. Certamente ela poderia pelo menos ter permissão para isso.

Os rostos das atendentes estavam em chamas e Maomao divertiu-se muito ao ponderar que pretexto usariam para se aproximar do eunuco pervertido.

“Mais uma coisa”, disse Maomao, permanecendo cuidadosamente inexpressiva enquanto voltava o olhar para Lishu. “Você conhece a chefe dama de companhia do Palácio de Granada?”

O olhar chocado do consorte foi toda a resposta que ela precisava.

○●○

“Há algo que gostaria que você procurasse”, disse-lhe Maomao, e foi isso que levou à presença de Gaoshun nos arquivos do tribunal.

Maomao, uma serva do palácio interno, não foi, em princípio, autorizada a deixar o seu local de serviço. Mas ela parecia ter descoberto algo – o que poderia ser? A profundidade do seu pensamento e a sua cabeça fria não pareciam os de uma menina de apenas dezessete anos de idade. Poderíamos até sentir que tal capacidade de pensar racionalmente e resolver problemas era um desperdício vergonhoso para uma menina. (Embora alguns com certas tendências possam discordar.)

Um peão tão fácil de usar. Se ao menos ele simplesmente fizesse isso. Ela concordaria, embora talvez com uma ou duas objeções simbólicas.

Quem era ele? Quem mais? O mestre de Gaoshun, que não era tão maduro quanto parecia.

“Fui negligente”, murmurou Gaoshun. Talvez ele devesse ter parado seu mestre antes que a piada chegasse tão longe. Mas o que ele teria feito? Ele teria parado Jinshi, e então... o que?

Quando se lembrou do olhar sinistro de Maomao, ficou preocupado que ela ainda pudesse ter algo reservado para ele mais tarde. Gaoshun tocou a linha do cabelo. Ele estava começando a se preocupar com isso.

○●○

Maomao estava sentado na cama de seu quarto, folheando as páginas de um livro. O espaço apertado continha um braseiro e um almofariz e pilão para fazer remédios, enquanto algumas ervas secas estavam penduradas na parede. Algumas das ferramentas ela conseguiu com Gaoshun, outras ela "emprestou" do consultório médico.

"Dezesseis anos atrás, hein..." *Mais ou menos na mesma época nasceu o irmão mais novo do imperador.*

Maomao segurava um livro costurado, o volume que Gaoshun havia adquirido para ela. Ele narrou eventos no palácio interno.

O atual imperador gerou um único filho quando ainda era herdeiro aparente. Sua mãe era irmã de leite do então príncipe, mais tarde consorte Pura. Mas a criança morreu antes de ser desmamada, e o príncipe não produziu mais descendência até depois da morte de seu pai e do restabelecimento do harém imperial.

Ele só teve uma consorte durante todo o seu principado. Ela achou estranho. Conhecendo aquele velho excitado, ela teria esperado que ele levasse uma multidão de concubinas. Ela quase não conseguia acreditar que ele tinha sido fiel a uma mulher por mais de dez anos. Isso apenas mostrou que não se pode confiar em rumores e boatos. Melhor verificar os registros você mesmo.

Dezesseis anos atrás.

Uma criança morta na infância.

E...

"O médico da corte, Luomen, foi banido." Maomao conhecia esse nome. A sensação que tomou conta dela não foi de surpresa, mas sim de que algumas peças haviam se encaixado. Em algum nível, ela suspeitava que algo assim deveria ser o caso. Maomao fazia uso frequente de várias ervas que cresciam ao redor do palácio interno. Eles não estavam lá naturalmente – ela sempre presumiu que alguém as havia plantado. Ela conhecia uma pessoa que cultivava uma panóplia de ervas em volta de sua casa.

"Eu me pergunto o que meu velho está fazendo..." Ela pensou em seu pai, que mancava enquanto andava como um velho. Um praticante tão habilidoso e experiente quanto estava desperdiçado definhando em um distrito de prazer.

Na verdade, o mentor de Maomao em medicamentos era um antigo eunuco do palácio, a quem faltava o osso de um dos joelhos.

Capítulo 29: Mel (Parte Três)

“Uma carta da consorte Gyokuyou?”

"Sim. Disseram-me para entregá-la pessoalmente.

“Receio que Lady Ah-Duo esteja tomando chá agora...” Fengming, a rechonchuda dama de companhia chefe de Ah-Duo, olhou para Maomao se desculpando.

Maomao abriu a pequena caixa de madeira que carregava. Normalmente poderia conter um pedaço de papel, mas este continha um pequeno frasco com uma única trombeta vermelha de flor dentro. Um aroma doce e familiar emanava dele. Maomao viu Fengming estremecer; ela deve ter reconhecido a flor.

Então eu estava certa? Maomao deslizou o pote para o lado, revelando um pedaço de papel no qual estava escrita uma lista de palavras específicas que ela suspeitava que Fengming conhecia perfeitamente bem.

“Gostaria de falar com você, se puder, Lady Fengming”, disse Maomao.

“Muito bem”, respondeu Fengming.

Eu gosto dos afiados, Pensamento louco. *Torna as coisas muito mais rápidas.*

Fengming, com o rosto tenso, conduziu Maomao ao Palácio de Granada.

Os aposentos pessoais de Fengming eram organizados de acordo com o mesmo plano dos de Hongniang, mas tudo o que ela possuía estava amontoado em um canto. Parecia que ela estava toda arrumada.

Sim. Isso corresponde. Maomao e Fengming sentaram-se frente a frente em uma mesa redonda. Fengming serviu chá de gengibre quente e um recipiente sobre a mesa continha pães duros. Méis de frutas estavam espalhados sobre eles.

“Agora, qual é o problema?” Feng Ming perguntou. “Já terminamos a limpeza, se é para isso que você está aqui.” Sua voz era gentil, mas tinha uma qualidade penetrante. Ela sabia por que Maomao tinha vindo, mas não seria ela quem iniciaria a conversa.

“Quando você vai se mudar, se posso perguntar?” Maomao disse, indicando os pertences no canto.

“Você é muito perspicaz.” A voz de Fengming imediatamente ficou fria.

A “limpeza de primavera” foi apenas um pretexto. Para que uma nova consorte pudesse estar no lugar no momento em que as pessoas cumprimentassem formalmente o ano novo, Ah-Duo teria que deixar o Palácio de Granada. As consortes que não queriam ou não podiam ter filhos não tinham lugar no palácio interno. Nem mesmo que fossem companheiros do imperador há muitos anos. Ainda mais se eles não tivessem nenhum apoiador poderoso na corte para garantir seu status, como fez Ah-Duo.

Até este ponto, o fato de Ah-Duo ser irmão de leite do monarca, um vínculo mais próximo do que com os próprios pais biológicos, a protegeu. Talvez se pelo menos o príncipe que ela deu à luz tivesse vivido, ela poderia ter conseguido manter a cabeça erguida.

Eu tenho um palpite sobre ela. A consorte Ah-Duo tinha a bela beleza de um jovem; dificilmente havia um toque de feminilidade nela. Se uma mulher pudesse se tornar um eunuco, ela poderia se parecer com Ah-Duo. Maomao odiava dizer qualquer coisa com base em suposições — mas quando era um fato óbvio, às vezes era tudo o que se podia fazer.

“A consorte Ah-Duo não é mais capaz de ter filhos, não é?”

Fengming não disse nada, mas seu silêncio foi tão bom quanto uma confirmação. Seu rosto ficou cada vez mais duro.

“Aconteceu alguma coisa durante o parto, não foi?” Maomao cutucou.

“Isso não tem nada haver com você.” A dama de companhia de meia-idade estreitou os olhos. Eles não tinham nenhum indício da mulher terna e atenciosa que Maomao conhecera antes, mas ardiam com uma profunda hostilidade.

“Na verdade, tem. Pois o médico responsável pelo parto foi meu pai adotivo.” Maomao transmitiu este fato de forma imparcial. Fengming levantou-se.

A equipe médica do palácio interno estava continuamente com falta de pessoal, tanto que até mesmo o charlatão que ocupava o cargo no momento conseguia manter seu emprego. A razão era simples: um homem que possuísse essa habilidade única — conhecimento médico bem desenvolvido — não precisava se tornar um eunuco. Provavelmente foi fácil impingir o trabalho ao seu velho socialmente inepto.

“O infortúnio da consorte Ah-Duo foi que o nascimento de seu filho coincidiu com o do irmão mais novo. Pese os dois na balança deste tribunal e o parto de sua senhora será claramente considerado o menos importante.”

O bebê sobreviveu ao parto difícil, mas Ah-Duo perdeu o útero. Então a criança morreu jovem. Alguns especularam que o bebê de Ah-Duo havia sido perdido devido à mesma composição tóxica que matou o príncipe da consorte Lihua, mas Maomao pensava diferente. A mãe de um jovem príncipe, como Ah-Duo, nunca teria permissão para usar o pó facial mortal sob o comando de seu pai.

“Você se sente responsável pelo que aconteceu, Lady Fengming? Quando a consorte Ah-Duo ficou indisposta após o nascimento, acredito que foi você quem cuidou da criança no lugar dela...”

“Bem”, disse Fengming lentamente. “Você já planejou tudo, não é? Mesmo que você seja filha do charlatão inútil que não pôde ajudar Lady Ah-Duo.”

"Sim. Mesmo assim." A culpa na medicina não poderia ser descartada com um encolher de ombros impotente: outra coisa que seu pai havia dito. Ele teria aceitado prontamente abusos como “charlatão”. “Você sabe que aquele charlatão impediu sua patroa de usar pó facial com chumbo branco. E você foi inteligente demais para ter dado à criança algo tão mortal.” Maomao abriu o pequeno pote na caixa de cartas. O mel brilhava por dentro. Maomao colocou a flor vermelha do pote em sua boca.

Carregava a doçura do mel. Ela arrancou a flor, brincando com ela nos dedos. “Existem muitas variedades de plantas venenosas. Wolfsbane* e azaléia, por exemplo. E as toxinas também são transferidas para o mel feito a partir delas.”

"Eu estou ciente disso."

“Eu deveria pensar assim.” Certamente se poderia esperar que uma família de apicultores entendesse essas coisas. E se uma toxina causasse envenenamento grave num adulto, pense no que faria a uma criança. “Mas você não percebeu que o mel pode conter um veneno que afeta apenas crianças.”

Não foi uma suposição. Foi um fato. Era raro, mas existiam algumas dessas toxinas – agentes que eram venenosos apenas para crianças, com níveis mais baixos de resistência.

"Você provou e estava bem, então presumiu que ele também estaria. No entanto, as coisas que você deu ao menino para ajudá-lo a crescer estavam fazendo exatamente o oposto, e você nunca percebeu isso."

E então, o filho de Ah-Duo morreu. Causa da morte desconhecida.

Luomen – pai de Maomao e médico-chefe na época – foi responsabilizado por esse tremendo fracasso, além dos problemas durante o parto. Por isso ele foi banido e ainda punido com mutilação: removeram os ossos de um joelho.

"A última coisa que você queria era que sua ama descobrisse – que a consorte Ah-Duo soubesse." Descobrir que Fengming era a razão pela qual o único filho que sua amante teria estava morto. "Então você tentou tirar a consorte Lishu de cena."

Durante o reinado do imperador anterior, Lishu aparentemente era muito próxima de Ah-Duo, e Ah-Duo, dizia-se, aparentemente gostava muito dela. Seria possível que Ah-Duo estivesse próximo da jovem noiva na esperança de que o imperador não consumasse o relacionamento deles?

Uma criança separada dos pais e uma mulher adulta que nunca poderia dar à luz: surgiu uma espécie de simbiose entre eles.

Mas um dia, abruptamente, a consorte Ah-Duo deixou de acolher Lishu. A jovem consorte veio visitá-la várias vezes, mas todas as vezes Fengming a afugentou. Então o ex-imperador morreu e a consorte Lishu fez os votos.

"A consorte Lishu contou a você, não foi? Que o mel pode ser venenoso." E se Lishu tivesse continuado com suas visitas frequentes, ela poderia eventualmente ter deixado o fato escapar para Ah-Duo. Ah-Duo era inteligente o suficiente para que isso fosse tudo o que ela precisava para juntar as peças. Isso, Fengming estava desesperado para evitar.

Após a morte do imperador, no entanto, com Lishu em segurança num convento, Fengming pensou que nunca mais veria a menina – até que ela reapareceu no palácio interno, ainda uma alta consorte. E agora uma ameaça para Ah-Duo. No entanto, a menina quase parecia fingir que vinha visitar Ah-Duo, como uma criança ansiosa pela mãe. Tão protegida, Lishu estava. Tão cega para o mundo ao seu redor. Então Fengming decidiu se livrar dela.

Do outro lado de Maomao não havia nenhum vestígio da calma e atenciosa dama de companhia. O olhar de Fengming estava frio como gelo. "O que você quer?"

“Nada”, disse Maomao, embora sentisse um formigamento na nuca. A faca que usaram para cortar os pães estava na prateleira atrás dela. Era apenas um cutelo simples, mas foi mais que suficiente para ameaçar a pequena Maomao. Estava facilmente ao alcance de Fengming.

“Qualquer coisa”, arriscou Fengming, quase docemente.

“Você sabe perfeitamente, senhora, que tal oferta não tem sentido.”

Os lábios de Fengming se curvaram vagamente com isso. Nem chegou ao nível de um sorriso educado, mas havia algo profundo na expressão – o quê?

“Diga... Você sabe o que é mais importante para a pessoa que mais importa para você?” Fengming disse a Maomao, com o sussurro de um sorriso ainda em seu rosto. Maomao balançou a cabeça. Ela ignorava o que era mais importante. Sejam coisas ou pessoas.

“Bem, eu tirei isso”, disse Fengming. “Roubei a criança que ela amava mais do que uma joia.” Desde o momento em que Fengming entrou ao serviço de Ah-Duo, ela sabia que não serviria a mais ninguém em sua vida. A consorte tinha uma firmeza de vontade incomum em uma mulher e podia usar o mesmo olhar do próprio herdeiro quando ela falava, e Fengming a respeitava infinitamente. A consorte atingiu Fengming, que passou a vida inteira fazendo exatamente o que seus pais lhe disseram, como um raio. Ela sorriu enquanto contava a história.

“Lady Ah-Duo disse algo para mim naquela época. Ela disse que seu filho apenas seguiu a vontade do céu. Que não era algo para nos incomodar.” Era impossível saber se uma criança sobreviveria até os sete anos. A menor doença poderia matá-los aparentemente no local. “E ainda assim eu podia ouvir Lady Ah-Duo chorando todas as noites.” Fengming olhou lentamente para o chão. Uma espécie de gemido escapou dela. A imóvel dama de companhia havia desaparecido. Em seu lugar havia apenas uma mulher devastada pelo arrependimento.

Como ela deve ter se sentido ao servir a consorte Ah-Duo nesses dezesseis anos? Dedicando-se inteiramente à sua senhora, sem pensar em cônjuge ou companheiro? Maomao não conseguia imaginar. Não as emoções de Fengming, não como seria valorizar outra pessoa nesse grau. Assim, ela realmente não sabia o que queria.

Fengming aceitaria o que Maomao estava prestes a propor? Não há dúvida de que Jinshi foi informado do recente interesse de Maomao pelos arquivos. Ela não achava que poderia esconder nada do eunuco que praticamente dirigia o palácio interno. Ela conseguiu manter a verdade para si mesma sobre a princesa Fuyou, mas não achava que poderia tirá-lo do caminho desta vez.

Ela também não queria.

Quando ouvisse o que Maomao tinha a dizer, Jinshi mandaria prender Fengming. Ela certamente não escaparia da punição final, independentemente do que acontecesse ou de quem apelasse em seu nome. A verdade viria à tona depois de dezesseis anos. As coisas foram postas em movimento e mesmo que Maomao desaparecesse aqui e agora, mais cedo ou mais tarde, Fengming seria descoberta. A chefe dama de companhia era esperta demais para não perceber isso.

Só havia uma coisa que Maomao poderia fazer por ela. Fengming não podia esperar uma redução em sua punição, nem a intercessão da consorte Ah-Duo. Mas os seus dois motivos poderiam ser reduzidos a um. Ela poderia continuar a esconder sua motivação da consorte Ah-Duo.

Maomao sabia que coisa terrível ela estava dizendo. Que isso equivalia a pedir a morte de outra mulher. Mas foi a única coisa em que ela conseguiu pensar. A única coisa que uma jovem sem nenhuma influência ou autoridade particular poderia oferecer.

“O resultado será o mesmo. Mas se você puder aceitar isso...”

Se Fengming pudesse aceitar isso, ela faria o que Maomao pediu.

Tão cansada...

Maomao voltou para seu quarto no Palácio de Jade e desabou em sua cama dura. Suas roupas estavam encharcadas de suor, suor que escorria dela no momento de maior tensão, cheirando a medo. Ela queria um banho.

Pensando que poderia pelo menos se trocar, ela tirou as roupas externas, revelando um grande pano enrolado do peito até a barriga. Ele mantinha várias camadas de papel oleado no lugar.

“Que bom que não precisei disso”, disse ela para si mesma. *Ser esfaqueada ainda teria doído.*

Maomao tirou o papel oleado e encontrou uma roupa nova.

○●○

Jinshi só pôde contemplar o fato com espanto. Quem poderia imaginar que a tentativa de envenenamento da consorte Lishu terminaria com o suicídio do culpado?

Jinshi estava na área de estar do Palácio de Jade, descrevendo esse resultado para uma reticente dama de companhia. Ele já havia informado a consorte Gyokuyou.

“E então Fengming está morta, por suas próprias mãos”, disse ele.

“Que sorte para todos nós”, respondeu a dama de companhia sem nenhuma demonstração especial de emoção.

Jinshi apoiou os cotovelos na mesa. Gaoshun parecia querer se opor, mas Jinshi o ignorou. Malditas sejam as boas maneiras. “Tem certeza de que não sabe nada sobre isso?” ele disse. Ele às vezes tinha a sensação inescapável de que aquela jovem estava tramando alguma coisa.

“Eu posso te dizer que eu *não* sei... do que você está falando.”

“Fiquei sabendo que você manteve Gaoshun bastante ocupado reunindo livros.”

"Sim. Tudo por nada, infelizmente.”

Ela parecia tão indiferente que ele quase pensou que ela estava zombando dele. Então, novamente, o que mais havia de novo? Era possível que ela guardasse um pouco de rancor por causa da piada dele no outro dia – ele havia exagerado um pouco. Mas na maior parte, isso parecia normal. Ela estava dando a ele seu olhar padrão de sujeira. Foi além da grosseria para alcançar uma pureza própria.

“O motivo, como você adivinhou, foi ajudar a consorte Ah-Duo a manter seu lugar entre as quatro damas.”

"É isso mesmo?" Maomao olhou para ele com total desinteresse.

“Lamento ter que lhe dizer que a consorte Ah-Duo será de fato rebaixada de seu lugar como Alta Consorte. Ela deve deixar o palácio interno e morar no Palácio Sul.”

“Retribuição pela tentativa de envenenamento?” Maomao perguntou. Ah, o gato finalmente começou a se interessar pelo novelo.

“Não, a mudança já foi acertada. A decisão de Sua Majestade.” A longa afeição do imperador por Ah-Duo deve ter sido o que lhe permitiu permanecer numa residência imperial, em vez de ser mandada de volta para sua casa e família.

A demonstração incomum de interesse de Maomao prontamente levou Jinshi a se deixar levar. Ele se levantou e deu um passo à frente, e ela ficou tensa e deu meio passo para trás. Então ele estava certo; ela ainda não tinha superado suas pequenas brincadeiras. Naturalmente, Gaoshun observou os dois com exasperação.

Não faria bem a Jinshi se Maomao ficasse muito tenso. Ele sentou-se novamente. A pequena criada baixou a cabeça e fez menção de sair da sala, mas depois parou. Um ramo de flores vermelhas em forma de trombeta decorava o quarto.

“Hongniang os colocou lá mais cedo”, Jinshi informou a ela.

“De fato”, disse Maomao. “Que grande explosão de flores.” Ela pegou uma das flores, quebrou o caule e colocou na boca. Jinshi, perplexo, aproximou-se lentamente e fez o mesmo. "É doce."

"Sim. E venenoso.”

Jinshi cuspiu o caule e cobriu a boca enquanto Gaoshun corria para pegar água.

“Não se preocupe”, disse Maomao. “Isso não vai te matar.”

Então a garota estranha lambeu os lábios, o qual carregava a sugestão de um sorriso doce próprio.

*Wolfsbane = acônito; é um gênero de mais de 250 espécies de plantas com flores. Uma planta com flores altamente venenosa , intimamente relacionada aos botões de ouro , as toxinas podem facilmente penetrar na pele. O Acônito mata rapidamente, em seis horas após o consumo.

Capítulo 30: Ah-Duo

Foi pura coincidência Maomao ter saído furtivamente do Palácio de Jade naquela noite em particular: ela não conseguia dormir.

No dia seguinte, a consorte Pura partiria do palácio interno.

Maomao vagou sem rumo pelo terreno. O palácio já estava firmemente dominado pelo frio do inverno, e ela usava duas roupas de algodão para se proteger do frio. Uma coisa não havia mudado no palácio interno: a promiscuidade estava viva e bem, e era preciso ter cuidado para não olhar muito de perto entre os arbustos ou nas sombras. Para quem ardia de paixão, o frio do inverno não representava obstáculo.

Maomao olhou para cima e viu a meia-lua pendurada no céu. Uma lembrança da Princesa Fuyou dançou em sua cabeça, e Maomao decidiu que, já que ela estava aqui de qualquer maneira, talvez ela subisse na parede. Ela teria gostado de "compartilhar um drink com a lua", como diziam os antigos poetas, mas como não havia álcool no Palácio de Jade, ela infelizmente desistiu da ideia. Ela deveria ter guardado algumas das coisas que Jinshi lhe deu. De repente, ela desejou um pouco de vinho de cobra – já fazia muito tempo que ela não tomava nenhum – mas então se lembrou do que havia acontecido no outro dia e balançou a cabeça, percebendo que não valia a pena.

Usando os tijolos salientes no canto da parede externa como apoio para os pés, Maomao subiu até o topo. Ela tinha que tomar cuidado com a saia, para não rasgá-la.

Dizia um provérbio que só duas pessoas gostavam de lugares altos — idiotas e fumaça —, mas Maomao tinha de confessar que era bom estar acima de tudo. A lua e uma série de estrelas brilhavam sobre a cidade imperial. As luzes que ela podia ver ao longe deviam ser o bairro do prazer. Ela tinha certeza de que as flores e as abelhas já haviam começado ali sua comunhão noturna.

Maomao não tinha nenhum assunto específico lá em cima, no muro. Ela simplesmente sentou-se na beirada, balançando as pernas e olhando para o céu.

"Bem, bem. Alguém chegou aqui antes de mim?" A voz não era alta nem baixa. Maomao virou-se e descobriu um jovem bonito de calças compridas. Não, parecia um jovem, mas era a consorte Ah-Duo. Ela prendeu o cabelo em um rabo de cavalo que caía em cascata pelas costas, e um grande frasco de cabaça estava suspenso em seu ombro. Havia um toque de

vermelho em suas bochechas e ela estava vestida de maneira relativamente leve. Ela estava segura, mas parecia que ela tinha bebido um pouco.

“Não se preocupe comigo, senhora. Eu irei embora agora”, disse Maomao.

"Não há pressa. Compartilha uma xícara comigo?”

Apresentada com um copo, Maomao não encontrou motivo para recusar. Ela normalmente poderia ter recusado alegando que era a criada da consorte Gyokuyou, mas Maomao não era tão vulgar a ponto de recusar uma última bebida com a consorte Ah-Duo em sua última noite no interno. (Perfeitamente lógico, você vê: ela certamente não ficou simplesmente tentada pela oportunidade de tomar um pouco de vinho.)

Maomao segurou a xícara com as duas mãos; estava cheio de uma bebida turva. O vinho tinha um sabor fortemente adocicado, sem muito do toque ácido do álcool. Ela não disse nada, apenas bebeu a taça de vinho. Ah-Duo não demonstrou nenhum escrúpulo em beber diretamente da cabaça.

"Pensando que pareço um pouco masculina?"

“Pensando que é assim que você parece estar agindo.”

“Hah, um atirador direto. Eu gosto disso." Ah-Duo ergueu um joelho, apoiando o queixo na mão. Seu nariz pontudo e as longas sobrancelhas que circundavam seus olhos pareciam de alguma forma familiares para Maomao. Eles a lembravam de alguém que ela conhecia, ela pensou, mas sua mente estava um pouco turva, como a bebida. “Desde que meu filho me escapou, sou amiga de Sua Majestade. Ou talvez eu devesse dizer, voltei a ser.”

Ela ficou ao lado dele como amiga, sem ter que agir como consorte. Alguém que o conhecia desde que amamentaram juntos. Ela nunca imaginou que seria escolhida como consorte. Ela foi sua primeira parceira, sim, mas apenas, ela presumiu, como sua guia. Quase se poderia dizer um mentor. Então, devido ao carinho de Sua Majestade por ela, ela permaneceu como consorte por mais de dez anos, embora tivesse sido apenas ornamental. Ela desejou que ele se apressasse e a entregasse a alguém. Por que ele se agarrou tanto a ela?

Ah-Duo continuou ruminando consigo mesma. Ela provavelmente teria continuado, quer Maomao estivesse lá ou não; se alguém estava lá ou não. Essa consorte partiria amanhã. Quaisquer que fossem os rumores que pudessem se espalhar no palácio interno, não seriam mais da sua conta.

Maomao apenas ouviu em silêncio.

Quando ela finalmente terminou de falar, a consorte levantou-se e virou a cabaça de cabeça para baixo, esvaziando seu conteúdo por cima do muro, no fosso mais adiante. Ela parecia estar oferecendo a libação como presente de despedida, e Maomao pensou na criada que havia se matado alguns dias antes.

“Devia estar muito frio na água.”

"Sim, senhora."

“Ela deve ter sofrido.”

"Sim, senhora."

"Que estúpido."

Depois de um instante, Maomao disse: “Você pode estar certa”.

"Todo mundo, tão estúpido."

"Você pode estar certa."

Ela entendeu, vagamente. A serva havia se suicidado. E Ah-Duo sabia disso. Talvez ela conhecesse a mulher que se matou.

Talvez “todos” incluíssem Fengming. Ela pode ter participado da morte da mulher.

Lá estava a criada, afundada na água gelada para que as suspeitas não recaíssem sobre a consorte Ah-Duo.

Houve Fengming, que se enforcou para guardar um segredo que nunca deveria ser conhecido.

Houve todos aqueles que deram suas vidas por Ah-Duo, literal ou figurativamente, quer ela quisesse ou não.

Que desperdício tremendo.

Ah-Duo tinha personalidade e coragem para governar as pessoas. Se ela pudesse estar ao lado do imperador, não como sua consorte, mas de outra forma, talvez a política tivesse corrido de forma mais tranquila. Talvez.

Maomao deixou os pensamentos vagarem por sua mente, embora não houvesse sentido para eles agora, enquanto ela olhava para as estrelas.

Ah-Duo desceu pela parede primeiro, e Maomao, começando a sentir frio, estava fazendo o mesmo quando foi interrompida por uma voz.

"O que você está fazendo?"

Assustada, Maomao perdeu o equilíbrio e escorregou do meio da parede, caindo com força de costas e para trás.

"Quem diabos falou isso?" ela resmungou para si mesma.

“Bem, me perdoe,” a voz sibilou, agora bem em seu ouvido. Ela se virou surpresa ao ver Jinshi, parecendo nada satisfeito.

“Mestre Jinshi. O que você está fazendo aqui?"

"Você tirou as palavras da minha boca."

Maomao percebeu que não sentiu nenhuma dor ao pousar. Houve um impacto, é verdade, mas nenhuma sensação de ter caído no chão. Este foi um mistério que não foi difícil de resolver: ela caiu bem em cima de Jinshi.

Opa! Maomao tentou se levantar novamente, mas não conseguiu se mover. Ela foi segurada rapidamente.

“Mestre Jinshi, talvez você pudesse me soltar?” ela disse, tentando parecer educada, mas os braços de Jinshi permaneceram firmemente em volta de sua barriga. “Mestre Jinshi...”

Ele teimosamente a ignorou. Maomao se contorceu um pouco, virando-se para dar uma olhada em seu rosto, e ela descobriu que havia um rubor em suas bochechas. Ela podia sentir o cheiro de álcool em seu hálito. "Você andou bebendo?"

“Eu estava socializando. Não tive escolha”, disse Jinshi, e olhou para o céu. O ar do inverno estava fresco e claro, fazendo a luz das estrelas parecer ainda mais brilhante.

Socializando. Certo. Maomao olhou para ele com desconfiança. “Socializar” no palácio interno pode significar algumas coisas muito obscuras. Pode-se argumentar que o imperador ainda deu liberdade demais aos habitantes do local, mesmo que muitos deles estivessem faltando algumas partes muito importantes.

"Eu disse, me solte."

“Não quero. Estou com frio." Apesar de toda a sua beleza, o eunuco parecia francamente petulante. Bem, é claro que ele estava com frio; ele não estava vestindo nem uma jaqueta leve. Maomao se perguntou onde Gaoshun estava.

“Tenho certeza que sim, então é melhor você voltar para o seu quarto antes que pegue um resfriado.” Ela não se importava se o quarto para onde ele voltava eram seus aposentos ou os aposentos de quem quer que tivesse compartilhado o vinho com ele.

Jinshi, porém, pressionou a testa contra o pescoço de Maomao, quase acariciando-a. “Droga... me convidar para beber, me deixando todo bêbado. Então é ‘Acho que vou sair por um tempo’. Claro! Vá embora! Para... Para quem sabe onde! Droga. Então você está de volta, mas agora está ‘se sentindo muito melhor’! E me perseguindo também! Maldito seja!”

Maomao descobriu que ficou impressionada ao perceber que havia alguém no palácio interno com coragem de tratar Jinshi dessa maneira. Mas isso não estava aqui nem ali. *Não estou interessado em sair com uma pessoa bêbada.* Eles sempre ficavam pegajosos assim, esse era o problema. *Na verdade, espere...*

Finalmente percebi que Maomao estava em sua situação atual porque ela caiu sobre Jinshi de cima. Ele teve a boa vontade de amortecer a queda dela, mesmo sem saber que estava fazendo isso. Mesmo que tenha sido o álcool que o deixou caído entre as ervas daninhas naquele momento específico. Talvez tenha sido um pouco rude, refletiu Maomao, começar imediatamente a dar ordens sem sequer uma palavra de agradecimento a alguém que acabara de salvá-lo de uma queda feia. Mas então, ela também não podia simplesmente ficar ali deitada.

“Mestre Jinsh—” Sua última tentativa de se libertar foi interrompida por uma sensação de algo caindo em seu pescoço. A sensação de calor percorreu suas costas.

“Só mais um momento”, disse Jinshi, abraçando-a com mais força. “Ajude-me a me aquecer só um pouquinho.”

Maomao suspirou: sua voz não soava nada como normalmente. Então ela olhou para o céu e começou a contar as estrelas brilhantes, uma por uma.

Uma grande multidão se reuniu no portão principal no dia seguinte. A consorte mais antiga do palácio interno estava, em contraste com a noite anterior, vestida com uma jaqueta de mangas largas e saia que quase não combinava com ela. Algumas das mulheres ao redor seguravam lenços. A bela e juvenil consorte tinha sido uma espécie de ídolo para muitas das jovens.

Jinshi ficou na frente de Ah-Duo. Alguém poderia ter se preocupado com eles depois de toda a bebida da noite anterior, mas nenhum deles mostrou qualquer sinal de ressaca. Ela deu-lhe algo: um cocar, o símbolo da consorte Pura. Em pouco tempo, passaria para outra mulher.

Eles poderiam trocar roupas. A beleza celestial e a mulher bonita. Em princípio, dificilmente poderiam ser mais diferentes e, ainda assim, estranhamente, pareciam partilhar muita coisa. Então é isso, pensou Maomao. Na noite anterior, ela pensou que Ah-Duo se parecia com alguém, mas não conseguiu pensar em quem. Deve ter sido Jinshi. O que teria acontecido se a consorte Ah-Duo estivesse na posição de Jinshi?

Mas era uma pergunta boba. Não vale a pena pensar nisso. Ah-Duo não parecia de forma alguma uma rejeitada lamentável sendo expulsa do palácio interno. Ela caminhava com a cabeça erguida e o peito estufado; pode-se até dizer que ela tinha o olhar triunfante de uma mulher que cumpriu o seu dever.

Como ela poderia parecer tão orgulhosa? Como, se ela nunca tinha feito a única coisa que um consorte deve fazer? Maomao de repente se viu diante de uma possibilidade absurda. As palavras de Ah-Duo da noite anterior voltaram para ela: “*Desde que meu filho me escapou...*”

Agora Maomao pensou: *Espacou? Não... morreu?*

Quase se poderia considerar que o consorte significava que seu filho ainda estava vivo. Ah-Duo havia perdido a capacidade de ter filhos porque seu parto ocorreu ao mesmo tempo que o da imperatriz viúva. O irmão mais novo imperial e o filho da consorte eram tio

e sobrinho e nasceram quase na mesma época. Era possível que eles praticamente parecessem gêmeos.

E se eles fossem trocados?

Mesmo quando estava dando à luz, a consorte Ah-Duo saberia com absoluta certeza qual dos dois bebês seria criado com mais diligência e mais valorizado. O melhor patrocínio possível para uma criança nunca viria de Ah-Duo, filha de uma ama de leite. Mas de uma imperatriz viúva...

Não deve ter sido fácil para Ah-Duo, cuja recuperação após o parto foi lenta, ter certeza do que estava certo. Mas se, ao fazer a mudança, o seu próprio filho pudesse ser salvo, seria compreensível que ela desejasse tal coisa.

E se isso vier à tona mais tarde? Se o verdadeiro irmão imperial mais novo já estivesse morto? Então faria sentido o motivo pelo qual o pai de Maomao não só tivesse sido banido, mas também mutilado. Porque ele não percebeu que os bebês haviam sido trocados. Isso explicaria por que o irmão mais novo de Sua Majestade levava uma vida tão restrita. E por que a casta Ah-Duo permaneceu tanto tempo no palácio interno.

Bah. Isto é ridículo. Maomao balançou a cabeça. Uma fantasia ultrajante. Um salto que nem mesmo suas companheiras de companhia no Palácio de Jade dariam.

Não adianta ficar aqui, pensou Maomao. Ela estava prestes a voltar para o Palácio de Jade quando viu alguém vindo em sua direção apressado. Era a jovem consorte de aparência doce, Lishu. Ela não deu sinais de ter notado Maomao, mas realmente correu em direção ao portão principal. Sua provadora de comida seguiu atrás dela, ofegante. Suas outras damas de companhia vieram atrás deles, sem correr e, na verdade, parecendo completamente irritadas com toda a cena.

Algumas pessoas nunca mudam. Bem, acho que pelo menos uma delas sim. Não era como se Maomao quisesse ou pudesse fazer algo a respeito. Alguém que não conseguia controlar seu próprio povo era alguém que não sobreviveria neste jardim de mulheres.

Mas agora ela não estava sozinha. Isso, pelo menos, foi animador.

A consorte Lishu apareceu diante da consorte Ah-Duo, seus braços e pernas movendo-se desajeitadamente juntos, quase mecanicamente. Ela estava tropeçando na bainha do próprio vestido e logo caiu de cabeça no chão. Enquanto a multidão tentava suprimir o riso,

e consorte Lishu estava lá, parecendo que ia chorar, Ah-Duo pegou um lenço e gentilmente ajudou a jovem a limpar a sujeira do rosto.

Naquele momento, o rosto da bela e jovem consorte era o de uma mãe amorosa.

Capítulo 31: Demissão

"O que eu vou fazer?" Jinshi olhou tristemente para o papel.

“O que você deseja fazer?” perguntou seu taciturno assessor, também olhando para o documento. A situação era suficiente para deixar qualquer homem desesperado. “Esta é uma lista de nomes”, observou Gaoshun. “A família de Fengming e seus associados conhecidos.”

Fengming já estava morta e seu clã e suas relações familiares seriam poupados da aniquilação total, mas seus parentes seriam sujeitos ao confisco de todos os seus bens e cada um seria punido com mutilação, embora em graus variados de severidade.

Jinshi poderia estar grato, pelo menos, por não haver nenhum sinal de qualquer instrução da consorte Ah-Duo. Fengming teria agido sozinha.

Entre os associados estavam vários clientes que contrataram os serviços de sua família. Jinshi sempre considerou o clã simples apicultores, mas eles pareciam ter nas mãos alguns potes de biscoitos.

“Oitenta de suas meninas servem no palácio interno”, observou Gaoshun.

“Oitenta em dois mil. Uma proporção respeitável.”

“Eu deveria dizer isso”, disse Gaoshun, observando seu mestre franzir a testa. “Elas serão despedidas?”

“Isso pode ser feito?”

“Se você quiser.”

Se ele quisesse. O que quer que Jinshi dissesse a ele, Gaoshun faria com que fosse feito. Se estava certo ou não. Apenas ou não.

Jinshi suspirou, uma expiração longa e lenta. Ele reconheceu pelo menos um dos nomes da lista de associados. Os compradores da filha de um apotecário sequestrada.

“O que fazer sobre isso...” ele meditou. Tudo o que ele precisava fazer era escolher. Mas ele ficou com medo de como ela olharia para ele, dependendo do que ele decidisse fazer. Era tão simples dar uma ordem. Mas como ela reagiria se fosse contrário ao que ela queria?

Maomao via a divisão entre ela e Jinshi como aquela entre um plebeu e um nobre. Por mais desagradável que fosse a ordem, ele suspeitava que ela acabaria por aceitá-la. Mas ele percebeu que isso aumentava ainda mais o abismo entre eles.

Mas... mandá-la embora? Ele hesitou. Ela não estava aqui voluntariamente, isso era verdade. No entanto, ele poderia encerrar o serviço dela por sua própria vontade? E se a garota sempre perspicaz sentisse o cheiro disso?

“Mestre Jinshi”, disse Gaoshun, enquanto Jinshi revirava as questões em sua mente. “Ela não era um peão?”

As palavras de seu assessor foram friamente racionais. Jinshi passou a mão pela testa.

○●○

“Uma demissão em massa?”

“Sim”, disse Xiaolan, mastigando um caqui seco. Maomao pegou alguns caquis do pomar e depois os pendurou discretamente sob o beiral do Palácio de Jade para secar. Se alguém tivesse notado, ela estaria em apuros. Na verdade, ela realmente estava: não havia como Hongniang deixar de notar a fruta. Gaoshun chegou no momento certo para salvar sua pele. Quando Hongniang descobriu que gostava muito de caqui, ela disse que deixaria passar “desta vez”, com uma piscadela conspiratória.

“Eu acho que é tipo, você sabe como às vezes eles matam todo mundo relacionado a um caso como esse? Todas as garotas de todas as casas mercantis com as quais negociaram terão que pedir demissão. Foi isso que ouvi.”

A explicação de Xiaolan deixou a desejar, mas Maomao assentiu. *Não tenho certeza se gosto de onde isso vai dar. Tenho um mau pressentimento sobre isso*, ela pensou. E seus sentimentos ruins tinham a infeliz tendência de serem precisos.

A família nominal de Maomao era uma empresa e às vezes envolvida no comércio. A família de Fengming era de apicultores, então poderia muito bem haver uma conexão entre eles.

Seria difícil para mim se eles me demitissem agora, Maomao pensou. Além disso, ela estava começando a gostar da vida dela aqui. É verdade que não havia dúvida de que ela ficaria feliz em poder voltar para casa, para o distrito dos prazeres, mas assim que chegasse lá, acabaria nas garras da velha madame, uma mulher que não deixaria a menor moeda passar despercebida. Maomao ainda não lhe enviou nenhum cliente desde a visita de Lihaku. Um fato que não teria escapado à sua mente calculista.

Ela realmente vai começar a me vender desta vez.

Maomao despediu-se de Xiaolan e partiu em busca de uma pessoa que normalmente não teria interesse algum em ver.

“Que incomum. E respirando com tanta dificuldade”, disse o lindo eunuco levemente. Estavam junto ao portão principal do palácio traseiro, onde Maomao só chegara depois de visitar as residências das quatro consortes favoritas. Ela se esforçou para dar uma resposta mordaz, mas Jinshi disse: “Acalme-se. Você está vermelha brilhante.” No rosto de ninfa havia uma sombra de alarme.

“Eu... eu preciso... falar com você”, Maomao conseguiu dizer entre suspiros. Jinshi quase pareceu sorrir e, ainda assim, por algum motivo que ela não conseguia adivinhar, havia um toque de melancolia na expressão também.

"Muito bem. Vamos conversar lá dentro.”

Ela se sentiu um pouco mal pela Matrona das Mulheres Servidoras, que (pela primeira vez em muito tempo) foi forçada a esperar do lado de fora enquanto Maomao e Jinshi usavam seu escritório. Maomao fez uma reverência educada à mulher quando ela passou; parecia que ela estava terrivelmente ocupada cuidando da partida de Ah-Duo. Quando Maomao entrou, Jinshi já estava sentado em uma cadeira, olhando para um pedaço de papel sobre a mesa. “Presumo que você queria me perguntar sobre a demissão em massa que está ocorrendo.”

"Sim senhor. O que vai acontecer comigo?”

Em vez de responder, Jinshi mostrou-lhe o papel. Era de excelente material – e entre os nomes nele estava o de Maomao.

“Então, devo ser dispensada.”

O *que eu faço*? ela pensou. Ela dificilmente poderia insistir que a mantivessem. Ela tinha plena consciência de que era apenas uma criada comum. Ela manteve cuidadosamente uma expressão neutra, cautelosa para que seu rosto não parecesse mostrar qualquer indício de lisonja. O resultado, porém, foi que ela olhou para Jinshi exatamente como sempre fazia: como se estivesse olhando para uma lagarta.

"O que *você* quer fazer?" A voz de Jinshi estava desprovida de seu habitual tom meloso. Na verdade, ele próprio quase parecia uma criança suplicante. Na verdade, ele parecia exatamente como na noite anterior à partida da consorte Ah-Duo. Seu rosto, porém, permaneceu congelado, sério.

“Eu sou apenas uma serva. Em suma, posso ser submetido a trabalhos braçais, cozinhar. Até mesmo provar comida como veneno.”

Ela estava apenas dizendo a verdade. Se lhe ordenassem fazer alguma coisa, ela o faria, desde que estivesse ao seu alcance, e gostava de pensar que o faria bem. Ela não reclamaria, mesmo que tivesse que sofrer um pequeno corte no salário. Se isso colocasse alguma distância entre ela e a necessidade de vender seu corpo, ela faria o que fosse necessário para conseguir alguns novos clientes.

Então, por favor, não me deixe ir...

Maomao sentiu que ela havia dito, tão claramente quanto possível: Deixe-me ficar. Mas a expressão do jovem permaneceu impassível; ele ofereceu apenas uma pequena exalação, seus olhos desviando por um segundo.

“Muito bem”, disse ele. “Vou garantir que você receba uma compensação adequada.” A voz do jovem estava fria e ele olhou para a mesa para que ela não pudesse ler sua expressão.

As negociações falharam.

○●○

Há quantos dias, Gaoshun se perguntou com um suspiro, seu mestre estava cauteloso e retraído? Isso não estava interferindo em seu trabalho, mas quando eles voltavam para seu

quarto, ele apenas ficava sentado em um canto, pensativo, e Gaoshun estava francamente ficando um pouco cansado disso. Jinshi estava lançando uma nuvem sobre todo o lugar. O menino de sorriso encantador e voz cativante não estava ali.

Maomao partiu uma semana depois de receber a notificação oficial da sua demissão. Ela nunca foi excessivamente calorosa, mas também nunca foi rude, e foi de um lugar para outro no palácio interno para agradecer formalmente a todos os seus vários conhecidos e benfeitores.

A consorte Gyokuyou se opôs abertamente à demissão de Maomao, mas quando soube que a decisão veio de Jinshi, ela não continuou a insistir no assunto. Ela, porém, o deixou com um tiro de despedida: "Não venha chorar comigo se descobrir que gostaria de não ter feito isso".

"Tem certeza de que não deveria tê-la impedido, senhor?"

"Não diga uma palavra."

Gaoshun cruzou os braços, franzindo a testa. Uma lembrança do passado voltou para ele. Quanta briga houve quando o jovem perdeu seu brinquedo favorito. Como Gaoshun sofreu para lhe dar algo mais novo e ainda mais atraente!

Talvez ele não devesse pensar nela como um brinquedo. Talvez Jinshi tenha escolhido não impedi-la como forma de se recusar a tratá-la como um objeto. De que serviria, então, encontrar alguma outra senhora notável?

Tudo pressagiava muitos problemas.

"Se nenhum substituto servir, o único recurso é o original", murmurou Gaoshun, tão baixinho que Jinshi não o ouviu. Uma pessoa em particular passou por sua mente. Um oficial militar bem familiarizado com a família da menina. "Mas é um grande problema." O sofredor Gaoshun coçou a nuca.

Epílogo: O Eunuco e a Cortesã

"Hora de trabalhar. Vá em frente." A velha senhora empurrou Maomao para uma carruagem de aparência bastante distinta. O trabalho desta noite aparentemente era um banquete para algum nobre. Maomao só pôde suspirar ao chegar a uma grande mansão no norte da capital. Ela era apenas uma das várias pessoas que acompanhavam suas "irmãs" ao banquete. Todas estavam vestidas com roupas lindas e maquiadas ostensivamente. Quando ela contemplou o fato de ter sido maquiada para se parecer com elas, Maomao sentiu-se estranhamente enjoada.

O grupo foi conduzido por um longo corredor, subiu uma escada em espiral e entrou em uma grande sala. Lanternas pendiam do teto e borlas vermelhas festivas pendiam por toda parte. *Alguém tem dinheiro para gastar*, pensamento louco.

Cinco pessoas estavam sentadas em fila na sala. Eles eram mais jovens do que ela esperava. Pairin lambeu os lábios quando viu os jovens sob a luz bruxuleante da lamparina. Ela foi recompensada com um soco suave de Joka na lateral. Quando ela queria, a "irmã" sexy de Maomao conseguia ser muito rápida nas coisas, o suficiente para fazer até a senhora levantar as mãos.

Gostaria que ele tivesse feito essas apresentações antes! Os homens presentes neste banquete eram supostamente altos funcionários do palácio; Lihaku foi o intermediário. E com ele envolvido, pelo menos uma parte dos lucros deveria ser destinada ao pagamento das dívidas de Maomao. No mínimo, ela recebeu uma quantia substancial de indenização, mais do que esperava, então escapou de ser forçada a vender seu corpo, mas a senhora ainda a colocou em biscates como esse.

Bruxa velha. A maneira como ela cacarejou ao ouvir... A velha parecia realmente querer fazer de Maomao uma cortesã. Ela estava manobrando nessa direção há anos. Ela ficava dizendo a Maomao para parar de perder tempo com remédios, mas isso nunca iria acontecer. O quê, ela iria simplesmente mudar seu interesse de produtos farmacêuticos para cantar e dançar? Não é uma chance.

Ao observar a sala, Maomao viu que tudo era imensamente ornamentado: cada garrafa de vinho e cada tapete eram da mais alta qualidade. *Certamente eles não notariam se eu me servisse de uma mobília como lembrança*, ela pensou, mas então ela balançou a cabeça. Não, não, isso não funcionaria.

Chamar cortesãs para a residência privada era substancialmente mais caro do que realizar um banquete no bordel. Ainda mais quando as cortesãs convocadas eram mulheres, qualquer uma das quais poderia cobrar o salário de um ano em prata por uma única noite. Pedir às três "princesas" da Casa Verdigris – Meimei, Pairin e Joka – que estivessem presentes ao mesmo tempo era o mesmo que anunciar que dinheiro não era problema.

Maomao foi apenas uma das que foram trazidas em apoio às três estrelas da noite. Ela aprendeu a ser educada, mas não conseguia manter a melodia nem tocar *erhu* (instrumento musical originário da China). E dançando? Isso estava fora de questão. O melhor que ela poderia fazer era ficar de olho nas bebidas dos convidados e garantir que elas nunca secassem.

Maomao forçou um sorriso nos músculos do rosto enquanto começava a servir vinho na xícara vazia de alguém. Sua única graça salvadora foi que todos ficaram tão extasiados com o canto e a dança de suas irmãs que nem sequer olharam para ela. Uma pessoa até começou um jogo de Go com um membro da equipe de suporte.

Enquanto todos riam, bebiam e aproveitavam o show, ela viu uma pessoa olhando para o chão. O *que*, *entediado*? Maomao se perguntou. Ele era um jovem vestido com seda fina; ele apoiou uma pequena taça de vinho em um joelho, bebendo-a ocasionalmente. Uma escuridão cinzenta se agarrou a ele. *Vão pensar que não estou fazendo o meu trabalho*, pensou Maomao, que tinha um jeito de levar a sério qualquer coisa que estivesse fazendo. Ela pegou uma boa garrafa de vinho e sentou-se ao lado do jovem melancólico. Sua franja escura e elegante escondia grande parte de seu rosto. Por sua vida, ela não conseguia ver a expressão dele.

"Deixe-me em paz", disse ele.

Maomao ficou intrigado: sua voz era estranhamente familiar. Sua mão se moveu quase antes que ela pudesse pensar; qualquer pensamento de decoro ou polidez desapareceu de sua mente. Com cuidado para não tocar a bochecha do jovem, ela levantou seus cabelos.

Um semblante lindo a cumprimentou. Sua expressão reservada imediatamente mudou para total espanto. "Mestre Jinshi?" Não havia nenhum sorriso brilhante em seu rosto agora, nenhum doce mel em sua voz, mas ainda assim ela teria reconhecido aquele eunuco em qualquer lugar.

Jinshi piscou várias vezes seguidas, estudou-a por um segundo e depois disse, inquieto: "Quem... Quem é você?"

“Uma pergunta que me fazem com frequência.”

“Alguém já lhe disse que você fica muito diferente com maquiagem?”

"Frequentemente."

A conversa lhe deu uma sensação de déjà vu. Ela soltou o cabelo dele e ele caiu sobre seu rosto. Jinshi estendeu a mão e tentou segurar seu pulso. "Por que você está se afastando?" Ele parecia taciturno agora.

“Por favor, não toque nas cortesãs”, disse ela. A decisão não foi dela – foram as regras. Eles teriam que cobrar mais.

“Por que diabos você está assim?”

Maomao recusou-se a olhá-lo nos olhos enquanto dizia desconfortavelmente: “É... trabalho de meio período”.

“Em um bordel? Espere... Não me diga que você...”

Maomao lançou um olhar furioso para Jinshi. Então ele gostava de questionar a castidade das pessoas, não é? “Eu não aceito clientes”, ela o informou. "Ainda."

"*Ainda...*"

Maomao não deu mais detalhes. O que ela poderia dizer? Certamente não estava fora da possibilidade que a senhora finalmente conseguisse forçá-la a um cliente antes que ela pudesse pagar sua dívida. Embora, felizmente, sob a influência do pai e das irmãs, isso não tivesse acontecido até agora.

“Que tal se eu comprasse você?” Jinshi falou lentamente.

"Huh?" Maomao estava prestes a dizer-lhe para não brincar quando uma ideia passou pela sua mente. “Sabe, isso pode não ser tão ruim.”

Jinshi prendeu a respiração, surpreso. Era o rosto de um pombo assustado por um atirador de ervilhas. Aparentemente a falta de brilho abriu a porta para uma grande riqueza de expressões. Por mais adorável que fosse o sorriso etéreo, quase não parecia humano. Foi quase o suficiente para convencer Maomao de que ele devia ter dois espíritos *huns** dentro de um único espírito: duas almas yang transitórias para o espírito yin corpóreo e único.

“Não seria tão ruim trabalhar no palácio interno novamente”, disse ela.

Os ombros de Jinshi caíram. Maomao olhou para ele, perguntando-se o que poderia estar acontecendo.

“Achei que você tivesse saído do palácio interno porque você o odiou.”

“Quando eu disse uma coisa dessas?” Na verdade, Maomao estava convencida de que ela quase implorou para ficar para pagar sua dívida, e foi Jinshi quem a demitiu. O lugar tinha seus problemas e dificuldades, sem dúvida, mas as damas de companhia da consorte Gyokuyou eram boas mulheres. E o de provadora de comida era um papel incomum, e não aquele a que a maioria das pessoas poderia — ou iria — aspirar. “Se há algo de que não gostei nisso”, disse Maomao, “suponho que é o fato de não ter sido capaz de conduzir as minhas experiências com veneno”.

“Você não deveria estar fazendo isso de qualquer maneira.” Jinshi apoiou o queixo no joelho no lugar da xícara. Seu olhar de total exasperação transformou-se espontaneamente em um sorriso irônico. “É. Eu sei, eu sei. É quem você é.”

"Receio não estar acompanhando você."

“Alguém já lhe disse que você é uma mulher de poucas palavras? Muito poucas?"

“Sim”, Maomao respondeu depois de um instante. "Muitas vezes."

O sorriso de Jinshi gradualmente ficou mais inocente. Desta vez foi a vez de Maomao parecer irritado. Jinshi estendeu a mão novamente. “Eu já falei, por que você está se afastando?”

“São as regras, senhor.” A informação não pareceu dissuadir Jinshi, cuja mão não se moveu. Ele estava olhando fixamente para Maomao. Ela estava tendo um mau pressentimento sobre isso.

“Certamente um toque está bem.”

"Não, senhor."

“Não haverá menos de você depois.”

“Isso consome minha energia.”

“Apenas uma mão. Apenas a ponta do dedo. Certamente está tudo bem.”

Maomao não teve resposta. Ele foi persistente. Ela o conhecia; sabia que ele não desistiu. Maomao, indefesa, fechou os olhos e respirou fundo. “Apenas a ponta do dedo.”

No instante em que as palavras saíram de sua boca, ela sentiu algo pressionar seus lábios. Suas pálpebras se abriram e ela viu uma mancha vermelha dos lábios na ponta do dedo ágil de Jinshi. Ele puxou a mão quase antes que ela percebesse o que tinha acontecido. Então, para seu espanto, ele levou o dedo aos próprios lábios.

Esse pequeno sorrateiro...

Quando ele tirou os dedos da boca, uma mancha escarlate foi deixada em sua boca fina. Seu rosto relaxou um pouco e o sorriso ficou ainda mais inocente. Um rubor tomou conta de suas bochechas, como se um toque da cor dos lábios tivesse chegado ao seu rosto.

Os ombros de Maomao tremiam, mas o sorriso de Jinshi parecia tão profundamente jovem, quase infantil, que ela descobriu que não conseguia repreendê-lo. Em vez disso, ela se concentrou no chão.

*Droga, é sedutor**...* A boca de Maomao formou uma linha tensa e suas bochechas estavam ficando rosadas. Ela sabia que não tinha usado nenhum rouge. Então ela percebeu que podia ouvir risadas, homens rindo e mulheres rindo, e descobriu que todos estavam olhando para eles. Suas irmãs estavam sorrindo abertamente. Maomao ficou com medo de imaginar o que viria a seguir. De repente ela queria estar em qualquer outro lugar.

Gaoshun apareceu do nada, com os braços cruzados como se dissesse: *Finalmente. Esse é um trabalho feito*. Foi tudo o suficiente para fazer a cabeça de Maomao girar e, mais tarde, ela mal se lembrava do resto da noite. Ela nunca se esqueceu, porém, de como suas irmãs a perseguiram por causa disso depois.

○●○

Alguns dias depois, um lindo visitante nobre apareceu no bairro de lazer da capital. Ele veio com dinheiro suficiente para fazer até a velha senhora usar óculos de proteção - e, por algum motivo, uma erva incomum cultivada a partir de um inseto. E ele queria uma jovem em particular.

FIM.

*Huns, plural de Hun; alma etérea. Associado ao elemento Madeira e à primavera na medicina chinesa, ele faz o movimento de ascensão, de abertura e de crescimento.
** A palavra usada é ***catching***, que pode ter mais de um significado dependendo do contexto. Pode ser pegando, cativante, sedutor, envolvente, etc...

Ilustrações coloridas

"Consort Gyokuyou, if I were to find the author of this message, what would you do with her?"
Gyokuyou
When he saw the branch with the note on it at the Jade Pavilion, the eunuch Jinshi remembered something – someone.

"No, sir."
This time it was Maomao's turn to look annoyed. Jinshi reached out again.
"Surely one touch is all right."
"There won't be any less of you afterward."
"It takes my energy."
"Just one hand. Just a fingertip. Surely that's all right."
Maomao had no answer.